

REVISTA

DO

RIO DE JANEIRO

VOLUME V

ANNO II

JANEIRO — MARÇO

(1º TRIMESTRE)

RIO DE JANEIRO

Serafim José Alves — Editor

16, PRAÇA D. PEDRO II, 16

1877

82 — IMPRENSA INDUSTRIAL
142 — RUA SETE DE SETEMBRO — 142

INDICE

das materias contidas neste volume

ADVERTENCIA DO EDITOR	1
AS APPREHENSÕES DE ROSINHA	40, 70, 88
A SCIENCIA E A PHILOSOPHIA	7
ASTRONOMIA	21, 36, 69
AVISO	16
BIBLIOGRAPHIA	138
CHRONICA	29, 43, 59, 75, 109, 123, 157, 202
DOUS POETAS	106
DOUTRINA DO REAL	117
ELOGIO DE GOMES FREIRE	92, 103
ENTRE MOÇAS	152, 165, 182, 201
ESTHETICA	23, 52, 180
EXPEDIENTE	17, 33, 49, 65, 81, 97, 113, 129, 145, 161, 177, 193
FILAGRANAS	189
GEOLOGIA	195
MATHEMATICA	2, 18, 34, 50, 66, 81, 98, 113, 130, 145, 161, 177, 193
NOÇÃO DE LEI	5, 38, 85, 132
O UNIVERSO	9
PHILOSOPHIA POSITIVA	148
POESIAS :	
A A. P. Simões	78
A Belisa	126
Adeus	172
A minha nuvem	175
A Revolução	206
A Valentina de Lucena	127
A Vossa Excellencia	47
Canção nocturna	32
Ecce iterum Chrispinus	142
Embora	191
Esmola romantica	128
Est mecum	16
Farça sobre farça	142
Fiat lux	166
Ideal romantico	62
Impossivel	206
Juramento e dentada	126

Luz e poeira	96
Miniatura	32
Mouros na costa	63, 79
Não é mais sonho	173
Nocturno	111
O canto e a folha.	128
O ébrio	208
Patriotismo.	141
Pejo posthumo	96
Prenda de amor	192
Presentimentos.	207
Promessa,	141
Saudade	46
Sobre uma pagina.	206
Soli et semper	191
Soliloquio	143
Soneto?	160
Soneto.	160
Tumulo	174
Progresso industrial	11
Revista do Rio de Janeirc.	1
Rosa branca	12, 25, 55, 73, 137, 168, 186
Sciencia popular	87, 101, 118, 134, 150, 199
Theatros	28, 42, 58, 94, 120, 140, 155, 170, 188

REVISTA DO RIO DE JANEIRO

6 de Janeiro de 1877

Analysar franca, sincera e miudamente a arte nas suas triplices manifestações do theatro, da tribuna e da imprensa ;

Arvorar um pendão de paz e trabalho para os talentos desfavorecidos da fortuna ;

Desbastar a sciencia das urzes e bravezas que tolhem o passo ás intelligencias menos de communs ;

Discutir, sem se apartar do terreno da bôa educação, assumptos de reconhecida vantagem ;

Conservar-se completamente neutral na lucta dos partidos politicos militantes :

Eis o programma que a nova redacção da *Revista do Rio de Janeiro* tem a honra de offerecer aos seus leitores, implorando sua animação e benignidade.

Advertencia do Editor

Assume a redacção da *Revista do Rio de Janeiro* o sr. Arthur Azevedo.

Acerca do futuro da *Revista* cuido mais conveniente que o publico se pronuncie á vista dos tactos, ficando desde já provado que não poupo nem pouparei algum melhoramento por alcançar a estimação de seus assignantes.

Fui obrigado, pela consideravel despeza a que se não podem furtar publicações desta ordem, a elevar a 12\$ o preço da assignatura por anno.

Espero que a ninguem desgoste esta pequena, mas necessaria alteração.

Por ultimo, previno que se proseguirá na publicação dos trabalhos que se não pôde concluir no ultimo anno, sem que d'ahi todavia possa provir responsabilidade alguma á nova redacção.

Bons fados e benignas auras, pois, protejam e levem a porto e salvamento a *Revista do Rio de Janeiro*.

SERAFIM JOSÉ ALVES.

8-26

VOL. 5 - 1

MATHEMATICA

LIV

Leis fundamentaes da Mecanica

Conhecida a concepção fundamental relativa ao estudo em que devemos suppôr os corpos em Mecanica racional, passemos a estudar os factos geraes ou as *leis physicas do movimento* que fornecem uma base real às theorias de que se compõe esta sciencia.

Torna-se tanto mais importante esta exposição, quanto mais se desconhece, depois que os geometras se afastaram da fenda traçada por Newton, o verdadeiro character dessas leis, cuja noção ordinaria se acha ainda inteiramente sob o jogo da metaphysica.

As leis fundamentaes do movimento podem ser reduzidas a tres que consideramos como puros resultados da observação, isto é, inteiramente experimentaes, e cuja demonstração *à priori* é absolutamente vedada á intelligencia humana por depender de um conhecimento que não podemos daquirir: o da natureza intima das cousas.

Estas leis são as seguintes: *Lei de inercia*, *Lei da reacção* e *Lei da independencia dos movimentos*.

LEI DE INERCIA.— Esta lei, impropriamente denominada — lei de inercia — e á qual conviria mais chamar *lei da persistencia*, descoberta pelo immortal Kepler, consiste na tendencia natural de todos os corpos á effectuarem um movimento rectilinio e uniforme; ella póde ser enuncjada do seguinte modo: *Todo o corpo submettido á acção de uma força que actúa sobre elle instantaneamente, move-se sempre em linha recta e com a mesma velocidade.*

Esta lei, que o seu descobridor limitou-se á apresentar como um simples resultado da observação, tem soffrido mais ou menos em sua apreciação, por causa das considerações metaphysicas de que tem sido alvo.

Com effeito, depois de se ter dito que sómente a experiencia a forneceu, tem-se pretendido justificar a sua necessidade por uma applicação do principio da razão sufficiente, principio vago e arbitrario, que nenhuma utilidade traz á sciencia, pelo contrario, só serve para deslocar a difficuldade que se quer enxergar em conceber a lei em questão como uma verdade de facto.

Não havendo, costuma-se dizer, razão para que o corpo se desvie antes para um lado do que para outro de sua direcção primitiva, segue-se que elle mover-se-ha em direcção rectilinea.

Mas é facil mostrar a invalidade e mesmo á insignificancia de semelhante argumento.

Em primeiro lugar, como poderemos estar de antemão certos de que não ha razão para que o corpo se desvie?

O que podemos saber a este respeito, que não nos seja dado pela observação, e só por ella?

As considerações *á priori* fundadas na *natureza* das cousas não são completa e forçosamente interdictas á intelligencia humana e alheias, portanto ao dominio das sciencias positivas?

Demais, a admittir-se um tal principio, em sua applicação é elle vago e arbitrario, pois é claro que na origem do movimento, justamente quando o argumento deveria ser empregado, a trajectoria do corpo não tem ainda caracter geometrico determinado, sendo sómente depois que o corpo tem percorrido um certo espaço que se póde verificar qual a linha por ella descripta.

E' evidente pela Geometria que o movimento inicial, em lugar de ser encarado como rectilinio, poderia se suppôr circular parabolico ou segundo outra qualquer linha tangente á trajectoria effectiva; de sorte que o mesmo argumento repetido para cada uma dessas linhas conduzir-nos-hia á uma verdadeira indeterminação.

Por pouco que se reflecta sobre um tal raciocinio, reconhecer-se-ha immediatamente que, que como todas as pretendidas explicações metaphysicas, elle redundando em termos abstractos o facto em si, e a dizer que os corpos tem uma tendencia natural a se moverem em linha recta.

A insignificancia destas considerações vagas e arbitrarías tornar-se-ha bem sensível, observando que, em consequencia de taes argumentos, os philosophos da antiguidade, e particularmente Aristoteles haviam considerado o movimento circular como natural aos astros, por ser este movimento o mais perfeito de todos, concepção que tambem é o enununciado abstracto de um phenomeno mal analysado.

Até aqui fizemos a critica dos raciocinios ordinarios relativos á primeira parte da lei de inercia ou de persistencia.

Póde-se fazer observações inteiramente analogas sobre a segunda parte, que se refere á invariabilidade da velocidade, e que tambem se quiz demonstrar abstractamente, limitando-se a dizer que não havia razão para que o corpo se movesse em época alguma com mais lentidão ou com mais rapidez do que na origem do movimento.

Não é sobre taes considerações que se póde solidamente estabelecer uma lei tão importante, visto ser um dos fundamentos necessarios de toda a Mecanica racional.

Semelhante lei só póde ter uma realidade, quando é concebida como fundada na observação, e sob este ponto de vista, a sua exactidão se patenteia pelos factos mais communs.

Constantemente temos occasião de reconhecer que um corpo animado de uma unica força se mova sempre em linha recta; e se elle desviar-se desta direcção, é isto devido, como facilmente se póde verificar, á acção simultanea de alguma força, activa ou passiva; emfim, até mesmo os movimentos curvilineos nos mostram claramente pelos phenomenos variados devidos ao que se chama *força centrifuga*

que os corpos conservam sempre sua tendencia natural a se moverem em linha recta.

Não ha, por assim dizer, phenomeno algum na natureza, que deixe de fornecer-nos uma verificação sensível desta lei, sobre a qual está em grande parte fundada toda a economia do universo. O mesmo acontece relativamente á uniformidade do movimento.

Todos os factos nos provam que se o movimento primitivamente impresso diminue gradualmente, e acaba por se extinguir de todo, é isto devido ás resistencias que os corpos encontram sempre, e, segundo nos mostra a observação, a velocidade ficaria indefinidamente constante, desde que taes resistencias não se offercessem; pois, vemos augmentar de um modo sensível a duração deste movimento á medida que diminue a intensidade destes obstaculos.

Assim, por exemplo, um corpo que róla sobre uma superficie, a mais plana e polida possível, experimenta uma diminuição em sua velocidade, e acaba por parar, em virtude da resistencia do ar e do attricto; pois, por mais polida que seja a superficie, ha sempre asperezas, por menores que sejam. E tanto isto é certo que, diminuindo as resistencias que se oppoem a que o corpo cumpra o seu destino tal como o exige a lei de inercia, veremos que o seu movimento será mais duradouro.

E' geralmente sabido que o simples movimento de um pendulo desviado da vertical, que, nas circumstancias ordinarias, se mantém apenas durante alguns minutos, póde ser prolongado por mais de trinta horas, diminuindo tanto quanto possível o attricto no ponto de suspensão, e fazendo oscillar o corpo n'um vacuo muito approximado, por occasião das experiencias feitas no Observatorio de Paris com o fim de determinar o comprimento do pendulo de segundos em relação ao metro.

Os geometras citam tambem como uma prova manifesta da tendencia natural dos corpos á conservarem indefinidamente as suas velocidades adquiridas, a invariabilidade rigorosa que se observa nos movimentos celestes que, realizando-se n'um meio extremamente rarefeito, acham-se nas circumstancias mais favoraveis á uma perfeita observação da lei de inercia, e que, na verdade, estudados ha vinte seculos com alguma exactidão, não nos apresentam ainda a menor alteração certa, quanto á duração das rotações ou á das revoluções; embora com o passar dos tempos, e com o aperfeiçoamento dos nossos meios de investigação devam elles revelar-nos, um dia, algumas variações ainda desconhecidas.

Devemos; pois, encarar como uma grande lei da natureza esta tendencia expontanea de todos os corpos á se moverem em linha recta e com velocidade constante.

Attenta a extrema confusão das ideias communs á respeito deste primeiro principio fundamental, não deixa de haver utilidade em observar que esta lei natural é tão applicavel aos corpos vivos como aos corpos brutos.

Qualquer que seja a origem da impulsão recebida por um corpo vivo, elle tende á persistir, como um corpo inerte, na direcção do seu

movimento, e á conservar a sua velocidade adquirida ; sómente póde nelle se desenvolverem forças susceptiveis de modificar ou de annular este movimento; em quanto que, para os outros corpos, estas modificações são exclusivamente devidas á agentes exteriores,

Mas ainda neste caso podemos ter uma prova directa e pessoal da universalidade da lei de inercia, considerando o esforço mui sensível que sômos obrigados á fazer para mudar a direcção ou a velocidade do nosso movimento effectivo, á ponto de, quando este movimento é extremamente rapido, ser-nos impossivel modificál-o ou sustál-o no momento preciso em que o queremos.

(Continúa.)

NOÇÃO DE LEI

I

Na multiplicidade infinita de seres e de phenomenos que se apresentam á nossa observação, o espirito humano só distingue a principio corpos especiaes e resultados unicos cuja complexidade não entrevê de prompto.

E' passado um tempo mais ou menos longo que chega a decompôr cada um dos seres que vê, cada uma das acções que o impressionam, e a reparar por uma operação mental sempre delicada os elementos que concorrem para cada effeito, as partes que compõem cada todo.

Esta operação é a observação abstracta, que tem para resultado o conhecimento analytico dos corpos, ou de suas propriedades ou dos factos que elles apresentam, e que substitue á final o estudo da existancia ao dos seres.

Assim, a extensão, o movimento, o pezo, a temperatura, etc., a composição material e tantas outras circumstancias tiradas pela observação abstracta do estudo dos seres sobretudo inferiores, representam a existancia physica.

Os phenomenos da vida vegetativa e animal, constatados nos seres mais complicados, compõem a existancia vital; emfim os acontecimentos offerecidos pelos povos, que são seres mais elevados ainda, constituem a existancia social.

E é pelo estudo das relações reciprocas que tem entre si os numerosos phenomenos que compõem os differentes modos de existancia reconhecidos pela observação abstracta, que um gráu mais elevado da actividade mental, a meditação, instituiu áfinal as grandes construcções scientificas que estabelecem as relações constantes e geraes que estas differentes cathogorias de acontecimentos affectam entre si, isto é, as leis que os regem.

O apparecimento da abstracção na logica humana traz pois uma mu-

dança immensa no exercicio do pensamento, e constitue um progresso capital.

Foi ella que separando com o andar do tempo a noção de força e de prepondencia do conhecimento dos corpos exteriores cujo conjuncto forma o mundo, e que, sobretudo no começo, dominam tão patentemente o homem, instituiu a passagem do fetechismo ao theologismo, pela invenção dos deuses.

Então, a vontade, e mesmo actividade, foram arrancadas á materia, para serem attribuidas á agentes exteriores, inteiramente subjectivos, e respectivamente antepostos (no espirito do homem) ao governo de cada uma das grandes séries de phenomenos fornecidos pelo estudo do mundo, desde então considerado como um instrumento inerte entre as mãos de senhores absolutos.

Foi a abstracção ainda, porém mais forte, e baseadas em observações completas e multiplicadas, que fundou o estudo das leis e preparou o regimen positivo, quando vigorosos pensadores substituiram, primeiro nos casos mais simples, e depois nos mais complicados, a investigação das relações effectivas dos phenomenos reaes, a indagação de sua causa productora, reconhecida enfim como sendo fatalmente inaccessible.

Desde então, em lugar de contemplar seres, individuos, cuja natureza complexa se oppõe ao conhecimento sufficiente, o espirito positivo procede ao estudo dos differentes acontecimentos que apresenta a existencia, já physica já vital, já moral, isto é, ao conhecimento das influencias elementares que determinam a accção concreta.

Foi assim que elle poudo chegar indirectamente, pela analyse, ao conhecimento da existencia universal e mesmo do complexo dos seres que a manifestam, instituindo sobre os resultados da observação abstracta, emanada tambem de um primeiro gráu de saber concreto necessariamente empyrico e expontaneo, construcções geraes tendo por objecto as relações reciprocas destes conhecimentos, ou suas leis.

Por exemplo, para o fetichista, o céo é um todo, um ser immenso, que dispensa, á mercê de suas paixões, o calôr, o frio, a chuva, a geada e o raio.

Este ser é considerado como o distribuidor intelligente e voluntario como a causa directa de todos os phenomenos atmosphericos: dirige-se-lhe preces para tornal-o propicio, ou para conjurar o seu furor.

E' o estado concreto da razão humana.

Para o theologista (polytheista, monotheista ou metaphysico,) o céo é mais um ser todo-poderoso, dotado de paixão, intelligencia e vontade, armado da força suprema; é, pelo contrario, um apparelho inerte, cujos principaes attributos e todas as manifestações pertencem á senhores omnipotentes, multiplos ou unicos, hierarchicos ou independentes, mas que são por toda a parte a causa immediata dos acontecimentos celestes.

O senhor dos deuses tem em suas mãos o raio vingador: divindades menos poderosas dispensam a luz do dia, e a da noite, o calor vivificante, as trevas e as sombras; cada elemento do systema tem o seu director ou o seu Deus, que se adóra e á quem se implóra, em tal ou tal situação.

Mais tarde, é um senhor unico que governa todas estas cousas, e mais tarde ainda, a personalidade divina se destruindo cada vez mais sob o trabalho da abstracção, as entidades e as forças substituem os differentes deuses: e o céo não é mais que a representação abstracta dos antigos agentes sobrenaturaes, ou a designação collectiva dos phenomenos outróra devidos á sua influencia, conforme o espirito se acha mais proximo do estado ficticio, ou do estado real.

Tal são as disposições geraes da razão abstracta em seu primeiro desenvolvimento, isto é, no estado theologico, e na transição metaphysica que é uma pura alternacção daquelle.

Emfim, aos olhos da sciencia, o céo resulta de um conjuncto de corpos naturaes, observados, determinados, dotados de propriedades constantes e vigorosamente analysados, de que elles são a séde inseparavel; estes corpos apresentam uma série de acontecimentos actualmente conhecidos e regulados por leis, ou relações immutaveis, que o trabalho do homem chegou á descobrir.

A observacção arrancou ao firmamento os seus principaes segredos, a experimentacção reproduz á vontade as suas manifestacções mais terribes, a previsão nos revéla antes que se realizem, todos seus acontecimentos essenciaes e nos ajuda a prevenir os males que d'ahi poderiam resultar.

Em lugar de supplicar ao céo, procuremos melhor conhecê-lo afim de suportá-lo com mais vantagem, isto é, para obviar aos seus funestos effeitos, e para utilizar aquelles que são favoraveis.

E' o estado positivo da razão humana, no qual, em lugar de admirar cegamente a gloria de um senhor caprichoso e omnipotente, o homem emancipado não contempla nos espaços e nos corpos celestes que circundam a terra, senão a grandeza dos genios bemfeitores que lhe ensinaram a verdadeira natureza.

(Continúa.)

A SCIENCIA E A PHILOSOPHIA

A Sciencia e a Philosophia occupam em nossos dias dous campos inimigos; e se os philosophos começaram a respeitar a Sciencia, os sabios não respeitam ainda a Philosophia.

Este odio de especialista por tudo quanto é generalisacção, por todas as deducções que exigem o conhecimento do conjuncto das sciencias, encontra uma explicacção no passado da Philosophia; era a reacção inevitavel e salutar contra uma metaphysica que queria tudo invadir, tudo interpretar, sem se inquietar com os resultados da experiencia e da observacção.

Cumpria se decidir entre dous modos de proceder na investigacção da natureza: ou dar livre curso a imaginacção e considerar como verda-

deiro tudo que é logico, ou antes sujeitar-se estrictamente aos factos que a observação descobre, e não considerar como verdadeiro senão o que é real.

Os seculos passados haviam adoptado o primeiro modo; o nosso appropriou-se do segundo, é esse o maior progresso de que tem que se glorificar.

Comprehende-se facilmente que, o antigo methodo, uma vez reconhecido máu, haja-se esforçado em fazer o novo tão opposto quanto possível ao antigo; nada podia ser mais natural, mais legitimo.

Era o melhor meio de caracterisar perfeitamente a direcção que tomava o espirito moderno, e romper de um só jacto todas as tradições e todos os prejuizos, que só podiam difficultar o seu rapido desenvolvimento na via nova que ia percorrer.

Mas o fim foi attingido, destruiu-se, pedra por pedra, o edificio da velha escholastica, perseguio-se-lh'a com ardor e perseverança até os seus ultimos entrincheiramentos; exceder o seu fim, seria prejudicar ao progresso da Sciencia, para o qual se trabalhou, e querer parar a marcha regular do desenvolvimento do espirito humano.

Generalisar é uma necessidade imperiosa da nossa intelligencia, que se póde recusar satisfazer, mas que nunca se poderá destruir, como não se póde destruir nenhuma das propriedades inherentes á materia.

Sem esta faculdade de abranger com um só olhar um grupo de phenomenos, de perceber todas as consequencias que derivam de uma ordem de factos observados, o que seria da sciencia?

Tornar-se-hia uma série de effeitos sem causas, um catalogo de inexplicaveis maravilhas.

Nada é mais sorprendente que ver a inconsequencia daquelles que cultivando as sciencias exactas, não querem nenhuma doutrina geral, nenhuma philosophia.

Cada sciencia, segundo elles, teria direito á ter sua philosophia, mas ahi deve-se limitar a systhematisação.

Esta sentença que se impõe é absurda, e antes de tudo, é arbitraria.

Que razão, á não ser uma razão de gosto pessoal, ha para se limitar a generalizar um grupo qualquer de phenomenos naturaes?

Se todos os factos particulares que observamos na natureza, ligam-se a um certo numero de doutrinas, que são as sciencias especiaes, porque estas doutrinas não podem se prender a uma doutrina mais geral ainda, que seja para a sciencia, o que a sciencia é para o facto particular?

Ha ahi uma gradação que, uma vez começada, deve ser levada ao fim.

De mais ha entre todas as sciencias uma connexão muito estreita para que se possa isolal-as completamente umas das outras; ellas se prestam um apoio mutuo que torna-se tanto mais evidente, quanto, percorrendo-se a serie dos phenomenos, se chega ás mais variaveis, ás mais complicadas, dentre ellas.

Já no estudo dos seres vivos tres ordens de phenomenos ha a considerar, tres grupos de leis intervem, são: as leis physicas, chemicas e vi-

taes ; tres sciencias devem ser realizadas para ir ter a uma concepção verdadeiramente scientifica do organismo.

Mas é sobretudo a sciencia de sociedade em seu estado de repouso e em seu movimento que não póde ser estabelecida senão sobre a totalidade dos conhecimentos humanos.

Ahi tudo deve ser considerado, nada póde ser desprezado, porque tudo póde tornar-se circumstancia favoravel ou perturbadora: e o sólo que o homem habita e o ar que respira, e as plantas e os animaes que o nutrem.

A sciencia da historia não póde pois dispensar nenhuma das sciencias que a precedem, e a sua philosophia é um resultado da philosophia destas.

Mas na philosophia de cada sciencia ha uma doutrina predominante que as outras sciencias só servem para estabelecer e confirmar; um passo de mais e teremos uma philosophia da qual a propria philosophia da historia será um simples elemento, uma philosophia para a qual todas as sciencias terão um igual valor e um igual interesse, que só se occupará do que é commum a todos os ramos dos conhecimentos exactos, que nos dará a concepção positiva da natureza inteira, e que será a verdadeira Philosophia.

Nada póde e deve, portanto, limitar o dominio da Philosophia, mas uma unica condição deve-se achar no fundo de todas estas especulações; esta condição é o estudo da realidade.

Com este quadro, tão vasto como o espaço incalculavel que a materia occupa, ella será positivo com o mesmo titulo que as sciencias especiaes, sobre as quaes se funda; sem este quadro, será uma série de erros, um producto da imaginação e uma vaidade do espirito humano.

O UNIVERSO OU A IDÉA GERAL DA CREAÇÃO

AS NUVENS

Quando eu estava no alto mar, diz Bernardin de Saint-Pierre, e que não tinha outro espectaculo mais que o céu e a agua, algumas vezes me entretinha em desenhar bellas nuvens brancas e pardas, semelhantes a grupos de montanhas, que se moviam umas após as outras sobre o azul dos céos. Principalmente de tarde é que ellas desenvolviam toda a sua belleza reunindo-se ao poente, se revestiam das côres mais ricas e se combinavam debaixo das mais magnificas fórmulas.

« Uma tarde, meia hora antes de por do sol o vento regular de sueste, como ordinariamente acontece neste tempo, afrouxou bastante. As nuvens, que elle move no céu, com o seu sopro, a iguaes distancias, tornaram-se mais raras, e as da parte de oeste paravam

e formaram um grupo representando uma paisagem. Apresentavam um immenso paiz formado de altas montanhas, separados por valles profundos e coroados de rochedos pyramidaes. Sobre as cumiadas e nos flancos appareciam nevoeiros destacadas semelhantes áquelles que se elevam das verdadeiras terras.

« Um extenso rio parecia circular em seus valles e precipitar-se ali e acolá em cataractas; era atravessado por uma grande ponte, sustentada por arcadas meio arruinadas, bosques de coqueiros, por entre as quaes se viam habitações, se erguiam sobre os montes e sobre as encostas desta ilha aerea. Todos estes objectos estavam revestidos desses ricos coloridos de purpura, amarello côr de ouro perola e esmeralda tão commum, por a tarde nestas paragens; a paisagem não era um quadro colorido: era uma simples estampa, onde se reuniam as combinações da luz e das sombras. Representava um paiz allumiado com os seus simples reflexos. Effectivamente, logo que o astro do dia se escondeu por detraz d'elle, alguns destes raios decompostos illuminaram as arcadas meio transparentes da ponte com uma côr de papoula, reflectiram-se nos valles e nas cimeiras dos rochedos, entretanto que torrentes de luz cobriam estes contornos de ouro e de purpura, e irradiavam no céu como os raios de uma gloria.

« Porém toda aquella massa ficou na sua meia tinta escura, e via-se em redor das nuvens, que se elevavam dos seus flancos, os clarões dos trovões cujos estampidos longinquos se ouviam. Poder-se-hia jurar que era verdadeiramente uma terra a cousa de legua e meia de distancia de nós. Talvez seria uma dessas reverberações celestes de alguma ilha mui distante, cuja fórma nos era representada por seus reflexos e os trovões pelo echo. Mais de uma vez marinheiros experimentados teem sido enganados por espectaculos iguaes. Seja como fôr, todo este apparelho phantastico de magnificencia e de terror, estes montes cobertos de palmeiras, estas tempestades que rugiam sobre suas cumiadas, o rio e a ponte, tudo desapareceu com a chegada da noite, como as illusões do mundo com a approximação da noite.

« O astro da noite, que repetiu com suas harmonias mais suaves a do astro do dia, erguendo-se sobre o horisonte dissipou o imperio da luz e fez reinar o das sombras. Bem depressa e com um esplendor eterno, as estrellas brilharam no seio das trevas. Oh! se o dia não é senão uma imagem da vida, se as rapidas horas da aurora; da manhã, do meio dia e da tarde representam as idades tão fugitivas da infancia, da juventude, da virilidade e da velhice, a morte como a noite devem descobrir-nos tambem novos céos e novos mundos. »

Mas importa que não sejamos obcecados por erroneos preconceitos antes allumiados pela fé mudemos nossa morada para esses novos mundos transportando-nos nas azas da esperanza.

(Continúa)

Progresso Industrial

(Continuação)

Quanta profundeza de observação, que preceito bem lançado ás gerações posteriores não se contém nesta observação de Toqueville? *Je ne sais si l'on peut citer un seul exemple de peuple manufacturier et commercial, depuis les Syriens jusqu'aux Anglais, qui n'ait été un peuple libre. Il y a donc un lien étroit et un rapport nécessaire entre ces deux choses: liberté et industrie.* » Duas são as principaes arterias que desenvolvem a vida dos povos: a producção e o commercio mercantil.

Entre ellas existe tão intima correlação, tão reciproca dependencia que a superabundancia ou defficiencia de uma quando existe na outra falha ou sobra, trazem um desequilibrio, que vae, minando as forças vivas da nação, perturbar-lhe o regime futuro, exigindo esforços maiores do que os da ordinaria previsão, para o seu restabelecimento.

São estas crises economicas muitas vezes as reveladoras do mau estado social em que se acham os povos, porquanto, de ordinario, só quando a cratera da miseria em perspectiva se mostra hiante é que se méde o estado a que se tem descido nas applicações positivas da vida, e que conturbado o animo solta-se os mais angustiosos brados de desespero.

E' a occasião espreitada pelos especuladores politicos, que tendo até ahí concorrido para tão deploravel resultado, seja com o mutismo calculado, ou por meio de systematico desnaturamento de emprego alheio, ou por ficções de que pouca consciencia teem, lançam mão do fermento que se entumesce e cevam as ambições soffregas e até então contidas em pouco dignos limites.

A espuma social, que aqui como em toda a parte, lei providencial, sempre foi, é e será a mesma, assoberba-se de modo descommunal, quer tomar a desforra e n'um estreito circulo de esquálidos dias transfigura a face radiante de civilisação que affectava e leva caminho de maldição o nome do paiz e o conceito de uma geração. E' por não se descer á inquirição das causas dos vicios e com despreendimento superior aos vãos estreitos de aspirações politicas, que se deixa mentir uma esplendida criação da Omnipotencia Divina. E' por se antepor os homens ás coisas as mais transcendentas e robustas do paiz, temendo as individualidades e affrontando o dever social, commum, que se cava os alicerces da torre de Babel, que, sempre a mesma, fiel á sua origem dá sempre os mesmos resultados. E' finalmente por se descurar dos estudos economicos do paiz, que se levanta o dominio da facticia palavra, que qual enfunado balão está ao mais leve attrito da ponteaguda realidade e nada recompõe, antes de tudo desanima ou tudo desnatura em desespero de causa. Infelizmente é esta a série de factos que encadêa a historia da humanidade e que todavia serve de lição proveitosa a muitos e jamais de desalento ás proprias victimas.

Parece ser este o grande conceito que corre tão naturalmente da observação do illustre publicista. A grande politica, é a politica da livre manifestação social; esta só se adquire quando o povo tem forças proprias, isto é quando produz bastante para consumir; quando não se mostra retardatario ás leis do seculo em que vive; quando confraternisa com outros disputando-lhes primazias e quando sobretudo não teme nem esmola alheias bandeiras para a conducção de suas riquezas.

A soberbia de uma nação se lhe é attribuida pelas creações da arte e das sciencias em terra, só se manifesta efficientemente pelas quilhas dos seus navios. A intelligencia é um precioso poder; a virtude outro maior, mas *o tridente de Neptuno é o sceptro do mundo*. Assim o comprehendeu a Inglaterra; assim a França; assim os Estados-Unidos; assim a Allemanha, e todos os paizes do norte da Europa e nós quando o comprehenderemos?

O que seria de Portugal sinão fôra a sua navegação! Que força ignóta lhe daria nome e perpetuidade historica, valor e audacia? Que cohesão teriam hoje os seus filhos, para affrontar a vertigem da carreira do actual processo social, si baldos de grandiloquas recordações, só vissem como sanguessugas, amontoados no estreito e fanatisado torrão, berço entretanto de tão laboriósos filhos?

Mas o Brazil, avança recuando, usa da tactica dos desalentados, dos tibios, dos exanimes e assim, deste modo viverá em eterna dependencia extranha. Que fado cumpre! Ser grande por natureza e rachitico por intenção! Ter catadupas de admiração pelo trabalho, pela arte alheia e um covado de Lilliput para os seus esforços! Que paiz e que homens!

E' axioma de politica moderna que cada povo tem o governo que merece. Pois será crível que quizesse o Creador estragar a sua grandiosa concepção entregando-a a tão imperitos operarios? Ou terá sido essa modorra porque passamos o proprio germem latente de explosiva transformação? Quem medirá o futuro?

Só Deus!

AFFONSO LIMA.

(*Continúa.*)

ROSA BRANCA

(*Continuação*)

— E todos os dias sou insultado e até a minha mãe duvida de mim, porque não a procuro? e para resuscitar aqui a confiança que expira, vejo-me obrigado a ir mendigar a alliança de alguma princeza contra a qual o meu coração protesta e se exaspera o meu orgulho! Eis o que eu sou, eis onde estou, e chamas tu a isto sahir bem? Oh! repito-te, se mais generosa para comigo, a duqueza, sem auxilio mas tambem sem condições, me tivesse permittido abrir as azas, já nós teriamos visto a rainha Izabel,

minha nobre, minha desgraçada mãe; já eu estaria morto ou vencedor em seus braços. A Inglaterra duvidou de Margarida, quando ella dava o seu apoio a Simnel; jamais duvidaria de Izabel se ella bradasse: « Eis meu filho! » fosse embora este grito o ultimo suspiro da rainha acompanhado de meu suspiro derradeiro. Quanto a minha felicidade, ao triumpho, onde vamos procural-o, Patrick? O meu coração não me engana, creio bem; é alli em uma morte assim, e não em outra parte, que Deus o collocou para mim!

O velho lord abaixou a cabeça; tambem elle talvez, elle um valente um homem experimentado, se admirava de pensar como aquelle mancebo.

— Não serei eu, replicou elle comtudo, apoz uma longa pausa, que vos deixarei desobedecer á senhora duqueza de Borgonha; não.

E elle se estribava pouco e pouco nesta volta á experiencia teimosa.

— Vossa mãe, a rainha viuva Izabel, chora a vossa sorte, dizeis vós. Quem vol-o prova? Ella de certo ignora... El-rei Henrique VII soube sequestral-a de modo que nem rumor lhe chegue do vosso apparecimento. Conheço o convento de Bermondsey onde elle a encerrou. Acreditai que é uma fortaleza bem defendida, e se nella não entra um rumor, menos penetrariéis vós, a não ser que ccmplacientemente não vos fosse aberta a porta como se abre o alçapão de toda a bôa ratoeira. Quanto a essas bellas illusões da efficacia do grito maternal para vos submeter toda a Inglaterra deixai que um velho experiente encolha tristemente os hombros. Vossa Graça é muito noviço na arte de conhecer os homens. Esquecei-vos de que já o proprio Henrique VII espalhou o bcato da vossa impostura. Elle previne todas as vossas tentativas; julga-as e condemna-as annunciando-as. Colhido em Bermondsey ou até nos arredores, ficaes absorvido, estais morto! Esperai antes que elle vos faça colher algum dia, não em Inglaterra; mas aqui, no vosso quarto, no vosso leito, pelo menos suspeito dos vossos criados, até por mim primeiro que ninguém, por mim, cuja dedicacão e fidelidade vinte vezes tem sido mercadejada por habeis tentadores. Vamos, detende-vos, principe serenai, suffocai as pulsações desse coração tão mal instruido nos deveres como nos perigos da realza. Respondei a Henrique VII com uma esgrima da força das delle. Elle denuncia-vos impostor: provai a vossa sinceridade; elle diz-vos desprezado, sem apoio, sem fim possivel: mostrai os vossos alliados, multiplicai essas alianças, corroborai-as, estendei-as como impenetravel couraça em roda de vós; mas recordai-vos bem, filho, que o guerreiro morre muitas vezes por causa de não escolher essa couraça preciosa. Lembro-me que el-rei vosso pai comprou um dia uma. Fôra temperada na Asia, estava á prova, pediam por ella um preço extraordinario e alem desse preço o vendedor exigia de vosso pai o seu melhor cão e o seu melhor cavallo de batalha. El-rei amava o cão, adorava o seu cavallo, não era insensivel ao dinheiro. Comtudo para possuir a couraça deu a somma, deu suspirando o cavallo, deu o cão chorando; mas ficou com ella. Tres vezes, em Tawnton, Barnet e Tewksbury ella lhe salvou a vida. Do mesmo modo, meu principe, acceitai a aliança que Jacques IV e todos os vossos amigos vos pedem. Vêde-vos certamente obrigado a fazer algum sacrifi-

cio, o de alguma secreta recordação... quem sabe? algum amor talvez, desculpai-me, fallo livremente como penso; pois bem, Ricardo, suspirai como el-rei Eduado, chorai como elle, se fôr preciso, se é que um amor sacrificado póde valer a perda de um cão, suspirai e chorai digo; mas para marchar contra Henrique VII é-vos mister a invencivel couraça; não regateeis, obtende-a!

Ricardo inclinou-se, ogora tambem pensativo e enleado.

— Alguma princeza que já me têm prompta, murmurou elle, e todo o universo conhece excepto eu! Se eu soubesse somente...

Ergueu os olhos. Kildare sorria ingenuamente, alegre de o ver hesitar depois de tanta firmeza. Esta victoria anticipada metteu medo a Ricardo.

— Tornarei a reflectir, disse elle; mas de certo não casarei sem consultar a minha mãe.

— Á senhora duqueza... atalhou Kildare,

— Eu disse minha mãe! exclamou Ricardo com um tom incisivo que cortou de chofre a conversação como uma punhalada

O velho Patrick fectou o principe com tristeza, enclinou-se affectando o mais absoluto respeito e deixou-o lentamente.

No seio dos prazeres, cumulado dos respeitos da sua nova côrte e dos testemunhos de amizade de Jacque VI, Ricardo não era feliz. O seu supplicio ameaçava durar muito. O costume da persiguição e da duvida a necessidade de uma constante dissimulação tinham soffocado n'elle os transportes de expansão que alliviam toda a alma que soffre. Ricardo não fazia de ninguem seu confidente. Combatia obstinadamente os instinctos da sua idole sympathica e communicativa. Esse amor, essa idolatria, seu segredo, ninguem ainda conseguira penetrál-o. Catharina era aquella de quem elle mais desconfiava, receando a limpida perspicacia de um olhar que era o unico que affrontava o seu.

Das suas intenções reservadas resultava uma frieza maior nos seus amigos. Vendo que eram julgados suspeitos, abstinham-se. De nada mais se cuidava na côrte de el-rei da Escossia, que de festas, de caçadas na serra e de projectos muito liberalmente espalhados no papel.

Alguns dos capitães principaes, os mais entusiastas á chegada de Ricardo, faziam os seus preparativos de partida. Diziam-nos descontentes; o que elles desejariam, não era apoio de Borgonha ou da França, mas a união de todo o paiz da Inglaterra, da Escossia e da Irlanda em favor do pretendente. Era facil de ver que os enredos de Henrique VII principiavam a abalar a fidelidade das tribus. As suas accusações de impostura penetravam no povo, que examinava com olhos attentos as feições do duque de York quando elle sahia de Edimburgo.

Tudo o que em um plano politico não avança resolutamente, recua com rapidez. A propria duqueza de Borgonha, tão audaz, parecia hesitar ante o frio desdem de Henrique VII, que não levantava um unico soldado para combater o seu adversario. Tinha chegado o momento decisivo ou para a victoria ou para a derrota, e Ricardo não no aproveitava e nin-

guem, nem ainda Jacques, que via tantas esperanças fundidas como um pedaço de neve que se derrete ao sol.

Quanto a Ricardo, o seu torpor não era imperícia nem cegueira; elle bem via tudo. Porém, não o deixando o orgulho queixar-se ou implorar o auxilio activo que lhe recusavam, encerrava-se na sua dignidade, na sua dôr.

Fôra-se-lhe o prazer, fôra-se-lhe o somno. Pouco e pouco o nobre duque de York tornára-se aquelle sombrio insulano, aquelle intractavel Perkin, a quem nem um amigo podia arrancar uma palavra. Viam-no, pretextando incommodos aliás justificados pela sua pallidez e pela amargura contracção das suas feições, passar e repassar como uma sombra na galeria gothica de columnas negras, que limitava o seu palacio ao norte e dominava a embocadura do Forth. Alli, batido pelo vento do mar que levantava até elle gottas de escuma salgada, abysmado na contemplação das vagas ora resplendentes ora sombrias como o seu proprio destino, Ricardo perguntava a si mesmo se o passado não seria para causar saudades, se a casa do negociante Warbeck não teria sido um asylo de paz e esquecimento, e interrogava a Deus, cuja vontade soberana o tinha lançado no meio das luctas e das esplendidas catastrophes da suberba, sem lhe dar a compensação que todo o ambicioso encontra na sua familia, ás vezes até nos seus amores.

— Os reis, dizia elle comsigo, são mais desgraçados que os outros homens; mas as vezes são amados. Meu pai encontrou corações muito mais dedicados a Eduardo do que ao rei de Inglaterra; Henrique VII, esse usurpador que me roubou a corôa e minha irmã, fez della uma esposa submissa, amante talvez!... Jacques IV, meu hospede, meu amigo, a alguns passos de mim vive feliz com o amor que acompanha cada minuto da sua existencia. Catharina Gordon ama-o; como não ha de elle ser feliz! Que necessidade tem de ser poderoso, rico e rei?

— « Com certeza, acrescentou elle fallando com desalento, a fatalidade pesa sobre mim; certos homens são assignalados entre os outros com grandes infortunios. Não foi bastante que um assassino me ferisse; que Deus me salvasse; que um desconhecido me levasse para Flandres; que Deus ahi me fizesse encontrar, a duqueza minha tia; era necessario que ao lado dessa salvação, da ressurreição, da volta ao esplendor, a fatalidade collocasse uma joven que amei ao vel-a, que já não era livre e nunca o será, e que cái como gotta amarga na taça dos meus dias tornados felizes! Oh! Catharina, por vós é que eu me perco, por vós é que morro, por vós é que eu desprezo o throno e minha gloria, a honra de toda a familia e as lagrimas de uma mãe que me chama; tudo isto por vós, que sorris sem comprehenderdes e a quem não terei nunca, ao menos, a triste alegria de o fazer saber! »

Ao mergulhar-se deste modo com um acre deleite na dôr mais pungente que até então tinha sentido, os seus olhos foram impressionados com um expectaculo singular e bello que constituiria as delicias do homem mais miseravel. O sol, subindo ao zenith, bebera como um vapor as espessas nuvens que ainda ha pouco se revolviam em roda do seu disco

ao vento humido do oceano. Luz e calor corriam grandes flócos de ouro pela christa humilhada das vagas ; ao longe as collinas e a planicie resplandeciam no azul ; o Forth, sereno, volvia no golpho as suas aguas azuladas, e grandes barcos, de brancas velas inchadas subiam lentamente o rio, singrando para os braços abertos do velho porto.

(Continúa)

POESIA

Est mecum

Si havia de deixar-te,
 porque te encontrei eu ?
 Mas, ha ! que a toda parte
 tua alma se estendeu !

Eu vejo-a fulgurante
 no ceo de meu amor,
 eu vejo-a todo o instante
 surgir de entre a flôr !

Á noite em devaneio,
 nas auras da manhã,
 nos éstos de meu seio
 te vejo, alma louçã !

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

AVISO

Do proximo numero em diante publicaremos sempre uma revista theatral, uma chronica dos principaes factos da semana, uma poesia, inedita e encetaremos a secção do *Expediente*, para accusar toda e qualquer publicação com que por ventura nos mimoseem.

As publicações mais notaveis serão analysadas em artigos especiaes.

EXPEDIENTE

Cumpre-nos accusar e agradecer a offerta das seguintes publicações:

PAYSAGENS, BROMELIAS de Iriêma (Rio Grande do Sul). — As *Paysagens de Iriêma* são ligeiros contos que, si não primam por excellencias de estylo, tem comtudo o condão de interessar o leitor; descrever com bastante côr local alguns quadros da vida rio-grandense.

Notamos incorrecções de linguagem, poucas, e entre ellas *janta* por *jantar*, e *deixou elle* em vez de *deixou-o*.

O que não podemos perdoar, porém, é a collaboração do auctor nas superstições do povo: assim é que, depois de contar uma historia da carochinha, acrescenta: « Si o tropeiro fallava verdade, eis o que não sabemos. » A duvida, quando se tracta das tontices do vulgacho, é sempre perniciosa. — Os versos que constituem o volume das *Bromelias* sobresaem pela ruim metrificacão e vulgaridade dos assumptos.

A ESCOLA, da Côrte. — Recebemos o primeiro numero desta revista, consagrada aos interesses da instrucção e do professorado. Util e elevado é seu objectivo; oxalá fructifiquem as esperanças do collega, a quem com todo o coração desejamos vida larga e abundosa. E' edictor da *Escola* o sr. S. J. Alves.

PERIODICOS. — Honraram-nos com a sua visita os seguintes collegas: *Diario de S. Paulo*, *A Sentinella*, *O Trabalho*, *Ypanema*, *Diario de Campinas* e *Tribuna Liberal*, de S. Paulo. Neste ultimo encontramos algumas poesias dos talentosos e excellentes poetas Theophilo Dias e A. Fontoura Xavier, cuja prestimosa colloboração nos está de ha muito promettida. *Gazeta Mercantil*, a *Revista Gabrielense* e a *Escola*, organ do Instituto Brasileiro, do Rio Grande do Sul. *A Esperança* de Manaus. *O Monitor*, de Campos. *O Desenove de Dezembro*, do Paraná e o *Ytatyia*, de Rezende.

SR. QUE NÃO ASSIGNOU. — V. S. faz duas considerações ao aviso que estampamos na ultima pagina do numero passado da *Revista*.

Diz V. S. que os principaes factos semanaes já foram inseridos nas folhas diarias e já 1/2 (Este 1/2, como tudo o que vae griphado, é de V. S.) e já 1/2 mundo os sabe, o que tomará na *Revista* um espaço precioso mais dignamente occupado por um romance.

A esta consideração, V. S. que, aqui para nós que alguem nos lê, parece-nos 1/2 tolo, acrescenta que a *Illustração do Brazil* publicava as mesmas coisas, o que fez com que chovessem mofinas e cartas pelos periodicos, demonstrando que as chronicas dos factos semanaes são inuteis em uma folha hebdomadaria.

A segunda consideração de V. S. é que entre os acerrimos leitores da *Revista* ha que não desgostam de uma charada, que cultiva e aguça a intelligencia, principalmente os logogriphos.

A isto segue-se o seguinte succulentissimo conselho, que transcrevemos tal e qual V. S. o escreveu, com os mesmos pontos e virgulas, ou por outra, sem os mesmos pontos nem virgulas:

« Abra V. uma concorrência ás charadas declarando que aceita charadas e publicando as melhores abra seu Jornal ao povo e verá que os assignantes correrão para a *Revista*. »

A esta enfiada de parvoices, a melhor resposta seria rogar a V. S. que nos deixasse em paz, a nós e á grammatica; resolvemos, porém, tomar a serio a sua missiva anonyma e offerecer ao seu criterio (?) as seguintes replicas :

A *Revista do Rio de Janeiro* (repare bem: *Revista do Rio de Janeiro...*), si deixasse de dar publicidade e commento aos principaes acontecimentos da semana, deixaria tambem de ser o que seu nome indica. *Revista*, segundo o dictionario de Moraes, que é o que temos mais á mão, significa *resenha*. Já vê V. S. que convem façamos *resenha* de alguma cousa.

Não nos guiamos por nenhum outro periodico de nossa terra. Demais uma *illustração* não póde servir de norma a uma *revista*. Si, como diz V. S., meio mundo já souber dos factos que nos derem assumpto ás chronicas, resta-nos o outro meio mundo, que não tem culpa de ignorar o que V. S. sabe.

Quanto ao romance: a *Revista* já publica um que, desde que ella existe, moureja por suas columnas, seguido sempre de um indefectivel *continúa*. Loucura seria, e rematada, si publicassemos dous. Vá-se lambendo V. S. com esse; será difficil apanhar-nos outro.

Quanto a charadas, quem as quer, vae á *Gazeta de Noticias*, que as sabe dar todos os dias, bem feitas e baratinhas, a seus leitores, e não as procura em revistas litterarias e scientificas. Não nos consta que a charada pertença a qualquer provincia da litteratura ou da sciencia.

No emtanto, para fazermos a vontade a V. S. que, apesar de não ter assignado a sua carta, bem póde assignar a *Revista*, ahi lhe damos uma, e da novissima fórma :

- 1 — 1. Este frade tem um artigo entre os dentes.
E si adivinhar, metta-o na boca.

MATHEMATICA

LV

Leis fundamentaes da Mecanica

A lei de Kepler foi a primeira a se apresentar na ordem chronologica, por isso d'ella nos occupámos em primeiro logar.

Mas, além d'este motivo, um outro imperou para que tratassemos da lei de inercia antes das duas outras. Ao passo que a primeira é inteiramente independente das ultimas, estas, pelo contrario, d'ella dependem; póde-se mesmo dizer que d'ella foram deduzidas; para conhecermol-a basta considerar um unico corpo.

Cumpre-nos agora estudar a *lei de reacção*, que, embora seja posterior á *lei de independencia dos movimentos*, deve ser tractada em segundo lugar, por ser mais simples; n'ella podem os apenas considerar dous corpos, em quanto que a lei de Gallilêo implica a existencia de muitos corpos formando systema.

Lei de reacção. — Esta lei fundamental do movimento, devida á Newton, consiste na egualdade constante e necessaria entre a acção e a reacção.

Ella póde ser enunciativa do seguinte modo: *Um corpo movido por outro exerce sobre elle, em sentido contrario, uma reacção tal, que o corpo motor perde uma quantidade de movimento equal á que recebe o corpo movido.*

Tem-se algumas vezes tentado estabelecer tambem *á priori* este theorema geral de Philosophia natural, que se acha nas mesmas condições que o primeiro.

Todavia, hoje em dia quasi todos os geometras estão de accôrdo em encaral-o como um simples resultado da observação, pelo que achamos dispensados de uma discussão analoga á que estabelecemos sobre a lei de Kepler.

Esta egualdade na acção reciproca dos corpos se manifesta em todos os phenomenos naturaes, quer os corpos actuem uns sobre os outros, por impulsão, quer actuem por atracção; seria superfluo citar exemplos d'isso.

São tantas as occasiões, que se nos offerecem de verificar esta mutualidade em nossas observações as mais communs, que não se póde mais imaginar um corpo actuando sobre outro, sem que este reaja sobre o primeiro.

A respeito d'esta segunda lei faremos, pois, uma unica observação de toda a importancia.

E' que o celebre principio d'Alembert, por meio do qual se consegue transformar de um modo tão feliz todas as questões de Dynamica em simples questões de Statica, não é outra cousa mais do que a generalisação completa da lei de Newton, applicada a um systema de forças qualquer.

Semelhante correlação permite conceber d'ora em diante a proposição geral d'Alembert como tendo uma base experimental, sem que se faça mais preciso estabelecê-la sobre considerações abstractas pouco satisfactorias, como se tem feito até aqui.

Lei da independencia dos movimentos. — Esta lei que tem sido tambem chamada *lei da coexistencia dos movimentos*, consiste em que todo o movimento exactamente commum a todos os corpos de um systema qualquer, não altera os movimentos particulares d'estes corpos, que continuam á se executar como si o systema fosse immovel.

Esta importante lei que nos conduz immediatamente ao principio da composição das forças, póde receber o seguinte enunciado, que é o mais geral e preciso: *Si todos os pontos de um systema descreverem simul-*

taneamente rectas eguaes e parallelas, seja qual fôr a velocidade e direcção d'este movimento geral, elle não effectuará de modo algum os movimentos relativos dos differentes pontos.

Gallilêo, foi, propriamente fallando, o verdadeiro descobridor d'essa lei, embóra nada tivesse apresentado pelo modo precedentemente enunciado.

Dizia elle: Toda a mudança de movimento deve ser proporcional á força dirigida, e se faz na direcção da linha recta segundo a qual a força está applicada.

Naturalmente chamou *força dirigida* o que nós chamamos *força motrix*.

Com este principio, Gallilêo estabeleceu uma proporcionalidade entre forças e o quer que fosse, que podesse conter em si os elementos numerico e geometrico do movimento; isto é, estabeleceu o principio da proporcionalidade das forças para as velocidades, que implicava a lei da independencia dos movimentos, ou antes, se apresentava como um simples collorario d'esta lei.

Debalde tentar-se-ia estabelecer por idéas *á priori* esta grande lei, filha da observação, como a de inercia e de reacção.

Poder-se-ia, quando muito, admittir que se os corpos do systema estiverem entre si no estado de repouzo, o seu deslocamento commum, não alterando nem as suas distancias, nem as respectivas situações, de modo algum alteraria a sua immobilitade relativa.

Porém, ainda assim a ignorancia completa em que estamos a respeito da natureza intima dos corpos e dos phenomenos não nos permite racionalmente asseverar que a introduccção d'esta circumstancia nova não modificará de um modo desconhecido as condições primitivas do systema.

A insufficiencia de semelhante argumentação torna-se sobretudo sensível quando se tenta applical-a ao caso de maior extensão e de mais importancia, aquelle em que os differentes corpos do systema se acham em movimento uns a respeito dos outros.

Fazendo, tanto quanto fôr possível, abstracção das observações, tão conhecidas e variadas, que nos revelam a exactidão physica desta lei, torna-se facil verificar que nenhuma consideração racional nos dá direito a concluir *á priori* que o movimento geral não occasionará mudança alguma nos movimentos particulares.

E a prova disso está em que, quando Gallilêo expôz pela primeira vez esta grande lei da natureza, de todos os lados surgiram objecções *á priori* tendendo a provar a impossibilidade racional de semelhante proposição, que só foi unanimemente admittida, quando abandonou-se o ponto de vista logico, para collocar-se no ponto de vista physico.

E' pois somente como um simples resultado geral da observação e da experiencia que esta lei póde ser solidamente estabelecida.

É assim considerada, é evidente que nenhuma proposição de Philo-

sophia natural se funda em observações tão simples, tão diversas, tão multiplicadas, tão faceis de verificar, como esta.

Não se opéra no mundo real um unico phenomeno dynamico, que não possa fornecer uma prova irrecusavel da lei de Gallilêo, importando, portanto, a supposição da sua não existencia uma completa destruição de toda a ecomonia do universo.

E' assim, por exemplo, que no movimento geral, de um navio, por mais rapido que possa ser, e qualquer que seja a sua direcção, os movimentos relativos continuam a se operar, salvo as alterações provenientes do balanceamento e da arfagem, como si o navio estivesse immovel, compondo-se com o movimento total para um observador que d'elle não participasse.

Do mesmo modo, vemos constantemente o deslocamento geral de um fóco chimico, onde um corpo vivo não affectar de modo algum os movimentos interiores que n'elle tem logar.

E para citar o exemplo mais importante, é assim que o movimento do globo terrestre não perturba de modo algum os phenomenos mecanicos que se operam na sua superficie ou no seu interior.

(Continúa)

ASTRONOMIA

IV

Theoria geral das parallaxes

Quando um astro está infinitamente affastado comparativamente ás dimensões da Terra, si tirarmos de dous pontos diversos da superficie desta dous raios visuaes para o astro considerado, reconheceremos que, na maioria dos casos, esses raios são parallellos.

Sendo assim, o astro em questão é visto na mesma direcção que si o observador estivesse no centro da Terra.

Tal é o caso das estrellas, astros para os quaes os raios visuaes a elles tirados de dous pontos diversos da superficie terrestre, por mais affastados que sejam, são sempre parallellos.

O mesmo, porém, já não acontece com os astros que compõem o nosso systema planetario, isto é, com o sol, os planetas, a lua e os cometas.

Estes corpos celestes, mais proximos de nós, são vistos de dous pontos differentes da Terra em direcção que, longe de serem parallellos, formam, pelo contrario, um angulo maior ou menor entre si.

Chama-se então *parallaxe* o angulo formado por dous raios visuaes, um dos quaes é tirado a estes astros do centro da Terra e o outro de um ponto da sua superficie. Em outros termos, *parallaxe* é o angulo debaixo

do qual, do astro considerado, vê-se o raio da Terra tirado ao logar de observação no momento em que esta é feita.

Por causa da rotação da terra e do movimento dos astros, a *parallaxe* varia n'um mesmo logar para um mesmo astro, segundo o angulo que faz o raio terrestre em questão com os raios visuaes.

Para fazer desaparecer nas observações o que ha de local e de particular ao momento da observação, por outra, para tornar sempre comparaveis as observações realizadas nos diversos pontos da superficie da Terra, de modo a poderem concorrer, para uma mesma conclusão astronomica, as operações analogas dos differentes Observatorios, cumpre, pois, pelo calculo da *parallaxe*, reduzir as observações feitas em um logar qualquer da Terra. n'um momento dado, ao que teriam sido estas observações se o observador estivesse collocado no centro da Terra: verdadeiro centro dos movimentos celestes apparentes.

Uma tal redução é inteiramente comparavel á que exigem sempre os trabalhos topographicos e geodesicos, sob o nome de *redução ao centro da estação*, quando não foi possivel ao observador collocar-se justamente no ponto de vista que convinha ao complexo das determinações.

Podendo a *parallaxe* ser considerada como nulla para as estrellas, e sendo sensivel para os astros acima mencionados, resulta que, n'um mesmo instante, vê-se de diversos logares da Terra estes ultimos astros se projectarem em regiões differentes da esphera celeste; de sorte que, em cada logar suas coordenadas equatoriaes parecem diversas, e não são as que estão inscriptas nas Ephemerides, as quaes, para poderem servir a todo globo, são calculadas para o centro da Terra.

Estas considerações nos mostram a utilidade da determinação da *parallaxe*, já para deduzirmos das observações as verdadeiras ascensões rectas e declinações dos astros de *parallaxes* sensiveis, com o fim de verificar e aperfeiçoar as Ephemeridas, já para fazer que sirva ao calculo das observações feitas em um logar dado, no intuito de determinar a sua posição geographica, coordenadas da posição de um destes astros tirados das Ephemerides.

Esta correção, denominada *parallaxe*, affecta immediatamente as distancias zenithaes.

A reacção geometrica que exerce depois sobre quasi todos os outros elementos astronomicos, quer angulares, quer horarios, é evidente, desde que attentarmos á ligação que existe entre estes elementos, todos relativos a um mesmo triangulo fundamental.

Quando se considera a Terra como espherica, é claro que o effeito da *parallaxe* se opéra sempre no mesmo plano vertical, de sorte que os azimuths propriamente ditos, ficam inalteraveis.

Demais, a *parallaxe* actúa no sentido inverso da refração; ao passo que esto eleva os astros, aquella a baixa-os, e eis o motivo porque os astronomicos antigos, em suas observações, não attendiam a estas duas causas de que erro, quasi se contrabalança, quando se opéra com os instrumentos de que elles podiam dispôr.

A parallaxe é, como refração, inteiramente nulla no zenith, unica direcção em que é indifferente observada superficie ou do centro da Terra a medida, porém, que affasta-se do zenith, a parallaxe augmenta como a refração, e attinge o seu maximo no horisonte.

Em logar da profunda complicação logica de elevadas investigações physicas com difficeis combinações mathematicas, que apresenta o problema das refrações astronomicas, o das parallaxes offerece, pelo contrario, uma grande simplicidade geometrica, que comporta uma solução racional inteiramente satisfactoria, e cuja unica difficuldade consiste em bem determinar os dados que convem a cada caso.

(Continúa.)

ESTHETICA

IV

O MOVIMENTO EXPONTANEO.— Á partir da queda do regimem catholico-feudal, entramos em cinco seculos de monarchia universal, sempre crescente.

Do XIV ao XV, o movimento é expontaneo; do XVI ao XVII o movimento estimulado torna-se systematico, mas incompleto, e termina no triumpho simultaneo do *Gallicanismo* e do *Anglicanismo*; na terceira phase, o movimento igualmente systematico, mas completo, é, em parte, exigido pela politica moderna e nos leva até o apparecimento da grande crise franceza.

Os tres periodos *expontaneo*, *protestante* e *deista* são perfeitamente caracterisadas em seu duplo movimento de desorganisação e de reorganisação, embora a natureza deste ultimo seja forçosamente menos pronunciada.

Abracam respectivamente as evoluções industriaes, esthetica, scientifica e philosophica, que caracterisam o duplo movimento temporal e espirital.

No começo da primeira phaze e sob o impulso despercebido da idade média, o desenvolvimento esthetico do genio moderno produziu a incomparavel epopéa em que Dante se eleva á sublimidade da arte humana.

O poeta acha-se inconscientemente collocado entre uma dupla impulsão: obedece á inspiração ideal do catholicismo; é dominado pelo impulso revolucionario, sob o ascendente da metaphysica escolastica.

A audacia desta composição caracteriza já a decadencia das crenças christans, deste modo submettidas ao julgamento esthetico pela usurpação energica dos direitos supremos da apotheose, do juizo final e da condemnação eterna!

Mas o cantor de Beatriz chegava muito a proposito: o seculo anterior teria repellido a *Divina comedia* como um sacrilegio, ao passo que no século seguinte ter-se-hia tornado superflua.

Hoje, tem ella apenas um merito historico e sobretudo litterario.

Profundamente compenetra-se do regimen intellectual da idade media, Dante pinta involuntariamenie o seu character social, experimentando de um modo admiravel a sua influencia moral, como o demonstra a stigmatisação da *traição*.

Em uma passagem vaga, mas profunda, sobre a regeneração final, representa o conjuncto da revolução moderna, e resume mesmo a historia da Humanidade, embora a filiação historica seja ahi perturbada por um cego amor da antiguidade.

Um tal esforço não pode superar os obstaculos que a Arte logo experimentou sob uma situação instavel e confusa.

Uma admiração muito servil pelas obras primas da antiguidade e preconizadas por Dante, Petrarca e Boccacio constituia antes uma tendencia retrograda.

Tendia a extinguir as mais preciosas das qualidades estheticas: a originalidade e a popularidade.

O serviço que se tirou deste regresso para a antiguidade foi prevenir as aberrações que a Arte teria experimentado pela carencia de convicções e sentimentos idealisaveis.

Esta influencia, que se exerceu sob a segunda phase, nasceu em meiado da primeira.

A reacção poetica se manifestou no seculo XV e suscitou as composições mysticas que constituem o ultimo producto do genio catholico.

A impulsão divina substituiu a impulsão humana, segundo a exacta definição de Kempis: *Gratia, sive dilectio*,

A posteridade não deixará de admirar o esboço grosseiro, mas sublime, do quadro systematico da natureza humana de T. Kempis.

Em sua *Imitação de Jesus Christo*, basta substituir Deus pela Humanidade para reconhecer o presentimento expontaneo de nossa existencia normal através de uma synthese necessariamente imperfeita, e enretanto superior á disposição revolucionaria.

Quando esta supposição se torne impossivel, é isto devido tão somente ao character egoista desta systematisação antecipada.

A composição offerece um typo eminente do genero *lyrico*, proprio ao regimen catholico, porque as fórmulas épica e dramatica escaparam ao catholicismo e lhe foram hostis.

(Continúa.)



ROSA BRANCA*(Continuação)*

Dir-se-ia que Deus, compadecido dos queixumes de Ricardo, lhe enviava o sol como uma promessa, e rasgava em volta delle os véos da tristeza para o impedir de desesperar. E de facto, o mancebo, erguendo-se mais forte, principiava a olhar como ao sahir de um sonho os arcos purpureados do palacio, o céu sereno, o horizonte vermelho, quando o vieram avisar de que a condessa Catharina Gordon estava alli e sollicitava uma audiencia.

Ricardo, ferido no coração por esta coincidência do beneficio com a supplica, mal teve forças para responder affirmativamente. Enquanto o official corria a dar a resposta, elle apertava a garganta suffocada, procurava vagamente o objecto desta visita da joven, e a fórma insolita do seu passo acabava de baralhar as poucas idéas que lhe restavam.

Catharina Gordon não tardou a entrar radiante de belleza como sempre; mas mais bella ainda do que do costume aos olhos de Ricardo, porque o seu rosto, suavemente pallido, reflectia uma sombra da tristeza que devorava o coração do joven principe.

A nobre filha de Huntley ia acompanhada de sua ama, uma escoseseza de olhos pretos, de cabellos extremamente louros, de queixo saliente, verdadeiro typo das fadas da montanha. Esta não se escoou na galeria, atraz de Catharina, sem interrogar com um olhar penetrante a physionomia anciosa de Ricardo. O exame, mais prolongado do que convinha a uma respeitosa criada para com um rei, não foi perturbado por Catharina nem pelo mancebo, que se olhavam ambos, enleados de certo de encetar a conversação.

E durante este mudo preludio, a velha continuava a observar o principe, e ora encrespava o sobrolho, ora sorria de um modo indefinivel, abrigando-se por traz de um dos esbeltos columnelos da varanda que deitava sobre o rio.

Quando Ricardo, mais ousado, perguntou finalmente a Catharina o motivo daquella visita que lhe agradeceu polidamente:

— Prestar-vos um serviço, milord, replicou timidamente a joven.

— Sêde bemvinda, condessa, disse Ricardo trémulo.

— Mas, tornou Catharina, V. A. olhava, si não me engano, o que se passa no Forth.

— Olhava; porque?

— Porque então talvez saiba o que me custaria tanto dizer-lhe, e agradecerei a Deus não ter de lh'o explicar.

Desta vez não se enganou com a hesitação, com a pallidez de Catharina: vinha annunciar-lhe alguma nova desgraça. Preparou-se, pois, para o choque.

— Milady, replicou elle com uma firmeza que commovia, não comprehendendo porque me poupais assim. Sou animoso; estou habituado aos

revezes; fallai, si me julgais homem de coração. Sim, eu olhava o Forth, e as suas vagas que correm, e os grandes barcos vasilos que o vento impelle para o ancoradouro... E então?

— Milord, esses navios não ficarão vasilos amanhã.

— Explicai-vos melhor, condessa.

— Amanhã esses navios levarão ás respectivas aldeias da Escossia todos os reforços de homens de guerra, que os cabos escossezes tinham conduzido para se alistarem sob as vossas bandeiras.

— Amanhã, sem soldados! sem amigos!... murmurou o infeliz principe. Mas porque? que fiz eu á Escossia, á Irlanda? Serei hoje menos aos olhos desses povos do que era ha um mez, quando me acolheram com transportes de alegria?

Catharina não respondeu.

— Abandonaram-me! continuou Ricardo, E eis os fieis, os leaes escossezes! Algum ouro e as bellas palavras do Henrique VII: adeus fidelidade, adeus dedicação!... O! sem amigos em torno de mim! Sem uma alma generosa que me avisasse de que não teria apoio sinão com a condição de pagar adiantado!

— Milord, exclamou Catharina commovida, columniais pessoas de bem.

— Aquelles a quem accuso, não calumnio, replicou Ricardo com o mesmo impeto. Vim, hasteei a bandeira: obriguei alguém a seguir-a? Procuravam um rei, não é verdade? e como ha um mez não tenho ainda throno que mostrar, vão sem duvida aos pés daquelle que, mais feliz, domina do alto do solio essa multidão de covardes!

— Senhor! senhor! disse Catharina com os olhos arrazados de lagrymas, enquanto que por traz de sua columna de granito a velha escosseza rugia surdamente e fechava os punhos.

Ricardo, desvairado de colera e de vergonha, passeava a passos largos e murmurava:

— E previnem-me quando o mal está consummado! El-rei Jacques, que se dizia meu irmão, nem sequer me avisa, e deixa que me descarregue este golpe a unica mão que eu temia!

— El-rei Jacques prevenio-vos, respondeu Catharina. Todos os vossos amigos vos preveniram. Tendes sido surdo, não tendes querido comprehender a delicadeza desses povos que hoje amaldiçoais.

— Que quereis dizer? perguntou Ricardo, cujos furiosos transportes se suspenderam de repente ao som desta suave e serena voz.

Porém Catharina dissera de certo de mais, porque foi sentar-se junto da balaustrada de pedra com os cotovellos encostados ao carcomido peitoril, e ahi, exhausta como apoz um violento esforço, escondeu o rosto entre as mãos e o seu coração desafogou em dolorosos soluços.

Ricardo, tomado de pasmo e menos allucinado do que nunca, hia a approximar-se della e interrogar-a ainda, quando uma sombra surgiu de repente entre ambos. Era a ama escosseza, que imbuçando-se com magestade no manto de largos quadradas de purpura:

— A menina disse ella, tem razão, e tu és justamente punido, principe. Os escossezes, que tu accusas, amavam-te darte-hiam o sangue; mas porque razão, quando elles te acclamavam, quando elles corriam a defender-te, porque razão os repudiaste? porque os insultaste no que elles têm de mais charo?

— Eu? exclamou Ricardo.

— Tu! tu! proseguiu a velha com um sorriso odiento, tu, um inglez todo suberbo e avarento! Ah! certamente as nossas vidas e nossos thesouros são propriedades tua, não é verdade? Embora! offerecem-t'os e tu recusa-os. Caminha só e sê maldito!

— Que diz esta mulher? atalhou o joven principe batendo com as mãos uma contra a outra com a angustia de uma intelligencia cada vez mais nebulosa!

— Cala-te, Suzana, cala-te! disse Catharina á velha, mais pedindo-lhe do que mandando-a.

— Não, deixai-a fallar, exclamou Ricardo, deixai-a vomitar as suas ameaças e as suas injurias. Aquelle que declara o seu odio é melhor que um traidor cujo braço fere na sombra. E depois tarda-me saber a qual dos vossos escossezes tomei a vida. Nomeem-me ao menos esses bemfeitores, pois juro por Deus que os não conheço.

— Tu blasphemias, duque Ricardo, disse Suzana.

— Nomeai, pois, esses generosos amigos, cujos thesouros recusei, replicou o mancebo com ironia. E os thesouros, conheceil-os?

— Oh! murmurou Suzana com a voz alterada pela colera. Este principe havia de ser mau rei. Deus não ha de querer que elle reine. Prefere a riqueza á honra; calca aos pés os juramentos. Vergonha a Ricardo de York! A Escossia ha de desviar delle os olhos.

— Silencio! ordeno-t'o eu! exclamou Catharina que vira estremecer Ricardo esta violenta imprecação.

— E eu ordeno-te que falles! rugiu o leão de York. Offendes-me; justifica-te ou atiro-te como uma pedra por esta janella fóra.

— Partamo-nos Suzana, disse a joven, apertando convulsivamente o braço de sua ama.

— Oh! até ella! atalhou Ricardo, Junta-se aos meus inimigos; quer ir-se embora, em vez de castigar miseravel douda que acaba de me chamar perjuro e principe sem honra!

(Continúa.)

THEATROS

O Sr. Furtado Coelho, e a Sra. Lucinda Simões. — *A Lampada Maravilhosa*. — Uma senhora gorda. — *A Exposição de Philadelphia*, loucura. — O Sr. Mesquita O Alcazar. — Os touros e o Cassino — O Cassino e os cavallos.

A arte dramatica em nossa terra dormia a somno solto. Com a chegada do Sr. Furtado Coelho e da Sra. Lucinda Simões entreabriu um olho. Torna-o agora de novo a fechar com a partida dos dois intelligentes artistas para o Sul.

No entanto o Sr. Furtado só nos deu de novo o *Centenario*.

Depois do *Centenario* os *Lazaros*, do Sr. Lino.

Agora mesmo annuncia para os seus espectaculos de despedida, *Dalila*, *Moço pobre*, *Demi-monde*, etc., peças esfalfadas e derribadas da moda.

O Sr. Furtado fez uma longa viagem á Europa: nada nos trouxe. O que nos poderá trazer do Rio Grande do Sul?

Isto no Gymnasio.

No S. Pedro temos a *Lampada maravilhosa*, grande magica bifada de duas peças modernas: do *Pied de Mouton*, representada em Pariz, no *Ambigu Comique*, em 1806 (Ainda foi n'este seculo), e das *Pilules du Diable*, de Bourgeois, que fez epocha n'aquella cidade ha uns bons quarenta annos e já aqui foi representada nos tempos de João Caetano.

A magica é muito engraçada... para 1806.

O desempenho que lhe dá a companhia do Sr. Silveira é detestabilissimo, principalmente por parte do Sr. Arêas e de uma senhora gorda, cujo nome ignoramos. Ella a abanar-se com um leque e o Sr. Martins, do Gymnasio, a roer as unhas...

Na Phenix está em scena a *Exposição de Philadelphia*.

Não sabemos como classificar esta peça: os auctores chamam-lhe *folie vaudeville*; vá pela *folie vaudeville*

Caricatura com alguma graça certos costumes americanos, e está cheia de bonitos numeros de musica.

Na musica que o Sr. Mesquita compoz para alguns dos *couplets*, collocou-se na altura de seu grande talento.

O coro *Pscio, pscio! Ah! Ah!* é originalissimo.

No desempenho desta *loucura*, distingue-se o consciencioso Sr. Lisboa.

O Alcazar reuniu os destroços da extincta companhia Arnaud e vai assassinando algumas operetas dignas de melhor sorte.

Os touros e os cavallos continuam a attrahir a concurrencia do povo, que os prefere ás moxinifadas do mal aventureado Cassino, que, ao que parece fechou as portas.

A mais tempo... dirá o leitor, vendo que deito aqui ponto final.

Eloy o heróe

CHRONICA

Magresa da semana — O riso da commissão medica — Uma scena de escamotagem e o novo Herrman — Premio offerecido a quem descobrir o magico — Protesto do sr. Abaeté — Um membro do Instituto Historico auctor de uma carta de A B C — O *Apostolo* e os romeiros — Vantagens da romaria — A feijoada do Vaticano — Os *cabeçorras* e o sr. Cardoso de Menezes — A coherencia da *Reforma* posta em duvida — O amor e desinteresse dos actuaes vereadores.

Para o chronista a semana correu mal, vasia de novidades, sem um facto digno de substancioso commento.

Tirante as meiguices e arrebiques da illustrada commissão medica, que sorriu maliciosamente para seu collega Pereira Rego, tivemos as costumeiras vulgaridades.

Houve, entretanto, um descobrimento de regular vulto: alguns homens politicos, quando requer a impertinente *conveniencia*, conjugam muito a preceito o verbo *surripio*.

Provada ficará a *habilidade* de taes industriosos, si attentarmos para a magica desaparição de uns documentos existentes na camara dos senhores deputados, que, segundo é corrente, contestaram de modo solemne a pretensa legitimidade de uns senhores candidatos magros e gafos de influencia eleitoral.

Depois do tão a ponto apregoado *systema-raspadeira*, só a boa escamotagem era toleravel.

Mas com que *limpeza* fizeram os artistas a sorte!

Decididamente na camara anda o Herrman!

Quem o apanhar, terá de premio um volume de versos do sr. Chopotó!

Á caçada, pois, que o premio convida!

* *
*

Os discursos recitados por occasião da sessão magna anniversaria do nosso Instituto Historico e Geographico, trouxeram á imprensa o respeitavel senhor visconde de Abaeté, que protestou alto e bom som contra muitas das inverdades historicas, contidas nos referidos discursos.

Perdeu o seu precioso tempo o venerando senador do imperio, porquanto ficarão archivadas *per omnia secula* aquellas mentiras recheiadas de frouxas apreciações philosophicas.

A par de distinctos brasileiros, o Instituto conta membros que para lá entraram com trabalhos pifios.

Conhecem todos um d'elles, que foi admittido por ter publicado uma carta de A B C, e, sobre ser carta de A B C, é plagio de um methodo francez.

Já é!

*
*

Diz o *Apostolo*, texto desenganado em materia de romarias, que podemos fazer excellente viagem d'aqui á encantadora Roma, gastando a insignificancia de oitocentos e tantos mil réis.

Tambem garante que qualquer vapor dá passagem aos romeiros, pagando adiantado.

O importante periodico da rua Nova levou as suas pesquisas ao saber quanto cobram os hoteis em que têm de pousar os romeiros!

O grande desejo de ser util á humanidade arrastou os redactores da mimosa folha a acurado estudo de guias e almanachs.

Occuparam, por espaço de um mez, cincoenta traductores!

Além das regalias dispensadas aos fieis, ha abenção do papa, as indulgencias do sr. Lacerda, que livram de sesões..., não contando a feijoada com cabeça de porco, preparada nas cosinhas do Vaticano. Pasto para o espirito e pasto para o corpo.

A verdade é esta: sem a protecção do *Apostolo*, ninguem iria a Roma, sinão fazendo despeza egual, ou menor, pelo mesmo caminho.

Conferida a conta que publica a folha do sr. conego, verifica-se um saldo a favor do romeiro que tiver a pachorra de sahir d'aqui para ir a Roma em direitura: uma benção papal, as indulgencias do nosso amavel bispo-martyr, uns relicarios, bentinhos e outros breloques.

Olha a feijoada que não esqueça!...

Aquella gente do *Apostolo* sabe de cousas!...

*
*

Dizem que ha um certo ressaibo classico condimentando a pungente ironia occulta nas lôas, entoadas pela população em honra dos Reis magos.

Temos para nós que sobre o ressaibo classico não póde haver duvida consistente; quanto á pungente ironia, si a houver, que responda o sr. Cardoso de Menezes.

Funda-se semelhante presumpção no facto de terem apparecido entre os cantores de Reis, uns *cabeçorras* fardados, que davam ares do nobre censor.

Quando os maliciosos descobrissem em sua excellencia aptidão para figurar de *cabeçorra* nos carnavaes do povo, deviam calar-se.

Queremos vêr si depois de sua excellencia canonisada, hão de faltar-lhe ao respeito por fórmula tão insolita.

A *Divina Providencia* permittirá que não.

*
*

E' carecedora de tarja preta a inculcada *coherencia* de um organ politico que se publica nesta Côrte. Queremol-a de lucto, si puder subsis-

tir o que affirmam os dictionaristas em respeito á palavra — coherencia.

Desde que os homens da *Reforma* impugnarem a imputabilidade de Moraes, Francisco de S. Luiz, Domingos Vieira, e tantos outros lexicographos de bom pero, ficará de nenhum effeito o que dissémos.

Fallamos do modo porque *brigaram* os localista e folhetinista do citado orgam.

As opiniões d'estes dous escriptores da popular *Reforma* são manifestamente oppostas, repellem-se.

E' o caso que, enquanto o primeiro elogia o sr. conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, pelo incontestavel melhoramento com que dotou o Rio de Janeiro, celebrando o contracto Fogliani para a fundação de um estabelecimento balneario, o segundo, aguçando a satyra, censura acremente o sr. conselheiro, dizendo que desconhece, ou fingindo desconhecer, ou ignorando mesmo a importancia do referido estabelecimento.

Já se ninguem póde guiar pelo juizo da *Reforma*: diz e disdiz.

*
* *

Vae aqui a amostra da contradicção.

Escreve o folhetenista :

«... O sr. José Bento quer ensaboar-nos por um nikel de duzentos réis; e dá oito contos ao empreteiro que lhe vai dar trezentos banhos annuaes, para S. Ex. uzar delles como entender.

Quem quererá o sr. José Bento lavar tantas vezes por conta do estado ?

S. Ex. vai banhar-se ?

Vai metter a camara em barrella ?

Vai applicar o tijolo e a escova ao seu ministerio ?

Que lavagens são essas por conta do estado, em trezentas pessoas escolhidas pelo ministro do imperio ?

O sr. José Bento delira ! »

O outro :

« Coherentes em nossos principios, não podemos deixar de sinceramente applaudir o acto do Exm. Ministro do Imperio, que mostra interessar-se pelo bem publico, deliberando a respeito de uma questão de utilidade geral, verdadeiramente humanitaria, e da qual já nos occupámos na *Reforma* de 23 e 25 de março do anno proximo findo, sob a epigrapha BANHOS PUBLICOS.

Deste modo fica attendida a 7ª das conclusões do relatorio da illustrada commissão medica, nomeada pelo governo...»

Isto dá-se na *Reforma* (sem ponto de admiração. *)

* *
*

Despedem-se os actuaes vereadores da illustrissima camara municipal, deixando-nos boqui-abertos pelo amor e desinteresse com que conservaram, durante cerca de cinco annos, em invejavel estado de esburacamento, as principaes ruas desta heroica cidade, digna de melhor sorte, e vereadores mais laboriosos.

Contam-se como milagres os dias de sessão.
E hão de pretender reeleição !

Risum teneatis...

ARMENIO EURIPEDES.

POESIA

Miniatura

Debalde grito e berro
por um suspiro teu !
Senhora, tens o coração de ferro !
Quem dera que de imã fosse o meu...

ARTHUR AZEVEDO

Canção nocturna

Celuta, meu amor, porque palpitas,
fitando teu olhar na luz da lua?
Conchega tua mantilha: a noite é fria,
e o sereno te orvalha a face nua.

Mas tu choras, meu anjo? O que tu soffres?
Somnambula de amor em devaneio,
diz-me tuas penas, chorarei contigo,
embalado aos suspiros de teu seio.

Encosta-te a meu peito, minha amiga;
elle sabe tambem o que é saudade.
Tu sonhas, meu amor? É bello o sonho...
deixemos zombar delle a impiedade.

Vês tu aquella estrella que se apaga
e do seio das nuvens triste desce?
É alguma illusão que foge d'alma...
Rezemos-lhe baixinho o — *Requiesce!*

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

EXPEDIENTE

Agradecemos o obsequio da remessa das seguintes publicações :

O PROTESTO. — Escripta com engenho e atticismo, já hoje tão raro em nosso jornalismo; está a interessante nova publicação fadada talvez para as menos venturosas e duradouras das existencias.

O jornalismo de nossa terra, salvante honrosissimas excepções, ou refocilla-se no charco da lisonja parvoa e rasteirinha, ou desentranha-se em banalidades e injurias, muito para rir e mais para embrutecer. Por amor disto, é que desejamos ao contemporaneo muito azul no ceu e muitas claridades na consciencia.

HARMONIAS E VARIAÇÕES, por A. Corrêa. — Este volume de versos amatorios e satyricos inculca vocação no auctor para o cultivo da poesia, nomeadamente o genero epigrammatico. Si, quanto á fórma, é o sr. A Corrêa pouco escrupuloso, irrompe por essas paginas uma graça expontanea, mas inda por polir. Mais não diremos ; desarmamos a severidade esta quadra das *Variações* :

Sou poeta d'agua doce, e em vez de lyra
toco flauta para amolar a humanidade;
não tenho aspirações, não fundo eschola
nem pretendo reformar a sociedade.

RELATORIOS APRESENTADOS AO INSTITUTO PEDAGOGICO, pelo professor Honorato Ignacio de Carvalho.

PERIODICOS. — Chegaram-nos ás mãos : *Provinciano*, *Correio de Cantagallo*, *Diario de Minas*, *Jornal do Recife*, *Diario de Pernambuco*, *O tempo*, *America Illustrada*, *Esperança*, *Diario de Campinas*, *O Liberal do Pará*, *O Telegrapho*, *O Liberal (Maceió)*, *Publicador Maranhense*, *Jornal do Povo*, *A Constituição*, *Tribuna Liberal*, *Diario de S. Paulo*, *O Popular (Areas)*, *Jornal do Pará*, *Commercio do Amazonas*, *Diario de Noticias (Bahia)*, *Ipanema*, *Sentinella*, *O Liddador*, *O monarchista*, *Revista agricola*, *Monitor Campista* e *Gazeta Mercantil (Rio Grande do Sul)*.

THEOPHILO DIAS. — Um abraço de reconhecimento, meu joven poeta, pelo teu delicado mimo. Os teus magnificos versos serão recebidos sempre com muito especial agrado, como se diz no Instituto ; a *Revista* te franquea as suas columnas, para que as ennobreças com os fulgores de teu talento.

MATHEMATICA

LVI

Leis fundamentaes da Mecanica

E' geralmente sabido que a ignorancia da terceira lei fundamental do movimento foi o principal obstaculo scientifico, que por tanto tempo se oppóz ao estabelecimento da theoria de Copernico.

Semelhante consideração apresentava, na verdade, contra esta theoria objecções inseparaveis, das quaes os discipulos de Copernico haviam procurado se desembaraçar por vans subtilezas metaphysicas, antes da descoberta de Galilêo.

Porém, depois que o movimento da terra foi universalmente reconhecido, os geometras com toda a razão o apresentaram como a mais solemne confirmação da realidade dessa lei.

Laplace propoz á esse respeito uma consideração indirecta muito engenhosa, que nos conduz a verificar o principio da independencia dos movimentos por uma experiencia continua e bem sensivel.

Consiste em notar que si o movimento geral da terra podesse de alguma sorte alterar os movimentos, particulares que se realizam na sua superficie, esta alteração não seria evidentemente a mesma para todos esses movimentos, qualquer que fosse a sua direcção; pelo contrario, differiriam segundo o angulo, maior ou menor que fizesse esta direcção com a do movimento do globo.

Assim, por exemplo, o movimento oscilatorio de um pendulo deveria em tal caso nos offerecer differenças muito consideraveis segundo o azimuth do plano vertical no qual se realiza, e que lhe dá uma direcção, ora conforme, ora contraria á do movimento da terra; ao passo que a observação nunca nos manifesta, a esse respeito, a menor variação, mesmo calculando o phenomeno com a extrema precisão que comporta sob este ponto de vista, o estado actual de nosso meio de investigação.

A terceira lei fundamental não se estende, porém a todos os movimentos; ella só se applica aos movimentos de translação, e de modo nenhum aos movimentos de rotação.

Desde que uma rotação tem lugar, ella desaparece.

E isto não é para extranhar, pois todos nós sabemos que os movimentos de translação são com effeito, os unicos que pódem ser conhecidos com rigor, tanto pelo gráu como pela direcção, em todas as diversas partes que compõem um systema qualquer.

Esta exacta paridade jamais poderia ter logar, tratando-se de um movimento de rotação, que apresente sempre desigualdade entre as diferentes partes do systema, conforme se acham mais ou menos distantes do centro de rotação.

E' por isso que todo o movimento deste genero tende constantemente a alterar o estado do systema, e altera-o effectivamente, desde que as condições de ligação entre as differentes não offercem uma resistencia snfficiente.

Assim, por exemplo, no caso de um navio, não é um movimento geral de progressão que póde perturbar os movimentos particulares, o desconcerto é devido aos effectos secundarios do balanceamento e da arfagem, que são movimento de rotação.

Si um relógio fôr levado em uma direcção qualquer com a rapidez que se quizer, sem rodar de modo algum, não será affectado; ao passo que basta um simples movimento de rotação para immediatamente perturbar a sua marcha.

A differença entre estes dois effectos tornar-se-hia sobretudo sensível, repetindo a experiencia sobre um corpo vivo.

Emfim, é por causa de uma tal distincção que não podemos dispor de meio algum para verificar, com o auxilio de phenomenos puramente terrestres, a realidade do movimento de translação da terra, movimento que só pôde ser descoberto por obervações celestes; ao passo que já não acontece o mesmo com seu movimento de rotação, visto como elle determina na superficie da terra em virtude da desigualdade da força centrífuga entre os differentes pontos do globo, phenomenos mui sensiveis, cuja analyse seria sufficiente para demonstrar independentemente de toda a consideração astronomia, a existencia d'esta rotação.

Uma vez estabelecido o principio da coexistencia dos movimentos é facil reconhecer que elle conduz immediatamente á regra elementar de composição das forças que não é mais do que um modo novo de considerar e de enunciar a terceira lei fundamental.

Com effecto, a proposição do parallelogrammo das forças consiste em que quando um corpo se acha animado de dois movimentos uniformes, em direcções quaesquer, descreve pela combinação destes movimentos a diagonal do parellogrammo cujos lados tivessem sido no mesmo tempo descriptos separadamente em virtude de cada um dos movimentos.

Ora, o que é isto sinão uma pura applicação immediata do principio da independencia dos movimentos que nos diz não ser o movimento particular do corpo ao longo de uma certa recta, de modo algum perturbado pelo movimento geral que arrasta parallelamente á si mesma a totalidade d'esta recta ao longo de uma outra recta qualquer?

Esta consideração nos conduz immediatamente á construcção geometrica enunciada pela regra do parellogrammo das forças. E por esta forma, é o theorema fundamental da mechanica racional apresentado immediatamente como uma lei natural ou pelo menos, como applicação directa de uma das maiores leis da natureza.

Tal é o modo verdadeiramente philosophico de estabelecer com toda a solidez esta importante proposição, conseguindo ao mesmo tempo dissipar as nuvens metaphysicas que ainda a circumdam, e pôl-as ao abrigo de toda e qualquer objecção.

Todas as pretendidas demonstracções analyticas que della se tem

querido dar, baseadas em considerações puramente abstractas, além de assentarem commummente em uma viciosa interpretação, em uma applicação falsa do principio analytico da homogeneidade, supõem que a proposição é por si mesma evidente em certos casos particulares, taes como, por exemplo, quando as duas forças actuam segundo uma mesma recta.

Porém, perguntamos nós, quem nos conduz a encarar esta proposição como evidente, sinão a observação effectiva da lei natural da independencia dos movimentos?

Não fica portanto provado que esta lei é indispensavel em uma tal consideração?

Repugna, com effeito, a todos quantos encaram a questão sob um ponto de vista philosophico, admittir que, por meio de puras combinações logicas, conseguisse o espirito humano descobrir uma lei real da natureza, sem consultar de modo algum o mundo exterior.

Esta noção sendo da mais alta importancia, quanto ao modo de comprehender a Mecanica racional, e affastando-se muito da marcha geralmente adoptada hoje em dia, convém¹ que esclareçamo-la o mais possivel, mostrando que, apezar dos esforços desenvolvidos pelos geometras para evitarem, á este respeito, o emprego das considerações experimentaes, a lei physica da independencia dos movimentos não deixa de continuar a ser, pelo menos de modo implicito, como elles mesmos confessam, uma das bases indispensaveis da Mecanica, ainda que apresentada sob uma outra fórma, e em outra epocha da exposição.

Basta, para isso, reconhecer que esta lei, em logar de ser exposta directamente no estudo dos prolegomenos da sciencia, encontra-se mais tarde admittida por todas as geometras como estabelecendo o principio da proporcionalidade das forças ás velocidades que é a base da Dynamica ordinaria.

Para bem nos compenetrarmos do character d'esta questão, notemos que as relações das forças podem ser determinadas de dous modos diversos, pelo processo statico e pelo processo dinamico.

(*Continúa.*)

ASTRONOMIA

V

Theoria geral das parallaxes

Determinemos a formula geral das parallaxes, considerando a Terra rigorosamente espherica.

Supponhamos, para isso, um plano que passe pelo centro da Terra, pelo logar de observação e pelo do centro do astro observado.

Representando por R a distancia do centro do astro ao centro da Terra, por r o raio terrestre, por N a distancia zenithal apparente, por Z a distancia zenithal verdadeira e por p a parallaxe procurada, teremos, em virtude do principio fundamental da Trigonometria, $\text{sen}(N-Z)$ ou $\text{sen} p = \frac{r}{R} \text{sen} N$.

Esta equação tendo logar, qualquer que seja o angulo N , verifica-se tambem quando o angulo é recto.

Chamando então P a perallaxe correspondente, temos: $\text{sen} P$

Eliminando $\frac{r}{R}$ entre estas duas equações, vem: $\text{sen} p = \text{sen} P \text{sen} N$

Nesta formula, P é a parallaxe do astro no horisonte, p a parallaxe á distancia zenithal apparente N .

Para a mesma distancia R , P é constante para todos os pontos da Terra, desde que supozermol-a espherica.

Chama-se a esta ultima quantidade *parallaxe horisontal* e as ephemeridas dão-na para cada dia, por causa das suas variações em consequencia da modificação da distancia R .

Á simples inspecção da formula precedente, se reconhece que toda a difficuldade do problema das parallaxes acha-se reduzida mathematicamente a determinar, para cada astro, o valor de sua parallaxe horisontal.

Vejamos pois como se procede a esta determinação.

O unico modo geral e sufficientemente preciso, diz Comte, consistiu em preñar esta questão a medida fundamental das distancias dos astros á Terra.

Mas, além deste modo racional de determinar a parallaxe horisontal, existe outro que nos leva ao seu conhecimento com alguma precisão, quando ella é um pouco consideravel.

Este novo processo, que não exige a determinação prévia da distancia á que o astro se acha da Terra, consiste no seguinte:

Começa-se por observar a altura meridiana do astro proposto, quando passa quasi no zenith, afim de poder calcular a sua declinação actual, abstracção feita dos erros devidos a parallaxe.

Esta condição preliminar poderá muitas vezes exigir que o observador se desloque, transportando-se para os logares em que ella póde ser preñenchida.

Isto posto, o calculo ordinario do movimento diurno, naturalmente referido ao centro da Terra, permittirá preñar, a uma hora dada, a distancia zenithal do astro, quando se acha notavelmente affastado do meridiano, evitando todavia a sua extrema proximidade do horisonte, attenta a incerteza das refracções.

Desde então, a exacta confrontação desta distancia calculada com a mesma distancia observada, determinará forçosamente a parallaxe correspondente a esta altura, e por conseguinte, a parallaxe horisontal; comtanto que a segunda distancia zenithal tenha sido antes bem corregida da refracção.

Não tendo a descobrir aqui sinão uma unica constante, a operação comportará expontaneamente numerosas verificações, mesmo sem mudar

de logar, nem de epocha, observando successivamente o astro em alturas diversas, entre os limites convenientes, bem longe do zenith, para que a parallaxe se torne bastante sensivel, e ao mesmo tempo do horisonte, para que a refração seja menos pronunciada e sobretudo melhor conhecida.

Tal é o methodo algumas vezes empregado na determinação da parallaxe horisontal dos astros de parallaxes bastantes sensiveis, principalmente para a Lua.

O espirito deste methodo mostra claramente que a inevitavel incerteza deixada pelas nossas taboas de refração deve exercer sobre elle uma influencia muito consideravel.

Os resultados a que elle nos conduz vão-se affastando tanto mais da verdade quanto menores são as parallaxes dos astros, até que tornam se inteiramente inaceitaveis para os astros muito affastados, como, por exemplo, para Urano em que o resultado fornecido por este methodo apenas indica um vago limite superior da parallaxe procurada.

Os astros de grandes dimensões e bastante proximos para offererem-nos um diametro apparente muito consideravel comportam um outro modo de apreciação experimental, fundado na confrontação das medidas successivas deste diametro a diversas alturas dadas.

Mas a incerteza inherente a nossas taboas de refrações exerceria ordinariamente mais influencia que no modo precedente, visto a extrema pequenez habitual do diametro apparente, cujas variações servem então de base ao complexo da operação: de maneira que este segundo modo de evitar o estudo directo das distancias não é admissivel sinão para o Sol e a Lua, que nos offerecem um diametro de cerca de meio grau.

(Continúa)

NOÇÃO DE LEI

II

O fetichismo, por toda parte inicial e expontaneo, instituiu as observações concretas, os conhecimentos empyricos que formam a phase indispensavel de toda a evolução mental.

O theologismo que, intellectualmente, é sobretudo caracterizado pela introdução da abstracção na logica humana, tirou deste primeiro saber, as observações abstractas; e a sciencia elaborou por meio deste segundo trabalho, as construcções parciaes de que o Positivismo forma hoje um systema universal.

Ora este resultado definitivo devia ser forçosamente muito longo de se obter, pois que a descoberta das leis suppõe observações extremamente numerosas, que não podiam ser feitas no começo.

Esperando que ellas estivessem completas, e que a elaboração das leis se tornasse possível, cumpria sobretudo sacudir o torpôr inicial do espirito humano, offerecendo-lhe o attractivo de uma indagação que lhe promettia vantagens e resultados infinitos.

Dahi a necessidade do regimen da causalidade absoluta, aliás exigido por nossa tendencia fundamental em encontrar em nós o laço de nossas observações exteriores, ou, o que vem a dar no mesmo, em explicar o mundo pelo homem.

O Positivismo não podia pois surgir sinão muito tempo depois do theologismo, que devia emanar elle mesmo de uma longa preparação fetichica, e servir de intermediario entre estes dous estados.

Assim, o character essencial mais geral das leis reaes, é a abstracção.

Attenta a complexidade natural dos sêres, não podemos conhecê-los bastante directamente, e a analyse é indispensavel para chegar a este resultado.

As leis concretas que certamente determinam a sua acção, são muito complicadas para que possâmos chegar a descobri-las, e as leis abstractas que regem os diversos grâus de existencia que elles apresentam, nos são, pelo contrario, bastante conhecidos, para explicar convenientemente a actividade de que gozam.

Por exemplo, como estudar de improviso a atmosphéra? Como constatar as suas leis, sem analysar as condições diversas de que ella resulta? E' muito certo que não se conhece realmente a este respeito sinão os acontecimentos da existencia physica geral, que se associam para constituir um tal conjuncto, cujas leis proprias ou concretas estão bastante ignoradas para nos impedir toda a previsão sobre a successão dos phenomenos correspondentes, iste é, do tempo.

O mesmo se dá, com mais forte razão, para os sêres mais complicados, e a Zoologia, a Anthropologia, são ainda menos susceptiveis de nos ceder suas leis concretas, e de permittir previsões, do que a Metereologia, ou a Geologia, etc.

Ao passo que a Astronomia, a Physica, a Chimica, a Biologia e a propria Sociologia, que estudam, cada uma no seu ponto de vista, a existencia e não os sêres, nos patenteam as suas leis reaes, e permittem-nos verdadeiras prophcias, a respeito dos phenomenos que constituem o seu objecto.

A abstracção é pois a fonte de toda a sciencia, de toda a construcção geral, e toda a investigação theorica verdadeiramente racional e positiva deve se applicar ao estudo das existencias, abandonando o dos sêres á investigação pratica, segundo as suas necessidades.

Philosophicamente, não ha de accessivel, e mesmo de indispensavel para nós sinão as leis abstractas, sem as quaes não conheceriamos sufficientemente existencia alguma, nem mesmo sêr algum.

Este primeiro character das leis naturaes estando sufficientemente estabelecido, diremos que ellas consistem sempre em uma noção inductiva, á qual chega o nosso espirito, tirando o que ha de commum em todas as relações constantes que a experiencia tem estabelecido, para as

differentes cathegorias de phenomenos reaes. A relação dizendo respeito á successão e á semelhança que os phenomenos affectam entre si, ha pois *leis de successão e leis de semelhança*.

(Continúa.)

AS APPREHENSÕES DE ROSINHA

CONTTO

I

Ella possuia belleza, bôa indole, um coração de anjo, não lhe era adversa a fortuna; no emtanto vivia entre as coisas do mundo ha vinte e quatro annos e... inda estava solteira.

Que má estrella a incluiria no rol das *tias*, caso tão vergonhoso entre as meninas e as moças? Pois haveria justiça em virem dentro de pouco tempo os namorados rapazes, os janotas da moda fazer-lhe zumbaias á sucapa, e perguntar-lhe:

— Por que não amarrou o Santo Antonio no poço?

Não; tudo isto seria muito mal feito. Rosinha si até alli nunca se casou não foi por falta de noivos; pois que ainda um anno antes de ir com a luz de sua pureza illuminar a treva do sepulchro, no dia em que chegou aos vinte e cinco, regeitou ella mais um noivo, o setimo! um pobre sonhador que julgava estar reservado para si aquelle pomo de desejos!

Não era má e não fez d'entre sete infelizes, sete! um feliz ao menos!

Acaso de lanterna na mão ella não encontrara um só homem em sua peregrinação de vinte e seis annos por entre os homens?

O primeiro noivo que lhe apparecera fôra seu companheiro de infancia; tinha ella quinze annos, elle vinte; dir-se-hia terem nascido um para o outro: a mesma unidade de pensamento, os mesmos gostos, os mesmos costumes. Ella não quiz.

— Ah! disse alguém, é criaçada! Cêdo se arrependerá.

— Duro com duro não faz bom muro, disseram outros.— A menina é esperta!

O pobre rapaz estava tão apaixonado e trouxe-lhe a paixão tal sofrimento, que não pôde resistir a umas febres epidemicas e devastadoras. Morreu com vinte annos!

Rosinha chorou tanto que afinal... não pôde mais chorar.

—E' fingimento.

— Oh! coração de pomba!

O segundo noivo era um rapaz sympathico, poeta, intelligente, uma esperanza da patria. Estava a menina com desesete annos: não quiz.

— Vejam só! e isto porque o rapaz é pobre. Como é ambiciosa aquella lambisgoia!

— Os poetas andam no mundo da lua... a velhaquinha quer marido que ande mais cá pela terra....

O rapaz embarcou daquela provincia para outra. Rosinha, quando soube, pediu nas orações ao seu anjo da guarda para o levar em paz e salvamento e que feliz estrella o guiasse sempre.

— Seria ironia?

O terceiro noivo era negociante, dono de uma importante casa commercial, tinha muito dinheiro emfim e diziam ser excellente homem.

Rosinha tinha desoito annos: não quiz.

— O que ella quer, continuavam os falladores, é um doutor, está decidido.

— Como sabe que o dinheiro é inimigo da felicidade!

O negociante afogou sua paixão ao modo dos namorados hespanhoes... em vinho; dahi em diante foi um verdadeiro adorador do deus Baccho.

Rosinha lastimava-o sempre.

O quarto noivo era juiz municipal, de um dos termos da provincia. Dansara com a moça uma quadrilha e ficara apaixonado como Romêo.

Rosinha não quiz; no emtanto andava já pelos desenove annos.

— E' que aquelle é doutor, mas não é rico. Ahi está porque lhe não convém.

— Quererá mesmo a menina metter dous proveitos n'um sacco?

O doutor pediu reconducção do logar para outro muito distante inferior. Ha quem diga que elle não se metteu a frade por lhe não ter sido permittido.

Rosinha, quando soube de tudo, dispensou-lhe estas palavras:

— Coitado do rapaz!

Teve um quinto noivo, era um velho viuvo e com filhos já homens.

Veio o sexto. Rosinha já completara vinte e um annos. Era este rapaz doutor, rico, e bom! emfim a sorte grande na loteria do casamento.

— Verão se não acceita Caiu-lhe mesmo a sopinha no mel...

E julgam que ella aceitou? Pois não fez tal.

— Alli ha coisa, ha coisa! continuaram os maldizentes, ao principio admirados.

— Será uma mulher fria?

O rapaz suicidou-se. Rosinha mandou collocar na cruz negra de seu tumulo uma corôa de perpetuas brancas, onde em letras vermelhas se lia: — *Saudade*.

Mas o que a levou a não aceitar nenhum delles em casamento? E o setimo que não appareceu ainda, porque não pôde ser seu marido? Os que, em redor da moça, andaram a murmurar, tiveram alguma vez razão? Não; nenhuma. Rosinha não era insensivel aos quinze annos; não fôra ambiciosa aos deseseis; não era tôla aos desoito; não fôra interesseira aos desenove, nem era uma mulher fria aos vinte e um annos.

Rosinha amara, amara muito; era um coração desinteressado, um espirito, educado um temperamento vivissimo. Era o contrario de tudo o que pormuito tempo pensaram e fallaram ociosos e mal dizentes. — Si nunca secasou, era outra a razão; era isso consequencia immediata de outras causas. Rosinha fôra uma victima.

(*Continúa*)

PAULO SALEMA

THEATROS

Do que é que o povo gosta. — Do que é que o povo não gosta. — O instantaneo. — Um dramalhão. — A eschola romantica. — Frederico Lemaitre. — *Paillssade*. — Um pouco de francez para variar. — A sra. Ismenia e a *Doida de Montmayour*. — *Um conto e quinhentos por dia*. — Ainda a senhora gorda do S. Pedro. — Rectificação. — Mais nada.

Como é sabido, estamos na época dos telegrammas.

O publico fluminense não quer saber de coisas substanciosas.

Detesta as correspondencias de Londres para o *Jornal do Commercio*;

Embirra com as actas das sessões do Instituto Historico;

Foge, a passo de carga, das conferencias do sr. conselheiro Pereira da Silva;

Dispensa os boletins eleitoraes da *Reforma*;

Mas dá o beicinho pelo folhetim do sr. Joaquim Serra, pelo folhetim ligeiro, buliçoso e que acaba logo, no intervallo de duas gargalhadas;

E morre pelas noticias da *Gazeta*, que lhe são dadas a vapor;

E aprazem-lhe as anedoctas das folhinhas de Ayer e os *calem-bourgs* do sr. Caipira;

E aprecia os *Salpicos* e as *fabulas instantaneas* do *Mosquito*...

As *fabulas instantaneas* mais que tudo.

O *instantaneo* é o ideal do publico.

O publico tem muito que fazer.

Sabida esta integerrima prevenção contra tudo o que é estirado, superfluo, amollador... Amollador, sim, deixem-me empregar o termo tão nosso e que me chega ao pintar... como se explica que a *Doida de Montmayour*, um dramalhão daquella ordem, se mantenha por tanto tempo em scena, escorado pelos applausos daquelle mesmopublico?

No ultimo acto o espectador já se não lembra do que se passou no primeiro, e precisa pedir ao vizinho que lhe avive a memoria.

Forçar a natureza dos personagens, engulhar o enredo, para armar ás plateias, creando lances imprevistos e peripecias terriveis, que só se distinguem pelo absurdo, eis a eschola dos Bourgeois, dos D'Ennery, eschola condemnada pela arte e pelo bom senso, mas apreciadissima e consagrada pelo povo. Que bom estomago!

Em minha qualidade de chronista, fui obrigado a assistir á representação da *Doida de Montmayour*, admirado de que outros o façam *por gosto*.

Os melodramas do tempo antigo podem salvar-se, para os homens de bom gosto, pelo desempenho.

Hajam vista os dramalhões de Rossi, Salvini, Ristori e a Paladini.

Frederico Lemaitre immortalisou, entre muitos outros, um dramalhão de D'Ennery e Marcos Fournier, *Paillasse*, pelos fins de 1850, no theatro de la Gaité, em Paris.

Por esse tempo dizia um critico estimavel : *Du moment que vous avez Frédérick, laissez le faire la pièce. Il s'y met, et alors tout y est: intérêt, grandeur, style. Un geste de la main, un éclair de l'œil et voilá l'œuvre qui resplendit. M. D'Ennery se range, et Shakespeare passe au fond.*

Mas em nossos theatros o que é que salva os velhos melodramas? O que faz chamar para elles a attenção do publico? O desempenho? Não.

O que vale, como actriz de dramalhão, a sra. Ismenia dos Santos que, aliás, daria, confesso, uma excellente actriz de comedia?

Maria Aubert foi algum dia aquillo? A sra. Ismenia, apesar de seus gritos, visagens e arremedilhos, apesar de endeosada em folhetins de quatro columnas, não comprehendeu o seu papel no dramalhão francez.

Digo mais: si a sra. Ismenia tivesse consciencia artistica, não se encarregaria da parte de Maria Aubert. Vedar-lh'o-hia o physico. Com toda aquella gordura é impossivel representar de mulher enlouquecida pelas suspeitas injustas de um marido ciumento.

Póde ser que, aqui fóra, haja doidas gordas, mas, no palco, tornam-se anomalia de detestavel effeito.

Portanto, sra. Ismenia, emmagreça e appareça. Mais estudo e menos corpo.

Na *Doida de Montmayour* conduziram menos mal os seus papeis as sras. Velutti e Apollonia e os srs. Dias Braga e Medeiros.

No S. Pedro representou-se uma comedia: *Um conto e quinhentos por dia.*

Em si pouco vale esta composição, mas os srs. Silva Pereira e Graça conseguem fazer rir.

Nos outros theatros nada de novo.

Uma rectificação:

A sra. gorda, cujo nome ignorava ao rabiscar a minha ultima chronica, chama-se Antonina Marquelou.

Esta rectificação foi-me exigida, em carta, por um cavalheiro, a quem não tenho a honra de conhecer.

Até sabbado.

CHRONICA

Duas palavras ao sr. director da Estrada de Ferro D. Pedro II. — Questão de tintas. — Exigencia de troca-tintas. — Um negociante na tinta. — Preços correntes no mercado de S. Paulo. — O tabaco e a poesia. — O sr. Daniel, do Rio-Novo ou o sr. Carlos Ferreira, das *Rosas loucas?* — O gosto do chronista. — Divergencia. — Perguntas ao leitor. — Resposta do chronista. — Supplicio do sr. Carlos Ferreira, das *Alcyones.* — O correspondente de Lisboa para certa folha. — Historias na historia. — Uma licção, de graça. — A vaia na Camara dos srs. deputados. — O paiz quer espoletas. — O sr. Prado Pimentel.

Muito gostosamente abrimos espaço á informação prestada por um distincto cavalheiro que nos honrou com a carta adiante transcripta. O

facto que deu causa a tão justo reparo merece, por sua importancia, a mais seria attenção da parte do digno sr. Passos, director da Estrada de Ferro D. Pedro II.

Quando os empregados subalternos de repartições publicas querem regel-as a seu modo, não se limitando, como têm obrigação, ao cumprimento de ordens superiores e deveres impostos pelos regulamentos em vigor, devem ser retribuidos, quanto a nós, com a solemne demissão do cargo que occuparem.

Desejamos que os interesses dos contribuintes sejam respeitados sem a minima reserva, porquanto é na pratica desse principio que descança o credito de um systema governamental.

Melhor governo será aquelle que mais cuidar dos interesses do contribuinte.

Quem paga com generosidade, tem direito a ser bem servido.

Assim succedendo, a nação desempenhar-se-ha com immenso orgulho de seus filhos, e os que concorrem para a receita official, estrangeiros ou não, folgarão todos, vendo a lei acatada.

Diz o nosso informante :

« Sei que em dia da semana proxima finda, na estação central, um empregado da Estrada de Ferro D. Pedro II recusou despacho ás mercadorias que para alli remettera uma importante e respeitavel casa commercial desta praça, pelo simples motivo de ser a nota de expedição escripta com tinta verde

Si precedentes notas de expedição, quer da mesma casa, quer de outras, escriptas com tinta verde, amarella ou azul tivessem sido regeitadas, o caso não seria para censuras; mas os proprios precedentes é que auctorisam a classificar de incongruente o procedimento do referido empregado.

Seja-me licito fazez sentir a V. que o illustrado director da estrada não sabe d'este e outros prejudicialismos abusos, commettidos naquella estação em detrimento do nosso commercio.

Conto que V. em sua util chronica da *Revista* mencione este facto e chame para elle a attenção do sr. Passos. »

De S. Paulo chega-nos a seguinte cotação official, que nos damos pressa em publicar :

« Cigarros : um maço de 20.	1:200\$000
Poesia, sendo improvisada, bem feita e de poeta laureado : por verso	
de 8 syllabas	7\$562
<i>Idem</i> , de diversos metros, inclusive as feitas á martello : grande existencia, mas ha falta de compradores.	

Bom gosto : sem cotação. Senso commum : em tempo que já vae longe, houve algum bem reputado; presentemente não ha no mercado.

Estes dois ultimos artigos não têm consumidores entre nós.

O milho alcança bom preço.

O tabaco, em competencia com a poesia, leva a esta supremas e reconhecidas vantagens. Vejamos por que.

O sabor do tabaco é apreciado de brancos e negros, senhores e escravos; a poesia bem poucos a entendem, e muitas vezes nem o senhor

nem o escravo sabem ler; aquelle faz dormir o burguez, que é o animal mais abundante em todo o mundo; esta não tem propriedade tão recommendavel, por que apenas entende com o coração, e o coração só dorme quando o individuo morre; finalmente: o tabaco é producto da terra, a poesia tambem é producto, mas do homem-terra ainda em embryão.

Quem não preferirá o tabaco á poesia?

O chronista desta folha, homem turrão e de genio arrevezado, e mais um ou outro do mesmo pensar.

Divergem do chronista os excellentissimos senhores que, em um leilão de prendas, effectuado na cidade de Campinas, tiveram a inclyta coragem de offerecer por um cigarro a enorme somma de 60\$000 réis; consentindo que fosse arrematado por 121\$000 réis um lindo improviso de Carlos Ferreira, que com a devida venia, aqui vae.

Podeis sorrir, anjos louros,
O' desvalidas crianças!
Por sobre as vossas cabeças
Chovem clarões de esperanças.

De cada baga de pranto
Que em vossos olhos reluz,
A mão de um genio celeste
Faz uma gotta de luz!

Vêde: clarea-se o espaço...
Vão dissipar-se as procellas...
Deus rodea os vossos berços
De scintillantes estrellas!

Não ouvis? retumba um canto
Pelo azul da immensidade...
E' Deus que diz—dai aos orphãos
O beijo da caridade!...

Diga o leitor, si não fôr avesso ás letras, quanto vale esta prenda.
Milhões de cigarros!

Mais: o cigarro reduz-se a cinza, e a cinza é pó, é nada; semelhante prenda dura a immortalidade, nem o tempo a destróe.

E foi Carlos Ferreira o escolhido para a crúa e lancinante prova!
Ha de valer-lhe a veneração que temos pelo seu brilhante talento.

*
* *

O correspondente do nosso colosso jornalístico escreveu de Lisbôa, em dacta de 24 do passado:

« Entre os livros e papeis deixados pelo fallecido conselheiro Antonio Corrêa Caldeira, encontram-se os authographos da correspondencia entre o vice-rei da India D. João de Castro e El-rei D. Manoel, o venturoso.»

Pedimos licença para um esclarecimento. D. Manoel, o venturoso, morreu em 1524 e D. João de Castro foi vice-rei da India de 1545 a 1548, anno em que morreu.

Discretiemos : de onde escreveu D. Manoel o venturoso, do ceu ou do inferno? Havia do ser do ceu, porque elle era venturoso.

As cartas de D. João de Castro a D. Manoel foram pela posta?

Não, senhor; si D. Manoel residiu no ceu, as cartas eram lançadas na mala dos vapores que subiam (e ainda sobem...) da terra para o espaço.

Como as recebia D. Manoel e quem trazia as respostas? Só o correspondente de tal folha sabe! Maganões...

*
* *

Antes de assignarmos esta, iniciaremos duas questões, que serão tractadas mais espaciadamente.

A vaia na camara dos senhores deputados dá tristissima idéa daquelles que a promoveram.

Para se afastar um legitimo representante de Sergipe, foi preciso esvurmar uma sandice, maltractar a lingua portugueza, affirmando o seguinte disparate: Estrada de ferro — não é viação publica!

Felizmente, Prado Pimentel é conhecido e estimado dos seus concidadãos. O paiz não quer homens intelligentes, porque tem muitos; precisa de espoletas e para isso nem todos servem.

*
* *

E ahi deito um ponto final, porque.... columnas de chronica é muita chronica.

ARMENIO EURIPEDES.

POESIA

Saudade

Sinto no peito a saudade
cahindo pura e macia,
que a buscar-te me suade
nas azas da phantasia.

Alguma vez aos clarões
do luar batendo n'agua,
lhe ouviste um choro de magua
que enlouquece os corações?

Pois como aos brilhos da lua
das aguas sussurra a lyra,
cheio da lembrança tua
meu seio treme e suspira.

Viste no prado em lampejos
cahir a orvalhada fria,
como um fremito de beijos,
que embriaga a phantasia?

E como o aligero povo,
em turbilhões multicores,
se apinha em cada renovo
movendo as azas de flores?

Pois como o bando sedento
d'aurora se anima aos prantos,
pousa no meu pensamento
lucido enxame de encantos,
quando em mim tua saudade
cahe doce, pura e macia,
e a buscar-te me suade
nas azas da phantasia.

S. Paulo, 1876.

THEOPHILO DIAS.

A Vossa Excellencia

Saiba Vossa Excellencia que não posso
dormir, comer, beber, nem coisa alguma...
Tenho medo da morte, que me coço...

Mas antes que me suma
lá no abysmo fatal da eternidade,
quero ficar em paz co'a consciencia
e contas ajustar co'a humanidade,
a começar por mim. Vossa Excellencia
ha de ter reparado,
que quando, porventura, n'uma sala,
encontra-me a seu lado,
e me dirige a falla,
vê diante de si menos um homem
que um phantasma ou, si quer, um moribundo.
É justo que por tal e tal me tomem,
pois esta vida está por um segundo...
eu dentro em pouco estalo...

Mas resta-me o segundo! Aproveital-o
é meu dever, senhora,
pois o homem que está p'ra ir-se embora
lá para a eterna vida,
si não trata de si, é um suicida,
— é mais do que um suicida: é um *Zé da Vestia*.

Salvo a minha modestia,
não póde envergonhar o meu affecto
áquella a quem fôr dado;
antes pelo contrario, envergonhado,

(por ter sido indiscreto)
 deve ser com certeza o namorado.
 Eu amo a Vossa Exc'elencia,
 e a confissão do meu amor infindo,
 á minha consciencia
 eu devo e a Deus que nos está ouvindo,
 pois dado o caso que receba em paga
 de amor amor que de pedir não canso,
 é muito natural que isso me traga,
 saude, paz, descanso
 e mais alguma coisa.
 Vossa Excellencia é bella, e não érica...
 quer ser a minha esposa?
 Ah ! si o seu coração, p'ra mim, doente,
 é como uma botica
 e o amor um calmante
 eu quizera tomar, eternamente,
 essa droga excitante.

Vou dizer-lhe, senhora, (paciencia !)
 quem sou a ver si sou... do seu agrado ;
 si eu nas graças cahir de Vossa Exc'elencia,
 espero em Deus em breve estar casado.

Muito rico não sou, nem muito pobre,
 não sou trabalhador, nem sou peralta ;
 nunca no bolso me sobeja o cobre,
 nem nunca o cobre n'algibeira falta.
 Não tenho a quem me curve, a quem me dobre ;
 não exalto a ninguem ; ninguem me exalta,
 — e si não mente o celebre Lavater,
 eu sou typo de muito bom character.

Não nasci n'uma cama de damasco,
 mas em pobres lençóes, lençóes vulgares,
 e si eu filho não sou de um vil carrasco,
 não o sou tambem de pifios titulares ;
 os sentimentos maus causam-me asco,
 tem sempre em mim louvor os exemplares ;
 não sou feio que ás damas afugente,
 nem bonito que as chame incontinente.

Eu retratei-me todo... Então ? Si Vossa Exc'elencia
 quer que eu mande apromptar a festival casaca,
 mande um bilhete doce á minha residencia :
 rua da Conceição, numero trinta, placa.
 Rio de Janeiro.

ARTHUR AZEVEDO.

EXPEDIENTE

Durante a semana obsequiaram-nos com as publicações abaixo :
 IMPRENSA INDUSTRIAL, 1º vol. — Sem nenhuma duvida, é esta uma das publicações de meritos mais subidos, vantagens manifestas, utilidade real : o fino criterio de seus redactores nos depara grande copia de excellentes escriptos, firmados já por selectos e erudictos auctores como o P. Manoel Bernardes e J. M. Velho da Silva, já por harmoniosos e inspirados poetas como Thomaz Ribeiro, J. E. Teixeira de Souza e outros.

Ha aqui pabulo para todos os espiritos, fructiferos entretenimentos para todas as edades, gostosas licções para todos os corações, luz para todos os animos, inda os mais indifferentes.

A quem, pois, tão galhardamente porfia para a consecução de intentos nobres e generosos ; a quem assim vae accumulando dia por dia direitos á benemerencia patria, á admiração dos coevos não só, mas á gratidão dos posteros, enviamos — nós que tambem percorremos a trilha ingrata da imprensa — estas flores da boa vontade, estas palmas do entusiasmo, este parabem da sinceridade.

PRIMEIRAS ESTROPHES, por José Avila de Miranda Osorio.—Entre estes versos, que, pela maior parte, primam antes pela fórma que pela idéa, alguns ha de merecimento.

O sr. Miranda Osorio merece animação ; é muito de esperar que as *segundas* estrophes sanem os pequenos defeitos das *primeiras*.

Nas duas palavras com que rompe o livro, o sr. Ferreira de Menezes dá a ler aos povos desta Barataria *coisas* puchadas á sustancia e assim neste estylo : « Ainda escreve-se versos !!! (O primeiro ponto admirativo é do sr. doutor, os outros são nossos). « Bem haja aos que cantam... as estrellas estão sempre novas... e só o homem deve envelhecer, *querem os positivistas*. » Depois vem um *ser-se*, etc.

O sr. dr. Ferreira de Menezes, em quem folgamos de reconhecer talento e illustração, não devia de incorrer nesses descuidos, em que o seu afilhado, com ser principiante, não tropeçou.

PERIODICOS.—*Revista Illustrada, Mequetrefe, Diario e Gazeta de Campinas, Correio de Cantagallo, O popular, A Eschola* (Corte), *Theophilo Ottoni, Diario de Pernambuco, Tribunal liberal, Monitor Campista, Diario de S. Paulo, O Futuro, Ipanema, Rezendense, A tesoura, Sentinella, Espiritosantense, Pedro II* (Ceará), *Gazeta do Commercio, O Provinciano, Publicador Maranhense, A Provincia* (Recife), *Constituição* (Pará), *Cearense, O Liberal do Pará, A Provincia* (Maceió), *O Tempo, Jornal do Recife, Jornal do Pará, Jornal do Aracajú, Constituição* (Ceará), *Diario de Noticias*, (Bahia), *Esperança, O Conservador, Noticiador, O Liberal, Commercio do Amazonas, Jornal do Povo e O Conservador penedense*.

A. FONTOURA XAVIER. — Em carta particular, dirigida a um dos collaboradores desta *Revista*, nos honrou o nosso distincto amigo Fon-

toura Xavier com o soneto, que os leitores encontrarão na secção competente. A collaboração effectiva que nos promette o talentoso poeta riograndense, é de grande valor para nós e não menor vantagem para os srs. assignantes.

DIRECTORIA DA SOCIEDADE ALPHA LITTERARIO. — Agradecemos o convite para a sessão magna do 5º anniversario, que se realisou a 19 do corrente.

Sr. J. S. P. J. — Não podemos incluil-o na lista dos nossos collaboradores. O numero está completo, e demais seguimos a maxima: *Quod abundat, nocet.*

Desculpe.

MATHEMATICA

LVII

Leis fundamentaes da Mecanica

Como dissemos, as relações das forças podem ser determinadas de dous modos diversos: pelo processo statico e pelo processo dynamico.

Effectivamente, nem sempre fazemos juizo á respeito da relação de duas forças pela intensidade maior ou menor dos movimentos que ellas podem imprimir a um mesmo corpo; apreciamol-a tambem em muitos casos por simples consideração de equilibrio mutuo, considerando como eguaes as forças que, applicadas em sentido contrario, n'uma mesma direcção, reciprocamente se destroem, e como dupla, tripla, etc. de uma outra, a força que equilibrasse a duas, tres, etc. forças eguaes a esta e todas directamente oppostas á segunda.

Este novo meio de medir é tão empregado como o precedente.

Isto posto, consiste a questão em saber, si os dous meios são sempre equivalentes, isto é, si, pelo facto de si acharem as relações das forças definidas pela consideração statica, concluir-se-ha, sob o ponto de vista dynamico, que ellas imprimiram á uma mesma massa velocidades que lhes sejam rigorosamente proporcionaes.

Esta correlação não é de modo algum evidente por si mesma; quando muito póde-se admittir *á priori* que as maiores forças devem produzir as maiores velocidades.

Mas só a observação póde decidir si é á primeira potencia da força, ou á outra qualquer função crescente, que a velocidade é proporcional.

E' para determinar qual seja, a este respeito, a verdadeira lei da natureza que, segundo pensam todos os geometras e especialmente

Laplace, sefaz mister considerar o facto geral da independencia dos movimentos.

E' facil ver, pelo raciocinio de Laplace, que a theoria da proporcionalidade entre as forças e as velocidades é uma consequencia necessaria e directa desse facto geral, applicado a duas forças que actuam na mesma direcção.

Porque, si um corpo, em virtude da acção de uma certa força, tiver percorrido um espaço determinado segundo uma certa recta, e vier se ajunctar na mesma direcção uma segunda força igual á primeira, pela lei da independencia dos movimentos, esta nova força não fará sinão deslocar a totalidade da recta de applicação de uma igual quantidade no mesmo tempo sem alterar o movimento do corpo ao longo desta recta; de maneira que, pela composição dos dous movimentos, este corpo terá realmente percorrido um espaço duplo do que correspondia á força primitiva.

Tal é o unico modo de verificar effectivamente a proporcionalidade geral das forças ás velocidades.

Vê-se pois que, si por um lado julgaram alguns geometras poder dispensar o facto da independencia dos movimentos para estabelecer a lei fundamental da composição das forças, por outro lado reconheceram a necessidade de encaral-o como uma das bases indispensaveis da Mecanica, quando quizeram demonstrar a lei, não menos importante, de proporcionalidade entre as forças e as velocidades.

Assim, qual foi o verdadeiro resultado de todos os esforços intellectuaes para evitar, nos preliminares da sciencia, a introduccção directa desta observação fundamental?

Parecer apenas que se póde dispensal-a em Statica, e só fazer-se necessaria em Dynamica.

Tudo se reduz, pois, a uma simples transposição.

Ora é claro que um resultado tão pouco importante não está em relação com a complicação dos processos indirectos empregados para o conseguir, suppondo mesmo que taes processos sejam logicamente sãos, o que é inadmissivel.

E' portanto muito mais satisfactorio conformar-se franca e immediatamente com a necessidade philosophica da sciencia, e, visto não poder ella dispensar uma base experimental, reconhecer esta base logo desde a origem.

Só esta marcha, póde tornar inteiramente positiva uma sciencia que, sem taes fundamentos, apresentaria ainda um certo character metaphysico.

Ficam, pois, estudadas as tres lais physicas do movimento, que fornecem á Mecanica racional uma base experimental sufficiente, sobre a qual o espirito humano, por simples operações logicas, e sem consultar mais o mundo exterior, póde solidamente estabelecer o edificio systematico da sciencia.

Embora estas tres leis sejam bastantes, não ha razão para d

priori negar-se a possibilidade de ser augmentado o seu numero, desde que se consiga demonstrar que ellas não são em rigor completas.

Similhante argumento seria, a nosso vêr, um incontestavel de pouca monta para a perfeição racional da sciencia, visto como taes leis jamais poderão ser demasiado multiplicadas; em these geral, conviria estabelecer uma ou duas mais, si, para evitar este augmento, fosse preciso recorrer a considerações de longa diversão, cuja natureza viesse alterar o character positivo da sciencia.

Mas as tres leis por nós estudadas, satisfazem a todas as condições essenciaes realmente impostas pela natureza dos theoremas da Mecanica racional.

Com effeito, a lei de Kepler determina completamente o effeito produzido por uma força unica actuando instantaneamente; a de Newton estabelece a regra fundamental da communição do movimento pela acção dos corpos nus sobre os outros; finalmente a de Gallileu conduz immediatamente ao theorema geral relativo á composição dos movimentos.

Comprehende-se, pois, que toda a Mecanica dos movimentos uniformes ou das forças ou das forças instantaneas póde ser tratada como uma consequencia directa da combinação destas tres leis, que são susceptiveis de serem immediatamente expressas por equações analyticas de facil obtenção.

Quanto á parte mais extensa e mais importante da sciencia, a Mecanica dos movimentos variaveis ou das forças continuas, comprehende-se a possibilidade de reduzil-a á Mecanica dos movimentos uniformes pela applicação do methodo infinitamente pequeno, um movimento uniforme ao movimento variado, e portanto, obter as equações differenciaes relativas a esta ultima sorte de movimentos.

Torna-se, pois, evidente que todo o trabalho depois do estabelecimento das tres leis basicas é puramente racional e consiste apenas no emprego a fazer destas leis para conseguir a resolução das differentes questões geraes.

Em uma palavra, a discriminação entre a parte necessariamente physica e a meramente logica da sciencia, fica por essa forma estabelecida de um modo exacto e definitivo.

(Continúa.)

ESTHETICA

V

O MOVIMENTO PROTESTANTE. — Transmittindo a influencia da idade-média, a evolução espontanea da primeira phase revolucionaria produziu uma impulsão esthetica, que determinou sob a segunda phase um movimento poetico verdadeiramente admiravel, do qual participaram todos os elementos occidentaes.

A agitação protestante e a tardia elaboração da lingua paralyzaram o progresso esthetico da Allemanha, que foi entretanto sensível na Hollanda, a guarda avançada da civilisação germanica.

Vio-se surgir uma epopéa de uma notavel combinação entre a vida privada e a vida publica, embora esta não podesse prevalecer.

Ariosto offereceu indirectamente um primeiro esboço da poesia historica, referindo seus quadros á idade-média em que domina o caracter cavalheiresco.

Este esboço foi o germen de uma outra combinação mais pura, porém menos eminente, onde Tasso apprehendeu a idealisação das cruzadas antes de dispôr dos meios para apreciar a difficuldade do objecto que devia ficar prematuro, emquanto não se tivesse conciliado o Catholicismo com o Islamismo.

Sob esta dupla impulsão emanada da Italia, a Hespanha produziu uma pintura primeiramente epica, depois dramatica, da existencia privada, — pessoal e domestica — melhor preservada da anarchia moderna.

Estes dous aspectos da vida se combinaram espontaneamente na maravilhosa composiçãõ em que Cervantes prende sem esforços todas as affeições da familia ao *individualismo* mais excentrico, esboçando, sem o saber, a verdadeira theoria da *loucura*.

Dos quadros de Cervantes teriam podido surgir o principio de Broussais, sobre a identidade entre a enfermidade e a saúde, e o de Aug. Comte, sobre os limites de variaçãõ entre a razão e a loucura.

Em seu estudo satyrico dos caprichos humanos, Cervantes faz implicitamente sentir o principio da logica positiva, segundo o qual a recitidãõ mental consiste em formar a hypothese mais simples propria a cada caso.

Tira-se ainda a variabilidade da relação normal entre a subjectividade e a objectividade, segundo o estado correspondente da existencia social.

Assim preparado, Calderon de la Barca idealisou o complexo dos laços domesticos e fez judiciosamente sentir a sua aptidãõ natural para constituir a principal base da felicidade humana.

O genio profundamente original de Shakespeare esforçou-se por combinar a vida privada e a vida publica; attribuia a esta a sua justa preponderancia, sem se deixar embarçar por sua separaçãõ entre a epopéa e o drama, mais apparente que real; e aliás temporario.

Infelizmente o seu meio protestante o desviou da idade-média, e o impediu mesmo de apreciar bastante a antiguidade.

Este livre pensador vio-se então forçado a reduzir os seus principaes quadros a tempos muito proximos para comportarem uma sufficiente idealisação.

Mas o vôo decisivo da poesia historica estava reservado ao grande Corneille que traçou nobremente as phases dramaticas da civilisação romana, melhor idealisavel que qualquer outra.

Depois de se ter limitado a pintar muito abstractamente, debaixo de

nomes quasi arbitrarios, as nossas principaes paixões, Racine comprehendeu afinal a reforma que Corneille acabava de introduzir no drama moderno.

Sentindo que este havia esgotado a idealisação dramatica do mundo romano, tentou em sua ultima obra prima a idealisação dos principaes attributos do regimen theocratico, no seu typo o mais conhecido, embora o menos caracteristico.

Um grande talento de estylo valeu a Racine uma preeminencia illegitima e passageira de que se apossou em detrimento de Corneille.

Faltava esta representação do passado, para que a vida privada possesse por sua vez fornecer ao movimento moderno a manifestação da sua critica e da sua tendencia organica.

Foi então que veio o incomparavel Molière !

Elle soube espontaneamente satisfazer estas duas condições, estigmatizando as classes retrogradadas e corrigindo as classes progressivas.

Sentiu a verdadeira natureza da revolução occidental mais intellectual do que social.

Sob o impulso de Descartes, Molière desacreditou aos metaphysicos e rectificou os medicos, cuja attitude se tornava viciosa a medida que perdiam a presidencia scientifica.

A sua irresistivel critica se exerceu contra o espirito catholico e contra o espirito feudal com o mais feliz sentimento do complexo da situação social.

Elle rectificou nas classes directoras as observações inseparaveis de um ascendente puramente empyrico, contrario a seu verdadeiro destino social.

Esta eminente magistratura moral, foi protegida contra os rancores sacerdotal e nobiliario, pelo instincto confuso, que, na mocidade de Luiz XIV, fez suspeitar a este monarcha a tendencia momentanea de uma tal critica para secundar o estabelecimento simultaneo da dictadura real.

Emfim, uma ultima manifestação, mais esthetica que nenhuma outra, porque o genio organico ahi se purifica de toda alteração critica, surgiu com Milton.

Affastado da vida publica, apoz o abortamento de uma critica prematura, e não encontrando em torno de si dignos typos da vida privada, o nobre republicano vio-se forçado a idealisar a fé christan, no momento em que ella se extinguia nos espiritos mais adiantados.

Milton consumiu inutilmente o seu genio poetico em pintar-nos os condemnados alternativamente transportados, por um infernal requinte, do lago do fogo para o tanque de gelo ; a idéa de *banhos russos*, observa Comte, faz em breve succeder o sorriso a este primeiro pavor.

Ella nos recorda que o poder do habito póde attingir tambem a propria mudança, por mais brusca que possa ser, desde que se torna bastante frequente.

A eternidade da dôr tão inintelligivel como a eternidade do prazer,

não poderia se conciliar, na nossa imaginação, com esta aptidão da vida animal para converter em indiferença todo o sentimento continuo.

Quanto ao movimento negativo, a impulsão social levava os poetas a concorrerem a seu modo para a grande operação critica do seculo XVI.

Este character tão pronunciado em Molière e Lafontaine, e mesmo em Corneille, faz-se tambem sentir até em Racine e Boileau, — apezar de seu fervor religioso — pela direcção anti-jesuitica de sua fé jansenista.

(Continúa)

ROSA BRANCA

(Continuação)

Catharina arrastava pouco e pouco Suzana tremula para a porta galeria ; mas a velha lutava com energia : escoava-se sem andar, meditando uma maldição sob a qual Ricardo ficasse aniquilado. Já ambas iam desaparecer, quando Ricardo exclamou :

— E' esse o serviço que Catharina Gordon vinha prestar ao seu amigo de infancia ? E' esta a leal companheira que outr'ora me jurava eterna amizade ?

— Que tens tu que censurar-lhe ? resmoneou Suzana, aproximando-se d'elle com um salto de panthera. — Por ventura faltou ao juramento ? E tu, guardas o que a tua familia solemnemente jurou á nossa ?

— Suzana ! por piedade ! — bradou Catharina tapando a bocca da ama, Porém já nada nada poderia reter Ricardo. Acabava de desvendar-se o véo : elle como que entrevira a luz após as trevas mortaes. Foi elle que reteve a donzella ; Suzanna continuou, veheamente, com a sua eloquencia selvagem :

— Vai ! vai esposar meninas da França ou da Allemanha, por que são ricas ; despreza a pobre Escocia que te serviu de mãe ; despreza a nossa filha, a nossa querida filha, o nosso thesouro ; despreza Catharina com quem teu pai te tinha desposado ainda no berço... mas não contes já senão com os francezes ou com os allemães. Para ti acabaram-se os escocezes ; nós guardamos as nossas lanças para aquelle que conquistar os nossos corações. Adeus York !... Catharina hade espalhar !

Ao dizer isto, arrastava ella por sua vez a donzella ; porém Ricardo tinha comprehendido. A nuvem, rebentando sobre a sua cabeça, tinha-o inundado de luz. Collocou-se rapidamente entre a porta e as duas mulheres que iam a franqueal-a pegou na mão a Catharina e apertou-a nas suas.

— E' realmente verdade o que ella diz ? — perguntou com febril volubilidade.

— Mas... Milord... murmurou a joven condessa.

— Fallo-vos ; respondi. E' verdude que a Escocia contava que eu esposasse Catharina Gordon ?

— Não no sabeis ? — balbuciou a joven corando com o halito ardente do principe.

— Elle sabia-o tão bem que te recusou, — atalhou Suzana.

— Recusei a quem, boa Suzana ? — disse Ricardo.

A vingativa escoceza respondeu ;

— Não te fallaram, não te mandaram fallar pelos teus amigos, pelo nosso proprio Jacques, para esposares Catharina ?

— Nunca ! exclamou Ricardo.

Depois increspando o sobr'olho com o sombrio resentimento das suas dividas passadas, a respeito da amizade que unia Catharina e o rei da Escocia :

— Além disso, Jacques para que havia de propôr-me Catharina, se elle a ama e é della amado, como é bem sabido ?

— Elle amado ! — Exclamou a joven, n'um tão apaixonado transporte, que Ricardo ficou penetrado delle como d'uma revelação celeste.

Não teve tempo de responder. Uma voz partida do limiar arrancou-o ao incanto destas imprevistas commoções.

O joven rei da Escocia tinha ouvido o fim desta singular discussão ; santíra-se ferido ; intervinha com uma especie de azedume.

— Milord, disse elle, reflectistes bem antes de proferir essas palavras, que poderiam ser mortaes para a honra desta joven e para a minha honra ?

Ricardo, voltando-se com vivacidade, murmurou :

— Vós, senhor ? Eu disse, é verdade, o que o mundo repete não só aqui, mas em toda a Europa.

Catharina corou de dôr e vergonha.

— Na Europa, ignoro-o, continuou Jacques ; mas aqui, não o creio, aqui, onde Catharina e eu somos conhecidos, isto é, respeitados. Como quer que seja, porém, permitta-me uma reflexão, perdoae-m'a até.

Parou um momento, fixando em Ricardo os seus olhos leaes e altivos ; depois, adoçando a inflexão da voz como para abafar o echo della :

— Parece-me, disse elle, que para vos desculpades com esta joven, poderieis não recorrer a um subterfugio ; seria mais digno da vossa raça declarar francamente a verdade. Desta maneira, não me accusando, não offendendo Catharina, conservarieis um bello papel, que, com grande pezar meu, me vejo forçado a interromper. E' verdade que os meus povos desejavam o casamento de Ricardo de York com lady Catharina Gordon ; é verdade que Catharina seria feliz e sentir-se-hia orgulhosa ; mas recusastes... ninguem pensa em vos fazer disso um crime.

— Recusei !... exclamou Ricardo com vehemencia ; mas quando recusei eu ? Ouço hoje fallar de similhante casamento pela primeira vez.

— Não sejaes exageradamente polido, milord, disse o joven prin-

cipe, não procureis poupar Catharina. Ella é animosa e sabe o vosso pensamento tão bem como eu. Mostrei-lhe a carta da duqueza de Borgonha.

— A carta da duqueza? repetiu Ricardo assombrado, que carta? que quereis dizer?

— Ah! eu sei, continuou Jacques, quantos engenhosos rodeios o vosso espirito delicado tem sabido procurar para suavisar o rigor dessa recusa; mas em politica, a uma proposta franca é devida uma resposta decisiva. E crêde-o bem; a senhora de Borgonha não quiz que depois da sua resposta nos restasse a menor duvida a respeito das vossas resoluções.

Ricardo, esmagado por este novo mysterio que via desabar-lhe sobre a cabeça como uma nuvem de furacão, dirigiu-se com vivacidade a Jacques, tomou-lhe as mãos e tremulo ao mesmo tempo de affecto e de colera:

— Escutae, irmão, lhe disse elle. Em vão quebro a cabeça para decifrar o sentido das vossas palavras; não no acho. Passei muito tempo por louco; talvez o fosse; desculpae-me, irmão, é talvez a minha molestia que volta; não vos entendo. E vós, lady Catharina, não temaes olhar para mim, não fugaes; tambem vos não intendo melhor. Pesa sobre mim alguma desgraça; eis quanto eu conheço. Tractae-me ambos com benevolencia; não digaes comvosco: «Elle dissimula e quer mentir» Dizei: «Elle soffre; quer que o ajudem.» Ajudae-me, pois. Fallaes de resoluções que tenho... que resoluções, dizei? Fallaes de uma carta de minha tia, a duqueza de Borgonha... que carta? Eu não sei, não adivinho, e consome-me ver-vos desse modo frios e desconfiados.

Jacques e Catharina olharam-se depois de terem com transporte verificado no rosto de Ricardo a pallidez daquelle visivel soffrimento.

— Que hei de responder-vos que vós não saibaes? replicou o rei da Escossia apoz uma pausa de alguns instantes. A nobreza deste paiz instava-me que vos exhortasse ao casamento em outro tempo planisado entre a vossa familia e a minha; dei-vol-o a conhecer muitas vezes. Finalmente, impellido cada vez mais pela impaciencia de um povo inteiro, escrevi á duqueza de Borgonha, que naturalmente podia mais sobre vós. Pedia-lhe com instancia que me prestasse o seu auxilio e me dêsse resposta depois de vos consultar.

— E ella respondeu? perguntou Ricardo com anciedade.

— Sem duvida.

— Que eu recusava?

— Certamente.

— Que eu recusava Catharina Gordon! exclamou Ricardo tomado do furor de um desespero levado ao delirio. Catharina a quem eu amo, Catharina cuja lembrança me anima e me sustenta como a minha respiração; Catharina, o anjo dos meus sonhos, o facho dos meus dias, a estrella para a qual caminho com os olhos irresistivelmente fectos na sua suave chamma... a duqueza respondeu-vos que eu a recusava!

(Continúa.)

THEATROS

Ainda Bourgeois e D'Ennery.—*As duas orphans*.—*Os francezes na India*.—Hypothese.—Um joven velho.—Alcouce disfarçado em theatro.—O primeiro predicado de uma actriz.—*Maria Angú*.—*O filho do regimento*.—*O Roi d'Yvetot* com musica de Gounod.

Eu a fallar, em minha ultima chronica, dos dramalhões de Bourgeois e D'Ennery, e dois dramalhões de D'Ennery e Bourgeois em scena!

Deste *As duas orphans*, no S. Luiz; daquelle *Os Francezes na India* no S. Pedro.

No seu genero *As Duas Orphans* é um dos melhores dramas francezes; sobre ser bem urdido, as scenas succedem-se com certa logica.

Foi traduzido pelo sr. Eduardo Garrido, que não soube, ou não quiz alijar-se de uns tantos gallicismos.

O desempenho que lhe dá a companhia do sr. Valle é, relativamente, bom.

A' vista das circumstancias do theatro em nossa terra, o publico não tem o direito de exigir muito.

E como eu penso, pensa o publico, por isso que com bem pouco se contenta.

A sra. Ismenia das *Duas Orphans* quasi que desvaneceu a má impressão que me deixou a sra. Ismenia da *Doida de Montmayour*, e a sra. Apollonia justificou o seu apregoado talento.

Não posso dizer ao leitor o que seja o drama *Os francezes na India*.

Destinei um dos dias da semana para assistir á sua representação.

Foi terça feira e por signal estava um calor de se lhe tirar o chapéo, e até mesmo as calças e o casaco.

Refestelei-me em uma cadeira, e puz-me a contar os espectadores. Eram... Não! não desanimemos o empresario. Eram tantos, que o espectáculo foi transferido, sob pretexto, já se vê, de doença não sei de que principal figura.

Receiando ficar pela segunda vez no *ora vejam*, não voltei ao S. Pedro.

Estou, porém, convencido de que nada perdi, e o leitor creio que tambem nada perderá, si lá não fôr.

No Cassino está em scena o velho *Joven Telemaco*.

O desempenho que alli dão á engenhosa comedia é horrivel, e pena é que o empresario daquelle alcouce, mal disfarçado com as sanefas de um theatro, não tenha, como aquelle mesmo Telemaco, um Mentor que lhe dê juizo.

A sra. Isolina, que faz de Telemaco, só tem uma qualidade: é ser bonitinha, o que, para certos enxovedos de plateias, deve ser o primeiro predicado de uma actriz.

Na Phenix tornou á delicia publica a exaurida e já de si gasta e regasta *Maria Angú*, coisa burlesca, lyrica e typica, que, ha perto de um anno, atravessa imperturbavel por entre este publico, que topa a tudo.

O tenor é novo; mas o sr. Machado é o mesmo, sempre a agachar-se para dizer que é o juiz da festa...

Além da *Filha de Maria Angú*, deu-nos a Phenix *O Filho do Regimento*, comedia-drama, ornado de bôa musica e de bonitas scenas.

As honras da noite couberam ao sr. Guilherme de Aguiar, que sabe ser artista.

Achei muito exquisito ouvir cantar pelo sr. Pinto a canção do *Roi d'Ivetot* com musica do *Fausto*.

Quem seria da lembrança?

ELOY, O HERÓE.

CHRONICA

Inundações. — Onomatepeias. — Venera e vénera. — Uma phrase de Victor Hugo. — O Zé Pereira. — Fanatismo dos caixeiros. — Projecto de baile. — O que corre pela bocca pequena. — O *Protesto*. — Alpha Litterario. — Os srs. Ferreira de Menezes e Frasnão-Grivet. — Verde e maduro. — O sr. Frasnão em risco de apodrecer. — Bob e Del Marco.

E o que nos dizem das inundações? Inundações por toda a parte! O termo inundação anda na berra!

Inundações de Portugal, inundações de S. Matheus, inundações do Parahyba, inundações de Campos (com *C* grande), inundações de subscrições, inundações de provocações a inundações de condecorações!...

Desculpem tantas repetições de *ões*. São onomatopeias! Expressam bellamente a catadupa das ondas, deixando a madre do rio e cobrindo povoações e plantações.

Qualquer dos cavalheiros desta cidade, que com tanto desinteresse (Sem gripho sr. typographo!), que com tanto desinteresse têm dado a mancheias dinheiro para ser enviado ás victimas de tantas e tão profundas desgraças, é credor da mais alta veneração...

Abstrahiamos o *ção*: é credor da mais alta *venera*

Ou *vénera*, como diz sensatamente (Sem gripho sr. typographo!) como diz sensatamente o sr. Furtado Coelho, nos *Lazaros*, do sr. Lino, introduzindo um bello exdruxulo na lingua.

Estes introductores!

Voltando aos caridosos cavalheiros:

Quanta abnegação!

Eu juro que as mãos esquerdas de tão beneficos sujeitos ignoram o que as direitas dão.

Os homens é que o não ignoram.

Desconfiamos muito dessa caridade ostensiva, apregoada pelas mil boccas da imprensa.

Disse Victor Hugo: Quem dá aos pobres empresta a Deus.

Parodiemos a phrase do grande poeta: Quem dá aos pobres empresta ao governo...

Olha essa Villa-Viçosa que saia!

*
* *

O popular e festejado *Zé Pereira*, patusco de boa marca, anda a espevitar as mortijas lamparinas carnavalescas, incitando os adoradores de Momo ás classicas folganças dos diabretes vermelhos e tantos outros familiares do celebrado Averno.

Os caixeiros sentem-se tomados de enguiço, e consultam os guardalivros a vêr si o saldo dá para uma franqueza.

Resposta negativa quer dizer que é preciso exercitar as unhas nas gavetas dos patrões.

Não ha duvidar.

E hade um cidadão, porque não tem saldo, representar de *Cavalheiro da Triste Figura* diante da respeitavel corporação do *clubio* ?!

Isso é que não !

Noblesse oblige.

*
* *

Contra os desejos dos emperezarios de theatros, vae a idéa aventada por alguns cavalheiros da nossa melhor sociedade, que promovem um baile á phantasia nos salões do Club de Regatas.

O intuito é proporcionar ás familias desta capital um divertimento digno de ambas, das familias e da capital.

E, a fallar verdade, lucraremos com a innovação.

Sabemos nós e sabem todos o que são os bailes carnavalescos do Rio de Janeiro : motivos para desordens e scenas de impudencia.

Vemos que nos theatros, á mistura com os escandalos, apparecem as aggressões ; o rasteiro e charro insulto substitue a pilheria estimavel e a satyra elegante ; reinam as Venus lascivas, ebrias de amor e de vinho ; por concluir, não ha immoralidade que se não pratique, nem vicio que se despreze.

Quem tem familia, e quer conservar-lhe o nome, não explica o que é corrupção á vista dos exemplos ; narra-lhe as consequencias.

Applaudindo a idéa dos iniciadores do baile, felicitamos os fluminenses.

*
* *

Corre pela bocca pequena (com certeza não é a da sra. Ismenia), e com alguma insistencia, que Senio, o auctor de tantos inspirados livros, tem parte directa ou indirecta na redacção do *Protesto*, excellente publicação, que não cançaremos de apregoar como exemplar de graça e modelo de ironia.

Escusa de occultar-se o illustrado conselheiro : o anonymo está já no dominio da verdade.

Quem tão bellamente sabe terçar armas com a satyra politica e acerar a preceito o epigramma, como o laureado prosador, por mais esforços que ponha em campo, hade deixar transluzir a espaços

e inda que não queira, o viço e as galas do talento, os esplendores e magnificencias do estylo.

*
* *

Assistimos á sessão magna commemorativa do 5º anniversario da sociedade Alpha Litterario.

Correu animada a festa, apezar da censuravel ausencia de muita. associações litterarias, que primam sempre pela sua nenhuma utilidades

Representaram a imprensa os nossos collegas da *Revista Illustrada*, e nós.

Depois dos discursos recitados pelo orador e mais membros da meza, fallaram os representantes dos Ensaio Litterarios, Atheneu Academico, Instituto Pharmaceutico, diversos convidados e socios do Alpha.

Entre os trabalhos lidos sobresairam os dos srs. professor Figueiredo e bacharel Costa Junior, talentoso collaborador do *Apostolo* (?)

O professor, com aquella erudição que todos lhe conhecem, dissertou largamente sobre o desenvolvimento das batatas no Brasil; o sr. Costa Junior respigou nas opiniões expendidas pelo seu antecessor, tracando por ultimo das theorias de Kant, de quem, disse o sympathico bacharel, foi discipulo e amigo.

Parece-nos que o sr. Costa mentiu em demasia.

Desculpe-nos a ousadia.

Comprimntamos a illustre sociedade Alpha Litterario, e fazemos votos pela sua longanimidade.

*
* *

Aos illustradissimos (Sem grypho, sr. typographo !) aos illustradissimos srs. professor Figueiredo e *bacharé* Costa Junior damos sentidos pezames por sabermos que tão cedo não apanham sorvetes e chocolate da tempera daquelles taes...que nós sabemos.

*
* *

Na questão de professores publicos trocam-se elogios entre os srs. Ferreira de Menezes e Frazão—Grivet.

O primeiro, illudindo os arreganhos dos seus antigos companheiros, encarapitou-se na tribuna da *Gazeta* e dalli esparze as perolas de seu ameno estylo; o segundo, para reparar a falta do primeiro, procurou o pinaculo dos *A pedidos* e agora o vereis.

E o que dizem elles? Que são boas pessoas, que se estimam e respeitam, etc., etc.

Ha, porém, uma circumstancia digna de nota: o sr. Grivet—Frazão diz que o sr. F. de Menezes está *verde*; o sr. F. de Menezes que o sr. Frazão está *maduro*.

Ora essa!

Si assim é, guarde-se o sr. F. de Menezes até que amadureça e coma-se o sr. Frazão—Grivet, do contrario apodrece.

Ao sr. Frazão, pois, ó apreciadores das coisas *maduras*!

*
**

Bob deixou o *Mosquito*, glorioso campo de suas melhores batalhas.

Quanta gente não folgará com tal noticia?
E Bob ainda mais.

*
**

Á *ultima hora* :

O chorudo Ribeiro já não faz parte do *Mequetrefe*.

Ah !... respiro.

É de menos um peso na imprensa.

Segundo as varias atoardas que por ahi correm, o auctor da *Bisnaga* vae encorporar-se á companhia de occarinistas para tocador de fagote.

Pelo menos o sopro é valente.

Stop !

ARMENIO EURIPEDES.

POESIA

Ideal romantico

Aquella que de amor meu peito opprime
tem o mimo galante da bonina ;
e é tão fragil, artistica, franzina,
que podia vergar-se como um vime.

Oh ! não riam-se ! Um trovador sublime *,
ao contemplar-lhe a face purpurina,
sente no cerebro a explosão da mina,
na alma as latentes convulsões do Crime !

Nas correccões avelludadas, puras,
desse todo composto de canduras
resumi para mim as leis estheticas.

E' um anjo ideal, uma chimera!
nos braços de quem eu adormecera
por uma dessas noites spleeneticas !...

S. Paulo, 1876.

A. FONTOURA XAVIER.

* Theophilo Dias.

Mouros na costa

I

O MASCATE

Ao lado da mamãesinha
Cocota sentada está ;
cose uma alva camisa.
Aos dedos que pressa dá !
Do que ella passa um posponto
ninguem melhor passará.

Tres horas mui compassadas
um grande relógio bate.
— Mamãe, vou pôr-me á janella,
não tarda a vir o mascate ;
vou comprar renda ; bem sabe
que gastou-se a do açafate.

— Já tardava ! diz a velha
a sobancelha a franzir.
E's bem teimosa, pequena !
Queres de cama cahir ?
Apanhas sol na janella,
levas a noite a tossir.

Não tarda nada o mascate,
que bate o metro na vara ;
Cocota compra, á janella,
a renda que desejava,
a qual é muito ordinaria,
mas não tem nada de cara.

(Receio minha heroína
desagradasse ao leitor,
por ter feito aos bons conselhos
que deu-lhe, com tanto amor,
mãe cuidadosa e sensata
ouvidos de mercador.)

O mascate vae-se embora ;
Cocota fica á janella.
Que faz que se não retira ?
O que mais quererá ella ?
Já são tres horas e um quarto...
Impacienta-se a bella...

Morde os labios e suspira,
suspira... por quem será ?
Dar-se-ha caso que á espera
de um namorado estará ?
Ai, meu Deus ! quem tão suave
suspiro merecerá ?

Mas eis que surge da esquina
um lindo moço e janota...
Parece estar satisfeito...
Podéra ! Avistou Cocota...
Esfrega as mãos de contente...
dos labios um riso enxota.

Palavra ! o moço é bonito,
é um guapo môcetão !
Traz calças côr de alfazema...
paletot côr de pinhão,
collete côr de tomate
e chibatinha na mão.

Luneta, e si a não trouxesse,
seria um facto até raro ;
mas que della não precisa
o namorado, está claro ;
pois, para enxergar a bella,
olha por cima do aro.

Corrente, que é tão vistosa
que mesmo ao longe se vê,
a qual nunca foi ao *prego*,
por isso que é de *plaké* ;
traz pendente uma medalha
onde *Saudade* se lê.

Abrindo-se a tal medalha,
ver-se-ha, mettidos nella,
com o esmero que merece
a minha heroína bella,
de um lado o cabello preto,
do outro o retrato della.

Chega-se o moço á janella,
debruça-se ao peitoril ;
aperta a mão de Cocota
de um modo pouco civil,
mas desculpado em quem sente
amor ardente e febril.

Eil-o immerso n'um transporte,
eil-a n'um extasi immersa ;
afinal chegam á falla ;
rompe a seguinte conversa ;
para a clareza do conto
é bom saber em que versa.

— Como passou ? — Melhorsinha ;
e você, como passou ? —
— Assim, assim... com saudades...
— Saudades ? Porque tardou ?
De dentro a velha : Cocota !
Responde a moça : Já vou !

— Vem para dentro, menina,
basta de tanto mormaço.
— Inda não veio o mascate...
— Já tens um callo no braço ;
vem para dentro, teimosa ;
Murmura a moça : Que maço !

Enquanto a velha resmunga,
e a moça nem caso faz,
vae-lhé apertando a mãosinha
o venturoso rapaz...
Está quasi roubando um beijo...
Tem medo de ser audaz!

— Mamãe, lá vem o mascate;
já vem pertinho da venda;
já agora espero por elle...
preciso muito da renda,
para botar na camisa
que é costura de encommenda.

Tem a palavra o janota:
— Como eu te amo, meu bem!
O que por ti sinto, juro:
jamais senti por alguém.
Mais do muito que te amo,
quem póde amar-te? Ninguem!

— Falla mais baixo. — Cocota,
fallar mais baixo não posso;
a minha voz, todavia,
cada vez menos engrosso...
Este instantinho tão curto,
este mesmo não é nosso.

Eu por meu gosto, Cocota,
passava a existencia aqui!
Que me importam sol e chuva
si estou tão perto de ti?
Tua mãe e a vizinhança
é que transtorna o capi...

Ella interrompe: — Me pede,
para acabarem-se os medos...
Lembra este alvitre, mettendo
os lindos, nevados dedos
do cabello do janota
nos descuidados enredos.

O moço fica vermelho
e, tendo o chapéo na mão,
começa a brincar com elle,
olharê fitos no chão.
Balbucia, titubêa...
Não diz que sim nem que não.

Mas depois de breve pausa,
visivelmente sentido:
— Tenho um desejo, murmura,

tenho um desejo insoffrido,
de te fazer minha esposa,
de me fazer teu marido.

Ai! si pudesse ser hoje,
ó virgem casta e louçan,
já teria sido hontem,
Diz uma maximan chan:
o que hoje fazer poderes
não guardes para amanha.

Mas o que queres, meu anjo?
E' tanto o caiporismo,
que ás vezes fico maluco
e até no suicidio scismo! —
Retorque a moça: Meu charo,
isso agora é pedantismo.

O rapaz não teve tempo
de protestar, e correu,
pois a mãe de sua bella,
justos ceus! appareceu;
mas não trouxera as cangalhas...
foi o que a moça valeu.

Cocota, que tem recursos,
arranjou logo a mentira:
foi do mascate (tem graça)
o vulto que a mamãe vira!
Com que confiança a pilula
a pobre velha engulira!

No momento acelerado
da viva separação,
o moço ficou com o lenço
da moça; em compensação,
o seu, de caso pensado,
deixou-lhe posto na mão.

Ao chegar á casa o moço
vê que o lenço da donzella
tem certa marca na ponta,
cujas letrtas... Ella! Ella!
não é possível mas vejam:
não são as do nome della.

Ah! interjecta o mancebo,
pois nem de tal me lembrou!
Provavelmente foi lenço
que a lavadeira trocou.
Do incidente esqueceu-se,
e, socegado, jantou.

(Continúa)

ARTHUR AZFVEDO

EXPEDIENTE

Recebidas com muito especial agrado as publicações :

MINIATURAS EM PROSA, por J. F. Pestana (Campinas). — Diz o sr. F. Pestana nas duas palavras finaes de seu voluminho : « *As Miniaturas em prosa* não resistem a uma critica sincera ; e querer ser parcial, dizendo que o meu livro vale alguma coisa é a maior offensa que se póde fazer ao auctor, que agora principia ; o que este precisa é estudo e coragem para proseguir : tem esperanza de poder um dia colher o resultado, que deseja. »

Avalie o publico do embarço em que nos collocaram.

Si dissermos que o sr. Pestana revelou disposições para a tarefa de escriptor, offendemol-o ; si, ao contrario, affirmarmos que as *Miniaturas* são de todo o ponto ruins, mentimos á consciencia.

Vem muito de molde para aqui o proloquio—*entre a cruz e a caldeirinha*.

O PROTESTO. — Em nada desmerece do anterior este segundo numero do *Protesto*.

Analysa com particular graça a bisca de tres de nossa politica e verbéra umas tantas ridiculezas, que por ahi se estadeam á luz meridia, engulhando-nos e entristecendo-nos.

Nunca as mãos lhes doam, srs. competentissimos collegas do *Protesto* !

CONTOS A ESMO, por F. Gil. — Em má hora estreou-se o auctor destes contos.

Sem feição litteraria definida ; descurando das mais comesinhas praxes deste genero de escriptos ; com um estylo atravancado de francesismos e um *humour* que, por transcendental ou nebuloso em excesso, só o auctor comprehende : eis ahi o que é o que vale o volume do sr. F. Gil.

E nem se pense que damos demasiada importancia a esta questiuncula do estylo ; temos para corroborar nossa opinião estas sentenças da grande auctoridade de Th. Gautier : *Que manque-t-il donc au MARIAGE D'ARGENT ? Une toute petite chose : le style . . . Le style c'est la trempe de l'acier, c'est l'émail sur la dent, la goutte d'ambre sur le brin d'herbe, c'est le marbre au lieu du plâtre, l'airain au lieu de la cire ; c'est la durée, c'est l'éternité !*

Demais disto, o auctor tem amor desmedido á descripção : a proposito do menor incidente derrama-se por interminaveis esboços de uma natureza, que tanto póde ser americana, como chinesa ou indostanica. Nada tem de caracteristico nem verdadeiro : vê-se bem que aquillo foi traçado *a esmo*, entre dous bocejos e o chylo de uma orelheira afeiçoada.

Como, porém, devam ser aproveitados todos os estimulos, encaminhadas todas as vocações, devidamente aquilatados todos os esforços, commendamos ao sr. F. Gil a leitura e convivencia dos contos de Machado de Assis, o unico entre nós que, neste particular, merece louvado.

PERIODICOS.—*Revista Illustrada, Reforma, Mequetrefe, Diabrete, Jornal do Recife, Diario de Pernambuco, O monarchista, Diario de Campinas, Tribuna pharmaceutica, Diario de S. Paulo, Provinciano, Diario de Noticias (Bahia), Aurora, Diario de Minas, Liberal Victoriense, Itatiaya, Monitor Campista, Ipanema, Espirito-Santense, Echo Bananalense, Echo do Sul, Mercantil, O commercial, Gazeta Mercantil, O conservador, Revista Gabriellense, A esperança, Theophilo Oltoni, Monitor do Norte, O despertador, Jornal do Pará, Jornal do Commercio (Porto-Alegre), Dezenove de Dezembro, Jornal do Commercio (Pelotas), Echo da fronteira, O popular, Correio de Cantagallo, A Eschola (Côrte), Tribuna Liberal, e Pirassununga.*

A' COMMISSÃO DE SOCCORROS ÁS VICTIMAS DAS INUNDAÇÕES DE PORTUGAL E CAMPOS. — Muito agradecidos pelo honroso convite para a conferencia, na Phenix Dramatica, do sr. J. C. Lima e Castro

Sr. P. C. — Tenha paciencia. O seu artigo não póde ser publicado.... por muitas razões.

AOS SRS. ASSIGNANTES. — Eloy o heroe acaba de communicar-nos que nada tem havido de novo pelos theatros, depois de sua ultima chronica; por isso hoje brilha pela ausencia.

MATHEMATICA

LVIII

Divisão fundamental da Mecanica racional

Duas são as ordens geraes de questões do dominio da Mecanica racional: as que se referem ás condições do equilibrio e as que dizem respeito ás leis do movimento.

Dahi a divisão fundamental da sciencia em *Statica* e *Dynamica*.

Basta o simples enunciado desta divisão, para que immediatamente se perceba a sua imperiosa necessidade.

Além da differença notavel que existe entre essas duas classes geraes de problemas, comprehende-se que as questões de *Statica* devem, em geral, ser tractadas com muito maior facilidade que as questões de *Dynamica*.

Provém isto de que, nas primeiras, faz-se abstracção do tempo; isto é, o phenomeno a estudar sendo instantaneo, não ha necessidade de ter em attenção as variações que as forças do systema possam soffrer nos diversos instantes successivos.

Ora, esta consideração tornando-se, pelo contrario, indispensavel em *Dynamica*, vae ahi constituir um elemento fundamental de mais, e portanto, originar uma das principaes difficuldades.

Resulta desta differença radical, que toda Statica, quando é tratada como um caso particular da Dynamica, corresponde apenas á parte mais simples da sciencia: a que se refere á theoria dos movimentos uniformes.

A importancia da divisão procedente patentea-se brilhantemente, quando se observa a historia geral do desenvolvimento do espirito humano.

Vê-se, com effeito, pelas bellas investigações de Archimedes, que os antigos tinham adquirido alguns conhecimentos fundamentaes relativamente ao equilibrio, quer dos solidos, quer dos fluidos, embora estivessem ainda mui longe de possuir uma Statica racional verdadeiramente completa.

Pelo contrario, ignoravam completamente a Dynamica, mesmo a mais elementar; a creação desta sciencia, inteiramente moderna, é devida a Gallileu.

Estabelecida a divisão fundamental da Mecanica racional, consideremos a importante distincção que nasce da separação, tanto em Statica como em Dynamica, entre o estudo dos solidos e o estudo dos fluidos:

Por mais essencial que seja esta divisão, deve ella ser collocada em segunda linha, e estar subordinada á anterior, como muito bem o estabeleceu Lagrange; porque, dar-lhe os fóros de divisão principal, como se costuma fazer nos tractados ordinarios de Mecanica, é exaggerar muito a sua influencia.

Os principios essenciaes da Statica e da Dynamica são, na verdade, os mesmos para os fluidos e para os solidos; o que apenas ha de particular é que os fluidos exigem que se ajunte ás condições caracteristicas do systema mais uma consideração, a relativa á invariabilidade de fórma, que em geral define a sua constituição mecanica especial.

Mas, ainda assim, é facil comprehender a extrema importancia desta distincção, e reconhecer mesmo, o quanto deve ella augmentar a difficuldade fundamental das questões, já em Statica, já principalmente em Dynamica.

Porque esta completa independencia mutua das moleculas que caracteriza os fluidos, obriga a encarar isoladamente cada molecula, e por consequencia, a considerar sempre um systema composto de uma infinidade de forças distinctas.

Dahi resulta, para a Statica, a introduccção de uma nova ordem de investigações que se referem á figura do systema no estado de equilibrio, questão, por sua natureza, muito difficil, e cuja solução geral está ainda pouco adiantada, mesmo para o caso da gravitação universal.

A difficuldade, porém, é mais sensivel na Dynamica.

Com effeito, a obrigação em que então nos achamos de considerar á parte o movimento proprio de cada molecula, afim de fazer um estudo verdadeiramente completo do phenomeno, introduz na questão, encarada sob o ponto de vista analytico, uma complicação tal, que não pôde ainda ser vencida, mesmo no caso simplicissimo, de um fluido apenas movido

pela acção da gravidade, sinão por meio de hypotheses precarias, como as de Daniel Bernouilli sobre o parallelismo das camadas, hypotheses estas que alteram de um modo notavel a realidade dos phenomenos.

Compreende-se, pois, em these geral, a maior difficuldade da Hidrostatica e sobretudo da Hydrodynamica, relativamente á Statica e á Dynamica propriamente dictas, que se acham, na verdade, muito mais adiantadas.

E para se ficar fazendo nma idéa justa a respeito desta differença fundamental accrescentaremos que a definição caracteristica pela qual os geometras distinguem os solidos dos fluidos em Mecanica racional, é, tanto para os primeiros como para os segundos, uma representação exaggerada, e por conseguinte, infiel da realidade.

Com effeito, relativamente aos fluidos, é claro que as suas moléculas não se acham neste estado rigoroso de independencia reciproca em que suppomol-as em Mecanica, sujeitando-as apenas a conservarem um volume constante, si tracta-se de um liquido, ou um volume variavel segundo uma funcção dada da pressão, si tracta-se de um gaz.

Grande numero de phenomenos naturaes são, pelo contrario, inteiramente devidos á adherencia mutua das moléculas de um fluido, que neste caso é muito menos pronunciada do que nos solidos.

Esta adhesão de que se faz abstracção para os fluidos mathematicos, e que parece realmente impossivel de ser tomada em consideração satisfactoriamente, determina, como se sabe, differenças muito notaveis entre os phenomenos effectivos e os que resultam da theoria, quer para a Statica, quer para a Dynamica.

Um exemplo disto, temos no phenomeno do escoamento de um liquido pesado por um orificio determinado, em que a observação afasta-se sensivelmente da theoria, quanto a despeza do liquido n'um tempo dado.

Embora a definição mathematica dos solidos represente com muito maior approximação o seu verdadeiro estado, offerecem-se, todavia, repetidas occasiões de se reconhecer a necessidade de ter em conta em certos casos a possibilidade de separação mutua que existe sempre entre as moléculas de um solido, desde que as forças a estas applicadas, adquirem uma intensidade sufficiente; possibilidade esta de que se faz completa abstracção em Mecanica racional. E' o que facilmente póde ser verificado, sobretudo na theoria da ruptura dos solidos, que, esboçada por Gallileu, Huygheus e Leibnitz, se acha ainda hoje n'um estado muito imperfeito, e mesmo precario, não obstante os trabalhos de muitos outros geometras, e cuja importancia, no emtanto, para esclarecer muitas questões de Mecanica terrestre, principalmente de Mecanica industrial, está ao abrigo de toda a contestação.

Deve-se, todavia, observar que esta imperfeição é muito menos sensivel e muito menos importante que a relativa á Mecanica dos fluidos.

E a razão está em que ella de modo nenhum póde influir nas

questões de Mecanica celeste, que constituem a principal applicação, e talvez a unica verdadeiramente completa, da Mecanica racional.

Finalmente, devemos ainda assignalar, na nossa Mecanica, uma lacuna, secundaria é verdade, mas que tem sua importancia, relativamente á theoria de uma classe de corpos que se acham n'um estado intermediario, entre a solidez e a fluidez rigorosas, e aos quaes se poderia chamar *semi-fluidos* ou *semi-solidos*, como sejam, por exemplo, de um lado, as areias, e de outro, os fluidos em estado gelatinoso. Apresentaram-se algumas considerações racionaes sobre estes corpos a que deram o nome de *fluidos imperfeitos*, sobretudo, relativamente. ás suas superficies de equilibrio.

Mas a sua verdadeira theoria ainda não foi estabelecida de um modo geral e directo.

.....
 Appreciado o character philosophico que distingue a Mecanica racional, encarada em seu conjuncto, passemos agora, considerando sob o ponto de vista philosophico a composição effectiva da sciencia a examinar como, pelos importantes trabalhos successivos dos maiores geometras, esta segunda secção geral tão extensa, tão essencial, e tão difficil da Mathematica concreta, pôde ser elevada a este eminente grau de perfeição theorica que attingiu no admiravel tractado de Lagrange, o qual nos apresenta todas as questões abstractas que ella é susceptivel de offerecer, reduzidas, por meio de um unico principio, a só dependerem de investigações puramente analyticas, como se dá com problemas geometricos depois da revolução de Descartes.

(*Continúa.*)

ASTRONOMIA

Theoria geral das parallaxes

VI

(*Conclusão*)

Dissemos anteriormente que a parallaxe é de todo insensivel no caso das estrellas. Demonstremol-o mathematicamente.

Sendo $\text{sen } P = \frac{r}{R}$, a formula que nos dá o valor maximo da parallaxe, segue-se que quando R crescer, P diminuirá a ponto de, quando R fôr infinitamente grande, P será infinitamente pequeno, e por consequencia quasi nullo.

Daqui a razão porque podemos deixar de considerar esta especie de correccão para com os astros exteriores ao nosso mundo, visto como então é realmente indifferente suppôr o observador collocado no centro da Terra, ou em um ponto qualquer de sua superficie.

Todos os astros interiores, pelo contrario, sem exceptuar os mais distantes, devem experimentar sempre uma tal correccão, si quizer-se obter uma determinação exacta.

Produzindo-se todo o effeito da parallaxe no plano que passa pelo centro do astro considerado, logar de observação, e centro da Terra, visto como os dois raios visuaes estão neste plano, dissemos que ella não modificava os azimuths.

Mas, póde-se erigir esta conclusão em principio absoluto?

Affirmam muitos astrônomos que a parallaxe não actúa sobre os azimuths.

Si a Terra fosse rigorosamente espherica, esta proposição não soffreria a menor contestação; sendo, porém, ellipsoidal, ha uma pequena influencia da parallaxe sobre os azimuths, influencia que cumpre ter em linha de conta nos calculos em que se exige o maior rigor possível.

Examinemos rapidamente os effeitos da não esphericidade da terra, e conforme os dados da observação, consideremos o nosso globo como um ellipsoide de revolução em torno do seu pequeno eixo, o qual coincide com o eixo de rotação.

Neste caso, a linha tirada do logar de observação ao centro da Terra não coincide com a vertical; faz, pelo contrario, com ella um angulo muito pequeno no plano do meridiano.

A linha que une o centro da Terra ao ponto onde se acha o observador, marca, quando prolongada até encontrar-se com a esphera celeste, um ponto que se chama *zenith verdadeiro* do logar de observação; ao passo que, o ponto marcado pela vertical prolongada é chamado *zenith aparente*.

Ora é evidente que, no caso da Terra ellipsoidal, a parallaxe actúa do mesmo modo que no caso della espherica para modificar as distancias de um astro ao *zenith verdadeiro*, mas este é então distincto do *zenith aparente*, ao passo que, no caso da esphericidade, o *zenith verdadeiro* e o *zenith aparente* se confundem.

Quanto aos azimuths, si fossem medidos em torno do *zenith verdadeiro*, não seriam modificados pela parallaxe; mas assim não acontece quando são medidos em torno da vertical do logar de observação.

Diremos, todavia, com Augusto Comte, que a leve falta de esphericidade do nosso globo não exige que seja tomada realmente em linha de conta no calculo das parallaxes, onde se deve procurar não complicar as formulas por uma pueril affectação de precisão illusoria ou superflua.

AS APPREHENSÕES DE ROSINHA

CONTTO

(Continuação)

II

Era a nossa menina filha da sra. D. Therezinha do Amaral.

O sr. Amaral, marido desta e pae de Rosinha, apesar de ter recebido na pia o nome de José, não se parecia com nenhum de seus homonymos da Escripura. Quero dizer, nem casto como um, nem cri-

cumspecto como o outro. O sr. José era um jogador de primeira força; enthusiasmava-se demais nos jantares, e tinha um pouco de Lovelace... em segunda edição.

A trindade do vicio estava escripta em sua fronte larga e espaçosa: elle adorava as mulheres, o jogo e o vinho!

Que era um inferno a vida de D. Theresinha, é já inutil dizer.

Comtudo, o sr. Amaral vivera muito bem com a esposa durante os dois primeiros annos de casado.

Que antithese! Então era um ceu aberto! Houve muito quem invejasse a vida dos dois até o nascimento da primeira e unica filha, Rosinha. A tempestade, naquelle caso, succedera á bonança.

Si algum amigo mais intimo, tocando na questão, perguntava ao sr. Amaral si havia alguma causa para aquella transformação, elle respondia:

— Motivo nenhum... Não sei... Aborreci-me, ahi está... E' uma desgraça, eu conheço.

No emtanto o amor de D. Therezinha crescia na rasão directa do desapego do marido. Por fim, seu orgulho de mulher revoltou-se; a muita amizade transformara-se então em odio inveterado. Dessa epocha em diante, fôra uma lucta de gigantes a vida dos dois.

Quando Rosinha teve consciencia de si, encontrou em casa aquelle quadro desanimador, aquellas scenas em nada edificativas.

A pobre creança chorava, quando via a mãe chorar, e seu coraçãozinho puro começou a desamar o algoz de D. Therezinha.

Em casa dos tres habitava mais uma quarta pessoa, a sra. D. Moça, amiga velha de D. Therezinha, viuva dois dias depois de casada, e irman do sr. José do Amaral. Era a perola das cunhadas. Sua persistencia naquella casa fôra uma felicidade; consolava a esposa martyr e distrahia a creança innocente.

A sra. D. Moça guardava no coração um grande resentimento, um desgosto tal que, por vezes, lhe arrancava lagrymas: ter um irmão como o sr. José do Amaral.

Naquelle meio mephitico creara-se Rosinha. Que esperanza podia daquelle modo encher-lhe a vida? Mas a lei da natureza é fatal. Assim como aos primeiros albores da aurora os passaros saúdam, entre atitos e cantares, as flores, a luz, o bom tempo; assim aos treze annos o coração de Rosinha entoára as primeiras notas de um hymno ao amor. Começara a viver naquella idade. Era um idyllio, um platonismo infindo, um primeiro amor finalmente.

Elle chamava-se Marçal; os dois eram amigos de infancia. Dir-se-iam Paulo e Virginia. Muitas vezes, ao pôr do sol, encontravam-se debaixo de uma arvore do jardim; ella, arrepanhando a saia, trazia o regaço cheio de flores; elle, como o namorado do romance, offerencia-lhe, cheio de enleio, um ninho: e as prendas eram trocadas entre beijos.

Mas ah! que pensamento cruel vinha ennevoar aquelle cerebro juvenil? Rosinha, de repente, desatava a chorar. O que sentiria? Marçal perguntava-lh'o entre abraços e caricias.

Rosinha respondia-lhe n'um arrulho :

— Tudo isto é uma illusão ! Eu não creio na felicidade, Marçal... Hei de ser muito infeliz, muito, muito !... E' tão gostosa a felicidade !

— Você não vê ? E' ella mesmo que a embriaga, minha flôr ! Que pensamentos estes, louquinha !

— Oh, a felicidade !... E porque havia eu de ser feliz, si mamãe é tão desgraçada ?

— Olhe, Rosinha ; veja como o sol se some alli no horizonte... o fogo de meu peito é mais forte, é mais generoso ainda que o dos raios daquelle astro ; o sol descamba, deixa a face da terra ; o meu amor é sempre intenso, é eterno para você !...

Fazia-se por algum tempo silencio ; mas depois os dois entretinham-se de novo n'uma garrulice sem fim.

Aos quinze annos Rosinha amava apaixonadamente ; mas sua imaginação matava-a !

No dia em que regeitou a mão de Marçal, os paes se tinham divorciado. Amaral, nos seus desgarros brutaes, ousára levantar a mão para a mulher.

— Você não sabe ? dissera Rosinha a Marçal extatico a escutal-a, o casamento é o inferno, e nós devemos estar sempre no ceu !...

Seu companheiro de infancia, a sombra de sua alma, o escravo de seus desejos, fôra o primeiro a receber o golpe terrivel.

O coração de Rosinha sangrou tambem ; si ella não succumbiu, foi porque sua mãe inda soffria na terra.

III

Quando lhe appareceram os segundo e terceiro casamentos, ainda lhe estavam mui patentes no coração as recordações de Marçal. Sonhára com elle toda a noite ; via-o acenar-lhe de entre as nuvens ; e para ella eram tão cheias de verdade aquellas scenas que lhe suggeria á noite a imaginação, como as que seus olhos viam de dia. Para aquelle ser gentil era o sonho um *aviso do ceu*.

Rosinha compungiu-se ao negar a mão áquelles dois moços, que a amavam tanto ; mas ao retirar para a alcova, disse entre lagrymas, como si se dirigisse a uma sombra, que se lhe antolhasse :

— Não se assuste, meu querido ; guardo-me só para você. No ceu deve a gente ser eternamente feliz !

Ao virem os quarto e quinto apaixonados, D. Therezinha morava com a filha e D. Moça n'uma casinha da cidade, e passavam uma vida mais descansada. Usufruiam uns restos da immensa fortuna ; deslisavam-se-lhes dias mais deliciosos do que muitos da epocha de mais ouro. Naquelle tempo estavam quasi desvanecidas do espirito daquelle gente as scenas feiissimas percursoras do divorcio.

Dir-se-ia que o coração de Rosinha se enregelára e atrophiára, não obstante correr-lhe cada vez mais vivo nas arterias o sangue de mulher.

Ao quarto infeliz namorado escrevêra a moça nas costas da mesma carta delle :

« Acho-o romantico demais para a epocha : será defeito meu ; si é, peço-lhe desculpa.

« Uma outra grande infelicidade do sr. está em se ter deixado fascinar *tão somente pela minha belleza peregrina*. Ah, meu charo doutor ! « a belleza é uma caveira » ; descarna-se o corpo e ella foge ; fugiria com ella *o amor que lhe não cabe nas arcadas do peito* (!) »

Ao velho, quinto pretendente, que até chorára e se ajoelhára a seus pés, ella respondeu meio risonha :

— Pois o sr. não me confessou ha pouco ser seu amor uma *flôr nascida entre o gelo*? O poder transmissivo do gelo é terrivel ! Enregela, estiola, mata homens, arvores, animaes immensos ; quanto mais uma pobre flôrinha !...

— E' um engano, minha sra. : esta flôr nascida em meu coração é a metamorphose de uma faisca de seu olhar.... De uma lagryma de Christo nasceu Eloá ; não é muito que o calor, que a sra. me infiltrou aqui dentro, rarefaça mil vezes mais gelo do que todo o que por ventura ahi existe !...

— Obrigada pelo galanteio. Mas o sr. não comprehende que são sempre rachiticos, e travam, os fructos da arvore velha !...

O sr. Sizenando, que assim se chamava o velho, não ouviu o resto ; quando Rosinha o procurou, já o homem havia sahido. Pobre velho !...

— Eramos um avô e uma neta.

Rosinha riu-se muito ; mas não descansou emquanto não teve a certeza de que o velho não se fôra atirar ao mar.

(*Continúa*)

PAULO SALEMA

ROSA BRANCA

— Aqui está a carta della, disse Jacques maravilhado tambem e que contemplava este quadro phantastico do feroso mancebo desvairado pela paixão, da joven palpitante que sorria desfallecida nos braços de sua ama, e desta ultima fascinada pelo olhar scintillante e pela seductora belleza de Ricardo.

Este pegou avidamente no pergaminho que o principe lhe apresentava. Devorou-o primeiro, depois leu com sombria e concentrada attenção cada phrase, cada palavra, cada letra daquelle escripto em que a duqueza affirmava que o duque de York tinha declarado não querer ouvir fallar de similhante casamento, reservando-se para o futuro.

Arripiaram-se-lhe os cabellos de horror. Era então bem verdade que estava senhora de sua sorte a mulher audaz que assim dispunha delle sem o ter avisado da resposta que pretendia dar !

A sombria surpresa de Ricardo durante a leitura interpretou-a Jacques como o choque de uma revelação com que não contava. Quanto ao desventurado York, soffreria menos rolando vivo do paraiso ao fundo das voragens infernaes.

— Visto isto, disse elle para si com angustia, a duqueza minha tia não quer que eu despose Catharina! Assim, estive a ponto de perder para sempre este anjo por causa della! Assim, estúpida imagem, joguete ridiculo de não sei que tenebrosa politica, dão-me e tiram-me, sem me fazerem a honra de receiar a minha resistencia! Mas então quem sou eu, exclamou elle de repente mordido no coração pelo orgulho e pela raiva, para me deixar arruinar assim na minha honra e na minha felicidade? Sou o doido Perkin ou o principe renegado?

O desvairamento e a dôr de Ricardo tinham sensibilizado Jacques, commovido Catharina a ponto de a fazer chorar, e a supersticiosa Suzana orava por elle ás selvagens divindades do seu paiz.

— Ricardo, replicou emfim o rei da Escocia, o que Catharina queria persuadir-vos antes de mais nada, era que ella não participa do resentimento dos seus compatriotas, nem do seu proposito de se separarem de vós. O seu empenho era dizer-vos que sois livre para com ella de tudo quanto vosso pae porventura promettesse á sua familia, e estou certo que a sua partida para a solidão vos convencerá da nobreza e do desinteresse da sua amisade.

— A sua partida! exclamou Ricardo despertando do seu funebre torpôr. Ella quer deixar-me?

— A sua barca está além defronte das vossas janellas; podeis ver as velas aspirando o vento.

— Nunca! disse Ricardo, presa de um sombrio furor. Nunca haverá coisa nenhuma capaz de separar Catharina de seu amigo de infancia; nunca haverá força que obrigue Ricardo a trahir a palavra de seu pae.

Em seguida, precipitando-se para Jacques, cujas mãos tomou com affectuosa violencia:

— Daes-m'a? disse ella; peço-vol-a eu, peço-a á Escocia, peço-a publicamente. Chamae! chamae! venham-me ouvir declarar aqui que eu amo e que ella hade subir comigo ao throno de Inglaterra. Abram a egreja; quero conduzil-a já ao altar!

Catharina, enebriada, avançou alguns passos e foi cahir aos pés do seu amante, que a apertou em avido abraço.

Alguns instantes depois, esta noticia, pairando sobre Edimburgo, arrancava ao povo gritos de alegria, aos soldados brados de entusiasmo. O ruido dos sinos, da artilharia, rolava em fortes echos da montanha ao rio; um canto de guerra e de triumpho despertava a bellicosa Escocia, e Ricardo, respirando a longos haustos como ao sahir de uma pressão sufocadora, exclamava com um sorriso de heroe:

— Quanto é facil ser feliz!

Kildare queria, por attenção para com a duqueza de Borgonha, retardar o annuncio e a celebração deste casamento até o regresso de uma embaixada, que Jacques e Ricardo acabavam de enviar á altiva soberana para a informar de um acontecimento tão contrario aos seus projectos; mas o duque de York oppoz-se a isso tanto mais resolutamente quanto maior tinha sido a paciencia com que até então obedecera. Além disso um povo inteiro, ebrio de felicidade, o impellia a precipitar este desenlace tão longamente deferido.

A prudencia aconselhava, dizia elle, a aproveitar este calor do reconhecimento das tribus. O amor não no aconselhava ainda mais alto do que a prudencia? Todos aquelles cerebros juvenis se incendiariam e se lançariam ardentemente pelo novo caminho em cujo termo entreviam a gloria e a ventura.

Foi resolvido em conselho que immediatamente apoz a celebração do casamento, cuja pompa e solemnisação se deferiram até a primeira victoria, o joven principe sahisse da Escocia e marchasse para Londres a frente do seu exercito, cuja fadatica dedicação não permittia nenhuma duvida a respeito do esplendido exito desta expedição.

XV

No emtanto a embaixada tinha chegado á côrte da duqueza de Borghona, e havia-a informado dos projectos de união formados pelo principe de York e approvados pelo rei de Escossia.

A esta noticia viram empallidecer Margarida. Ella perguntou tremendo si o duque, si Catharina não tinham accrescentado algum commentario intimo a esta mensagem official; e como lhe fosse respondido que não, entrou em uma dessas silenciosas coleras mais terriveis talvez do que o eram em outro tempo os expansivos furores do Temerario, seu esposo.

Dir-se-ia que a verdade, a audaz revelação da sua impostura ia escapar-lhe dos labios. Como uma nausea de febre, aquelle segredo subiu-lhe do coração á garganta. Mas a invejosa inimiga de Henrique VII apreciava em mais os seus odios que as suas amizades. Uma declaração da sua bocca impedia Jacques de se comprometter por causa de um sycophanta; impedia Catharina de ligar para sempre o seu destino a um falso principe, filho equivoco de um judeu; porém esta declaração perdia a causa de York, discontentava para sempre a Inglaterra da Rosa Branca, firmava inabalavelmente Lancastre no throno. Margarida devorou a sua dôr, a sua vergonha, abafou a consciencia e calou-se. Queria reinar.

(Continúa)

 CHRONICA

Apresentação do Chico Picanço. — V. Hugo no *quemadero*. — Banhas e litteratura. — Critica do *Cabelleira*. — A *Reforma* e os classicos. — *Padre Belchior de Pontes*. — S. Sebastião, a Camara Municipal e a empreza Gary. — Coisas imprestaveis. — Resurreição do *florido alecrim* e da *grande arnica*.

No roda-pé da *Gazeta*, á medida que o discreto e talentoso Tragaldabas satyrisa muito proveitosamente os desmandos politico-parlamentares, estadea-se um malaventurado Chicco-Mathematico, que, com grande gaudio dos homens risonhos, e immenso desgosto nosso, saiu ao encontro do poeta Miranda, cujas *Primeiras estrophes* Chico elogiou, ou antes, prejudicou.

Dizemos que prejudicou, por não dizer verdade de melhor cunho, porém de maior travor.

Percebem-se no folhetim, publicado na *Gazeta* de 26 do passado e assignado pelo sr. François Pivert, os cruentos arrancos de um espirito mais propenso ás indagativas algebricas, que aos sinceros preceitos de critica litteraria.

O intruso folhetinista colloca o sr. Miranda a par de Fagundes Varella, Casimiro de Abreu, A. de Musset, A. Lamartine....e iria longe si soubesse que existiram e existem outros poetas de nomeada.

Atrelou-se o critico a sedições logares communs, condimentando-os com bernardices correlativas, e, afinal, erra citando em falso um trecho de V. Hugo.

Francisco Pivert citou:

Respectez la femme qui tombe!

Errata:

Oh! n'insultez jamais la femme qui tombe!

O segundo trecho é de V. Hugo; o primeiro não se sabe ao certo de quem é.

Até o poeta das *Lendas dos seculos* soffreu!

*
* *

Nunca perdoaremos o arrojo com que alguns individuos, pauperri-mos de cabedal litterario e sem conhecerem, a preceito, as mais elemen-tares regras de grammatica, se intromettem no elevado e perigosissimo exercicio da critica.

Não é raro tomar o leitor um livro e estacar diante da carta-prologo assignada pelo sr. José Tigre, ou qualquer nome tão indicativo de fero-cidade e desconhecido como o do sr. Tigre, por cuja auctoridade ninguem responde.

O que faz o leitor?

Deixa de lêr o livro, que póde ser bom, e ajuiza mal do auctor, por-que a assignatura da carta-prologo não tem respeitabilidade.

*
* *

Quem é François Pivert?

Onde está o seu valimento em materia litteraria?

O sr. François Picanço, consoante informações insuspeitas, pertence ao sexo masculino (podia pertencer ao neutro), vive agoniado sob o peso de enormes enxundias, tem a viscera cerebral encravada entre espessas camadas de tecido adiposo, e por mais cuidado que ponha em limpar um pensamento, escapa-se-lhe este antes de terminada a limpeza, resul-tando de semelhante caiporismo uma fama pouco aceiada para o auctor.

O valimento consiste em ter o sr. François Picanço Francisco Pivert da Costa Barreto, á força de penoso capricho, fabricado uns *versos*; mas ainda assim foi o *capricho comico*:

E porque os fabricantes de versos entendem do riscado, o sr. Picanço arroga-se o direito de criticar.

Sabemos que o folhetinista da *Gazeta* e critico do sr. Miranda Osorio tem boas banhas, e por isso o respeitamos.

Como poeta, *jamais*. Como critico, *vade retro!*

*
* *
Lê-se no *Liberal Victoriense*, de Pernambuco :

« O CABELLEIRA. — E' este o titulo de um interessante romance, enredo e costumes desta provincia, occupando-se quasi exclusivamente desta cidade da Victoria, onde o celebre Cabelleira foi terror.

« Não tivemos o prazer de lêr esta historia pernambucana, cujo auctor é de nós assazmente conhecido. »

O *Liberal Victoriense* sabe :

1º que o *Cabelleira* é interessante, com o que não concordamos apesar da critica de nosso erudito mestre sr. conselheiro José Feliciano de Castilho ;

2º que o enredo e os costumes são daquella provincia ;

3º que a obra occupa-se quasi exclusivamente daquella cidade da Victoria, e, finalmente...

4º que ainda não leu o romance !...

E' muita sabença !

*
* *
Já se não deve escrever em lingua portugueza.

Aos que tal ousarem oppõe a *Reforma* solemne embargo.

Leia-se o n. 17 daquella folha em que vem publicado o juizo ácerca do excellente romance *Padre Belchior de Pontes*, por Julio Ribeiro.

Desfaz-se o censor em encomios ao sr. Ribeiro pela agradavel escolha do assumpto, bem acabado das scenas e optima urdidura do enredo; tudo é bom, diz o escriptor da *Reforma*, salvante a linguagem, que é condemnavel por ser classica, portugueza de lei.

Na opinião do collaborador da *Reforma*, um livro perde de merecimento porque o auctor, sendo brasileiro, teve a má idéa de escrevel-o em portuguez.

A razão é esta : si o auctor é brasileiro, porque não escreveu o livro em sua lingua ?

Como anda derrancado o gosto pelos lusitanismos !

No Brazil, no seculo XIX, ao portuguez classico prefere-se até o vanconço plebeu !

Horresco referens !

*
* *
S. Sebastião, acompanhado de numeroso sequito, deu o seu passeio annual pelas ruas de maior transito e commercio.

Mettia vista a procissão.

Os irmãos vestiam os balandraus ennodoados e seguiam, patuscos e soturnos, pensando talvez na resposta que dariam á missiva cheirosa da amante, ou no meio mais rapido de calar as iras do proprietario, a quem porventura devem os alugueis de um anno.

Lá iam tambem uns sujeitos de chapéu mitrado, o pastor apedrejado pelas ovolhas e o sr. Conego Ferreira, o que quer dizer, a clerezia em peso.

Ao voltar á casa, dizem, S. Sebastião queixou-se da empreza Gary e da Camara Municipal, concluindo nestes termos :

— Não ha negar ; são dous fócios de immundicie.
E tinha as suas razões o padroeiro do Imperio.

*
* *

Nas guardas avançadas quer-se gente lépida, de canella fina e lume no olho ; quem fôr lerdo, tiver redenho ou papada, veus de cataracta na retina, não serve para encargo de tamanha responsabilidade e que tão de perto implica com a segurança do respeitavel proximo.

Depois de saber disto, póde um homem, ou mesmo uma mulher, assumir posição tragica, prover de ar os pulmões, e despedir com força esta verdade :

O redactor SUINO é incapaz !

Basta, sr. chronista ! dirá o generoso leitor ; si está provada a incapacidade do Cesar apostolico, mande-o para a arrecadação das coisas imprestaveis.

Não ha de ficar só : terá por companheiro um sujeito *anormal*, que já lá devia estar.

E dizem-se guardas avançadas de uma idéa....

Que guardas, e que idéas!...

*
* *

A' *ultima hora* :

O sr. Ferreira Vianna, ao acabar a defeza do reu Alexandre Pereira, teve engulhos de erudição.

O Dr. J. Capote deu a cheirar a S. Ex. essencia de *florido ale-crim* e applicou-lhe a *grande arnica*.

O sr. Ferreira Vianna vae melhorsinho, graças a Deus, e ao Dr. Capote

ARMENIO EURIPEDES.

POESIA

A PEREIRA SIMÕES

Deixa correrem os annos,
como as folhas na floresta ;
não pensemos nos enganos
desta vida que nos resta.

Ao perfume eterno e puro
da fresca flôr da amizade,
nos abre a porta ao futuro
um sonho de felicidade.

Junho, 14, 1876.

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

Mouros na costa

(Continuação)

II

AO SERENO

Quando a noite vem vindo e os lampeões se acendem,
 e os sujos vendelhões o kerosene vendem
 á creoula, que pede um phosphoro de quebra,
 no verde peitoril Cocota se requebra
 a despeito da mãe. A velha considera
 que o sereno faz mal: a catharreira altera.
 A mãe é carinhosa: admoesta e exhorta;
 a filha é mal ouvida; a filha não se importa.
 Toma-lhe a physionomia o ar de quem aguarda
 alguém que, com effeito, a apparecer não tarda.
 Surge da esquina um moço. O perfido sereno
 faz com que a moça tussa... A tosse é um aceno...
 Entende o moço e vem... Alegra-se a donzella...
 Em tres segundos elle está ao lado della.
 Mas, ó leviandade! ó cabecinha ouca!
 Cocota, Cocotinha, acaso estarás louca?
 De tua guarda aonde está mettido o anjo?
 Porque paragens erra esse feliz marmanjo
 que guarda, sem cuidado, um anjo como elle,
 e foge quando o demo o teu pesinho impelle
 para abysmo voraz? O demo te despenha,
 e elle o seu dever, ó ceus! não desempenha!
 O moço que conversa agora no passeio
 não é o mesmo, não, que ás tres e um quarto veio...
 Mas não quero fazer um juizo imprudente:
 bem póde ser o moço apenas um parente;
 um saudoso irmão que venha ver Cocota
 e, emquanto não entra, o comprimento esgota.
 Ouçamos o que diz:

— Meu bem... (Mal principia:
 realisada vejo a minha prophacia...)
 Meu bem, não pude vir mais cedo. Me desculpa?
 Muito me demorei, porém não tive culpa. —
 Vae lhe beijar a mão assetinada e casta;
 de dentro grita a mãe: Cocota, vem! Já basta!
 — Mamãe está me chamando; adeus! — Já vaes te embora?
 Separação cruel, pois eu cheguei agora!
 Vaes para dentro, ó anjo! Horrivel despotismo!
 Quer-te a mamãe ao lado? O' aspero egoismo!
 — Tudo terá um fim si me pedir... — E' exacto:
 tudo terá um fim si te pedir: é facto.
 O noivo entra p'ra a sala; o namorado cansa
 as pernas na calçada, exposto á vizinhança;
 o noivo é tão feliz! penetra e permanece
 por quanto tempo quer; o namorado, esse
 sujeita-se do povo ao perfido motejo;
 nem mesmo na mãosinha arriscar póde um beijo. —
 Dizendo isto o moço (oh! que sem cerimonia!)
 provava que a sentença era sentença erronea.
 — Com que prazer (Eu tomo o ceu por testemunha)
 com que satisfação á tua mãe propunha
 o nosso casamento! Eu sou, porém, tão pobre!

Não chega para dois o manto que me cobre,
 que mal me cobre, digo! Acaso viste um dia
 no mundo alguém viver da louca phantasia?
 Tudo terá um fim si te pedir: é facto;
 mas tu já viste acaso um qualquer candidato
 galgar, sem repartir promessas e favores,
 empregos e dinheiro aos muitos eleitores? —
 O moço fica triste; a lagryma deslisa
 e humedecida cahe no peito da camisa:
 — Fui hoje despedido... estou desempregado...
 Assim, solteiro, é duro, e quanto mais casado! —
 Cocota ia fallar, quando a mamãe, de novo,
 chamou-a para dentro. Abençoado estrôvo
 que livra do sereno e *et cetera* a moça
 que tem para o namoro estimulada bossa.
 Separa-se o colloquio; os lenços se trocaram;
 em uma marca estranha os olhos se fitaram
 do misero rapaz.

A mãe trabalha á vella;
 o anjo de Cocota está incarnado nella.

III

CORO DOS VISINHOS

— Já viram, visinhos, que grande namoro?
 A bella Cocota tem dois chichisbeus!
 A velha mal sabe de tal desafôro,
 que ás leis do decoro
 offende. Que dizem, vizinhos? São reus!—

— A velha bem sabe. — Não sabe: uma aposta!—
 — Bem sabe! — Não sabe! — Bem sabe! Jesus!—
 — Não sabe a velhinha que ha mouros na costa,
 que ás tardes se encosta
 um moço á janella e um outro com luz!

— E' bom prevenil-a! — Pois bem: previnamos;
 mas, como, visinhos? — Não sabes, rapaz?
 Anonyma carta de noite façamos,
 por baixo a mettamos
 da porta da casa da velha. Verás! —

— Anonymas cartas! Importa-se acaso
 com ellas alguém? Melhor é o *Jornal*!
 Verão, meus vizinhos, que vae tudo raso!
 Mofina no caso!
 Mofina, visinhos, mofina! Que tal?...—

— Mofina! Mofina! Que grande namoro!
 A bella Cocota tem dois chichisbeus!
 Em lettras redondas os taes desaforos,
 — na costa si ha mouros,
 serão degradados, visinhos, os réus!

(Continúa)

ARTHUR AZEVEDO

EXPEDIENTE

Desta feita, em consequencia do incendio havido no estabelecimento de nosso amigo, sr. Seraphim José Alves, edictor desta revista, não recebemos as publicações, que estavam em sua mão.

D'ora avante toda a correspondencia deverá ser remettida para a rua da Assembléa n. 11.

PERIODICOS. — Agradecemos aos collegas: *Reforma*, *Revista Illustrada*, *Mequetrefe*, *Diario de Noticias* (Bahia), *Jornal de Valença*, *Theophilo Ottoni*, *Liberal* (Cuyabá), *Conservador*, *Provincia* (Maceió), *Revista Agricola*, *Noticiador*, *Jornal do Pão d'Assucar*, *Correio de Cantagallo*, *Liberal* (Maceió), *America Illustrada*, *Jornal do Recife*, *Diario de Pernambuco*, *Provinciano*, *Diario de Sergipe*, *Diario de Minas*, *Jornal do Aracajú*, *Jornal do Penedo*, *Americano* e *Provincia* (Pernambuco).

Ao FIGARO. — O collega queixou-se de que lhe não mandaram os dois primeiros numeros da *Revista*.

Porque nos não dá tambem o prazer de sua visita?

Ao MOSQUITO. — O' duplamente illustrado collega, é de bôa amizade pagarem-se visitas....

SR. LINS DE ALBUQUERQUE. — Entre, e esteja a gosto. Nada de cerimoniaes. Está em sua casa....

SR. P. R. — Rua!

CHRONICA. — O chronista pede-nos declaremos que, em virtude de contrariedades irremediaveis, dá hoje *ponto*, bem contra sua vontade.

Quanto ao mais, está sempre á disposição de sua numerosa clientela, a quem deseja muita saude e um poucachinho de juizo.

E disse.

MATHEMATICA

LIX

Considerações geraes sobre a Statica

Dous são os methodos geraes que podem ser adoptados no estudo da Mecanica racional, segundo se considera a Statica directamente, ou como um caso particular da Dynamica.

Pelo primeiro methodo, procura-se logo descobrir um principio de equilibrio sufficientemente geral, que é depois applicado á determinação das condições de equilibrio de todos os systemas de forças possiveis. Pelo segundo, tracta-se em primeiro logar de conhecer o

movimento resultante da acção simultanea das diversas forças propostas, e delle se deduzem as relações que devem existir entre estas forças para que tal movimento seja nullo.

A Statica sendo, por sua natureza, mais simples que a Dynamica, só o primeiro methodo podia ser empregado na origem da Mecanica racional.

Com effeito, o methodo, em questão foi o unico que os antigos conheceram, attenta a sua ignorancia nas idéas as mais elementares de Dynamica.

Archimedes, verdadeiro fundador da Statica, e a quem se devem todas as noções essenciaes de que a antiguidade dispunha á este respeito, começa estabelecendo a condição de equilibrio de dous pezos suspensos nas extremidades de uma alavanca recta, isto é, que estes pezos devem estar na razão inversa de suas distancias horisontaes ao ponto de apoio da alavanca; isto posto, procura reduzir, tanto quanto possivel, a este unico principio a investigação das relações de equilibrio que convem a outros systemas de forças.

Do mesmo modo, quanto á Statica dos fluidos, estabelece em primeiro logar o seu celebre principio, que todo o corpo mergulhado n'um fluido perde uma parte do seu pezo, igual ao pezo do fluido deslocado; donde tira ao depois, n'um grande numero de casos, a theoria da estabilidade dos corpos fluctuantes.

Mas o principio da alavanca não tinha por si mesmo bastante generalidade para que se podesse applical-o á determinação das condições de equilibrio de todos os systemas de forças.

Apezar dos engenhosos artificios tentados successivamente para ampliar o seu emprego, o que apenas se conseguiu foi reduzir a elle os systemas compostos de forças parallelas.

Quanto as forças concorrentes, tentou-se primeiramente seguir uma marcha analoga, imaginando novos principios directos de equilibrio especiaes a este caso mais geral, e entre os quaes avulta a feliz idéa de Stévin, relativa ao equilibrio do systema de dous pezos postos em dous planos inclinados encostados.

Esta nova idéa mãe talvez que em rigôr fosse bastante para preencher a lacuna deixada em Statica pelo principio de Archimedes; pois, Stévin conseguira della tirar as relações de equilibrio entre tres forças applicadas a um mesmo ponto, pelo menos, no caso em que duas destas forças se acham em direcções orthogonaes; e observara mesmo, que as tres forças estão neste caso entre si como os tres lados de um triangulo cujos angulos fossem eguaes aos angulos formados por essas tres forças.

Mas a Dynamica tendo por esse tempo sido fundada por Gallileu, os geometras abandonaram a antiga marcha statico directa preferindo proceder á investigação das condições de equilibrio pelas leis, desde então conhecidas, da composição das forças.

Foi por este ultimo methodo que Varignon descobriu a verdadeira theoria geral do equilibrio de um systema de forças applicadas a um

mesmo ponto, e que, mais tarde, d'Alembert estabeleceu afinal as equações de equilibrio de um systema qualquer de forças applicadas nos differentes pontos de um corpo solido de fórma invariavel.

Este methodo é ainda hoje o mais adoptado. A' primeira vista, parece elle o mais racional, pois sendo a Dynamica mais complicada que a Statica, parecia não ser de modo algum conveniente fazer esta depender daquella.

Seria, na verdade, mais philosophico reduzir a Dynamica á Statica.

Deve-se, porém, reconhecer que, para tractar a Statica como no caso particular da Dynamica, basta apenas ter formado a parte mais elementar desta, que é a theoria dos movimentos uniformes; pois, da theoria dos movimentos variados não temos para isso necessidade.

Impôta explicar de um modo preciso esta distincção fundamental.

Para este fim, observemos em primeiro logar que existem em geral duas sortes de forças: primeiro, as forças chamadas *instantaneas*, como as impulsões, que só actuam sobre o corpo na origem do movimento, abandonando-o logo que se põe em andamento; segundo, as forças impropriamente denominadas *acceleratrizes*, e ás quaes convem mais o nome de *continuas*, como as attracções, que actuam constantemente sobre o corpo, por toda a duração do seu movimento.

Esta distincção equivale evidentemente á dos movimentos em *uniformes* e *variados*, pois, em virtude da primeira lei fundamental da Mecanica, é claro que toda a força instantanea deve necessariamente produzir um movimento uniforme; ao passo que, toda a força continua deve, por sua natureza, imprimir ao corpo um movimento indefinidamente variado.

Isto posto, comprehende-se que a parte da Dynamica relativa ás forças instantaneas ou aos movimentos uniformes deve ser, sem comparação, muitissimo mais simples do que a relativa ás forças continuas ou aos movimentos variados, na qual consiste inteiramente toda a difficuldade da Dynamica.

A primeira parte apresenta uma tal facilidade que pôde ser completamente tractada como uma consequencia immediata das tres leis fundamentaes do movimento.

Ora é facil comprehender que, em these geral, só se precisa desta parte da Dynamica para constituir a Statica como um caso particular da mesma Dynamica.

Com effeito, o phenomeno do equilibrio, cujas leis tracta-se então de descobrir, é, por sua natureza, um phenomeno instantaneo, que deve ser estudado sem attender de modo algum ao tempo. A consideração deste elemento só se introduz nas investigações relativas ao que se chama *estabilidade* do equilibrio; mas estas investigações não fazem mais, propriamente fallando, parte da Statica, e entram de todo na Dynamica.

Em uma palavra, como já dissemos, faz-se sempre em Statica abstracção do tempo.

Dahi resulta que se pódem encarar como instantaneas todas as forças que nella se considera, sem que por isto, deixem as theorias de ter toda a precisa generalidade.

Porque, em cada momento de sua acção, uma força contínua póde sempre ser substituida por uma força instantanea necessariamente equivalente, isto é, susceptivel de imprimir ao movel uma velocidade igual á que effectivamente lhe imprime neste instante a força proposta.

Será preciso, é verdade, no momento infinitamente pequeno seguinte substituir á esta força instantanea uma nova força da mesma natureza, para representar a mudança effectiva da velocidade; de sorte que, em Dynamica, onde se deve considerar o estado do movel nos differentes instantes successivos, encontrar-se-a necessariamente, pela variação destas forças instantaneas, a difficuldade fundamental peculiar á natureza das forças continuas, apenas com outra fórma.

Mas, em Statica, onde só se consideram as forças n'um unico instante, será desnecessario ter em linha de conta estas variações, e as leis geraes do equilibrio, assim estabelecidas, considerando todas as forças como instantaneas, não deixarão de ser applicaveis ás forças continuas, desde que, nesta applicação, tivermos o cuidado de substituir á cada força continua a força instantanea que lhe corresponde neste momento.

Compreende-se, pois, perfeitamente como se póde tractar a Statica como uma simples applicação da parte mais elementar da Dynamica, a que se refere aos movimentos uniformes.

O modo mais conveniente de effectuar esta applicação consiste em notar que, quando forças quaesquer estão em equilibrio, cada uma dellas, considerada isoladamente, póde ser encarada como destruindo o effecto de todas as restantes.

Assim a investigação das condições de equilibrio reduz-se, em geral, a exprimir que uma qualquer das forças do systema é igual e contraria á resultante de todas as outras.

A difficuldade consiste, pois, neste methodo, em determinar esta resultante, isto é, em compôr entre si as forças propostas.

Esta composição se effectua immediatamente, no caso de duas forças, pela terceira lei fundamental do movimento, e della se deduz em seguida a composição de um numero qualquer de forças.

A questão elementar apresenta, como se sabe, dous casos inteiramente distinctos, segundo actuem em direcções convergentes ou em direcções parallelas as duas forças que se quer compôr.

Cada um destes dous casos póde ser tractado como derivando do outro, donde resulta entre os geometras uma certa divergencia no modo de estabelecer as leis elementares da composição das forças, segundo o caso escolhido para ponto de partida.

Mas, sem verificar a possibilidade de proceder diversamente, parece mais racional, mais philosophico e mais consentaneo com o espirito deste modo de tractar a Statica, começar pela composição das forças concorrentes, donde se deduz naturalmente a das forças parallelas como caso particular; emquanto que a deducção inversa só se póde fazer com o

auxilio de considerações indirectas, que, por mais irregulares que sejam, apresentam sempre alguma cousa de forçado.

Depois de terem estabelecido as leis elementares de composição das forças, os geometras, antes de applical-as ás investigações das condições de equilibrio, fazem-nas experimentar de ordinario uma importante transformação, que, sem ser inteiramente indispensavel, apresenta todavia, sob o ponto de vista analytico, a mais alta utilidade, pela extrema simplificação que introduz na expressão algebrica das condições de equilibrio.

Esta transformação consiste no que se chama *theoria dos momentos*, cuja propriedade essencial é reduzir analyticamente todas as leis de composição das forças a simples addições e subtracções.

(Continúa)

NOÇÃO DE LEI

III-

As *leis de successão* exprimem uma relação invariavel entre factos de natureza distincta, relação que permite prevêr as variações de uns pelas variações de outros.

Assim, descobriu-se, em *Physica*, que os volumes occupados por uma massa dada de gaz, a uma temperatura constante, estão na razão inversa das pressões que supportam.

Pois bem; a razão inversa do volume para a pressão é aqui a relação constante que existe entre os dous phenomenos variaveis, volume e pressão. Si o volume augmenta, a pressão diminue, ou reciprocamente, mas a relação nunca varia.

Na realidade, o volume depende de duas condições, da pressão e da temperatura: e para estabelecer a relação exacta somos obrigado na pratica, a decompôr a relação geral em seus elementos, e a procurar separada e successivamente as variações que correspondem á differentes gráus de temperatura e de pressão, ou a não considerar sinão uma dellas.

O que mostra que uma verdadeira lei não diz respeito realmente sinão á dous phenomenos em relação reciproca.

E' assim que a lei da queda dos corpos não exprime sinão a relação constante que existe, para um corpo que cahe, entre o espaço percorrido (ou altura) e o tempo que dura a queda; o que nos é dado por esta fórmula: *o espaço percorrido cresce proporcionalmente ao quadrado do tempo.*

As *leis de similhaça* estabelecem as relações de similhaça que existem entre os phenomenos observados, e só servem para estender as applicações das leis de successão, fazendo entrar tal acontecimento, a principio suppôsto distincto, em tal outro, mais geral, cujas leis de successão são já conhecidas.

Por exemplo, Newton constatando que a gravidade é um caso particular da gravitação, estabeleceu uma lei de similhaça, a gravidade tendo sido encarada até elle como um facto de natureza distincta.

A descoberta das leis de similitude é pois um trabalho de coordenação, precedendo a applicação das leis de successão, que permite estendel-as á novos casos, e desde então introduzir egualmente para elles a previsão que não é possível sinão pelas leis de successão.

Uma lei é pois, em definitiva, a relação invariavel existente entre dous phenomenos de natureza distincta, segundo a qual um varia por meio do outro, com um grau de intensidade dependente das circumstancias no meio das quaes a accção se realiza.

Ella representa a constancia na variedade.

Ora é indispensavel notar que a variação não se faz sinão na intensidade dos phenomenos e nunca na sua disposição (successão), nem em sua natureza propriamente dicta (similitude).

O que estabelece ao mesmo tempo, tendo em attenção o complexo das leis, já a immutabilidade da ordem universal em suas disposições fundamentaes, isto é, quanto á permanencia de natureza e de relação dos phenomenos, já a sua modificabilidade, no que diz respeito ás suas disposições secundarias, ou á intensidade de variação dos differentes acontecimentos.

Assim, a lei da evolução mental é immutavel no que concerne á successão dos phenomenos intellectuaes, que se faz sempre passando das ficções theologicas ás abstracções metaphysicas, para chegar ás concepções positivas: mas ella é modificavel em intensidade, a successão podendo se operar com velocidades extremamente variaveis, segundo as condições em que tem logar.

Jamais o estado positivo, para uma ordem determinada de concepções, precedeu o estado theologico ou o estado metaphysico, etc; e a successão reconhecida se applica ás nossas idéas quaesquer. Só a rapidez do movimento intellectual póde variar.

Como o mesmo acontece com todas as leis abstractas, a sua immutabilidade fundamental e a sua modificabilidade secundaria, estabelecem sobre uma base inabalavel, as condições de ordem do progresso, a da existencia e do movimento, e repellem do regimen normal da razão humana toda a van esperanza de accção absoluta, toda a abdicção de intervenção efficaz, emfim todo o systema de optimismo ou de fatalismo.

Uma tal convicção eleva, regulando-o dignamente, o alcance manifestado na intervenção do homem, e lhe abre a carreira que mais lhe convem.

As leis naturaes sendo conhecidas como simples factos geraes, que não comportam explicação alguma, mas que servem de base á toda explicação racional (taes são a lei de Kepler sobre a natureza expontaneamente rectilinea e uniforme do movimento, a de Bichat sobre a intermittencia das funcções da vida animal, a de Aug. Comte sobre a evolução intellectual e pratica, etc, etc); estas leis, digo, em logar de encadear a nossa accção, lhe fornecem uma direcção necessaria, e o verdadeiro fim da vida normal é reconhecer exactamente esta ordem preponderante, para se submeter com dignidade e modifical-a sabiamente, segundo este dado essencial: *o progresso é o desenvolvimento da ordem.*

(Continúa.)

SCIENCIA POPULAR

I

A terra

(ENTRE LUIZ E O LEITOR)

Si em qualquer parte já tiveres lido alguma pagina sobre nosso planeta, terás notado que mui commum é a comparação que, para maior intelligencia de quem lê, se faz delle com uma laranja.

Eu a farei tambem porque entendo que si alguma cousa ha que, por muito repetida não perde, essa comparação está neste caso.

— Realmente: imagina uma laranja mergulhada n'um globo transparente; imagina que tal aparelho está sujeito a um movimento de rotação no espaço; isto é, que move-se em torno de um eixo imperceptivel, passando-lhe pelo centro, e terás em tamanho infinitesimo a figura approximada da terra, cercada de sua atmospherica fecunda.

O mesmo tenuissimo achatamento que tem a laranja da parte do pedunculo e da parte que lhe está opposta, tem a terra nas duas extremidades do eixo imaginario de que fallamos; a mesma superficie coberta de rugosidades que, com serem relativamente de mui diminutas saliencias, não lhe alteram a forma quasi espherica, são identicas na fructa e em o nosso planeta.

Consequentemente coisa alguma dá melhor idéa da terra.

Não obstante dizer o mui erudito sr. visconde do Rio Grande que é viciosa essa comparação no que diz respeito aos achatamentos, pois que os da terra são muitas vezes menores, eu a acceitarei, pedindo-te, leitor, que attendas ao reparo do illustrado auctor do *Fim da Creação*.

— Mas, sr. Luiz, quem fôr alli á bahia de Botafogo e olhar de um lado o Corcovado e de outro o Pão de Assucar; quem fôr a Minas e avistar o Itatiaya, diz certamente que nos está contando historias.... Pois a superficie da terra é como a casca de uma laranja?

— Justamente: por ahi tu tens uma idéa nova: a do tamanho da terra. Pelas grandes alturas dessas montanhas, que não são as mais elevadas do globo, e pela diminuta relação que ha entre a casca lisa da laranja e suas rugosidades, concluirás a immensidade do planeta que habitamos. Olha: si as formigas fallassem, e si collocasses uma destas vermelhinhas e pequenas sobre uma laranja, ouvirias o seguinte:

— Ora essa! que montanhas tenho de atravessar....

No entanto para tua vista são simples rugosidades.

— Emfim, acceito; mas como chegou-se a idéa de que era a terra como uma bóla?

— Uma fada contou-nos tudo, estendendo sobre nós sua varinha, a experiencia....Ella chama-se Sciencia....

Estando a gente em uma planicie e estendendo a vista para os lados, o que vê? A terra como a se confundir com o céu, a tocarem-se os dous em uma linha continua chamada horisonte. E que fórma tem esta linha? A de uma immensa roda, ou circumferencia; e isto de qualquer ponto que se olhe da planicie.

O mesmo phenomeno se dá em alto mar ; de qualquer ponto que se olhe, é sempre a mesma circumferencia perfeita a limitar-nos a vista. Agora, si da planicie subirmos a uma montanha e observarmos do meio da encosta, por exemplo, veremos que torna-se maior a circumferencia ; si subirmos mais e chegarmos ao pincaro, ainda maior é ella ; o que prova que, quanto mais alto nos acharmos collocado, maior horisonte divisarão nossos olhos.

E' sempre a mesma circumferencia, si obstaculo algum não se nos vem antepor.

Ora só um objecto redondo póde offerecer continuamente horisontes circulares. Imagina de novo a laranja e a formiga, e suppõe que esta passeia sobre aquella. A formiga terá sempre um horisonte da mesma fórma. Si ella, porém, passeiar sobre um cajú, não se dará o mesmo phenomeno ; serão deseguaes os horisontes dos diversos pontos.

— Mas, sr. Luiz, si a formiga passeiar sobre um prato, os horisontes serão sempre circulares ?

— Excepto nas beiras, e, demais, são todos do mesmo tamanho, o que não se dá com a terra.

Já reparaste alguma vez na sahida de um navio de um porto ? Já em uma planicie avistaste uma grande arvore, montanha ou torre ? Então terás notado que ao sahir o navio, por exemplo, o que primeiro d'elle se some é o casco, depois as vergas, e finalmente as pontas dos mastros. Avistando, em uma grande varzea, uma torre ou uma grande arvore observarás que o contrario se dá ; começa-se a ver o objecto pelo pinaculo, até que aos poucos vae elle como que surgindo á proporção que se vae andando, até que finalmente se apresenta a base.

Si a terra não fosse como uma bóla, nada disto se daria.

Tambem prova que a terra tem a fórma, que mencionamos, o facto de terem sahido dous viajantes de um ponto e seguindo sempre a mesma direcção chegarem, ao fim de muito tempo, ao mesmo ponto de onde haviam partido.

E ha ainda uma outra prova de que a terra é redonda e não chata como um prato, o que por muito tempo passou por verdade ; esta, porém, difficilmente comprehenderias agora, por isso reserval-a-hei para depois que tiveres certos esclarecimentos necessarios.

(*Continúa.*)

LUIZ.

AS APPREHENSÕES DE ROSINHA

C O N T O

(*Conclusão*)

IV

Entre o sexto pretendente e um outro sujeito ouvira Rosinha, em uma sala, o seguinte dialogo, travado no vão de uma janella :

UMA VOZ. — E o que dizes da Rosinha do Amaral ?

ELLE. — Que é bella como Galathéa, mas fria como o proprio marmore.

A voz. — Não obstante, sentido; não queiras ser Pygmalião...

ELLE. — Seria preciso que, como o tal pascacio, eu acreditasse que roubando o fogo do céu, dar-lhe-ia a vida, que ella não tem.

A voz. — Lá isso não... póde dal-a o teu amor!

ELLE, *rindo-se*. — O amor!

A voz, *admirada*. — Não crês nelle?

ELLE. — Creio, sim, que « vive de inacção e morre si lhe dão alimento. »

A voz. — Cahirás como um patinho, meu doutor... Evita uma Rosinha.

ELLE. — De nada te arreceies; a estatua póde prender os olhos, mas não captiva nunca o coração...

Rosinha ficára malferida em seu orgulho, e promettera de si para comsigo vingar-se daquella injustiça. Teve um trabalho insano, mas levou avante o capricho.

Não muito tempo depois o rapaz estava apaixonado. Quem sabe si já não estaria em a noite do dialogo? Dizem por ahi que — *quem desdenha...*

Quando o Dr. Coriolano fallou-lhe pela primeira vez em seu amor, a maliciosa rapariga riu-se ás gargalhadas. No emtanto, ao depois era presa de assomos terriveis, delirios. Era-lhe uma necessidade o casamento.

As continuadas visitas do doutor á casa de D. Therezinha, as agradaveis conversações com Rosinha, ao luar, a convivencia, a facilidade de parte a parte, tudo fez o que a moça estava longe de esperar: o feitiço voltou-se tambem contra a feiticeira. Rosinha sentiu o coração renascer-lhe das cinzas, como a ave fabulosa; a sombra de Marçal desvanecera-se-lhe das visões; as scenas da casa paterna apagaram-se do quadro. Outro vulto erguia-se-lhe agora aos poucos no espirito.

Com a resposta da namorada, o dr. Coriolano quasi enlouquecera. A moça sentiu-lhe a immensidade do amor e a metamorphose completára-se-lhe no coração.

Mas neste interim novas desgraças sobrevieram á familia: D. Therezinha lêra em um jornal que seu marido fôra atirado para Fernando de Noronha, condemnado a galés perpetuas, por passar dinheiro falso e lhe serem attribuidos varios assassinatos.

O noticiarista fazia valer o caso, dava largas a seu talento tribunico e enxameava de preceitos moraes e moralisados toda a desgraçada chronica daquelle malaventurado homem.

A pobre senhora tão immensamente se ressentira ao enchergarem os curiosos aquelle fio de desventuras, causa unica de serem tão pallidos e debilitados seus dias, que succumbira á terrivel enfermidade, que a minava surdamente havia muito, a hypertrophia do coração.

Ao exhalar o derradeiro alento, D. Therezinha segredára ao ouvido da cunhada:

— Eu morreria feliz, si levasse a certeza de que minha pobre filha nunca se casaria.

D. Moça fallou-lhe tambem em voz baixa. O que lhe diria? D. Theresinha expirára ao som magico daquellas palavras!

Rosinha muito chorára aquelles novos golpes do infortunio. Quem a visse assim tão desanimada estremeceria por sua vida, si não lhe conhecesse a robusta organização e de quanta resignação era capaz sua alma.

O dr. Coriolano respeitou-lhe o lucto; evitou encontral-a por muito tempo; deixou passar aquellas scenas de dôr. Mas a paixão trouxera-o de novo, apenas vira volitar no rosto da amada um primeiro sorriso, mensageiro de paz e alliança, como fôra para Noé a pomba da arca.

Rosinha resentia-se agora do isolamento que a rodeava, máu grado tractal-a D. Moça como uma verdadeira amiga. A volta do dr. Coriolano áquella casa foi, pois, de bom agoiro.

Era tarde já quando ella quiz abafar o que começara a sentir em vida de sua mãe. Amava, amava de novo; mas não com aquelle amor dos quinze annos: o de agora a fazia ter medo de si mesma.

Coriolano acreditava-se feliz.

Um dia Rosinha fallára de seu amor a D. Moça. Qualquer outra pessoa que não se conservasse como ella embevecida n'uma idéa constante, notaria o assombro que trouxe á velha aquella confissão.

— O dr. Coriolano será um bom moço? disse ella depois de algum silencio.

— Um marido caído do céu! respondeu Rosinha transportada.

Nada mais se disse a respeito.

Não dia seguinte pela manhan Rosinha levantara-se pallida, com os olhos encovados, o corpo tremulo; era a effigie do soffrimento.

Coincidencia terrivel! nesse mesmo dia Coriolano a viera pedir de novo em casamento. Rosinha, como si sentisse um ferrete igneo sobre o coração, respondeu-lhe precipitadamente:

— Nunca!... Eu sou uma desgraçada, accrescentou depois debulhada em pranto.

O rapaz suicidára-se, como já ficou dicto.

Rosinha, vendo morrer a esperança tantas vezes acariciada, tantas vezes sua unica alegria, não sentira dôr menos profunda que sentira a Niobe pagan assistindo ao assassinato de cada um de seus filhos.

Que repentina transformação fôra aquella?

— Um aviso terrivel, minha amiga, dizia depois a D. Moça; minha mãe veio salvar-me!...

V

Quando D. Theresina expirára, D. Moça fizera-lhe uma promessa, prestára-lhe um juramento; a pobre soffredora, por isso, se ausentára consolada de entre os vivos.

Era o cumprimento dessa imprudencia, dessa loucura de D. Moça, o que para ella constituia agora uma victoria sobre o espirito enfermiço de Rosinha. Ella, já se vê, promettêra á moribunda

que a menina nunca se casaria, o que cumpriu até a ultima. Mas como? Vamos saber.

De antemão porém, fiquem já prevenidos de que fôra aquillo a morte de Rosinha. Vivera mais algum tempo, é certo; mas eram seus companheiros incessantes e mudos o silencio e a desesperação. Seria aquillo viver? A dedicação á mãe matára a filha; fôra boa a intenção, mas fataes as consequencias. D. Moça não tivera tempo de avaliar a enormidade do amor; promettêra um impossivel á amiga. Vencêra, mas succumbira tambem presenciando o mal causado á infeliz moça.

Foi assim o caso: Rosinha, como já dissemos, dava pleno credito aos sonhos; era isso uma aberração, uma idiosyncracia de seu espirito: fôra esse o ponto de apoio de D. Moça. A' noite, quando a sobrinha adormecêra, ella, pé ante pé, penetrara na alcova, debruçára-se por sobre o travesseiro, e com uma voz, semelhante ao écho de um tumulto, segredára-lhe toda a historia de D. Theresinha; pintára-lhe todas as scenas com côres lugubres; fingira-se a mãe da rapariga e terminára dizendo:

— Foge, filha, deste casamento. Deus não o approva e eu o prohibo. Lembra-te do inferno em que vivi!

Uma fagulha n'um paiol produziria o mesmo effeito destas palavras no animo de Rosinha.

Esta saltára da cama, esfregando apavorada os olhos. D. Moça fôra feliz: tivera tempo de fugir e a sobrinha olhando desvairada para todos os angulos do quarto deixára a voz, abafada em soluços, irromper-se-lhe do macerado peito:

— Mãe! ó mãe! eu te agradeço!

Como veem, foi um supplicio de Tantalo o viver daquella moça. Do mesmo modo que o faminto viajor ás margens do Mar Morto, mais de uma vez sentira ella desfazer-se em cinzas o fructo que lhe apparecia doirado aos olhos.

Aos vinte e cinco annos, como digo no começo deste veridico conto, regeitou mais um noivo, o ultimo; pois tive noticia de que morrêra levando palma e capella. E o motivo dessa recusa era sentir-se sem coração.

Ao ultimo aspirante ao noivado dissera:

— O casamento é um absurdo! Eu não creio nos homens, porque o fizeram assim como é; porque fazem de nós, entes livres, umas miseraveis escravas... Demais, o sr. é meu setimo noivo... Não sabe? Tenho ogerisa ao numero sete. E' um numero fatidico.

Os sentimentos mais puros se haviam esfolhado aos poucos na aridez daquelle deserto; a seus pés cavára-se, rugindo, um abysmo a cujo cairel oscillava uma sombra silenciosa e fria a estender-lhe os braços, a sombra do scepticismo.

Com um temperamento como o seu, fôra-lhe summa felicidade a visita da morte pouco depois.

Podia tornar-se uma mulher perdida; só a abnegação a salvára. De feito, morreu pura como a flôr cujo nome lhe deram na pia.

VI

Bons e maus sentiram a morte de Rosinha; muita gente se deve ainda lembrar de tal acontecimento.

Quando o enterramento passava pelas ruas da cidade não houve quem não a lastimasse de coração. Na minha carteira inda consigo lêr as seguintes phrases, tomadas a lapis e de passagem naquelle dia triste.

UMA MULHER DO POVO. — Ella nasceu no mez de Agosto! Não falla mentira a folhinha, quando diz que se não casa quem nasce em semelhante mez!...

UMA AMIGA MOÇA (*por entre as taboinhas da venesiana*). — Coitada! e sua mãe secundou: — Coitada! Todos em casa repetiram: — Coitada!

UM REPRESENTANTE DO PASSADO. — Foi sina! Estava escripto!...

UM PARTIDARIO DAS IDÉAS NOVAS. — Si fosse pelo casamento civil, terminado o praso e logo que não existia harmonia, o sr. José separava-se da sra. Thereza e nenhum ficava prejudicado. As scenas da casa paterna não chegariam áquelle pé; o aleijão não viria influir no animo juvenil da menina.

Tambem fiz a minha reflexão; aqui a copiarei sem commentarios.

Eu. — Com um espirito assim, e rodeada daquellas circumstancias, muitas outras moças podem-se formar, muitas outras Rosinhas poderão viver, amar e morrer.

PAULO SALEMA.

Elogio de Gomes Freire de Andrade

— N'uma visita que fiz á Bibliotheca Nacional desta côrte, tive occasião de passar os olhos pela importantissima colleccão das *Memorias historicas e militares da America*, de Diogo Barbosa Machado, a quem devem as lettras portuguezas assignalados serviços.

A mór parte desses trabalhos ja foi reimpressa na *Revista Trimestral do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, no que diga-se verdade, andou bem avisada a administração do Instituto; mas apezar disso, ainda encontrei alguns escriptos que desprezaram e entre os quaes sobresaes esta bellissima

Relação
verdadeira,
em que se dão a ler as victorias
alcançadas por
Gomes Freire
de Andrade
nas terras visinhas
da nova colonia e estados
das Indias de Hespanha
Lisbôa
Na Offic. de Domingos Rodrigues
Anno 1757
Com todas as licenças necessarias

Em pouco papel darei a lêr ao mundo; que no illustre sangue da casa de Bobadella não se esfria aquelle grande valor, que em tantos seculos deu heroes ao mundo, que no juizo das armas deixaram decidida a justiça de seu merecimento. As historias são o testemunho authentico, que abonam o dever-se a esta casa não pequenos indicios de esforço, tanto mais acreditado, quanto vae em servir pela reputação sem procurar o premio.

O seculo passado vio em Gomes Freire de Andrade renovadas as imagens daquelles progenitores, que, ou retirava a inveja, ou consumia o tempo: cada acção de seu braço foi uma nova estatua que a si e a seus maiores soube collocar no capitolio da immortalidade; ou para dar a entender ao mundo que se não enganava a fama, ou para escutar-lhe o officio, quando sabia mostrar as suas glorias.

Penduradas as armas no templo da paz (sendo a concordia das corôas Portugueza e Castelhana quem fechou as portas de Jano) o levou o seu merecimento a adquirir maior nome com o zelo e moderação, que o que tinha alcançado nas batalhas com perigos.

O Maranhão ainda publica nos desejos a sua vigilancia e na lembrança do socego ainda permanecem memorias da saudade, aqual se fazia custosa ao soffrimento si para alliviar a dôr não tivessemos outro Gomes Freire, com quem se equivocam as gloriosas acções daquelle heroe, que lhe cabendo primeira sorte no respeito não o segundo ao que o imita, porque corre a porfia a precedencia.

E si a este Gomes Freire, que presente vive, faltam maiores occasiões para as victorias, será porque a fortuna emula do seu esforço procurará divertir-lhe as emprezas para roubar-lhe a fama; bem que é frustrado intento, quando já a America espalha a todo o mundo o como tem de verdadeiro heroe a nobre qualidade, de sorte que nos conflictos, onde seu braço chega, não se precisam mais instrumentos para alcançar victoria.

Mas por ser certo que o numero das proezas não é que adquire o nome, que só se deve á qualidade dellas, bastará que, a que refiro, vulgarise qual seria o logar de Gomes Frere, si tivesse eguaes as occasiões que os desejos; quando em uma só apenas se vêdos vivos imitada e nos antigos não lemos excedida. Direi o que se sabê, por avisos verdadeiros, de quem firma a auctoridade do successo.

E' já notorio que a corôa de Hespanha possui na America tão dilatada porção de continente que bastára a ser um poderoso imperio, si não fôra comprada pelo preço de conquista. Alli somos os seus melhores vizinhos, ficando-lhe pela colonia, dando as mesmas mãos que outras vezes sentiram já pesadas. Uns e outros, portuguezes e hespanhoes, traz em continua guerra com o gentio barbaro, que sendo apoiado por algum rebelde (que por credito de algum gremio a que pertence, occultamos) andam hoje mais atrevidos; resolvendo fortificarem-se aquelles mesmos que em companhias vagas nunca souberam maiores artificios, que a emboscada ou a fugida.

O vice rei daquelle estado desejando com o castigo pôr termo á

insolencia daquelles barbaros, fez ajunctar a gente, que em alguns p residios guarneciam a fronteira, e com outros paisanos foi fazer opposição aos rebeldes, mais por dar castigo á sua ousadia que por satisfazer outro interesse de conquista.

Não se descuidou de convocar os portuguezes, como amigos, os quaes, sendo commandados por Gomes Freire de Andrade, que alli milita, foram engrossar o partido dos hespanhoes, pequeno em numero, em espiritos gigante, principalmente assistido de uma nação, que sempre lhe disputou as precedencias do valor, nas occasiões em que as victorias foram efficaz argumento do esforço generoso. Uns e outros soldados se deram os parabens do vencimento antes de mostrar a espada ao inimigo, tendo por certo que na assistencia de homem tamanho, era como indisputavel a consequencia do triumpho.

(Continúa)

THEATROS

Ainda Bourgeois.—*As inundações de Portugal*.— A Porte-Saint-Martin e o S. Pedro de Alcantara.— O sr. Cyriaco de Cardoso.— A nova companhia do Gymnasio.— *A porta do Inferno*.— Comedias nacionaes.— Penna.— *A Estatua de Carne*.— Paladini e a sra. Ismenia.— A sra. Ismenia e Ristori.— A Phenix e o Alcazar.— Porque o chronista não vae ao Cassino.

Mais um dramalhão de Bourgeois !

E' sina minha !

As inundações de Portugal !...

Uma peça de 1846 acomodada ás ultimas desgraças portuguezas pelo sr. Lino, dos *Lazaros* !

Marie, ou l'inondation da Porte-Saint-Martin, transformada nas *Inundações de Portugal* do S. Pedro de Alcantara.

E' sina !

Este drama tem todos os elementos para agradar aos frequentadores do S. Pedro.

Justiça seja feita ao sr. Silveira : está sempre a lisongear o paladar de seus *freguezes*. Tem-lhes dado tiros, duellos, desmoronamentos, assassinatos, guerras, o diabo !

Agora dá-lhes inundações.

A peça não foi de todo mal desempenhada.

A musica é do sr. Cyriaco de Cardoso, que esmerou-se em sua composição.

Ha trechos apreciaveis, mal empregados em uma peça de existencia ephemera.

Desejamos ao sr. Silveira que as *Inundações* lhe deem muitas enchentes.

O Gymnasio reabriu as portas.

O sr. Couto Rocha, artista brasileiro, e moço de talento, é o empresario.

O elenco da companhia é formado, quasi todo, por estimaveis artistas.

O decano dos nossos actores, o actor eterno, sr. Gusmão; o sr. Peregrino; a sra. Jesuina e o sr. Machado, um comico promettedor, fazem parte do elenco do Gymnasio.

Não nos pareceu bôa a escolha da peça com que estreiou a companhia.

A *Porta do Inferno* é um dramalhão, que se filia tambem á eschola de Bourgeois, e o Gymnasio não é o S. Pedro.

No emtanto, o desempenho foi razoavel.

Os srs. Gusmão e Peregrino e a sra. Jesuina estiveram na altura de seu talento.

O sr. Julio Xavier deu-nos um excellente agente de companhia de seguros.

Consta-me que o sr. Couto Rocha está no proposito de montar peças nacionaes.

Nacionalise, por quem é, este theatro, em que vamos observar todos os dias, ou por outra — todas as noites, costumes que não são nossos, individuos que não conhecemos, paixões que não estão na nossa indole.

Comedias, venham comedias!

Deixe que o S. Pedro, e só o S. Pedro, explore o dramalhão de capa e espada.

Recordem ao povo brasileiro os emperezarios que houve nesta terra um Penna, cujas inimitaveis composições estão condemnadas pelo olvido deste e pela ingratidão daquelles.

Deem-lhe o *Noviço*, o *Irmão das almas*, o *Judas em sabbado de Alleluia*, que são tão nossas.

Desde já aperto à mão do sr. Couto Rocha pelos seus nobres intentos.

Si os levar a effeito, mostrará homem de bom senso e, o que é mais, distincto patriota.

Desejamos todas as felicidades á sua nova empreza.

No S. Luiz representou-se *A Estatua de Carne*.

Depois do desempenho que ao principal papel deste bonito, mas inverosimil drama deu nesta terra a Paladini, a sra. Ismenia não se devia metter a represental-o.

Mas quem pretendeu hobrear com Ristori, póde fazel-o impunemente com Paladini.

Na Phenix, depois do *Filho do Regimento*, nada de novo: *Maria Angú* e *Casadinha*, *Casadinha* e *Maria Angú*, para variar.

O Alcazar continúa a assassinar *La Petite Mariée*, *Le Petit Faust*, etc., sem intervenção da policia, nem do Conservatorio Dramatico.

Ao Cassino não vae o chronista: tem medo de voltar com as costas feridas por alguma garrafa, atirada por mão anonyma, em uma dessas bernardas, que se vão tornando tão frequentes por lá.

ELOY, o HEROE.

POESIAS

Luz e poeira

A A. BARREIROS

Quando paira a lua calma
pela vasta immensidade,
hora em que as petalas d'alma
bate a brisa da saudade,

em que das nevoas errantes
treme o véu incerto e leve,
como suspiros brilhantes,
como soluços de neve,

qual da luz ao peso, o lyrio
curva e esgota o collo cheio,
tambem de estranho martyrio
exhala o pranto meu seio.

São as lucidas chimeras,
de out'ora, — mundos risonhos,
brancos diluvios de sonhos,
das passadas primaveras.

Das minhas rotas auroras
vão me passando em segredo
as constellações sonoras
que se partiram tão cedo.

De novo traçada a curva
no céu das minhas lembranças
imprime a lagryma turva
de finadas esperanças.

Batendo as azas na treva,
ave do meu pensamento,
onde arrastada vos leva
o sopro errante do vento?

Passae, castellos brilhantes
que ideei na phantasia!
Ondas de pó inconstantes!
Notas de extinct aharmonia!

Sombras de um sol apagado!
Perfumes de murchas flores!
Larvas de um sonho gelado!
Fatuos phantasmas de amores!

Correi no meu pensamento
bem como espectros funereos,
pisando o marmor poento
das lousas dos cemiterios!

Visões lucidas e tredas
de tanto ideal desfeito,
não acordeis, — durmam quedas
as illusões no meu peito!

S. Paulo — 1876.

THEOPHILO DIAS.

Pejo posthumo

Quando Alice morreu hontem,
ao triste cahir do dia,
depuz sobre a terra fria
da morte a branca visão...
Antes de dal-a ao caixão,
tomado de certo aneio,
busquei descobrir-lhe o seio
do lado do coração...
Aquelle corpo já frio
dir-se-ia ressuscitou!
Ai! não foi crença illusoria...
aquella face marmorea
depois de morta — corou!

LINS DE ALBUQUERQUE

EXPEDIENTE

Recebemos :

O PROTESTO, n. 3.—Como das outras vezes, traz bonissimos artigos, scitillantes de graça e verdade, ácerca de politica e litteratura.

PERIODICOS E DIARIOS. — *Reforma, Revista Illustrada, Eco d'Espãna Itatiaya, Tribuna (Pará), Mosaico Ouro-Pretano, Diario de Minas, Correio de Cantagallo, Sete de Setembro, Echo Bananalense, Monitor do Norte, Provincia (Pernambuco), Echo da Fronteira, Dezenove de Dezembro, Revista Gabrielense, A Chrysalida, Primeiro de Março, Diario de Sergipe, Provinciano, Gazeta Mercantil, Gazeta do Commercio, Cearense, A Constituição (Ceará), Liberal do Pará, Publicador Maranhense, Monitor Campista, Rezendense, O Conservador (Natal), Theophilo Ottoni, Jornal de Valença, Familia Maçonica, Provincia (Jaguarão), Barreirense, Pedro II, Gazeta de Campinas, Tribuna Liberal, O Popular e A Sentinella.*

Agradecemos.

DESCULPAS. — O *Mequetrefe*, sob o patrocínio de um espirito tão luminoso, quão raro e nobilissimo character, dignou-se tomar a serio e enfadar-se por amor de umas considerações mansas e nada desrespeitosas do Armenio Euripedes, respeito á retirada do sr. Nicolau Ribeiro do supracitado periodico.

Devemos algumas palavras explicativas, e de compungimento, si preciso fôr, ao nosso delicado e amavel collega.

Abespinhou-se V. S., meu charo sr. *Mequetrefe*, por chamarem de chorudo o sr. Nicolau ; pois bem : quer desforra equivalente ? Alcunhe-nos de esgrouviados e desprovidos de oleos, com o que nos não zangamos nada.

Ainda mais : tem para si o chronista que o sr. Ribeiro está a primor talhado para tocador de fagote ; e V.S. declare, alto e bom som, sem pesar nem constrangimento, que nos fica a matar um realejo ou um trombone. Olho por olho, dente por dente. O chorume pela magreza, o fagote pelo realejo.

Um ultimo reparo, e concluimos : o que *rime* (redime) as *coisas de vaudeville*, é o applauso expontaneo e gracioso incitamento de muitas esclarecidas intelligencias e characteres immaculos, entre os quaes folgamos de apontar o collega, a quem respondemos. Isto nos basta.

MATHEMATICA

LX

Statica. — Theoria dos momentos.

A denominação de *momento*, inteiramente desviada de sua primitiva significação, exprime hoje em dia o producto de uma força por uma distancia.

E' preciso distinguir tres especies de momentos: os momentos em relação a um *ponto*, que indicam o producto de uma força pela perpendicular baixada deste ponto sobre a sua direcção; os momentos em relação a um *eixo*, que designam o producto da projecção da força sobre um plano perpendicular ao eixo, pela mais curta distancia da projecção ao eixo; finalmente, os momentos em relação a um *plano*, que exprimem o producto de uma força pela distancia do seu ponto de applicação ao plano.

Os dous primeiros não dependem sinão da direcção das forças e de modo nenhum do seu ponto de applicação: são, pois, naturalmente consagrados á theoria das forças não parallelas; os ultimos, pelo contrario, só dependem do ponto de applicação da força e de modo nenhum da sua direcção; são então destinados á theoria das forças parallelas.

Veremos para diante, como chegou Poincot a attribuir, geral e naturalmente, uma significação concreta immediata a estes generos de momentos que, antes d'elle, tinham apenas um valor abstracto.

Uma vez estabelecida a noção dos momentos, a sua theoria elementar consiste nestas proposições geraes, facilmente deduziveis da composição das forças: primeiro, si considerar-se um systema de forças, situadas todas n'um mesmo plano, e dispostas de um modo qualquer, o momento da sua resultante, em relação a um ponto qualquer deste plano, é igual á somma algebraica dos momentos de todas as componentes relativamente a este mesmo ponto, dando a estes differentes momentos o signal conveniente, conforme o sentido segundo o qual cada força tenderia a fazer gyrar o respectivo braço de alavanca em torno da origem dos momentos, supposta fixa; segundo, si considerar-se um systema de forças concorrentes, situadas de um modo qualquer no espaço, o momento da sua resultante em relação a um eixo qualquer será igual á somma algebraica dos momentos, relativamente a este mesmo eixo, sendo os signaes desses momentos, positivos ou negativos, conforme o sentido em que as forças tendem á fazer gyrar a perpendicular que mede a mais curta distancia das projecções ao eixo considerado; terceiro, considerando um systema de forças parallelas dispostas de um modo qualquer no espaço, o momento da sua resultante em relação a um plano qualquer é igual á somma algebraica dos momentos de todas as componentes relativamente a este mesmo plano, sendo o signal de cada momento naturalmente determinado segundo as regras ordinarias, pelo signal proprio a cada um dos factores de que elle se compõe.

O primeiro destes theoremas fundamentaes foi descoberto por Varignon, geometra a quem muito deve a Mecanica racional.

O modo pelo qual Varignon estabeleceu este theorema no caso de duas componentes, donde resulta immediatamente o caso geral, é digno mesmo de ser aqui observado.

Encarando, com effeito, o momento de cada força em relação a um ponto como proporcional á area do triangulo que tivesse este ponto por vertice e por baze a recta que representa a força em grandeza, Varignon, pela lei do parallelogrammo das forças, apresenta em primeiro logar o theorema dos momentos sob uma forma muito simples, demonstrando que, si tomar-se no plano de um parallelogrammo um ponto qualquer, e considerar-se os tres triangulos que tenham este ponto por vertice commum, e por bazes os dous lados contiguos do parallelogrammo e a diagonal correspondente, o triangulo construido sobre a diagonal será constantemente equivalente á somma ou á differença dos triangulos construidos sobre os dous lados; o que é em si, como jústamente observa Lagrange, independentemente da sua utilidade em Mecanica.

O segundo theorema póde ser considerado como uma consequencia do theorema de Varignon.

Com effeito, projectando todas as forças concurrentes sobre um plano perpendicular ao eixo proposto e considerando os momentos de suas projecções em relação ao ponto em que o plano em questão encontra o eixo, a somma algebrica dos momentos das projecções das componentes será igual ao momento da projecção da resultante. Ora, o momento de uma qualquer destas projecções em relação ao ponto considerado, não é outra cousa, segundo a definição, sinão o momento da propria força em relação ao eixo; fica pois, demonstrada a proposição.

Compreende-se agora a razão por que Augusto Comte apenas considera duas especies distinctas de momentos: os momentos em relação a um *ponto* e os momentos em relação a um *plano*.

Com o auxilio da theoria dos momentos, chega-se a exprimir facilmente as relações analyticas que devem existir entre as forças no estado de equilibrio, considerando primeiramente, para mais facilidade, os dous casos particulares de um systema de forças, todas situadas em um mesmo plano, e de um systema qualquer de forças parallelas.

Cada um destes dous systemas exige, em geral, tres equações de equilibrio, que consistem: para o primeiro, em que a somma algebrica dos productos de cada força, já pelo coseno, já pelo seno do angulo que ella faz com uma recta fixa tomada arbitrariamente no plano, seja separadamente nulla, bem como a somma algebrica dos momentos de todas as forças em relação a um ponto qualquer deste plano; para o segundo, em que a somma algebrica de todas as forças propostas seja nulla, assim como a somma algebrica dos seus momentos, tomados separadamente em relação a dous planos diversos, parallelas á direção commum destas forças.

Depois de tractados estes dois casos preliminares, é facil deduzir o de um systema de forças qualquer.

Basta, para isto, imaginar cada força do systema decomposta em duas uma situada n'um plano fixo qualquer, outra perpendicular a este plano.

O systema proposto ficará, portanto, substituído por dous systemas secundarios mais simples, um composto de forças todas situadas n'um mesmo plano, outro de forças todas perpendiculares a este e consequentemente parallelas entre si.

Como estes dous systemas parciaes não podem se equilibrar, será preciso, pois, para que o equilibrio possa ter logar no systema geral primitivo, que exista em cada uma dellas em particular, o que reduz a questão ás duas questões preliminares já tractadas.

E' esta a maneira mais simples de conceber, tractando a Statica pelo methodo dinamico, a investigação geral das condições analyticas do equilibrio para um systema qualquer de forças; embora seja possivel, complicando a solução, resolver directamente o problema em toda a sua generalidade, de modo a fazer nelle entrar, como uma simples applicação, os dous casos preliminares.

Qualquer que seja a marcha que se julgue preferivel adoptar, achasse, para o equilibrio de um systema qualquer de forças, seis equações tão conhecidas em Mecanica racional, que é desnecessario mencioná-las.

Tal é, em substancia, o modo de proceder a determinação das condições geraes do equilibrio, concebendo a Statica como um caso particular da Dynamica elementar.

Por mais simples, porém, que seja, na verdade, este methodo, seria evidentemente mais racional e mais satisfactorio voltar, si possivel fosse, ao methodo dos antigos, desembaraçando a Statica de toda a consideração dinamica, para proceder immediatamente a investigação das leis do equilibrio encarado em si mesmo, com o auxilio de um principio de equilibrio, bastante geral, estabelecido directamente.

Foi, effectivamente, o que os geometras tentaram, desde que as equações de equilibrio foram descobertas pelo methodo dinamico.

Cumpre, porém, notar que elles se determinaram a estabelecer um methodo statico directo por um motivo philosophico de ordem mais elevada e mais imperioso, qual seja a necessidade de apresentar a Statica sob um ponto de vista logico mais perfeito.

E' o que nos importa actualmente explicar, visto ter sido esta a marcha que levou Lagrange a imprimir ao todo da Mecanica racional essa elevada perfeição philosophica que a caracteriza.

Este motivo fundamental resulta da necessidade que temos, para tractar em geral as questões mais difficeis e mais importantes da Dynamica, de fazel-as entrar em simples questões de Statica.

Ha um celebre principio geral de Dynamica, descoberto por Alembert, por meio do qual toda a investigação relativa ao movimento de um corpo ou de um systema qualquer póde ser convertida immediatamente em um problema de equilibrio.

Este principio, que, sob o ponto de vista philosophico, é a maior generalisação possivel da segunda lei fundamental do movimento, serve,

ha um seculo, de base permanente a soluçao de todos os grandes problemas de Dynamica, e deve continuar a receber progressivamente um tal destino, attenta a admiravel simplificaçao que traz às investigações mais difficeis.

Ora é claro que similhante modo de proceder obriga a tractar, por sua vez, a Statica por um methodo directo, sem deduzil-a da Dynamica, que é assim inteiramente fundada nella.

Não é que haja, propriamente fallando, algum circulo vicioso em persistir ainda na marcha ordinaria precedentemente exposta; pois vê-se que a parte elementar da Dynamica sobre a qual se tem feito assentar a Statica, é completamente distincta da que só póde ser tractada reduzindo-a a Statica.

Mas não deixa de ser evidente que o conjuncto da Mecanica racional apresenta, procedendo deste modo, um character philosophico pouco satisfactorio, por causa da alternativa frequente entre o ponto de vista statico e o ponto de vista dynamico.

Em uma palavra, a sciencia, mal coordenada, requer uma rigorosa unidade. A adopçao definitiva e o emprego universal do principio de d'Alembert tornavam pois indispensavel aos progressos futuros do espirito humano uma completa refundiçao do systema inteiro da Mecanica racional, em que a Statica sendo directamente tractada por uma lei primitiva de equilibrio bastante geral, e a Dynamica referida a Statica, o conjuncto da sciencia possa adquirir um character de unidade, desde então irrevogavel.

Tal é a revoluçao eminentemente philosophica feita por Lagrange em seu admiravel *Tractado de Mecanica analytica*, cuja concepçao fundamental servirá eternamente de base a todos os trabalhos ulteriores dos geometras sobre as leis do equilibrio e do movimento, como a grande idéa-mãe de Descartes dirigirá indefinidamente todas as investigações geometricas.

(*Continúa.*)

SCIENCIA POPULAR

I

A terra

(ENTRE LUIZ E O LEITOR)

(*Continuaçao*)

— Mas, afinal de contas, não se esqueça de que me disse ser a terra achatada nos pólos e não uma bola perfeita; pois suas provas nada teem que ver com os achatamentos. Quem foi que já os vio, si a differença é uma coisinha de nada aos olhos da gente?

— Bom; espere, que lá chegaremos.

Ninguem vio similhantes achatamentos; para isso era preciso

podermos ficar em um ponto do espaço e ver passar por perto de nós o nosso planeta ; mas nós sabemos perfeitamente da existencia delles.

— Homem, esta l pois eu cá sou como S. Thomé : ver para crer.

— Nem tanto, nem tão pouco ; ser como o tal sancto admitte-se até certo ponto. Ora, eu aposto em como tu proprio vaes concordar em que se pode crer sem ver...

— Agora, o que é exacto é que a gente não vê só com os olhos...

— E então ? Pois bem ; entre todos os corpos existe uma especie de *sympathia* ; ou, por ventura, um desejo constante de lutar, de sorte que um não póde estar em presença de outro sem que soffra delle uma accção tendente a approximal-os. A isto chama-se *força attractiva* ou então *attracção universal*, e dão-se-lhe diversos nomes, segundo o genero dos corpos entre os quaes se desenvolve. Assim, chama-se *attracção* simplesmente quando effectua-se entre corpos existentes na superficie da terra ; *gravidade* quando é entre a terra e os corpos de sua superficie ; e *gravitação* quando tem que ver com os corpos que revolue-teiam no espaço.

A terra possui, conseguintemente, esse poder de attrahir, e aqui, como na maior parte dos casos, soffrem os pequenos.

O sol, a lua e todas as estrellas e planetas são apenas influenciados e com seu poder resistem e oppõem á sua a attracção da terra ; mas esta não consente de modo algum que qualquer corpo que está sobre sua superficie desloque-se para o espaço. A terra nos prende como mãe carinhosa ou como inimiga orgulhosa de sua força ; da mesma maneira ella faz voltar para si a pedra, que qualquer potencia estranha fez voar por um pouco pelo ar...

— Por ora não vejo nada ; e nem sei o que póde haver de commum entre este *discurso* e a minha pergunta.

— Não se impaciente, amigo ; nós começamos pelo principio. Verás no fim de um minuto que o *discurso* não vem a tóa. Dize-me uma cousa : quem põe a semente na terra, e só depois vae lavral-a, tira fructo ?

— Mil perdões, sr. Luiz, por tel-o interrompido ; comprehendo agora. Mas consinta-me ainda uma pergunta: como se sabe da existencia de tal força, e o que vem a ser ella ?

Foi o grande Newton quem primeiro prestou attenção a sua existencia vendo cahir um fructo em terra, e até hoje todos os factos a tem demonstrado. Agora, sobre o que seja ella em si, isto não sabemos nem necessitamos saber ; existe, temos provas de tal e é quanto basta e com quanto nos devemos contentar a não quereremos perder-nos n'uma confusão de supposições infructiferas.

— Mas, como ia dizendo :— ella faz voltar para si a pedra que qualquer potencia estranha faz voar pelo ar, como o sapinho que já ia fugindo volta para a bocca da cobra, cujos olhos estão fitos nelle.

Ora, como a terra é um espheróide ou quasi esphera,—uma quasi bola—identica por todos os lados, o fóco de toda sua potencia attractiva existe justamente no centro ; de maneira que os objectos que são attra-hidos percorrem exactamente a linha que fica neste sentido até se lhe

apegarem de novo á superficie. Agora si qualquer esforço retem a pedra ou um peso qualquer ; si um cordel, por exemplo, priva que o corpo seja vencido pelo esforço attractivo, este obriga-o a ficar immovel e na direcção da linha que vae ao fóco ou centro da terra.

Bem ; ha em Physica um instrumento simplicissimo e muito commum :—o pendulo...

— Eu sei ; é assim uma especie de pendula de relógio : um corpo pesado amarrado em um fio tenuissimo e forte.

— Justamente, é isto a que se denomina de pendulo physico.

Si a tal instrumento deres um movimento oscillatorio, verás que elle movendo-se para os lados com movimentos eguaes vae pouco e pouco diminuindo a amplitude das oscillações, até que pára e fica immovel na direcção da linha, que do logar vae ao centro da terra. E' isto effeito da gravidade, como já debes ter previsto. Si ella não existisse, o pendulo movendo-se n'um logar, onde não houvesse ar, jamais pararia...

— E porque as pendulas dos relógios levam tanto tempo a oscillar, si a gravidade existe ?

Porque neste caso ha sempre uma *força* nova, que a contrabalança, fornecida pela móla, reservatorio de todo o esforço que gastamos ao dar corda ao relógio. Já vês que aqui a cousa não é a mesma.

— Continue, sr. Luiz.

— Ainda bem. Notou-se que indo-se do equador para os pólos— equador é a facha da terra mais distante de seu centro—... notou-se que as oscillações do pendulo diminuiam. Si levava elle dous minutos a oscillar aqui, alli oscillava meio minuto e parava logo. A que attribuir isto ? Subiu-se a uma alta montanha e observou-se que as oscillações eram ahi mais compassadas e demoradas que na planicie ; e como explicar este phenomeno ?

— E' que o pincaro da montanha está mais distante do centro da terra que a planicie, e por conseguinte tem em si menos *força* attractiva que aquella.

— Justamente ; e foi tambem devida a raciocinio identico a conclusão de que, possuindo o equador menos *força* attractiva que os pólos, estes estavam mais approximados do centro da terra e por conseguinte eram achatados e não conservavam a mesma altura, que as outras partes.

(Continúa)
LUIZ.

Elogio de Gomes Freire de Andrade

(Conclusão)

Bastecido o campo, marchou Gomes Freire a demandar os inimigos, que mais praticos já com a instrucção dos rebeldes, não duvidaram fazer-nos frente, apresentando-nos batalha. Soffreram as primeiras cargas dos nossos sem perder a fórma que traziam; mas vendo que lhe ficavam

sendo inúteis as suas armas na distancia, tumultuariamente vieram carregando a nossa infantaria com multidão de settas, de que alguns dos nossos foram bem servidos.

Mas como alli estivessem duas nações briosas, tirando estímulos da mesma emulação, parecendo-lhe que a competência dos barbaros era injuria do seu valor, os rebateram com golpes tão pesados que se vio o inimigo obrigado a ir deixando o campo coberto de cadaveres, que regados com a inundação do proprio sangue dava a entender que intentavam, que daquella demonstracção da nossa ira nascessem os monumentos em que se collocassem as palmas, que sabia cortar a nossa espada.

Foram os nossos seguindo-lhe o alcance em quanto deu logar o dia que satisfeito e contente de ver tanta proesa, expôz no firmamento patentes as estrellas, como luminarias em applauso da victoria.

Ficaram innumeraveis mortos na campanha, de que não souberam numero os mesmos vencedores mais promptos a contar triumphos, que a numerar vencidos. Grande foi o despojo maior á reputação que ao interesse; constando de settas, dardos, paus tostados e de toar, instrumentos bellicos daquella gentilidade, em que falta para valorosos o que lhe sobeja de atrevimento na ignorancia, carece de disciplina militar a resolução.

Não ficaram satisfeitos os nossos com a victoria, e querendo continuar-lhe este castigo, foram demandar o forte de Xarifa, donde se salvaram, como reliquias do nosso furor, os que tinham restado da batalha e unidos com os outros, que ajunctaram, procuravam fazer-nos resistencia; talvez que presumissem adquirir melhora. Cercou-se: e Gomes Freire deliberado a vencer mandou accommetter á escala a fortaleza em cujo assalto todos queriam ser primeiro, nenhum se contentava com subir segundo.

Foi crua a peleja nos objectos que serviam á salvacção de uns e a gloria de outros; não sendo alli menos arriscada a fama, pois pendia de vencer desesperados, que tirando forças do temor, pareceriam valorosos, si aquelle esforço só o produzisse o desejo da honra, não tanto a ambição da vida.

Foi entrada a fortaleza apezar da resistencia, que na mortandade dava menos motivo á compaixão, que á ira; menos movia á lastima, que ao furor. Largou-se fogo á povoação, destruindo-se com o ultimo estrago a fortaleza, sendo agora materia do incendio aquella parte que a natureza isentava do rigor do ferro.

Desta furia ainda escaparam alguns gentios que lançando-se ao Rio Verde, que corre juncto da fortaleza referida, puderam noticiar a algumas aldeias o furioso estrago de que eram duas vezes tristes testemunhas, cuidando em obstinada porfia a ajunctar-se, como si não houvessem achar sempre o mesmo valor que os destruisse.

Appareceram muitos barbaros em canôas, atravessando o rio e desafiando os nossos, da outra parte animando-os um exercito tumultuante, muito avultado em numero, digno de desprezo pela qualidade.

Gomes Freire de Andrade vendo que ainda aquelles barbaros não respeitavam seu nome, como deviam, fallou a todos, dizendo: « Que não era decoroso ás nossas armas, que uns gentios cortados do nosso ferro se atravessassem a desprezar nossas espadas, devendo, opprimidos e castigados pelo nossos golpes, confessar na sujeição o poder e no temor o esforço; que elle estava de animo de os investir no mesmo rio, e que si o seguissem alcançariam fazer attendida a nossa reputação, e ainda quando si não conseguisse, nos abria o caminho de morrer honrados, pelejando pela honra, melhor que pela vida. »

Alguma irresolução detinha os nossos, e nesta ambiguidade se lançou ao rio Gomes Freire, dizendo: « Que não eram necessarios outros companheiros onde elle estava só. » Destreza que bastou para que todos com agua pelos peitos e quasi sossobrados com a impetuosa furia das correntes dessem a conhecer ao inimigo quem eram os que, rompendo os elementos, sabiam castigar as ousadias.

Olharam com espanto o nosso esforço e viram confirmados de todo o seu castigo, deixando, a seu pezar, manchadas com bruto sangue, aquellas correntes, que consideravam infeliz prisão das nossas vidas.

Nas suas conheceram fatal o desegano; pois, prostradas as forças dos que vinham nas canôas, apertaram os nossos na outra parte do rio, dando a sentir ao mais exercito, que tinha molestado com as settas, o como sabiam vingar estas injurias.

Desampararam o campo com grande mortandade, sem egual o numero dos feridos.

A maior fadiga dos nossos não era só vencer: era cuidar em destruir de todo os inimigos, e com este desejo foram talando toda a campanha, reduzindo a cinzas todas as aldeias daquelle barbaro paiz, deixando tão respeitado o nome de Gomes Freire, que, em credito das nossas armas, basta que o ouçam para que de temerosos fujam todos os que se conspiravam atrevidos, sobre o desprezo de insolentes.

Morreram nas referidas facções quarenta e quatro hespanhóes e treze portuguezes alguns ficaram das settas encravados e todos inteiramente gloriosos.

Sem duvida que se competiram em gentilezas duas nações, quaes por se mostrarem generosos leões de Hespanha, quaes por dilatar o nome portuguez no mundo; todos por deixarem novos assumptos á memoria.

Esta é a noticia que dá a conhecer quem é Gomes Freire, e o que fôra, si tivera as occasiões como os espiritos. Seja-lhe obsequio esta lembrança com se que divulga a sua gloria e auctorisca egualmente a nossa patria.

Eis ahi fica em sua integra o artigo a que me refiro que, si não brilha pela claridade da linguagem, é pelo menos um monumento de curiosidade historica e mostra decidida de amor patrio.

Si isto não bastára, ha ainda uma circumstancia muitissimo favoravel e vem a ser occupar-se a relação com Freire de Andrade, vulto sympathico da historia portugueza e heroe de nosso primeiro poema epico, *Uruguay*, de José Basilio da Gama.

Estas razões e nomeadamente a ultima, desculparão, cuido eu, a prolixia noticia.

Rio, 25 de Julho de 1876.

DOUS POETAS

A F. S. BARROSO

O' meigas filhas do céu, ó musas das esperanças e dos risos fa-
ceis! Vinde a mim; rodeae-me tangendo as divinas cordas de vossas
sonoras lyras!

Entoae o cantico da alvorada, vertei neste coração, que de longe
em longe inda pulsa, o balsamo das harmonias celestes! Entretecei
grinaldas de myrthos e rosas para as offerendas ao altar votivo da
poesia e da mocidade!

Enchei a trasbordar as amphoras do festim consagrado a dous
combatentes, que se empenham nas justas do amor e da gloria!

E vós, auras bemfasejas, levae em turbilhões sonoros estas vozes
á morada dos infelizes, que dormem esquecidos de si e do mundo!

★
★ ★

Não estamos condemnados á escuridão eterna, como impensada-
mente cuidam muitos: madrugada esplendida de encantos nos está an-
nunciando a magestade do dia, que ha de surgir allumiado por sol doirado.

Esta athmosphera de chumbo, que suffoca a respiração ás flôres e
lhes entorpece o viço, será substituida por branda e alentadora aragem;
as avesinhas farão ouvir os melifluos trinados com que costumam sau-
dar a entrada da primavera; a natureza, emfim, a todos sorrirá. Então,
farta messe de triumphos colherá o genio.

Os que são hoje brindados com o riso alvar dos poetas dos cafés,
terão o premio destinado ao labor intellectual.

E, pois, mocidade! firmeza, fé, e... ávante!

★
★ ★

Fólgo, quando tenho a summa felicidade de encontrar na geração
que nasce animos fortes e avigoradas crenças de um futuro melhor. Foi
assim cheio de alegria intima, que abracei dous poetas, moços inda, mas
dos que não teem o cerebro vasio de luz e o coração calcinado pela per-
niciosissima indiferença.

Theophilo Dias e A. Fontoura Xavier são dous talentos que muito
promettem, dous moços que trabalham em prol do engrandecimento
desta nossa terra, nunca bastantemente encarecida; são, finalmente,
dous obreiros que hão de pertencer ao futuro, para maior realce dos
nossos fastos litterarios.

*
*
*

Poetas de ideias oppostas, Theophilo Dias e F. Xavier extremam-se como planetas de grandeza equal. Bem merecida, pois, é a proclamação de tão sadias intelligencias, quando estas alevantam olhos para uma das poucas sublimidades humanas: o amor patrio.

Desde já cumpre fazer aqui uma revelação importante em abono de Theophilo Dias: o seu talento emana de Gonçalves Dias, seu tio e o mais primoroso cantor da natureza americana.

Herdou de permeio com aquelle nome, que todos nós veneramos, o suavissimo lyrismo espalhado com mãos dadivosas pelas paginas dos *Primeiros*, *Segundos* e *Ultimos Cantos*.

Isto posto, entendemos que melhor se revelará o poeta com a poesia abaixo, depositada no cofre da amizade.

Eis a poesia :

Teu nome

« Branda sôa e flue macio
Com o frio
Fugidio,

Leve arroio que serpeia;
Rolando as ondas serenas
Entre margens de açucenas;
Sobre um chão de fina areia

E' como um sopro de brisa,
Que deslisa
E mal frisa

De um lago o verde chrystal:
Cae do labio e puro trina,
Como nota peregrina
De concerto divinal,

Minha alma, que o pronuncia
Noite e dia,
Se extasia
Da poesia

Que o teu nome lhe traduz;
E pensa, no enlevo sancto,
Que é—ou luz que se fez canto,
Ou canto que se fez luz.

Eu creio até que uma fada,
Bem fadada,
Da alvorada

O melhor raio colheu,
Que inda mimoso tremia
A's vibrações de harmonia
Caidas da harpa do céu,

E, toda meiguice !e amores,
Nos olores
Que das flores

Desprendem-se — o raio ungiu
— E assim luz, perfume e canto
Por magia ou por encanto,
No teu nome resumiu.

Certo o foi ! Nem eu soubera,
Nem pudera

De outra maneira explicar
Esse composto sublime,
Que tanta doçura exprime,
Que tanto sabe enlevar ! »

*
* *

A. Fontoura Xavier pertence á eschola realista, que teve por corypheus em Portugal Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo e tantos outros.

A musa do nosso poeta banha-se nas grandes claridades das evoluções sociaes; não tem os raptos de lyrismo do primeiro, certo, mas nem por isso deixa de agradar, e muito — corrigindo ao mesmo passo os desvarios do homem e da sociedade.

Como quer que a critica sincera e segura encare esse renascimento da poesia contemporanea, mal julgada por uns e vituperada por outros, sem embargo ha de o leitor opinar commigo em que Fontoura Xavier, si persistir no estudo, será ao cabo da jornada um poeta, e dos bons.

Por esta pequena e singela amostra melhor se avaliará dos nossos conceitos:

Estudo anatomico

Entrei no amphitheatro da sciencia,
Attrahido por méra phantasia;
E approuve-me estudar anatomia,
Por dar um novo pasto á intelligencia.

Discorria com toda a sapiencia
Um lente n'uma meza, onde jazia
Uma immovel materia, humida e fria,
A que outr'ora animára humana essencia.

Fôra uma meretriz: o rosto bello
Pude, timido, olhal-o com respeito
Por entre negras ondas de cabelo.

A convite do lente, contrafeito,
Rasguei-a com a ponta do escalpello,
E não vi coração dentro do peito!

*
* *

Resultado final: Th. Dias canta como todos seus antecessores, e provavelmente como muitos dos que forem vindo, os mysterios, as ancias, os segredos e as grandes calamidades do coração; Fontoura Xavier interroga a vida, a humanidade, Deus! os grandes mysterios e as grandes verdades da vida do homem. O primeiro pertence a si, o segundo a todos; o primeiro foge dos homens para a solidão do seu *eu*, o segundo arroja-se ao seio da vida universal e vergasta com o *humour* os truões e os máus, esses leprosos moraes. Ambos, porém, teem um ideal unico e fixo: a elevação do ninho paterno ao nivel do estudo e do trabalho.

Apresentados os dous poetas, cabe-nos, a nós, obscuros observadores destas apparições promissorias, o silencio e muitas ridentissimas esperanças.

Os valorosos soldados da nossa desfeita phalange litteraria vão sendo dia a dia dizimados pelo sopro da morte; é preciso prehencher os claros dessas devastações com juvenis e intrepidos guerreiros.

A F. Xavier e Th. Dias enviamos o nosso parabem e unimos nossos votos aos do leitor, por que se não entibie nos jovens poetas o ardor da mocidade e do estudo.

Rio de Janeiro.

ARMENIO EURIPEDES.

CHRONICA

A' reconhecida generosidade do distincto sr. Campos de Medeiros devemos a biographia do casal de professores, contractado no estrangeiro, para a projectada escola normal.

Além de *outras cositas mas*, ficamos sabendo que o professor é traductor de uma primorosa tragedia e auctor de mil escriptos, não menos primorosos, sobre horticultura, afóra alguns versos larriros, que o biographo não vio.

Tambem sabemos: que a professora, ainda em verdoengos annos traduziu, melhor que o sr. Cardoso de Menezes, o *Jocelyn*, de Lamartine, e, depois de acariciar os trinta, collaborou em diversas publicações litterarias e scientificas.

Si nos paizes cultos da Europa taes predicados recommendam professores de instrucção primaria, nesta terra são elles dispensaveis.

Nas escolas publicas perdemos excellentes engenhos, porque os mestres não sabem traduzir tragedias e poemas, nem ensinam a fabricar versos e a escrever artigos sobre horticultura.

Os alumnos-mestres, que cursarem a futura escola normal, saberão tudo isto, e entenderão de horta.

A' vista, pois, das informações biographicas, publicadas pelo sr. Campos de Medeiros, são revogadas por improcedentes as apprehensões do sr. Ferreira de Menezes.

Os actuaes professores publicos, louvando a bôa escolha do sr. Campos de Medeiros, fazem votos ao Altissimo pela conservação da preciosa saude de S. Ex.

*
* *

Ha creaturas sobre modo impressionaveis e atreitas a insultos nervosos.

Neste caso está o sr. dr. J. Capote, fecundo publicista brasileiro.

Vemol-o constantemente na imprensa diaria a pregar ás massas, defendendo uns e accusando outros.

Alguem tem estranhado o desbragamento de linguagem usada por S. S. em seus artigos, sem atinar com a causa.

No *Jornal do Commercio* de 14, appareceu o referido sr. dr. Capote, pronunciando-se ácerca de um assassinato recente; não agradou a muita gente a opinião do illustre dr.

Quer S. S. que tenhamos um homem capaz de *limpar*, a balas de revolver, as cancerosas chagas sociaes; mas não se lembra que o individuo encarregado desse serviço póde agarrar uma *perúa* e *limpar* S. S., que é bom cidadão e escoreito de podridões.

Sejamos francos: os assassinos teem bom correctivo no *capote* do sr. doutor; o restante dos criminosos, o jury absolverá.

Somos apreciador do talento e caracter do sr. dr. Capote, e por isso mesmo sentimos que S.S. se sobreexceda, quando tracta de indicar os meios para fazer effectiva a *limpeza* da sociedade fluminense.

Dizem-nos que o sr. doutor soffre de insultos nervosos.

Vem de molde aconselharmos os banhos de *duchas*, e as pilulas catharticas.

Experimente, e lucrará.

*
* *

A semana pertenceu ao festejado carnaval, ou melhormente, ao desgraçoso entrudo, ás exhibições charras e parvoas, ao congraçamento da loucura com a immoralidade, ao riso alvar da ignorancia fidalga, que bate palmas, felicita, anima e insufla as almas sandias, fazendo-as rolar, cheias de orgulho, pelo declive da embriaguez ao profundissimo oceano da perdição.

A população folgou e riu, applaudiu os pinchos dos diabretes vermelhos e espargiu flôres sobre as cabeças das garbosas messalinas, que representaram de rainhas, princezas, fadas e odaliscas.

A despeito de todo entusiasmo, a população foi *bisnagrada* no logar onde o pudor devia denunciar-se por uma côr similhante á da roupa que traziam os diabretes.

Importa em pouco o pudor, si o povo se diverte.

Não estamos longe do antigo entrudo; os banhos frios e o limão de cheiro reapparecerão.

Descancem os sectarios da *bisnaga*.

Embora fiquemos mal vistos, não cessaremos de escorchar as ridiculezas e atrevimento dos semsaborões, que empavezados com um collarinho alto e uma gravata de seda, procuram a rua do Ouvidor e ahi insultam e accommettem as familias, estragando-lhes as vestes e offendendo o corpo.

Triste e negra copia da nossa educação damos nos tres dias consagrados ao carnaval; e a vergonha cresce de ponto porquanto os desacatos, os dictos indecentes, os exemplos de desrespeito ás auctoridades partem sempre da mocidade.

*
* *

Um nosso amigo, que pelo nome não perde, lendo ha dias um romance, não sei si nacional, não sei si traduzido do francez, teve a desgraça de encontrar uma enfiada de gallicismos e algumas palavras francezas.

Tomou nota destas e daquelles com a mais celeste pachorra, e fez depois, com umas e outros, o seguinte soneto em alexandrinos.

Convém notar que algumas das palavras, empregadas no soneto, são gallicismos apenas na accepção em que estavam no romance:

Detalhe, embellezar, massacro, abandonado,
de resto, barricar, gestão, tirar partido,
merecer bem, bem mais, crachá, compromettido,
e lançar-se, em questão, trenó, desapontado,

emoção, chefe d'obra, imbecil, desolado,
receiar por, fuzil, formato, empallecido,
sortida, reprimenda, instalar, aturdido,
cotisar, prodigar, encorajar, fanado,

populaça, engajar, tartufo, irreprovavel,
regressar, descoberta, inscrever, remarcavel,
isolado, entestar, salvaguardar, bonnet,

petimetre, addiar, basear-se, palpitante,
ascendente, affectar, vir de — e desgostante,
paletot, cahache-nez, coupé, bouquet, se é.

*
* *

Está reclamando considerações o romance do sr. Julio Ribeiro, o *Padre Belchior de Pontes*.

De espaço daremos aqui o juizo, que temos formado de um livro, eminentemente nacional e seguro penhor de uma gloria patria.

Por agora diremos sómente que o sr. Ribeiro possui todos os predicamentos exigidos n'um romancista.

*
* *

Um outro livro, que merece critica mais detida, é o das *Madresilvas*, do sr. Brazilio Machado. A imprensa paulistana já se manifestou muito favoravelmente a respeito.

Não desistimos tambem do agradavel dever de expôr a nossa, bem que desvaliosa, opinião.

ARMENIO EURIPEDES

POESIAS

Nocturno

I

E' noite! A lua formosa
vem rompendo radiosa
da superficie do mar,
e as flôres do ether, no espaço,
o brilho pallido e escasso
mergulham traço por traço
no vivo e morno luar.

O globo tranquillo e immenso,
por fio ignoto suspenso,
rasga as alturas do céu;
tudo é calmo! — fugidias
as horas, humidas, frias,
vôam, com azas sombrias,
batendo o nocturno véu.

Dormes, creança? Desperta!
As leves roupas aperta
sobre os seios semi-nús!

Vem ver as ondas que saltam
 como de espuma se esmaltam,
 enlouquecidas se exaltam
 ás orvalhadas da luz!

Vem ver como brilha a areia
 onde o luar se recreia
 solto em liquidos crystaes;
 ver como os mares se calam,
 onde as ondinas se embalam
 e suspendidas resvalam
 sobre as pomas sensuaes.

Vem, acorda! A noite é queda!
 A brisa branda se enreda
 nas moitas de manacás;
 e as flôres enamoradas,
 sobre as hastes inclinadas,
 interrogam-se agitadas
 si acaso tu não virás.

II

Acorda, ó anjo, depressa!
 Já dubia a aurora começa
 no horisonte a apparecer!
 Trajando roupas doiradas,
 já desce a lua as escadas
 dos seus paços de alvoradas,
 para no mar se esconder.

Ah! vem! da aurora no manto
 cõa-se um molle quebranto
 tão bello, que se não diz,
 quando os labios, que se adoram
 tocados — tremem, descóram,
 e os olhos o ardor lhes roram
 com pranto amigo e feliz.

Abre as cortinas risonhas
 do leito, e os sonhos que sonhas
 vem no meu peito acabar!
 Vês? — As nuvens que vagueiam
 são alvos sonhos que ondeiam
 e palpitantes se enleiam
 nas vibrações do luar.

EXPEDIENTE

Honraram-nos com a offerta das publicações seguintes :

RELATORIO apresentado á Assembléa Geral Legislativa, na primeira sessão da 16^a legislatura, pelo ministro da agricultura Sr. Thomaz José Coelho de Almeida.

O LIVRO DE NÉNÉ, pelo Dr. Menezes Vieira. — Interessante collecção de leituras instructivas, que nos parecem muito apropriadas para uso da puericia.

PERIODICOS E DIARIOS. — *Reforma, Revista Illustrada, Diario de Pernambuco, Jornal do Commercio* (Porto-Alegre), *Jornal do Recife, Jornal do Aracajú, Revista Gabrielense, Commercial, Diario de noticias* (Bahia), *Echo da fronteira, Conservador, Despertador, Esperança, Echo bananense, Americano, Jornal do Penedo, Gazeta commercial, Liberal Victoriense, Monitor campista, Th. Ottoni, Provinciano, Cruzeiro do Sul, Echo d'España, Rezendense, Gazeta do commercio* (Victoria), *Diario de S. Paulo, Tribuna de S. Carlos, Ipanema, Diario de Campinas, Piracicaba, Mosaico Ouro-Pretano, Aurora, Angrense, Tribuna liberal, Diario de Sergipe, Mercantil, Monitor de Taubaté, Espirito-Sanctense, Itatiaya, Jornal de Valença, Monarchista, Jornal do Commercio* (Pelotas), e *Dezenove de dezembro*.

MATHEMATICA

LXI

Statica. — Principio das velocidades virtuaes.

Examinando as especulações dos geometras anteriores relativas ás propriedades do equilibrio, com o fim de tirar um principio directo de Statica, que offerecesse toda a precisa generalidade, Lagrange escolheu o principio das velocidades virtuaes, desde então celebre pelo immenso e capital emprego que d'elle fez tão insigne analysta.

Este principio, descoberto por Gallileu, para o caso de duas forças, como uma propriedade geral que manifestava o equilibrio de todas as machinas, fôra, mais tarde, estendido por João Bernouilli a um numero qualquer, de forças formando um systema qualquer; e Varignon havia posteriormente feito notar o emprego universal a que elle se prestava em Statica.

A combinação do principio em questão com o de d'Alembert levou Lagrange a conceber e a tractar o systema inteiro da Mecanica racional como deduzido de um unico theorema fundamental, e á dar-lhe assim o mais elevado gráu de perfeição que uma sciencia póde adquirir sob o ponto de vista philosophico : uma rigorosa unidade.

Para comprehender facil e perfeitamente o principio geral das velocidades virtuaes, faz-se mister consideral-o, primeiramente, no simples caso de duas forças, como bem disse Gallileu.

Consiste então elle em que, duas forças que se equilibram por meio de uma machina qualquer, estão entre si na razão inversa dos espaços que percorreriam no sentido de suas direcções os seus pontos de applicação, si se suppozesse que o systema recebe um movimento infinitamente pequeno; a estes espaços deu-se o nome de *velocidades virtuaes* para distinguil-os das velocidades reaes, que teriam effectivamente logar, si o equilibrio não existisse.

Neste estado primitivo, similhante principio, que póde ser facilmente verificado com todas as machinas conhecidas, apresenta já uma grande utilidade pratica, attenta a extrema facilidade com que permite obter a condição mathematica do equilibrio de uma machina qualquer, cuja constituição seja mesmo de todo desconhecida.

Chamando *momento virtual* ou apenas *momento*, segundo a primitiva accepção deste vocabulo entre os geometras, ao producto de cada força pela sua velocidade virtual, producto que méde effectivamente o esforço da força para mover a machina, póde-se simplificar muito o enunciado do principio, limitando-se a dizer que, neste caso, os momentos das duas forças devem ser eguaes e de signal contrario para que haja equilibrio; o signal positivo ou negativo de cada momento é determinado pelo signal da velocidade virtual, que reputar-se-á positivo ou negativo segundo, pelo movimento ficticio que se imagina, a projecção do ponto de applicação cahir na direcção mesma da força, ou sobre o seu prolongamento.

Esta expressão abreviada do principio das velocidades virtuaes é sobre tudo util para enunciar este principio de um modo geral, em relação a um systema de forças inteiramente qualquer.

Consiste então em que a somma algebrica dos momentos virtuaes de todas as forças, estimada segundo a regra precedente, deve ser nulla para que haja equilibrio; e esta condição deve ter logar distinctamente em relação a todos os movimentos elementares que o systema poderia tomar em virtude das forças de que está animado.

A traducção analytica deste principio conduz immediatamente á equação que, pelos interessantes trabalhos de Lagrange, encerra de modo implicito toda a Mecanica racional.

Quanto á Statica, a difficuldade fundamental de desenvolver convenientemente a equação em questão, reduzir-se-á, quando todas as forças que cumpre ter em linha de conta forem bem conhecidas, a uma difficuldade puramente analytica, consistindo em referir, em cada caso, pelas condições de ligação characteristics do systema considerado, todas as variações infinitamente pequenas que figuram na equação, ao menor numero possivel de variações, realmente independentes, afim de annular separadamente os differentes grupos de termos relativos a cada uma destas ultimas variações, o que fornece, para o equilibrio, tantas equações distinctas quantos movimentos elementares verdadeiramente diversos pela natureza do systema proposto, possam existir.

Suppondo que as forças sejam quaesquer, e que estejam applicadas nos differentes pontos de um corpo solido que não se ache sujeito a condição alguma particular, chega-se tambem immediatamente e do modo o mais simples ás seis equações geraes do equilibrio, que se encontra pelo methodo dynamico.

Si o solido não fôr de todo livre, basta introduzir no numero das forças do systema as resistencias que dahi provém, depois de tel-as convenientemente definido, o que redundará em ajunctar novos termos a equação fundamental.

O mesmo acontece quando não se suppõe rigorosamente invariavel a fórma do solido e quer-se, por exemplo, considerar a sua elasticidade.

Taes modificações não tem outro resultado, sob o aspecto logico, sinão complicar mais ou menos a equação das velocidades virtuaes que não deixa por isso de manter toda a sua generalidade, embora estas condições secundarias possam algumas vezes tornar quasi inextricaveis as difficuldades puramente analyticas, que offerece a solução effectiva da questão proposta.

Emquanto se considerou o theorema das velocidades virtuaes apenas como uma propriedade geral do equilibrio, para verificá-lo, bastava tornar patente a sua inabalavel conformidade com as leis ordinarias do equilibrio, já obtidas de outro modo, e das quaes apresentava elle um resumo utilissimo pela sua simplicidade e uniformidade.

Mas, para constituir com este theorema fundamental a base real de toda a Mecanica racional, em uma palavra, para convertê-lo n'um verdadeiro principio, era indispensavel estabelecê-lo directamente sem deduzil-o de nenhum outro, ou pelo menos suppôr apenas proposições preliminares susceptiveis por sua extrema simplicidade de serem apresentados como immediatas.

Foi o que de um modo tão feliz executou Lagrange pela sua engenhosa demonstracção fundada no principio das roldanas e na qual chega a provar geralmente o theorema das velocidades virtuaes com extrema facilidade, imaginando um pezo unico, que, com o auxilio de roldanas convenientemente construidas, venha substituir simultaneamente todas as forças do systema.

Apresentaram-se posteriormente algumas outras demonstracções directas e geraes do principio das velocidades virtuaes, mas que, muito mais complicadas que a de Lagrange, não lhe são, na realidade, de modo algum superiores, quanto ao rigor logico.

Para nós, sob o ponto de vista philosophico, devemos encarar esse theorema geral como uma consequencia necessaria das leis fundamentaes do movimento, donde póde ser deduzido por differentes modos, e que se torna ao depois o ponto de partida effectivo de toda a Mecanica racional.

O emprego de um tal principio levando o conjuncto da sciencia a uma perfeita unidade, torna-se evidentemente mui pouco interessante

d'ora em diante conhecer outros principios mais geraes ainda, suppondo mesmo, que seja possível obtel-os.

Pódem-se, portanto, considerar como inteiramente ociosas, por sua natureza, as tentativas que possam ser projectadas para substituir o principio das velocidades virtuaes por um outro qualquer.

Similhante trabalho não poderia mais aperfeçoar de modo algum o character philosophico fundamental da Mecanica racional, que, no Tractado de Lagrange, attingiu ao mais alto gráu de coordenação a que podia se sujeitar.

Não se poderia realmente ter em vista outra utilidade real sinão simplificar consideravelmente as investigações analyticas a que a sciencia está agora reduzida, o que deve parecer quasi impossivel quando se observa com que admiravel facilidade o principio das velocidades virtuaes foi por Lagrange adaptado á applicação uniforme da Analyse mathematica.

Tal é, pois, o modo incomparavelmente o mais perfeito de considerar e tractar a Statica, e por conseguinte, o conjuncto da Mecanica racional.

N'um estudo como o que fazemos, não nos é possível hesitar um só instante em dar a esse methodo uma preferencia absoluta sobre todo e qualquer outro; pois que a sua principal vantagem caracteristica é aperfeçoar no mais alto gráu a philosophia desta sciencia.

Esta consideração deve merecer-nos muito mais importancia do que a attribuida ás difficuldades especiaes que ella apresenta ainda nas applicações, consistindo na extrema contenção intellectual que exige frequentemente, o que póde ser considerado como sendo até certo ponto inherente a todo o methodo muito geral em que todas as questões são sempre reduzidas a um principio unico.

Todavia estas difficuldades são até o presente bastante sensiveis para que se possa ainda considerar o methodo de Lagrange como verdadeiramente elementar, de modo que dispensa todo e qualquer outro no ensino dogmatico.

Foi o que levou-nos a caracterisar primeiro com alguns desenvolvimentos o methodo dynamico propriamente dicto, o unico ainda geralmente empregado.

Mas estas considerações não podẽ ser evidentemente sinão provisórias; os principaes embarços que occasiona o emprego da concepção de Lagrange são apenas devidos a sua novidade.

Um tal methodo não está eternamente destinado a ser empregado exclusivamente pelo diminuto numero de geometras que o conhecem de modo que possam tirar proveito das admiraveis propriedades que o caracterizam: elle deve indubitavelmente tornar-se mais tarde tão popular no mundo mathematico como a immortal concepção geometrica de Descartes, e este progresso geral já estaria realisado, pelo menos em parte, si as noções fundamentaes da Analyse transcendente estivessem mais universalmente espalhadas.

(Continúa.)

DOCTRINA DO REAL

XIX

Da Sociologia

(Conclusão)

P. — As sociedades estiveram sempre sob o jugo das concepções geraes do Universo?

R. — Não. E' preciso um desenvolvimento intellectual já notavel para se formarem as concepções geraes do mundo, e commodidades para se produzirem os trabalhos especulativos; e a historia diz-nos que seculos e seculos se devolveram, sem que as sociedades entrassem em condições favoraveis para isto. Os vestigios da industria humana achados com as ossadas, em muitos logares, nos terrenos quaternarios, os monumentos historicos que ainda hoje se veem e as legitimas inducções tiradas da observação dos povoados selvagens contemporaneos, atrazados no seu desenvolvimento, fazem com que assim resumamos as phases principaes da evolução social:

1º A era das necessidades, caracterizada pela lucta do homem contra as fatalidades naturaes e pela criação de uma industria rudimentar, produzindo ao principio utensilios de pedra (idade das cavernas), e depois utensilios metallicos (idade de bronze).

2º A era das religiões (moral), na qual o augmento da sociabilidade estabelece laços moraes entre os homens.

3º A era das obras de arte (esthetica), caracterizada pela cultura do bello nas suas diversas fórmias: poesia, musica, architectura, pintura, estatuaria, etc., e por uma grande extensão dada á industria.

4º A era da methaphysica e da sciencia positiva (ideologia), caracterizada pelas elaborações especulativas ácerca da natureza e ácerca das causas que produzem os phenomenos que nelle se dão.

Deve notar-se que o desenvolvimento das sociedades procede analogamente ao actual do individuo: manifestação dos instinctos, das faculdades affectivas, estheticas e intellectuaes.

P. — A evolução sociologica é da mesma natureza que a evolução biologica?

R. — A evolução biologica ou desenvolvimento do individuo vivo (vegetal,

animal, homem), consiste n'uma série continua de transformações do organismo correlativa a uma série continua de actos vitales. São condições indispensaveis de desenvolvimento um germen ou ovulo, e meios cosmicos e organicos de conservar a irritabilidade da materia organizada, que provem do germen ou do ovulo. O seu desenvolvimento opera-se por meio da renovação mollecular contínua. Quando a renovação não se póde effectuar, por motivo de insufficiencia de meios, a materia organizada perde a sua irritabilidade e os actos vitales deixam de se produzir, o individuo morre.

A evolução sociologica consiste essencialmente na apparição excessiva de conjunctos de cousas que podem e devem saber-se. A sua caracteristica condicional é a reunião de homem em sociedade.

E opera-se por meio das linguas, da escripta, da tradição e dos monumentos historicos.

A evolução biologica acaba como individuo; a evolução sociologica prosegue o seu curso passando de uma sociedade á outra, é indefinida. O effeito da evolução sociologica é melhorar as faculdades intellectuaes, estheticas, e moraes dos individuos que se succedem por descendencia em a mesma sociedade; e posto este melhoramento se opere graças ao exercicio e á hereditariedade, propriedades de ordem biologica, estas propriedades servem para o desenvolvimento, mas não o podem produzir.

P. — Em que consiste o Progresso?

R. — Consiste no crescimento gradual do saber, da moralidade, e do bem-estar material que a evolução traz ao seio das sociedades, e no melhoramento das faculdades intellectuaes, estheticas e moraes que opéra nos individuos.

P. — O que deve entender-se por civilisação de uma sociedade?

R. — O conjuncto do saber, da moralidade e do bem-estar material, que essa sociedade possúa n'um dado momento.

P. — Que itinerario seguiu o Progresso vindo das sociedades, que prepararam a civilisação actual da Republica occidental?

R. — Os monumentos historicos mais antigos que temos vieram-nos dos Egypcios; e consultando os que devemos á outros povos, vemos que o Progresso seguiu este itinerario: Egypto, Assyria, Phenicia, Grecia, Roma, Europa da idade media e Europa moderna.

P. — Desde quando data a fundação da sciencia sociologica?

R. — A sciencia sociologica foi fundada, haverá meio seculo, por Augusto Comte. Este profundo pensador reuniu os numerosos documentos accumulados, sobretudo havia um seculo até então, graças aos progressos dos estudos historicos, e determinou-lhes o valor á luz de uma critica severa, educada, esteiada nos resultados

de todas as sciencias, particularmente da Biologia, constituida por Bichat pouco tempo antes. Terminado este trabalho de revisão e comprovação, reconheceu que os phenomenos sociaes, considerados no seu conjuncto, se produziam segundo uma ordem de successão invariavel e constante a que chamou *evolução*, cujo sentido consistia essencialmente nisto: As sociedades passam das concepções do Universo, primeiramente theologicas, ás methaphysicas e, finalmente, entram nas positivas.

P. — Qual é a ordem da Sociologia na hierarchia das sciencias?

R. — Como estuda os phenomenos que se dão pelo viver do homem em sociedade, suppõe o conhecimento previo das leis que regem os phenomenos que se dão no homem como individuo, isto é, — o conhecimento das leis biologicas. Tem pois o seu logar apoz a Biologia.

SCIENCIA POPULAR

I

A terra

(ENTRE LUIZ E O LEITOR)

(Continuação)

— E' uma grande cousa a experiencia, sr. Luiz!.... Mas diga-me: nem tudo póde ser tocado por essa varinha da fada.... De que modo se ha de arranjar a gente em um caso desses? Por exemplo, si eu quizesse saber o que existe no tal centro da terra; posso desconfiar que é uma grande pedra iman que attrahe os corpos que estão na superficie, e como submeter isto a experiencia?

— E' exacto; nem tudo póde ser immediatamente sujeito á experiencia; mas, então, o homem lança mão da hypothese. Si a experiencia é a certeza, a hypothese é a esperanza. Por meio de analogias, por meio de deducções e corollarios, teem os sabios até hoje chegado a descobrimentos que depois hão sido sancionados pela voz da verdade. Não poderás saber o que ha lá no centro da terra; mas poderás imaginar. As hypotheses bem fundadas e comprovadas são acceitas como realidades. Exactamente a respeito deste ponto que aventaste, o centro da terra, ha muito quem affirme ser elle de **materia ignea** em fusão; muito homem illustre admitte tal cousa e si já leste a *Viagem ao centro da terra*, de Julio Verne, terás notado que aquelle intelligente romancista toma para base de sua narração tal hypothese; e no emtanto ninguem nunca foi ao centro da terra.

— E será mesmo assim, sr. Luiz?

— Não sei; tal hypothese é fundamentada pela theoria de Laplace sobre a geogenia, ou gestação de nosso planeta, e de todas as que se tem até hoje formulado é uma das mais rasoaveis. Mas, não obstante, soffre tambem contestação.

Ainda ultimamente o nosso sabio patricio o sr. visconde do Rio Grande, em sua interessantissima obra *Fim da Creação*, apresentou argumentos em contrario, e dentre estes a alguns não poderão responder sem sophismar, sem illudir a questão, os partidarios da theoria de Laplace.

— E em que consiste tal theoria?

— Ella diz que a terra foi um pedaço da atmosphaera luminosa ou photosphaera do sol que se destacou em virtude de qualquer força estranha, que a impellisse no espaço, e depois.... Mas é melhor recitar-te uns versos de um de nossos excellentes poetas onde vem em poucas palavras o objecto desta theoria....

— Então vamos a isto.

— Os versos são do poeta J. E. Teixeira de Souza e dizem assim:

A 'spheroide terrestre em sua origem,
 qual lava incandescente,
 se destaca do sol, corre a tangente,
 e, em rapida vertigem,
 orbita immensa, eterno, circumscreve:
 pouco a pouco o calor—foge, irradia,
 se condensa a massa ignea que esfria,
 e geogenico instante a sciencia escreve.

— Sim, senhor, comprehendo. A terra, em virtude de qualquer revolução, se destacou do sol rapidamente; começou a vultear no espaço e por influencia da *gravitação* ficou n'um ponto como que equilibrada e movendo-se com os movimentos, que ainda hoje tem.

— E' isso. Depois se foi resfriando, resfriando, e ainda hoje conserva, segundo esta theoria, em seu centro materia em estado de fusão, que se está a condensar.

— Oh, mas ha tantos annos! já deve estar quasi toda solidificada.

— Pelo contrario. Si admittirmos a theoria de Laplace, ainda neste ponto poderemos comparar a terra com uma laranja. Si partires uma dessas fructas pelo meio, a espessura da casca dará perfeita idéa da relação existente entre a espessura da crosta solidificada de nosso planeta e a parte liquida, que na laranja é representada pelo miôlo.

— E em que se fundou Laplace para basear similhante theoria?

— Em ter observado que existe mais calor no interior que na superficie, o que se nota muitas vezes nas grandes covas e minas ao passo que se vae descendo; em virtude do achatamento dos pólos: em virtude das montanhas e vallas; e dos factos provados pela theoria dos movimentos...

— Mas, pelo que parece, baseou-se em factos de experiencia.

— Sim; mas factos de experiencia que poderão ter outra explicação. Assim, o illustrado visconde do Rio Grande bate-os neste sentido, apresentando uma outra hypothese.

— Differente da de Laplace ?

— Certamente ; o nosso patricio diz que a terra vive, como já dizia Platão, e além disso accrescenta que ella, como o homem, como as arvores e tudo o que existe começou do minimo para attingir o maximo ; cresce cada vez mais, recebendo alimentação por intermedio da atmosphaera ; e seu voltear constante no espaço não tem outro fim que a procura de alimentos que a nutram.

— E' interessante !

— Interessantissimo ! Si a theoria de Laplace é uma victoria ganha pela applicação dos verdadeiros principios das sciencias exactas ; si alli, em virtude de estudo das propriedades dos movimentos dos corpos, chegou o sabio áquella conclusão, na theoria apresentada pelo illustrado visconde ha a belleza incomparavel da generalisação ; ha imaginação fecunda que, estudando as funcções da vida do homem expandio-se e partindo deste *microsmo* foi considerar o planeta que n'uma carreira vertiginosa se move no espaço. Ha para nós mais uma bella prova deste principio universal das obras da natureza : a variedade na unidade — a vida do universo bem caracterisada, mas a vida da terra com modificações, á primeira vista completamente alheias á vida do homem e dos outros seres !

— Não se esqueça, sr. Luiz, que eu estou ancioso por saber como a experiencia levou Laplace e o sr. visconde a assentarem as bases de suas theorias.

— Vamos ver.

(Continúa)

LUIZ.

THEATROS

O Gymnasio — *A Irman do cego*. — *O cachimbo é a hora dos sonhos* (V. Souto). — O sr. Machado. — *O Zambro e o corcunda*. — *Espectaculo cego, zambro e corcunda*. — Theatro-hospital. — *O Barão do Pão de Assucar*. — O Alcasar e sua missão. — *A' ultima hora*. — 30, 7, 6, 4, 3, 2. — *O que se ensaia*. — Cousas de vaudeville.

O Gymnasio fechou *A porta do inferno* que lhe não abriu a do céu, e deu-nos a *Irman do cego*.

Cega me parece a empreza...

Que escolha !

Não sabemos quem é o auctor ou quem são os auctores de semelhante *peça*.

A empresa não o declarou em seus programmas.

E' costume velho, entre nós, este de occultar ao publico o nome dos auctores.

Tambem quem quer que fosse que escreveu a *Irman do cego*, nada perdeu com a synalepha. Deve, ao contrario, agradecer á empresa ter-lhe poupado um dissabor.

Com aquillo ninguem entrava no Instituto. No de França, entenda-se, porque, para o nosso, não seria preciso tanto.

E' producção que não honra o productor.

E muito menos ao sr. Vieira Souto, o traductor.

Si a peça é má, a traducção é pessima.

Os gallicismos contam-se a tres por dous.

Ha coisas que se não entendem, por exemplo, *o cachimbo é a hora dos sonhos*.

Dou um premio a quem reduzir-me aquillo a trocos miudos.

O desempenho foi regular; mas a distribuição dos papeis...

O sr. Couto Rocha encarregou-se da parte do sr. Peregrino; o sr. Peregrino da do sr. Maia; o sr. Maia da do sr. Couto Rocha, e o sr. Guerreiro da do sr. Gusmão.

Em seu elemento estavam a sra. Jesuina e o sr. Machado.

Este sr. tem muita habilidade; é moço e intelligente: estude com perseverança e ha de colher optimo resultado.

O verdadeiro *cego* foi o sr. Maia, que não sabia palavra do papel.

E tambem não havia movel-o nem á mão de Deus Padre.

Representou-se, tambem naquelle theatro, *O zambro e o corcunda*,..... em um acto, producção de meu amigo o sr. Casimiro de Assis.

Aquellas reticencias indicam o logar em que devia estar a palavra, que não encontro, para qualificar o trabalho de meu amigo.

Em francez chama-se *pochade*.

Esta pequena producção, escripta, sem disputa, despretenciosamente, como tudo o que escreve seu intelligente auctor, só visa um fim: fazer rir. Consegue-o.

Anda pela scena do Cassino o *Barão do Pão de Assucar*.

Já tive occasião de dizer aos leitores da *Revista* que não vou ao Cassino, receiando voltar de lá contuso.

Para assistir á representação do *Barão do Pão de Assucar*, ser-me-ia mister tomar, para bem de meu physico, certas precauções que a elegancia não permittiria.

A elegancia, e a policia.

Portanto, ponho de parte o *Barão do Pão de Assucar*. Não quero ficar corcovado.

O Alcazar continúa em sua barbara e desconscienciosa missão de estropiar musica digna de ser cantada.

Pelos outros theatros nada de novo.

Mas hão de ver: não finda a semana sem que o defunto Bourgeois surja-me ahi de qualquer delles, como um de seus heroes n'um lance imprevisto.

Si é sina minha!...

O que vale é que o publico fluminense já não tolera por mais de tres dias os dramalhões pantafaçudos.

A' ULTIMA HORA

Dizem-nos que andam em ensaios as seguintes peças:

No S. Pedro *Os trinta castellos de Hespanha, um dos taes*, no gosto dos *Sete infantes de Lara*, dos *Seis degraus do crime*, dos *Quatro filhos d'Aymont*, dos *Tres homens vermelhos*, dos *Dous seralheiros*, etc.

Sabem quem é seu auctor?

BOURGEOIS!

E' sina!

No S. Luiz a *Pera de Satanaz*, adornada, dizem-me, de nova musica, expressamente escripta pelo sr. dr. Cardozo de Menezes.

No Gymnasio dão-nos para a quaresma *Os milagres de S. Benedicto*, oratoria.

A oratoria está para a quaresma como o bacalhau; é o bacalhau theatral.

Não admira; pois os theatros não andam cheios de *angú*?

Hoje ninguem vae ao theatro educar o espirito e o coração. Si alguem lá vae é para abrir o appetite.

Na Phenix ensaiam *Abel, Helena, calembourg* em 3 actos, parodiando a *Bella Helena*.

Coisas de vaudeville!...

Seria melhor que o sr. Arthur aproveitasse as suas disposições em trabalhos de maior vantagem para si e o publico, si é que está isso em sua alçada.

Até a primeira.

ELOY, O HERÓE.

CHRONICA

Certos jornalistas espurios, baldos de sadia leitura e amor ás excellencias da viril linguagem portugueza, grandemente prezada dos Camões, Bernardes, Filinto e outros, encaminham o esbelto idioma para o despenhadeiro dos barbarismos, solecismos e quejandas soezes corruptelas.

Mudemos de politica, de amores, de vestuario, que tudo isto é moda e a moda muito vista aborrece; mas conservemos uma lingua uniforme, que seja entendida de todos nós, sem atravancal-a de impurezas que lhe desdoiram o brilho e corrompem a indole.

Devemos mostra de estimação pela riqueza, que nos legou um povo amigo.

Escrever limpamente é dever dos que se collocam á frente de uma imprensa.

*
* *

Não entende assim a redacção da maior folha que possui esta capital, onde o *Apostolo* tambem conta leitores.

Vejamos a prova :

Em 13 do corrente, noticiando aos leitores o *resultado* das *bisnagas*, diz a folha a que nos referimos: « Além desta occurrencia, e muitas que passaram *desapercebidas*... »

Occurrencias *desapercebidas* ! Parece gracejo.

Desaperceber, verbo activo e commummente empregado no participio passado, significa desapparelhar, desarmar, desprover, e algumas vezes desavisar, desprevenir.

Custa-nos a crêr que as occurrencias passassem desapparelhadas, desarmadas, desprovidas, ou mesmo desavisadas.

Despercebidas talvez passassem.

Fique sabendo o escriptor daquella local que *desperceber* e *despercebido* é que significam não ter ou não ser percebido, não entender, não reparar.

Desapercebido por *despercebido* é barbarismo e sandice ao mesmo tempo.

Arredamos de nós a gloria do invento, citando os seguintes exemplos.

Leia, sr. localista:

Falla Vieira: « O reino está *desapercebido* de armas e mantimentos » quer diser, desprovido, desguarnecido, desarmado para a guerra.

Diogo de Paiva: « As tentações do demonio, peccadores, vos tomam *desapercebidos* » isto é, sem estardes prevenidos com a fé e doutrina da egreja.

Leão : « Mandou desaparecer os fidalgos » entende-se, desavisal-os.

Lucena : « Enganaram os entendimentos desaparecidos dos simples »— desprevenidos.

Joanna da Gama : « Os mais dos males vem desconhecidos em trajos de bem, rebuçados com elles ; damos-lhe acolhimento, acham-nos desaparecidos e pregam-se nos ossos. »

E porque aos redactores da folha citada passaram *despercebidos* os bons modelos da lingua, os julgamos *desapercebidos*, isto é, sem os apercebimentos exigidos para o cargo que se impuzeram.

*
* *

Os gallicistas são bem aconselhados nestes versos de Francisco Manoel do Nascimento :

Abra-se a antiga veneranda fonte
Dos genuinos classicos, e soltem-se
As correntes da antiga san linguagem,
Rompam-se as minas gregas e latinas;
(Não cesso de o dizer, por que é urgente)
Cavemos a facundia que abasteça
Nossa prosa eloquente e culto verso.
Sacudamos das fallas, dos escriptos
Toda a phrase estrangeira, e frandulagem
Dessa tinha, que comichona afêa
O gesto airoso do idioma luso.

Quero dar que em francez haja formosas
Expressões curtas, phrases elegantes;
Mas indoles diff'rentes tem as linguas;
Nem toda a phrase a toda lingua ajusta,
Pondo um bello nariz alvo de neve,
N'uma formosa cara trigueirinha;
(Trigueiras ha, que ás louras se avantajam)
O nariz alvo no moreno rosto,
Tanto não é belleza, que é defeito.

Por hoje ficamos aqui.

*
* *

O sr. José Bento foi demittido a bem do serviço publico. Demittido ou despedido? dirá o leitor que tem bom estomago e assiste ás sessões do parlamento.

Nem uma nem outra coisa, pensa o nosso visinho da esquerda : o dedo da *Providencia* indicou-lhe o meio de salvação.

E o nosso visinho da esquerda tem suas razões.

O ex-ministro do imperio, acceitando a intimação regia, livrou-se das arpoadas da opposição, que estava de atalaia.

Antes assim.

*
* *

O periodico da rua Nova, Cerbero deste inferno não previsto por theologos, esvurmou a sua melhor colera e desfechou crudelissimas diatribes contra o pacifico Bordallo Pinheiro, a proposito do Carnaval.

O caricaturista do *Mosquito*, condoendo-se do lebreu, consentiu que elle se espojasse á vontade.

*
* *

O *Caipira* é accusado de ter comido *bola*.

Affirma o sr. Gary, do lixo, e repetem os sabedores do facto nas proprias barbas do accusado.

E o homem calado !

Desembuche, sr. *Caipira* ; escreva ao mano Chico explicando esta historia de *bola*.

Um caipira a comer *bola* !

Tem graça.

*
* *

Emquanto os moedeiros falsos, no Rio Grande, e os larapios em Santos, promettem salvar a situação do *deficit*, a policia do imperio estuda geographia.

Para acompanhar os moedeiros e os larapios é indispensavel esse estudo. Captural-os é contra a lei.

*
* *

Começaram os sermões na egreja do Castello.

O amado bispo desentranha-se em sublimes considerações respeitantes ao dogma da fé.

Os capuchinhos applaudem o diocesano e louvam-no pela habilidade com que maneja o congo.

Portuguez é que elle não sabe, nem precisa saber.

A freguezia dos capuchinhos gosta mais do congo misturado com cabinda.

São gostos.

*
* *

Preparamo-nos para a conferencia que no theatro S. Pedro de Alcantara vae fazer o dr. Tinoco, do *Jornal*.

O assumpto, segundo informam os amigos do doutor, é — *A hygiene da walsa*.

Quem conhece o dr. Tinoco, desde já — *garante o successo*.

Isto é d'elle.

Até lá.

POESIAS

Juramento e dentada

Lançaram-te no rosto o aereo véu nupcial;
bem sei que te perdi, mas não te quero mal.

Brilham de teu collar as pedras luminosas,
mas em teu coração que noites luctuosas!

Em sonhos eu desci, ó misera mulher!
ás sombras de tua alma, e vi-te o padecer.

Bem sei que te perdi, ó minha doce amada,
mas não te quero mal, que és muito desgraçada.

Sonhando, ouvia suspirar o vento
das tilias sobre a cupula odorante;
e, como outr'ora, ouvia o juramento
do teu amor constante.

Que protestos de amor nesse momento!
Mas na febre dos beijos que me déste,
como para gravar teu juramento,
em meus dedos mordeste!

Dona do riso alegre, ó meu tormento!
Dona de olhos azues, ó minha amada!
já me bastava o doce juramento,
foi demais a dentada.

Coimbra.

GONÇALVES CRESPO.

A Belisa

O que anhele são tuas mãos pequenas,
mimosas como lyrios côm de neve;
é teu andar subtil, aereo, breve,
qual o vôo, no ether, das phalenas.

O que anhele são duas açucenas,
que guardas em teu seio, e só de leve
minh'alma, ás vezes, timida se atreve
a dar-lhes beijos em canções amenas....

Pede o poeta aspirações á vida,
em nota d'harpa, tremula, sentida
o pobre doido um mundo idealisa.

A mim, pallido amor, minha Consuelo,
agita tão sómente um casto anhele,
um desejo exclusivo: és tu, Belisa.

LINS DE ALBUQUERQUE.

A Valentina de Lucena

Tens a fronte cingida de laureis
e o seio a rescender um grato aroma,
como o aloés que a côrte de Mafoma
esparge nos turbantes dos seus reis.

Occultas, como a garça, o cóllo branco
entre as plumas das azas perfumadas ;
não vês que o rio de aguas prateadas
vem denunciar teu riso ingenuo e franco.

Não sabes que nas varzeas, onde trilha
teu pé, primor de gosto e de belleza,
ficam até as urzes da deveza
impregnadas de sandalo e baunilha ?

Bem se vê que é divina a tua casta !...
E's brámine talvez, brámine pura ;
nasceste nos jardins de Singapura
e embalam-te as brisas de Madrasta.

Ungiu-te o seio o nardo de Chául
e os divinaes perfumes de Golconda !
E's imponente e altiva, como a onda
que banha as verdes costas de Stambul.

Roubaste ao céu do Oriente o sacro lume,
e aquella natureza viridente,
arrebataste o vaso transparente,
onde a myrrha guardava o seu perfume.

Não ! tu não vês aqui onde te acoites,
nem um só véu discreto que te esconda :
trazes nas mãos rubis de Trebisonda
e no olhar o esplendor daquellas noites !

Que vale o véu da casta mussulmana,
e a cambraia no rosto da Judia,
quando um gesto sómente denuncia
o todo encantador de uma sultana ? !...

.
.

Como os persas, que os raios da manhan
saudam quasi em extasis immersos,
quiz saudar-te tambem n'uns pobres versos,
deitado no meu flácido divan.

CHRISTOVÃO AYRES.
(Indio)

Esmola romantica

(A LINS DE ALBUQUERQUE)

Eu nunca decantei as fórmãs da mulher,
nem fiz *rondós* á lua em noites perfumadas,
emquanto á sua luz as vaporosas fadas
desfolham balbuciando a flôr do malmequer.

Cultivo a inspiração do triste Baudelaire ;
não sonho essas visões, phantasticas, sagradas,
das commoções gentis por ti romantisadas
nos éstos ideaes da febre do prazer.

E a ausencia da paixão não é que me desdoura ;
inda hontem, da sacada, uma condessa loura
lançou-me um doce olhar de virgem Capuleto ;

mas eu, descrente já na fé do romantismo,
cantarolando baixo a parte de um *duetto*,
deixei cahida a esmola aos pés do satanismo.

S. Paulo.

A. FONTOURA XAVIER

O canto e a folha

Suave endeixa encontrada
na vaga aerea soidão
com verde folha arrastada
pela mesma viração,

perguntou-lhe : Folha bella,
que fazes pela amplidão ?
— E onde vaes, — lhe torna aquella,
dos ventos no turbilhão ?

Responde o canto : Partido
de lyra do coração,
nos ares vago perdido,
perdido suspiro em vão.

Torna-lhe a folha : Cahida
de verde galho no chão,
fui de repente colhida
dos ventos pela traição.

Rio, 1876.

Leva-nos ares em fóra
a mesma invisivel mão,
que deu-me o orvalho da aurora,
e deu-te o do coração.

Fria brisa que me arrasta
de seu capricho á feição,
tambem das cordas afasta
a filha da inspiração.

E emquanto em rama viçosa
novas folhas brotarão,
e em lyra branda e mimosa
ledos sons de outra canção,

tu de echo em echo te enleias,
eu de tufão em tufão ;
eu seccarei nas areas,
tu morrerás na amplidão.

THEOPHILO DIAS.

EXPEDIENTE

Agradecemos a offerta das publicações :

VALORES REAES E REALISAVEIS, pelo sr. Conde de la Hure. — E' a exposição de um projecto para amoedar as terras devolutas, seguido de algumas considerações ácerca da reforma da lei commercial. Parece-nos merecedora de apoio a idéa do sr. Conde de la Hure, visto que tem por fim primario melhorar a nossa circulação fiduciaria.

PROGRESSO LITTERARIO, ns. 1 e 2 (Rio-Grande do Sul).—Periodico semanal, sob a direcção dos srs. Theodoro Garcia e J. J. Cesar. Conta entre seus collaboradores o sr. Apollinario Porto-Alegre (Iriema).

Ao novo collega enviamos muito saudar.

PERIODICOS E DIARIOS. — *Reforma, Revista Illustrada, Mequetrefe, Monitor de Taubaté, Echo Bananalense, Diario de Minas, Correio de Cantagallo, Aurora, Jornal do Commercio (Alegrete), Mercantil, Echo do Sul, Echo da Fronteira, Commercial, Jornal do Commercio (Pelotas), Echo de Espãna, Jornal do Povo, Monitor Campista, Sentinella, Crença, Provinciano, Diario de Campinas, Diario de S. Paulo, Rezendense, Monarchia, Itatiaya, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Diario de Noticias (Bahia), Jornal Para Todos, Pedro II, Publicador Maranhense, Constituição, Jornal de Valença, Liberal, Liberal do Pará, Constituição (Pará), e Provincia (Maceió e Pernambuco).* Recebemos tambem, pela primeira vez, o *Lidador*, da Bahia, n. 25. *A Tribuna Liberal*, excellente diario da provincia de S. Paulo, suspendeu a sua publicação. Aqui deixamos consignado nosso pesar.

TEIXEIRA DE SOUZA. — Nosso amigo e collaborador J. E. Teixeira de Souza, actualmente na provincia do Maranhão, nos enviou, com extremos de delicadeza e bôa amizade, algumas poesias, que nos não deteremos em publicar.

Ao nosso illustrado collaborador mil agradecimentos.

Ao MOSQUITO. — Inda não perdemos de todo as esperanças. Largos dias tem cem annos.

Ao FIGARO. — Quer saber uma cousa, meu charo collega? Ponha o seu administrador no olho da rua.

MATHEMATICA

LXII

Statica. — Theoria dos conjugados

Consideremos agora uma importantissima concepção, introduzida na sciencia por Poinsot, a qual constitue o maior aperfeiçoamento que, sob o ponto de vista philosophico, experimentou o systema geral da Mecanica nacional, depois da regeneração operada por Lagrange.

Tracta-se, como se vê, da engenhosa e lucida *theoria dos conjugados*, que Poinsot creou para aperfeiçoar directamente, em suas concepções fundamentaes, a Mecanica racional, e cujo alcance não foi ainda sufficientemente apreciado pela maioria dos geometras.

Sabe-se que estes *conjugados*, ou systemas de forças parallelas, eguaes e contrarias, haviam, antes de Poinsot, sido encarados, como uma especie de paradoxo em Statica, e que este geometra appropriou-se desta noção isolada para constituil-a em assumpto de uma theoria muito extensa e de todo original relativamente á transformação, á composição e ao emprego destes grupos singulares, dotados de propriedades tão notaveis por sua generalidade e simplicidade.

Estas propriedades fundamentaes consistem: 1.º, sob o ponto de vista da direcção, em que o effeito de um conjugado depende sómente da direcção de seu plano ou de seu eixo, e de modo nenhum da posição deste plano, nem da do conjugado no plano; 2.º, quanto á intensidade, em que o effeito de um conjugado não depende, propriamente, nem do valor de cada uma das forças eguaes que o compoem, nem do braço de alavanca sobre o qual actuum, mas unicamente do producto desta força por esta distancia, ao qual Poinsot denominou *momento* do conjugado.

Adoptando o methodo dynamico propriamente dicto para proceder á indagação das condições geraes do equilibrio, Poinsot apresentou-a sob um ponto de vista inteiramente novo pela sua concepção dos conjugados, que a simplificou e esclareceu consideravelmente.

Para caracterisar de um modo summario esta variedade do methodo dynamico, bastar-nos-á conceber que, ajunctando em um ponto qualquer do systema duas forças eguaes a cada uma das que se considera, e que actuem em sentido contrario uma da outra, segundo uma recta parallela á sua direcção, poder-se-á, sem nunca alterar o estado do systema proposto, encaral-o como substituido: 1.º, por um systema de forças eguaes ás forças primitivas transportadas parallelamente á suas direcções para o ponto escolhido, e que, por consequencia, serão geralmente reductiveis a uma unica; 2.º, por um systema de conjugados tendo por medida de sua intensidade os momentos das forças propostas relativamente a este mesmo ponto, e cujos planos, passando todos por este ponto os tornarão tambem reductiveis a um unico conjugado.

Por ahi se vê, com que facilidade poder-se-á proceder á determinação das relações do equilibrio, pois bastará achar, pelas leis conhecidas da composição das forças convergentes, esta resultante unica, afim de exprimir que ella é nulla ; depois, pelas leis que Poincot estabeleceu para a composição dos conjugados, obter egualmente este conjugado resultante, e annullal-o tambem separadamente ; porque é claro que a força e o conjugado não podendo mutuamente se destruir, o equilibrio não poderia existir sinão suppondo-os individualmente nullos.

Cumpre, sem duvida, reconhecer que este novo modo de proceder não é indispensavel para applicar o methodo dynamico á determinação das condições geraes do equilibrio.

Mas, além da extrema simplificação que introduz n'uma tal investigação, devemos sobretudo apreciar, quanto aos progressos geraes da sciencia, a clareza inesperada que ella lhe proporciona, isto é, o aspecto eminentemente lucido sob o qual apresenta uma parte essencial destas condições de equilibrio, todas as que são relativas aos momentos das forças propostas, e que constituem a mais importante metade das equações staticas.

Estes *momentos*, que não indicando até então sinão uma consideração puramente abstracta, artificialmente indroduzida em Statica para facilitar a expressão algebrica das leis do equilibrio, tomarão d'ora em diante uma significação concreta perfeitamente distincta, e entrarão tão naturalmente como as proprias forças nas investigações staticas, como sendo a medida directa dos conjugados aos quaes estas forças dão immediatamente origem.

Comprehende-se bem *à priori* que facilidade esta interpretação geral e elementar deve necessariamente trazer para a combinação de todas as idéas relativas á theoria dos momentos, como já se vê a prova effectiva na extensão e aperfeiçoamento desta importante theoria, pelos trabalhos do proprio Poincot.

Quaesquer que sejam, na realidade, as qualidades fundamentaes da concepção de Poincot em relação a Statica, deve-se todavia reconhecer, que é sobretudo ao aperfeiçoamento da Dynamica que ella se acha, por sua natureza, inteiramente destinada ; e podemos assegurar, a este respeito, que esta concepção ainda não exerceu até o presente a sua influencia mais capital.

Cumpre encaral-a, com effeito, como directamente propria para aperfeiçoar, sob um ponto de vista importantissimo, os proprios elementos da Dynamica geral, tornando a noção dos movimentos de rotação tão natural, tão familiar e quasi tão simples como a dos movimentos de translação.

Porque o conjugado póde ser encarado como o elemento natural do movimento de rotação, como a força é do movimento de translação.

Não é aqui o logar de indicar mais distinctamente esta consideração.

Devemos sómente conceber, em these geral, que um emprego bem entendido da theoria dos conjugados estabelece a possibilidade de tornar

o estudo dos movimentos de rotação, que constitue até aqui a parte mais complicada e mais obscura da Dynamica, tão elementar e tão clara como o estudo dos movimentos de translação.

Teremos, com effeito, occasião de verificar mais tarde a que gráu de simplicidade e de clareza Poincot chegou a reduzir por este modo diversas proposições essenciaes, relativas aos movimentos de rotação, e que, antes d'elle, eram estabelecidas da maneira mais penosa e indirecta, principalmente no que diz respeito ás propriedades das *áreas*, cuja extensão elle augmentou sensivelmente e regularisou a applicação sob diversos pontos de vista importantes, sobretudo, em ultimo logar, quanto a determinação do que se chama *plano invariavel*.

(Continúa)

NOÇÃO DE LEI

IV

(Conclusão)

Póde-se comprehender toda a differença existente entre o estado theologico e o estado positivo, pela impossibilidade de conciliar as leis naturaes com as vontades sobrenaturaes, o relativo com o absoluto. Donde a exclusão definitiva da intervenção divina, pelo apparecimento universal do regimen das leis.

« O que seria, pergunta Augusto Comte, desta ordem admiravel, que prende gradualmente os nossos mais nobres attributos moraes aos menores phenomenos materiaes, si fosse preciso interpôr uma potencia infinita cujos caprichos, não comportando previsão alguma, ameaçassem-na constantemente de uma completa subversão ? »

No verdadeiro ponto de vista theologico, o agente humano é passivo nas mãos de Deus: toda a sua actividade resume-se em procurar a causa primaria da fatalidade que o domina, e a descobrir o melhor meio de lhe tornar favoravel, por supplicas, offerendas e hosannas interessadas.

Destinado para um mundo invisivel que quer e teme incessantemente, não deve elle procurar nesta terra sinão occasiões de salvação pessoal, e conservar-se estrangeiro.

Para o Positivismo, ao contrario, o homem é dotado de uma actividade expontanea, de uma efficacia real: elle constata a ordem que o cerca, para instituir suas relações com ella, para se submeter a suas fatalidades immutaveis, e utilizar as suas disposições modificaveis. Em logar de uma potencia arbitraria e impenetravel, á qual estaria fatalmente sujeito, reconhece uma ordem exterior invariavel, mas compativel com o seu destino, incessantemente melhorado por uma intervenção tutelar que agradece sem nada lhe pedir, que glorifica sem segunda

tenção de egoismo. Nella está todo o seu futuro, como o seu presente e o seu passado ; cidadão da Terra, dirige para a humanidade, a unica que póde e deve servir, todas as suas aspirações e todos os seus esforços.

A noção de lei foi introduzida no mundo, no que diz respeito ao Occidente, pela eschola pythagorica; ella assignalou a estréa da evolução scientifica.

Similhante aquisição devia necessariamente resultar já da ordem exterior que manifesta o mundo, já da constituição interior que tornava o nosso cerebro proprio para penetrar uma tal harmonia.

Pelas leis logicas que lhe são proprias, o espirito humano partiu de uma primeira observação inductiva, feita sobre as relações constantes mais simples, as da successão segundo a qual as unidades numericas mutuamente se engendram, para estender depois esta noção de successão regular, a todos os phenomenos, segundo a tendencia fundamental da nossa intelligencia a formar sempre a hypothese mais simples, compativel com o conjuncto das informações obtidas.

Ora, o que a principio não passava de uma hypothese atrevida, de uma generalisação subjectiva prematura, lenta, incontestavelmente se verificou, á medida que a sciencia augmentou e que, por trabalhos seculares, objectivamente demonstrou, para todas as ordens de phenomenos, o que na origem não era sinão uma illuminação do genio theorico.

E' esta grande noção, gradualmente estendida pelo espirito positivo á todas as cathogorias de factos reaes, que successivamente arrancou-os á interpretação theologica ou metaphysica, para pôr fóra de duvida que todos são sujeitos ás leis, submettidos a relações invariaveis de successão e de similhaça.

Os factos physicos foram os primeiros subtrahidos a este imperio, depois os phenomenos vitaes, e afinal os da historia.

Foi o genio de Augusto Comte que completou e coordenou a grande elaboraçãõ começada na antiguidade por Thales e Pythagoras, para constituir o systema philosophico que abraça hoje, n'uma admiravel hierarchia, todas as nossas concepções reaes sobre a ordem universal, desde as mais simples, das que são relativas ás propriedades dos numeros, até ás mais complicadas, as que dizem respeito aos phenomenos sociaes e moraes.

SCIENCIA POPULAR

I

A terra

(ENTRE LUIZ E O LEITOR)

(Conclusão)

— Si, collocando uma pedra n'uma funda a volteares por diversas vezes antes de a despedir, notarás não só que a funda se conservará distendida durante as voltas tentando afastar-se de tua mão, como também que a pedra, embora se esforce por fugir, não o fará enquanto não deixares um dos braços da funda. Este facto póde te dar idéa de duas *forças*, que se observam sempre nos objectos sujeitos a um movimento de rotação: a *força centrífuga* que leva o corpo a fugir do centro de sua trajetória, ou caminho que percorre, e a *força centripeta* que o obriga a não se afastar delle.

Na funda os braços distendidos representam a força centrífuga, e a resistencia que apresenta a correia contra a fugida da pedra dá idéa da força centripeta. Laplace, em virtude do conhecimento de taes forças e de suas propriedades, concluiu a primeira observação em que baseou sua hypothese geogenica. Então, dizem os partidarios de sua theoria: « Tendo a terra, ao principio, a fórma espherica e sendo animada de um movimento de rotação em torno da linha dos pólos, só a fluidez primitiva explica a sua conformação actual, porquanto a força centripeta egualmente distribuida em todos os pontos da superficie espherica, não podia se equilibrar sempre com a força centrífuga, cujo crescimento é na razão da velocidade do movimento e por isso maior no equador do que nos pólos.

« Assim, pois, vê-se contrabalanço destas forças nos pólos, excesso da centrífuga sobre a centripeta no equador, e, como consequencia, as moleculas do fluido primitivo, por sua facil dislocação, fazendo a figura do globo ressentir-se desse desequilibrio de forças¹. »

— Espere, sr. Luiz, espere; não corra tanto. Porque é que o movimento é maior no equador que nos pólos? O que vem a ser molecula?

— Já te ia explicar isso. Imagina duas rodas de carro, uma grande, que terás como representando o circulo do equador, e outra pequena, que supporás figurar um dos circulos dos pólos; faze com que estas duas rodas sejam unidas por um eixo. O que é preciso para que em um mesmo tempo deem ambas uma volta completa?

— Que a maior ande mais de pressa.

— Exactamente. Ainda terás melhor idéa desta verdade si imaginares que as duas rodas teem o cubo e os raios communs; si imaginares, por exemplo, que a primeira abrange a segunda, isto é, que a maior tem dentro de si a menor; e si, collocando um papelinho branco na corôa de cada uma, imprimir-lhes uma rotação.

¹ BORGES FERRAZ, *Reflexões sobre a Geogenia*.

— E porque se dá isso ?

— Porque, quanto maior fôr a circumferencia, maior é o caminho a percorrer. Quem quizer percorrer tres leguas, emquanto outra pessoa percorre meia, o que faz ?

— Corre mais.

— Quanto á molecula, tenho a dizer-te que na chimica, sciencia que estuda as transformações, composições e decomposições dos corpos, considera-se que tudo que nos cerca se compõe de partesinhas indivisiveis, chamadas *atomos*, e que estes se reúnem em pequenos grupos chamados *moleculas*, que se movem eternamente e com tanto maior facilidade, quanto o corpo é gazoso, liquido e solido. A chimica diz que são devidas aos diversos e variados agrupamentos das moleculas as innumeradas fórmulas, que apresentam os corpos da natureza.

— Como rebate o sr. visconde este primeiro argumento de Laplace ?

— Diz elle que não é necessaria a hypothese da fusão primitiva do nosso planeta para explicar o achatamento dos pólos ; pois que é este insignificantissimo e póde ter sido causado tão sómente em virtude do movimento de rotação. Mas o sr. visconde apresenta uma opinião do excellentissimo mathematico o sr. Poisson, afim de corroborar neste ponto a sua hypothese, que de maneira alguma nos convem passe despercebida. Em memoria do venerando Laplace, e em que pese ao sr. visconde, ser-lhe-emos contrario agora.

Diz Poisson que « admittida a hypothese de que a terra existisse originariamente derretida, a sua consolidação deveria começar pelo centro, visto que toda a materia que se fosse resfriando e condensando nas extremidades deveria cahir para o fundo central. »

— Não continue, sr. Luiz ; eu protesto pelo senhor, porque sei que tal caso não se daria em virtude da *força centrifuga*.

— Nem precisa isso, nem precisa o movimento para ser possivel o resfriamento da periphéria para o centro, da parte externa para a interna. Si derreteres um pouco de enxofre e o deixares abandonado n'uma capsula, verás que o resfriamento se dá da superficie para o centro.

— E' exacto, sr. Luiz, póde-se dar. Agora me lembro quantas vezes este phenomeno não foi causa de eu me queimar em creança ! Recordo-me que, quando ia tomar um pires de papa, enganado pela crosta que se formava por cima em virtude do resfriamento, mettia a colher até ao fundo... e minha lingua pagava as custas.

— Consequentemente, respeitando muito o sr. visconde e o grande Poisson, regeitamos tal contestação.

O outro argumento de Laplace refere-se ao calor que possui a terra internamente. Este calor, segundo o sabio mathematico, augmenta da crosta para o centro.

O sr. visconde em sua obra mostra como tal facto tem sido negado pelas repetidas experiencias modernas, e é falso, pois que, si o calor crescesse da periphéria para o centro, deveria existir mais no fundo do mar que na sua superficie e não é o que se dá, visto ser elle alli igual a zero ; deveria existir em maior grau nos poços

mais profundos que em certos logares do globo, e é facto desenganoado que nem sempre assim é. O calor interno que possui a terra é, na hypothese do sr. visconde, e de outros illustrados sabios, fornecido pelo sol e pelas combinações e decomposições chimicas, que se dão continuamente no seio do nosso planeta.

O terceiro argumento do sabio francez, é tirado dos volcões que em suas lavas parecem nos mostrar o interior da terra.

— E então, não vem dahi este fogo, vomitado pelas montanhas?

— Si viesse do interior da terra, si fosse todo de fogo, a erupção seria mais violenta e eterna.

O sr. visconde diz, além disso, que analysando-se as lavas ou materias lançadas pelas crateras vê-se que ellas são compostas dos mesmos elementos que as rochas da superficie da terra e que as mais das vezes são da mesma qualidade das que constituem a montanha.

— Já vejo que a hypothese de Laplace póde soffrer contestação.

— E todas soffrerão, pois que afinal de contas todas são hypotheses. Mas, acredita-me, a que nos satisfizer o espirito podel-a-hemos aceitar, emquanto a sciencia não a apresentar como inconveniente.

— E a do nosso patricio em que se basêa?

— O sr. visconde lembra as diversas composições que se dão continuamente entre os corpos e os agentes da atmosphaera; menciona diversos factos em que os fluidos que nella existem se incorporam á terra; e comparando, por meio de cartas e noticias, a conformação do nosso planeta em diversas epochas, chega a conclusão de que já tens noticia.

Discutir todos estes argumentos seria aborrecer-te talvez, pois isso levaria muito tempo e occupar-te-ia por muitas horas; demais, meu charo, teria eu de lançar mão de repetidos factos que não conheces, daria mil definições que te embaraçariam e assim transformaria esta nossa simples conversa n'uma completa *feijoada*. Dirte-ei sómente que são judiciosas as observações do sr. visconde, e que, si a hypothese de Laplace mereceu respeito, a delle tem todo direito aos nossos applausos.

— Pelo que me parece, ainda admittindo a hypothese do nosso patricio, poderemos comparar nosso planeta com uma laranja; pois como esta fructa, elle nasceu pequeno para tornar-se grande.

— Realmente poderemos; mas fazendo notar que a laranja cresce recebendo o augmento do centro para a periphèria e que a terra cresce recebendo-o da periphèria para o centro. Na laranja é pelo pedunculo que passa a seiva, na terra é pela atmosphaera que a contorna.

— Muito obrigado, sr. Luiz. Agora quero fazer-lhe um pedido; si não tem mais nada a dizer sobre a terra conversemos sobre outro assumpto.

— Sinto não poder satisfazel-o; mas Vmc. se deve contentar com isto por agora. Lembre-se que não é só mundo e que outros amigos tambem gostam da *prosa* do Luiz. Adeusinho. Tenho agora mais que fazer.

— Ora, não se faça de rogado....

— Não é isso; vou a Botafogo, á casa do Arthur, fallar-lhe a respeito de uns artiguinhos, que o nosso gorducho quer que eu escreva.

— Irá logo.

— Nada! Estou atrapalhadissimo. Si eu me pudesse esquivar! mas o bom do rapaz pede com tanta graça... Ah, sr. Luiz, em que vae você se metter; repare que escrever não é conversar. Aqui as palavras são ditas e voam, alli ficam gravadas no papel para todo o sempre.

LUIZ.

ROSA BRANCA

(Continuação)

XVI

Fez portanto aos enviados de Escossia um acolhimento de rainha, deu-lhes os emboras pelo resultado que o zelo da sua nação promettia á boa causa, e despediu-os carregados de presentes, conforme o uso.

Mas apenas elles partiram, apenas se achou a sós, no silencio, em luta com os seus remorsos, conheceu toda a extensão da culpa e das suas immensas consequencias no futuro.

Consagrar aquelle casamento com a auctoriddade do seu consentimento, sem reclamação, sem aviso previo, era declarar legitimos os seus fructos, era reconhecer verdadeiro o falso filho de Eduardo, era humilhar para sempre a sua raça, humilhar-se ella propria ante um miseravel phantasma forjado por ella e que mais do que nunca acreditava um phantasma, e cujo genio astuto a atterrava á força de triumphos.

— Como! murmurou ella. Esta impostora criança seduziu Fryon, o homem mais intelligente: Kildare, o mais leal; fascinou Jacques, ganhou o animo de Catharina, os povos acclamam-no, faz o seu papel de rei melhor do que um rei de côrte e de raça! Mas na verdade vae mais longe do que eu quero, e si lhe consinto, como ao meu sabujo, apanhar a presa, não lh'a deixo devorar. Empresto-lhe esse nome de rei, esse brazão em que brilha a Rosa Branca; empresto-lhe uma espada, um exercito, dinheiro; mas uma alliança, mas uma mulher de sangue real, mas um anjo como Catharina, isso não se empresta nem se dá ao filho de Perkin Warbeck!

— Vergonha para sempre sobre mim e minha familia, si cair no laço que me arma esse miseravel! Elle sabe que a minha reclamação publica seria a ruina dos meus intentos; sabe que quero destruir por seu intermedio a casa de Lancastre, que o meu bolo nesta partida é já colossal e confia que o medo de o perder me fará calar. Oh! mas eu saberei bem, sem escandalo, forçal-o a limitar-se ao seu papel. O que não posso dizer a outros, dil-o-hei a elle mesmo. Envia-me embaixadores, o traidor! eu irei ter com elle, frente a frente, e provar-lhe com uma palavra que si o soube tirar da lama, saberei fazel-o voltar a ella. Sim, comprehendendo, acrescentou ella, cerrando os punhos com raiva, que o sr.

Warbeck ache do seu gosto a filha de Huntley, a parenta de York; comprehendendo que ambicione essa perola para a engastar nos europeus de que o deixo mascarar-se; mas não lhe toque na minha perola da Escóssia, senão far-lhe-ei rolar a cabeça aos meus pés!

A duqueza, assim resolvida, tomou pouco descanso e annunciou que durante os calores do estio faria a sua costumada viagem ás costas de Flandres e Picardia, para respirar o ar fresco do mar.

Escolheu um sequito numeroso, discreto, partiu para Saint-Valery, onde fretou uma grande barca de pescador, e aproveitando o vento favoravel atravessou o canal da Mancha, firmemente deliberada a encontrar-se com o duque de York que os seus espias lhe annunciavam ser esperado no paiz de Cornuailles.

(*Continúa.*)

BIBLIOGRAPHIA

Padre Belchior de Pontes

(1º Vol. Sorocaba, 1875.)

E' tal a rareza, hoje em dia, de boas obras, nomeadamente com respeito ao romance, e mais especificadamente ainda em relação ao romance historico nacional, que de força se ha de confessar e prezar a sobre-excellencia de um livro, que houvemos ás mãos, firmado com o nome do sr. Julio Ribeiro.

Abordoando-nos a um dos judiciosos preceitos de La Bruyère (*), é que nos abalançamos a pregoal-o generoso e sadio e digno das reflexões dos competentes; bem que os acontecimentos litterarios, ou de qualquer outra natureza, tirante os da politica interesseira e baixa, passem despercebidos aos luminares de nossa arte, embebidos como estão nas irradiações de cada um. Verdadeiramente são astros; pois teem a immobilidade apparente dos globos luminosos, que gravitam taciturnos e graves ao rodopello de um fóco incandescente, cujo são satellites.

Si, por disequilibrio de rotaçáo, vem acaso a aberrar um ou outro da harmonia pautada das espheras, é para mergulhar no oceano da morte ou nas aguas estagnadas e dormentes da inercia e indifferença.

Cumpre-nos, a nós, espiritos ainda não gastados das rasteiras materialidades da vida, quando erguemos a cabeça de sobre os livros, animar com o sopro da esperança os raros mas imperterritos traba-

* Quando a leitura vos enleva e inspira idéas nobres e altivas, não esquadri-
nheis outra regra para pautar a obra: é boa, e de mão magistral. (*Dicc. de educação,*
de E. Campagne.)

lhadores, que á roda de nós cavam e suam no terreno das intelligencias, abrindo sulcos com o arado da razão e espargindo a semente preciosa que o sol torrará entre as pedras, que os espinhos afogarão, que será comida pelos passaros do céu; mas que ha de vingar, florescer e fructificar, tal qual succedeu ao sementeiro da parábola.

Bem desgarrados da trilha já andamos nós; volvamos o passo a ponderações que mais de perto entendem com o sujeito deste artigo.

O romance *Padre Belchior de Pontes* é uma affirmação e um contraste: affirmação de um talento solido, grandemente favoneado da natureza e, demais disso, talhado para elevadissimos encargos; contraste com a alluvião de sujeitos, baldos de senso e gosto, vanamente teúdos e manteúdos na conta de escriptores maiores de marca.

Individuemos, porém, de fugida e muito pela rama, que mais não permite a estriteza de tempo e espaço, as bellezas e defeitos que encontramos á leitura deste mimo, em tudo munifico.

O estylo é são e preciosissimo: raro escriptor nacional haverá ahí com tanta fluencia no dizer e tantissima pureza no luzitanismo da phrase; mas, com ser primoroso, não é immaculo; tal qual vez nos deparam suas elegantes paginas incorrecções, dentre as quaes apontaremos estas para aviso de desacautelados.

Empregar *emoção*, quando possuímos o genuino vocabulo *commoção*, parece-nos desnecessario. *Apartamentos* por *apostos*, inadmissivel. *O ponto mais abordavel da questão*. Isto é dizer espurio e justamente condemnado por Fr. Francisco de Luiz, Silva Tullio e outros. *Detalhadas*, já hoje de grande consumo no mercado do jornalismo, o primeiro e mais barbaro corruptor de qualquer lingua. Não toleramos de modo algum o emprego desta locução peregrina quando não ha em francez palavra com tão crescido numero de equivalentes em portuguez, como *détail*.

Quanto á phrase *a olhos vistos*, julgamos vem a pello e é de bom juizo transplantar para aqui as regras expostas pelo eximio escriptor e critico abalisado, o mui sabedor sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho, n'uma memoria ácerca do livro de João de Lucena — *Vida do Padre Francisco Xavier*.

Diz muito ajustadamente S. Ex.:

« Traremos para aqui outra locução em que o uso hodierno nos parece tão desvairado como nas paginas de Lucena: « Vendo os soldados de Jesus que *a olhos vistos* pelejava por elles o mesmo *Senhor*. — Todas e cada uma destas *causas a olhos vistos*, hão mister. — « Grande quebra na estatura dos corpos, que *a olhos vistos* se vae encurtando.» « *S. Thomé a olhos vistos* foi e vae crescendo.» Tudo isto nos deixa no animo grandes duvidas.

Temos que não é mister ser muito sagaz para reconhecer que em nenhum destes casos é com o substantivo *olhos* que o adjectivo *visto* deve concordar. Os *olhos* viram, não foram vistos.

« E' portanto com o realmente visto pelos olhos que o adjectivo *visto* deve concordar ; e assim cumpriria escrever : — O Senhor, a olhos visto. — Causas, a olhos vistas. — Estatura, a olhos vista. — S. Thomé, a olhos visto. O contrario merece bem o nome de idiotismo ; e não basta a generalidade do uso abusivo para o livrar do seu ruim travor. »

Afóra essas, talvez haja mais algumas incorrecções que uma rapida leitura não deixou perceber. Como quer que seja, porém, não lançamos isso á conta de desprimores ; são leves descuidos de seu illustrado e competente auctor.

O dialogo espraia-se facil e correntio ; não ha fofices nem esforço : já brando e aprazivel, já rispido e incisivo, consoante o caso requer. Mas, ainda aqui, nos quiz parecer tanto quanto desnatural a citação de uma *carta provisoria* em pratica entre esposos, supposto a justifique o auctor logo apóz.

E' fertil que farte a mimosa palheta do romancista no traçado dos quadros. Destes alguns ha com assaz de poesia e verdade, taes, por exemplificar, como os do capitulo *Idyllio*.

A historia, luz da verdade, vida da memoria, mestra da vida, no dizer de Cicero e Quintiliano, foi, quanto possivel, respeitada e aformosentada a trechos ; o enredo, que nada tem de pantafaçado e ao sabor de certa degenerada eschola, captiva, sem embargo, a attenção do leitor.

Não nos pronunciamos em prol, nem contrariamente, ao estudo dos caracteres ; este primeiro volume não dá margem para tanto ; quizeramos, todavia, mais á luz o vulto do geral dos jesuitas.

A propria narração devia de ser mais demorada em certos lanços. Mas que muito, si cada dia apparecem escriptos, sobre engulhosos, inuteis e mal pensados ?

Por derradeiro, e até por cumulo de louvores, aconchegou o auctor a orthographia, ponto tão diversamente encarado, duvidoso nada obstante, á derivação da lingua-mãe.

São as resultas de quanto levamos dicto que, com o apparecimento deste notavel romance, a litteratura nacional enthesourou um diamante de primeira agua, a lingua portugueza mais se ennobreceu, a patria se illuminou com o fulgor de um nome distincto.

THEATROS

Nada de novo.

Theatros vasis, chronica vasia.

Apenas tivemos no S. Pedro o *Pedro Sem que já teve e agora não tem*, drama que já deu e agora não dá, escripto por um auctor que já foi e agora não é.

As peças que no ultimo numero disse que estavam em ensaio, ainda não appareceram á luz da rampa.

O Cassino anda fazendo a uma das melhores comedias do Pena o mesmo que o Alcasar faz ás operetas de Offenbach.

Além disso deu-nos o *Casamento da filha de Maria Angú*.

Quando teremos a morte da filha de Maria Angú?

Estou a suspirar por tal.

ELOY, o heróe.

POESIAS

Promessa

Meu coração soffreu tanto!...
 Não chores mais, coração,
 que inda irás em meu canto
 á deleitosa mansão,

onde a formosa alvorada,
 para expandir-se e fulgir,
 espera que minha amada
 lhe mande um beijo a sorrir;

lá onde o rio indolente
 lhe espelha a face louçan,
 e a estrellinha innocente
 a vem saudar como irman.

Naquelles lares risonhos,
 sob um florente docel,
 as rosas distillam sonhos
 em verdes urnas de mel.

Lá sentaremos a tenda,
 o ninho de nosso amor;
 e assim terás quem entenda
 a causa de tua dôr.

Maranhão, 1877.

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

Patriotismo

Como é bella, meu Deus, a brasileira!
 Que doçura! que mel! que singeleza!
 E a franceza? Jesus! ai! a franceza!
 Não póde haver mulher mais feiticeira!

E a italiana então? Essa é primeira;
 a hespanhola, porém, tem mais nobreza!
 E a gravidade da mulher ingleza?
 e a alleman discreta e sobranceira?

E a circassiana, que derrota
 com fama universal a mais bonita,
 e que ao mais sabio faz ficar idiota?

E a hungara? a saxonia? a moscowita?
 Está dicto: sou muito patriota;
 mas tenho o coração cosmopolita.

1874

ARTHUR AZEVEDO

Ecce iterum Crispinus

« Consta que o imperador da China vae fundar uma escola de veterinaria. Estará elle brigado com os medicos do paço ? »

(SIMPLICIO FERRÃO, *Coisas da China*)

Cesar foi... vio... venceu ! Venceu ? não ; foi vencido...
vencido pela luz da sciencia e do progresso ;
e agora eil-o de volta — o grande rei ! — professo
.... na arte de curar o gado adoecido !

De tudo quanto vio no velho mundo oppresso,
no livre mundo novo, ha pouco percorrido,
o que elle achou melhor.... mas quem teria crido !
foi isso e nada mais : — disse-o a *Gazeta* ; é expresso.

Vamos, pois, ter agora — *Imperial Eschola*...
— O' povo agradecido, ajoelha ; é grande a esmola !
mas não sabes de que ? *Veterinaria* ! — ingrato !

Acaso cuidas tu ser isso um epigramma ?
Engano ! El-rei só faz sciencia... é o seu programma ;
mas elle sabe aonde aperta-lhe o sapato.

GENERINO DOS SANTOS

Farça sobre farça

(AO DR. GENERINO DOS SANTOS)

Outr'ora o sabio rei da nossa monarchia
(o caso que refiro é dos jornaes transcripto)
n'um hôtél europeu co'alguem travou conflicto,
negando-se a pagar uns cobres que devia.

Agora, à vol d'oiseau correndo o velho Egypto,
aluga em Cairo um burro, estranha montaria !
porém no pagamento excede o que é restricto,
e instala uma questão contra o monarcha o guia.

Conjecturemos nós : — o rei quiz dar gorgeta ?
desconhecia acaso o que era uma peseta ?
ou não sabia a lingua em que fallava o malo ?

Desprézo a conjectura. Eis explicado o facto :
si o Cesar sabe aonde aperta-lhe o sapato,
o rei não desconhece as commoções de um callo.

S. Paulo, 1877

A. FONTOURA XAVIER

Soliloquio

Pesada vae a noite de meus dias !
E comtudo vinte annos tão sómente
me separam do berço ! Apenas vinte !
Vinte anneis da cadeia tenebrosa,
cujos fataes extremos vão perder-se
na vacua eternidade ! — cujos élos,
um sobre outro cahindo, minha fronte
contundem sem cessar ! — Batem, retinem
as horas que se arrastam frias, lentas,
como eternos galés que vão de rojo
ao tempo acorrentados ! Ruge, vibra
cada oscillar da pendula incansavel
no quadrante medonho. Cada instante
echoa no meu ser como um gemido
de moribundo, — e a existencia minha
precipita-se á campa, como um rio
que se engolpha no mar. Cada momento
me rouba uma illusão. Que voz sentida
dos ventos no passar murmura agora ?
E' um queixume de flores desfolhadas,
ou é o carpir das brisas que rasgaram
dos rochedos na ponta as azas doidas ?
Silencio ! E' o soluçar do ultimo sonho,
o agonisar extremo da esperanza,
que se afunda na duvida. As idéas
esfriam-me no cerebro confuso,
como larvas n'um tumulto, — vacillam
como clarões da lampada sagrada
de um templo sobre as pallidas ruinas.
E em breve o pensamento que animava
meu genio — extincto me será na fronte.
— Assim a estrella solitaria e incerta
do firmamento na amplidão fenece.

Das orvalhadas das auroras minhas
nem uma gotta refrescou meus labios !
nem respirei de meu caminho as flores !
Invencivel, fatal, tristeza immensa
sentou-se á sombra de meus verdes annos,
bebeu todas as taças amargosas
dos males que soffri, — e exhausta, e ebria,
enlouqueceu-me para sempre n'alma.
A dôr desceu-me ao coração tão fundo
como a chuva nos valles. Uma lagryma
dalli subiu, — nas palpebras immovel
pendurou-se-me, — e eterna alli rutila.

E' uma estrella de sangue, — é o transumpto
 de um martyrio sem nome, — o espelho mudo
 de um padecer sem voz, onde gelou-se
 de um triste pensamento a imagem fixa.
 E' uma gotta de veneno ardente
 que as retinas me abraza, e que não póde
 pela face escorrer, lenir negroses,
 que por dentro me vão. Tudo se apaga !
 O murmurio da brisa pelas folhas,
 o queixume da vaga sobre a areia,
 suspiram, morrem ; na amplidão celeste
 vacilla e treme o lume das estrellas
 e a extrema vez lampeja, immerso em trevas.
 As cores mais brilhantes se distinguem.
 De pallido clarão cobrindo os mares
 no occidente o luar tomba e se abysma.
 E uma outra brisa chorará nas ramas,
 e uma outra vaga gemerá na areia,
 cores mais vivas luzirão de novo,
 e outro luar arrojará nos ares
 seu pranto luminoso. — E só no entanto
 esta dôr, esta lagryma sem fórma
 me rolará na palpebra sombria,
 como um astro sem vida. Si comtudo
 eu pudesse arrojá-la de meus olhos !
 Talvez, — quem sabe ? — as outras suspendidas
 pela de maldição, soltas de novo,
 derramariam ondas de consolo
 na desesperação que me rodeia !
 Nos seios de alvos lyrios a alvorada
 goteja almo frescor ; o mar scintilla
 á orvalhada de luz que os astros louros
 dardejam-lhe do ceu ; mas que urna póde
 conter, — tão grande, tão sublime e sancto
 pranto que ao desespero o amor arranca ?
 Ah ! brilha, brilha, lagryma insensata,
 que ninguem entendeu ! Tu és a lampada
 funerea de meu genio agonisante !
 tu és o espelho das tristezas todas
 que meus olhos hão visto ! Assim no valle,
 de estereis montes sussurrando aos lados,
 vão de um ribeiro as aguas fugitivas
 pintando ao fundo do empedrado leito
 as imagens da margem entristecida.

Rio, 1876

THEOPHILO DIAS

EXPEDIENTE

Mimosearam-nos com as publicações:

O PROTESTO, n. 4. — Aos espiritos illustrados recommendamos, com particular empenho, a leitura desta primeira publicação nacional, que dia por dia cresce no interesse e valia.

PERIODICOS E DIARIOS. — *Reforma, Revista Illustrada, Imprensa Industrial, Aurora, Echo Bananalense, Correio de Cantagallo, Conservador, Monitor do Norte, Despertador, Progreso litterario, Echo da fronteira, Commercial, Liberal, Angrense, Jornal do Commercio* (Porto-Alegre e Pelotas), *Mosaico Ouro-Pretano, Situação, Diario de Minas, Provinciano, Monitor Campista, Jornal do Povo, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Diario de noticias* (Bahia), *Eco d'España, A Gloria e Diario de Campinas.*

Agradecemos.

SR. J. A. — Mande as amostras, freguez.

MATHEMATICA

LXIII

Statica. — Equilibrio de translação e equilibrio de rotação.

Consideremos agora uma noção geral de maxima utilidade na theoria do equilibrio, qualquer que seja o modo pelo qual se julgue conveniente estabelecê-la.

Quando se quer fazer uma idéa justa sobre a natureza das differentes equações, que exprimem as condições do equilibrio de um systema qualquer de forças, não basta limitar-se a verificar que o complexo destas equações é indispensavel, para o equilibrio, e estabelece-o impreterivelmente.

Cumpré ainda poder assignalar, com toda a clareza, a significação statica peculiar a cada uma destas equações considerada isoladamente, isto é, determinar com precisão em que cada uma contribue separadamente para a producção do equilibrio, analyse a qual não se presta communmente attenção, apezar de ser em extremo importante.

Qualquer que seja o methodo pelo qual se proceda ao estabelecimento das equações staticas, é claro *à priori* que o equilibrio não póde resultar sinão da destruição de todos os movimentos elementares que o corpo poderia tomar em virtude das forças de que está animado, si estas

forças não tiverem entre si as relações necessárias para se contrabalançarem exactamente.

Assim cada equação tomada á parte deve necessariamente destruir um destes movimentos, de sorte que o complexo destas equações produza o equilibrio, pela impossibilidade em que deve então se achar o corpo de se mover de qualquer modo que seja.

Examinemos agora summariamente o principio geral, segundo o qual uma tal analyse parece poder se operar em um caso qualquer.

Considerando o movimento, sob o ponto de vista mais positivo, como a simples transposição de um corpo de um logar para outro, independentemente do modo pelo qual póde ser produzido, é evidente que todo o movimento deve ser encarado no caso mais geral, como composto ao mesmo tempo de *translação* e de *rotação*.

Não é que não possa existir realmente translação sem rotação, ou rotação sem translação.

Mas deve-se considerar um e outro caso como sendo excepções de regra, o caso normal consistindo na coexistencia destas duas especies de movimentos, que se acompanham sempre, salvo condições particulares muito precisas, e por conseguinte muito raras, relativamente ás circumstancias do phenomeno.

Isto é por tal modo verdadeiro, que a simples verificação de um destes movimentos costuma ser encarada pelos geometras, como um poderoso motivo, não para affirmar, mas para presumir com grande probabilidade a existencia do outro. Assim, por exemplo, o simples conhecimento do movimento de rotação do sol sobre o respectivo eixo, perfeitamente constatada depois de Gallileu, seria *à priori*, para um geometra, uma prova quasi certa de um movimento de translação desse astro acompanhado de todos os seus planetas, quando mesmo os astrónomos não tivessem já começado a reconhecer, por observações directas, a realidade desta transposição n'um sentido ainda pouco determinado.

Similhantermente, é por uma tal consideração que, em geral, se admite, além do motivo de analogia, a existencia de um movimento de rotação mesmo nos planetas em que não foi ainda possível verificar directamente, mas de que é prova quasi certa o seu movimento de translação muito conhecido em torno do sol.

Resulta desta primeira analyse que as equações que exprimem as condições de equilibrio de um corpo sollicitado por forças quaesquer devem ter por objecto, umas destruir todo o movimento de translação, outras anniquilar todo o movimento de rotação.

Vejamos agora qual deve ser *à priori* o numero das equações de cada especie.

Quanto á translação, basta considerar que, para obstar um corpo de caminhar n'um sentido qualquer, cumpre evidentemente impedil-o de mover-se segundo tres eixos principaes situados em planos differentes, e que se suppõe ordinariamente perpendiculares entre si.

Com effeito, que movimento progressivo seria possível, por exemplo, n'um corpo ao qual não fosse dado avançar de este para oeste ou de oeste para este, nem do norte para o sul ou do sul para o norte, nem de cima para baixo ou de baixo para cima?

Toda a progressão n'um outro sentido qualquer podendo evidentemente imaginar-se composta de progressões parciaes correspondentes nesses tres sentidos principaes, tornar-se-ia desde então inteiramente impossivel.

De outro lado, é claro que não se devem considerar menos de tres movimentos elementares independentes, porque o corpo poderia mover-se no sentido de um dos eixos, sem ter nenhuma translação no sentido de cada um dos outros dous.

Comprehende-se, pois, que, em geral, tres equações de condição serão necessarias e sufficientes para estabelecer, n'um systema qualquer, o equilibrio de translação; e cada uma dellas será especialmente destinada a destruir um dos tres movimentos de translação elementares, que o corpo poderia tomar.

Póde-se apresentar uma consideração de todo analoga relativamente a rotação; não ha outra difficuldade a não ser a de perceber distinctamente uma imagem mechanica mais complicada.

A rotação de um corpo n'um plano ou em torno de um eixo qualquer podendo sempre conceber-se decomposta em tres rotações elementares nos tres planos coordenados ou em torno dos tres eixos, é claro que, para impedir toda a rotação n'um corpo, cumpre tambem obstar que este gyre separadamente em relação a cada um destes tres planos ou destes eixos.

Tres equações são, pois, egualmente necessarias e bastantes para estabelecer o equilibrio de rotação; e percebe-se com a mesma facilidade que no caso precedente, o destino mecanico proprio a cada uma dellas.

Esta decomposição seria ainda util para reduzir, em cada caso, as equações de equilibrio ao numero estrictamente necessario, quando se particulariza mais ou menos o systema de forças considerado, em logar de suppô-lo inteiramente qualquer.

Sem entrar em detalhe algum especial a este respeito, bastará dizer que a particularisação do systema proposto restringindo mais ou menos os movimentos possiveis, quer quanto a translação, quer quanto a rotação, depois de ter primeiro exactamente determinado em cada caso, em que consiste esta restricção, cumprirá supprimir como superfluas as equações de equilibrio relativas ás translações ou ás rotações que não podem ter logar, e conservar sómente as que se referem aos movimentos possiveis.

E' assim que, segundo a limitação maior ou menor do systema de forças particular que se considera, póde, em logar de seis equações necessarias em geral para o equilibrio, não subsistir mais do que tres, ou duas, ou mesmo uma unica, que será por isso facil de obter em cada caso.

Devem-se fazer observações perfeitamente analogas quanto ás restricções dos movimentos que resultariam, não da constituição especial do systema das forças, mas dos obstaculos a que o corpo poderia estar sujeito em certos casos, e que produziriam effeitos similhantes.

Bastaria então ver claramente quaes os movimentos que se tornaram impossiveis pela natureza das condições impostas, e supprimir as equações de equilibrio que a elle se referem, conservando as relativas aos movimentos que ficaram intactos.

E' assim, por exemplo, que no caso de um systema qualquer de forças, achar-se-á que as tres ultimas equações bastam para o equilibrio, si o corpo fôr retido por um ponto fixo em torno do qual póde livremente gyrar em qualquer sentido, todo o movimento de translação tornando-se desde então impossivel; do mesmo modo, ver-se-ia as equações de equilibrio serem em numero de duas, ou mesmo reduzir-se a uma unica, si houvesse ao mesmo tempo dous pontos fixos, conforme podesse o corpo desligar-se ou não ao longo do eixo que os juncta; e emfim, chegar-se-ia a reconhecer que o equilibrio existe necessariamente sem condição alguma, quaesquer que sejam as forças do systema, si o corpo solido apresentasse tres pontos fixos não em linha recta.

Finalmente, poder-se-ia ainda empregar a mesma ordem de considerações quando os pontos, em logar de serem rigorosamente fixos, forem apenas obrigados a permanecer em curvas ou superficies dadas.

O espirito da nossa analyse é, como se vê, inteiramente independente do methodo pelo qual foram obtidas as equações de equilibrio.

Mas os differentes methodos geraes estão longe todavia de se prestarem com a mesma facilidade a applicação desta regra. O que se adapta melhor, é incontestavelmente o methodo statico propriamente dicto, fundado, como vimos, no principio das velocidades virtuaes.

Deve-se pôr, com effeito, no numero das propriedades caracteristicas deste principio, a inexcedivel clareza com que analysa naturalmente o phenomeno do equilibrio, considerando distinctamente cada um dos movimentos elementares que permitem as forças do systema, e fornecendo logo uma equação de equilibrio especialmente relativa a este movimento.

O methodo dynamico não apresenta esta vantagem importante.

Cumpra reconhecer todavia que, tal como Poinot o imaginou, achase elle, a este respeito, consideravelmente melhorado, pois que a simples distincção das condições de equilibrio relativas ás forças e das que dizem respeito aos conjugados, distincção que se estabelece então necessariamente, realiza por si mesma a determinação separada entre o equilibrio de translação e o equilibrio de rotação.

Mas o methodo dynamico ordinario, exclusivamente empregado em Statica antes da reforma de Poinot, não preenche de modo algum esta condição essencial, sem a qual todavia parece impossivel conceber claramente a expressão analytica das leis geraes do equilibrio.

(Continúa)

PHILOSOPHIA POSITIVA

II

A obra de Augusto Comte tem antecessores, contemporaneos e successores, mas todas as evoluções, todos os dados antigos ou novos não fazem sinão confirmar a transcendencia do espirito do Positivismo.

Elles demonstrem como, na corrente positivista que arrasta inconscientemente os sabios, se póde chegar por caminhos diversos a conclusões rigorosamente equivalentes, que veem em apoio, umas das outras.

Incorporando esta nova serie de factos aos factos positivos já systematisados por Aug. Comte, devemos sobretudo acautelar-nos, não contra o espirito theologico e metaphysico, pois que estamos em face da sciencia, mas contra o espirito do *materialismo objectivo* dos sabios, que tende a predominar na auzencia de uma synthese.

Para evitar este escolho, basta referir ou antes prender estes factos novos a seu destino social e humano — o homem ao mundo — afim de instituir a synthese *subjectiva*, a unica realisavel.

Fóra desta via, o espirito perde-se sempre n'uma van analyse, visto como não existe unidade objectiva bastante poderosa, capaz de ligar todos os outros phenomenos e de instituir uma synthese puramente objectiva.

A gravitação, o phenomeno mais geral e mais simples, não póde mesmo ligar completamente a Mecanica celeste.

O que seria em Moral ! Faraday havia já feito notar que a lei da gravitação pecca em sua applicação, quando a estendemos aos ultimos limites dos corpos celestes e aos ultimos limites das affinidades chemicas.

E' egualmente impossivel e chimerico referir todos os phenomenos da natureza a uma lei unica, mesmo a gravitação newtoniana.

As leis são forçosamente multiplas, pela impossibilidade notoria de fazer entrar um no outro os dous elementos geraes de todas as nossas concepções reaes, o mundo e o homem, diz Aug. Comte.

O grande Descartes abortou na mais forte construcção objectiva que jamais se concebera ; elle abortou egualmente pela via metaphysica.

Como observa Comte : « Os meios do espirito humano são muito fracos, e o universo muito complicado para que uma tal perfeição scientifica esteja a nosso alcance em epocha alguma. »

Depois provou, por outras considerações sociaes e religiosas, que a synthese do saber humano não poderá se constituir sinão subjectivamente, com o auxilio da objectividade scientifica.

A synthese primitiva, subjectiva e absoluta da theologia parte da investigação das causas, mas o conhecimento e a systematisação das leis se substituem a noção da causa e tornam o absoluto relativo.

A systematisação das leis preserva ao mesmo tempo a synthese humana do ascendente não menos funesto da objectividade absoluta da sciencia, que pretende sacrificar a dignidade racional á realidade material.

Sob o estado normal, o subjectivo se subordina ao objectivo, mas esta subordinação é puramente relativa ás nossas necessidades as quaes cumpre adaptar os nossos meios.

Renunciando então a toda a synthese absoluta, subjectiva ou objectiva, institue-se uma systematisação subjectiva cujo destino pratico determina a natureza theorica.

Eis o que Aug. Comte chama synthese e o methodo subjectivos.

Elle demonstra ainda que toda a synthese deve ser subjectiva porque a objectividade é sempre analytica e dispersiva ; donde deriva que

cada sciencia é ao mesmo tempo objectiva e intellectual por seu fim, e subjectiva e moral pelos seus meios, afim de ligar o raciocinio ao sentimento.

A sciencia implica um espectáculo, sempre exterior ao contemplador, donde depende o seu conhecimento; ella é pois simultaneamente physica, intellectual e moral, segundo a sua correspondencia com as tres grandes faculdades cerebraes da alma humana.

Consideramos os acontecimentos sociaes como phenomenos inherentes ao grande *Ser-humano*, ao que se chama vagamente corpo social, do mesmo modo que as propriedades da materia nos accusam sua existencia. Alli, são as leis da historia que nos revelam a existencia intellectuo-moral da Humanidade; aqui, são as leis mecanico-physicas e chimico-biologicas que nos revelam a criação inorgano-vital.

Assim, em logar de insurgir-nos contra os phenomenos que consideramos todos como naturaes, temol-os em consideração para dirigil-os ao seu verdadeiro destino social e humano.

(*Continúa*)

SCIENCIA POPULAR

II

O trabalho

(A' MEMORIA DE THEOPHILO)

Theophilo Xavier dizia sempre, tomando aquella postura carregada que lhe era tão caracteristica: — Quanto mais se vive mais se aprende! — E o bom velhote fallava verdade; pois estou bem certo de que si ainda hoje pudesse ouvir-me, elle, que era tão experimentado e sabido, teria motivo para ficar sabendo mais.

Theophilo era um homem ás direitas; mas tinha, como todos os homens, seus pontos fracos; elle, por exemplo, fazia sobre o *trabalho* e sobre a *riqueza* uma idéa erradissima. — Ah, como me recordo das tantas vezes que o ouvi pronunciar, amargurado e lastimando-se, ao recommençar da labutação do dia: — Somos uns beocios, não resta duvida! levamos, todos os 365 dias do anno trabalhando para este diabo do governo, para uma récuca de vadios que levam a vida a esfalfarem-se de... preguiça! E para que servem ao povo, a nós, os deputados, os ministros, os sabichões, os vereadores e o monarcha, por exemplo?

Pois não seria de melhor aviso que cada um trabalhasse para si e para sua familia e não dêsse satisfações á tal sucia? Ora, pois, quem tem braços não póde trabalhar, e quem trabalha não tem em casa uma mina de ouro? Cá isto ninguem me tira — o trabalho é a unica base em que se poderá firmar o futuro da humanidade, e que levem a bréca as theorias e systemas. »

Para a bréca foi elle, coitado, porque morreu e deixou a familia sem um vintem; visto começar a pôr em pratica as idéas que, á força de serem repetidas, tinham-lhe convencido o espirito.

Eu naquelle tempo ouvia-o callado; mas hoje não teria papas na lingua; eu contestaria tudo.

Primeiramente: nós trabalhamos porque o trabalho, o movimento, são condições de vida; a machina que não trabalha enferruja-se, é carcomida, e quebra-se; o homem que fica inactivo, se embrutece, e se inutilisa; beocio é, pois, o que não trabalha.

Em segundo logar: os homens que cuidam dos interesses da nação, e do cidadão, os legisladores, os eruditos, a guarda urbana, prestam tanto serviço quanto o canteiro que leva a arrebentar as pedreiras, o mineiro que esburaca a terra, e o trabalhador que se curva debaixo de pesados fardos; pois aquelles afiançam nossa propriedade e nosso bem estar, estes inventam processos rapidos e nos curam do corpo e da saude, e estes outros afugentam os ratoneiros e preguiçosos. Até o carcamano que nas esquinas das ruas toca rabeça trabalha com o mesmo merecimento, pois nós temos necessidades physicas e affectivas, e a musica dá pasto ás ultimas.

Ha muita gente ignorante no mundo; si todos pensassem como se deve pensar, não necessitaríamos do concurso de tantas pessôas; desgraçadamente a sociedade está cheia de *amigos do alheio* e de *irmãos de N. S. do Descanso*. Como poderíamos trabalhar e produzir si não foram as finanças, os meios rapidos, o socego e a calma? E' exacto que ainda mesmo com as auctoridades *et . . . et cætera*, muitos males nos a tumentam, mas é este filho de abusos, na comprehensão dos deveres e casos extraordinarios.

Em terceiro logar: nada ajuda tanto o progresso das industrias como o dinheiro do trabalho. Si cada um trabalhasse para si e para sua familia, cada um estaria sobrecarregado de mil occupações, e nenhuma obra poderia ser bem feita; pois não restaria certamente tempo para se cuidar de aperfeiçoamentos e melhoramentos. Vejamos o que seria de nós si não fosse a divisão do trabalho:

Levanta-se a gente da cama, onde dormiu; o que se vê no quarto? A cama que foi feita por um carapina e por isso offerece-nos toda a commodidade, os lençoes, os travesseiros, o lavatorio, o cabide, que certamente ninguem faz sem ser tecelão, ferreiro, marceneiro. O algodão ou o linho para serem tecidos foi preciso que alguem preparasse a terra, plantasse, colhesse, e trouxesse ao mercado; o ferreiro não trabalharia e o marceneiro tambem si o mineiro não arrancasse do seio da terra o ferro, e o cortador não devastasse os matagaes. E poderia um só homem fazer tudo isto em tempo? Só se tivesse innumerados braços como o Briareu da fabula.

Sahe-se do quarto, está prompto o almoço, ahi está sobre a mesa, pão, carne, pirão, guisados e café; si outros não se tivessem occupado em fazer o pão, crear e matar o boi, cultivar a mandioca e o café, e em aprender a cosinhar, restaria algum tempo ao pobre coitado que apenas toma a refeição da manhan e vae se metter n'uma typographia a rever

provas, ou n'um balcão a escrever algarismos e vender mercadorias? Certamente o Theophilo, que era lavrador, não teria tempo para nada si as cousas fossem como elle entendia; o progresso então em vez de andar com a força do vapor andaria como a *preguiça*.

Ainda aqui citarei um dictame muito conhecido de todos: a união faz a força; si todos os homens não se reunissem trabalhando e ajudando-se mutuamente não existiriam os grandes capitaes nem commodidades na vida.

Em quarto logar: é exacto que a pessôa que tem braços póde trabalhar; mas não é verdade que todos que trabalham têm em casa uma mina. Além dos braços necessita o homem de bom senso, ensinamento, e experiencia; e taes predicados só são dados pelo attricto social, pela convivencia de muitos. Segue-se que João seja um homem rico porque, maluco como é, leva o dia inteiro a rolar uma grande pedra de dentro de um poço, de maneira que chega estafado de noite á casa? Pedro ganhou alguma cousa quando, depois de uma semana de continuo labutar, conseguiu lavrar uma grande extensão de terreno que só produz espinhos?

O trabalho não é pois o que acreditava ser Theophilo Xavier e nem tambem é a unica fonte de riqueza, como disse Adam Smith, o pae da Economia Politica, ou sciencia que estuda o bem estar da humanidade.

Si não houvesse quem pagasse o trabalho, si não existissem os capitaes, si não existissem a terra e todos seus accessorios, o que fariamos nós si não crusar os braços? Tem toda rasão José Dros quando diz que « o homem póde-se considerar, no meio dos agentes da natureza, como um chefe cercado de numerosos obreiros em uma grande fabrica; isto porque sem o soccorro delles cousa alguma obteria o homem. Si repentinamente os agentes naturaes fossem privados da actividade que lhes é inherente, o que seria feito de nós, ainda mesmo que nos ficassem a intelligencia e a força? »

LUIZ

Entre moças

CONTO

I

— Bravo, Sophia!... Muito bem!... muito bem...

— Curiosa!...

Assim dizendo, a moça suspendera o pente com que alizava os cabellos negros e volvera um olhar envergonhado á amiga, que, indiscreta como as meninas de quinze annos, remechia, virava e revirava o conteúdo de uma gavetinha, tirada surrateiramente do toucador.

— Oh! pois você guarda *sempre-vivas*, envoltas em papel côr de rosa?!... Eu bem desconfiava, Sophia, que já não eras a mesma para mim.

— E quem lhe disse isso?

Carlotinha contentou-se de mostrar-lhe a flôr, entre risonha e reprehensiva.

— Ora! ha tantas no jardim... Que grande cousa guardar-se uma flôr!...

— Sim; não ha nada mais natural: com seu platonismo e simpleza de coração, você se compadeceu da pobresinha, que se finava á mingua de orvalho.

Quanto Carlotinha era má! Sem ter piedade da amiga, apanhada em flagrante delicto de leza-amizade, proseguiu como si fallára á *sempre-viva*:

— Ah, flôr feliz!... Nem todas as tuas irmans têm sorte igual, nem todas, em vez de morrer no canteiro, vão seccar no fundo de uma gavetinha perfumada e cheirosa.

Sophia inda quiz desculpar-se; mas seus labios travessos protestavam contra a resposta mentirosa, que iam exhalar.

— Oh!... como você é!...

— E que sinceridade a sua...

Os olhos das duas amigas encontraram-se, e os de Carlotinha disseram tanto, tanto a Sophia, que esta, cheia de meiguice, emendou logo:

— Perdõe, querida. Eu sou uma exquisitona, pois não sou?

— Não deveria perdoar-lhe, não. Algum dia existiu segredo para você em meu coração?

— Para que me accusa assim? Ha muito que lhe queria contar tudo; mas nem sei... não tinha animo; parecia-me profanação passar pelos labios cousa tão do intimo da alma. Tamanho era o que eu sentia, vê você, que até as palavras me assustavam. Não me accusará mais, sim?

Quem criminaria Sophia dos olhos azues, azues como o ceu em bonança? Quem poderia resistir á expressão franca e singela de seu todo insinuante?

Carlotinha, por unica resposta, lançara-se-lhe nos braços e ambas se confundiram em beijos e caricias.

— Porque não ha de ser sempre a brincalhona do collegio, minha amiguinha? Para que estes modos reservados commigo?

— Quem poderá responder, Carlotinha? A gente muda tanto.... Olhe: é verdade que essa *sempre-viva* resume a historia de um sentimento bem mysterioso e bem doce. Não a colhi n'um jardim; deu-m'a quem comsigo arrebatou-me riso e socego...

— Amor não se esconde, minha querida; sei de tudo sem que uma palavra me houvesse dicto.

— Você?

— Sim; o espanto que fiz, encontrando a *sempre-viva*, foi para experimentar, e, acredite, até sinto ciumes do commendador...

Vendo a transformação repentina por que passára o rosto da amiga, mais não dissera; o receio e a adimaração cortaram-lhe a palavra.

— Oh! calle-se, calle-se, disse Sophia sumindo entre as mãos o rosto, como si quizesse privar o curso ás lagrymas, que lhe rolavam pela face.

— Antes não descobrisses essa flôr!

— Ora essa... não a comprehendo: você é mesmo uma exquisitona! Pois fallo de seu noivo, do *sympathico commendador Torres*, do homem que a ama...

— Onde já ouviu você isso? Onde já me conheceu esse *commendador*?...

O despeito tornava-a vehemente: dir-se-ia que o sangue affluia-lhe ao coração misturado com fel! Carlotinha olhava-a meio assombrada.

— Elle obteve o meu *sim*; não foi o que lhe disseram? Você ignora muito, porque não contaram que só sabbado ser-me-á apresentado. Quer saber, Carlotinha? Eu nem ao menos conheço semelhante homem, nem ao menos sei o que elle é... E o que poderá ser um *commendador Torres*?

— Lá isso não, querida, não. Eu conheço. O *commendador* é amigo de meu irmão, dão-se de Hamburgo e desde que voltamos da fazenda visita-nos constantemente. Oh, é um rapaz muito *sympathico* e amavel; um marido digno de você...

— Que massada! Um homem que me causa repugnancia.

— Está o que não comprehendo: elle falla-nos de você como si a visse todos os dias; affirmou-nos que a amava, Sophia.

— Oh, os homens, os homens!... Carlotinha, esse *commendador Torres* é por força um negociador, o Lucio está certamente illudido com elle.

— Mas então esta *sempre-viva*, Sophia?

— Deu-m'a o unico homem a quem até hoje amei, minha amiga; o homem a quem ainda amo como louca...

— Eu é que sou menos esperta do que julgava!... E com que sem-ceremonia mentiu aquelle sugeito...

Sophia, que realmente ficára descontente ao descobrir-lhe a amiga o segredo, parecia agora sentir allivio immenso, dando expansão aos sentimentos intimos que lhe atufavam a alegria e roubavam-lhe os sorrisos faceiros. Sensível, como era, seguindo as modulações e alternativas do desabafo, transportava-se aos felizes tempos de seu amor, e as mais doces palavras até alli comprimidas borbulhavam-lhe rapidas nos labios. Assim a conversa travada á tardinha, quando se recompunham no toucador, durava ainda ao virem accender as velas. Recostados ambas ao sophá, uma ora risonha ora triste, a outra fitando-a a formar com ella gracioso grupo, nem davam fé do tempo que corria. Ao extinguirem-se as ultimas palavras nos labios de Sophia, a amiga aconchegando-a do coração, disse apenas:

— E porque, ingrata, não me dava conta de tudo isto? Maldigo hoje mais que nunca o tempo que passamos separadas. Nossa alliança havia de affrontar a tempestade com maior vantagem.

— Quem sabe, Carlotinha?

— Mas noto que você ainda me não disse o nome d'elle. má! E' impossivel que só o conhecesse pelo « moço dos olhos negros, negros, tres vezes negros. »

— Não; mas que vale isso? Carlotinha, você é bôa, muito bôa; conceda-me que nunca mais eu pronuncie aquellas *syllabas* cheias de

dulçor, cujos sons me inebriaram tantas vezes. Oh, a mulher do commendador Torres deve esquecer, não póde pensar nessas coisas.

Sophia levantou-se; queimou, á luz da vela, uma a uma as petalas da *sempre-viva*, molhou-as de lagrymas e lançou a cinza, guardada na covinha da mão, pela janella á escuridão da noite.

— Era minha unica esperanza ! Vôa, vôa, onde elle estiver, e conta-lhe tudo !

— Você é uma louquinha, Sophia. Porque se deixa embalar tanto nos braços das phantasias, minha amiga ?

— Quem dera que assim fosse !...

E não era. Os sentimentos de Sophia, desabrochando aos olhos do primeiro amor, lhe haviam abalado o ser e como que aniquilado toda a existencia que não fosse aquella tantas vezes figurada !... A verdade apparecia nua aos olhos de Carlotinha ; a postura e maneiras, que durante a ultima scena tomára a amiga, convenceram-na de todo, e ella não obstante sua garrulice infantil foi arrastada a um pensar sem fim. Os olhos, inquietos como a dona, se amorteceram agora e os cilios avelludados velavam-lhe ainda mais o brilho ; fitados ambos no azul sereno dos de Sophia como que procuravam alli uma esperanza que fosse salvação das duas : de Sophia porque amava com desespero ; della porque o sofrimento da amiga era para seu coração a morte de toda alegria.

(*Continúa.*)

THEATROS

Gymnasio. — *O veneno dos Borgias*. — Troca. — S. Pedro. — *Pequillo Alliaga*. — Phenix. — Novo angú. — *Abel, Helena*. — Entusiasmo. — *A pera de satanax*, mistura. — Touradas. — *A Gazeta de noticias*.

Tivemos de tudo :

Uma comedia ;
um dramalhão ;
uma parodia ;
uma magica.

A comedia intitula-se *O veneno dos Borgias* e foi representada no Gymnasio.

É uma bonita comedia; vimol-a já com o titulo *Á caça de um romance*. Representada pela companhia do sr. Couto Rocha, nada perdeu.

Consta-nos que deixou de fazer parte do elenco deste theatro o sr. Machado, que abalou para o Cassino.

Deploramos que similhante facto se tenha dado : o Gymnazio é um theatro, o Cassino é um botequim.

Em compensação, entrou para o Gymnasio o sr. Arêas, actor pro-vecto e sympathizado do publico.

O sr. Couto Rocha nada perdeu com a troca.

— O dramalhão intitula-se *Os tres castellos de Hespanha* ; vimol-o já com o titulo *Pequillo Alliaga*.

Convem notar que esta peça é extrahida de um romance escripto por Scribe, um dos mais fecundos e correctos vultos da litteratura dramatica franceza, em que pese á critica severa de Th. Gautier e outros.

Ora, quando Scribe, que deixou centenas de composições theatraes, entendeu que o assumpto do romance não se prestava a um drama, é que assim era com effeito. Mas Aniceto Bourgeois (e sempre Bourgeois : é sina !) entendeu que devia tirar dalli uma feijoada com todos os seus pertences, e tirou.

O sr. Guilherme da Silveira tracta de dar, e consegue-o talvez, algum colorido a seu papel ; mas os companheiros. . .

— A parodia intitula-se *Abel, Helena*.

Novo *angú* de nosso amigo, o sr. Arthur Azevedo, o parodista-mór.

A bellissima musica da *Bella Helena*, o melhor *spartito* de Offenbach, não foi, graças á paciencia do *maestro* Mesquita, estropiada pela companhia da Phenix Dramatica.

Os srs. Guilherme de Aguiar, Vasques, Pinto e Villa-Real esmeraram-se no desempenho de seus papeis.

Os tres primeiros caracterisarem-se soberbamente.

A Sra. Delmary patenteou os recursos de sua voz, principalmente no primeiro acto, segundo quadro, e a Sra. Villiot deu-nos um lindo Pedrinho travesso e cantador como um rouxinol.

O Sr. Felipe excedeu a expectativa publica : portou-se muito discretamente.

As coplas do terceiro acto foram cantadas com toda a perfeição.

A parodia é superior á *Maria Angú*, em nosso entender.

Foram todos enthusasticamente applaudidos pelo publico, que conservou-se, durante a funcção, em constante hilaridade.

Auctor, *maestro*, empresario, ensaiador e artistas foram todos chamados á scena ; só faltaram o scenographo, o ponto e o contra-regra.

Estavamos vendo o momento em que o publico gritava :—O publico á scena !

— A magica intitula-se *A pera de Satanaz*, nova mistura de grelos de nosso amigo o Sr. Eduardo Garrido.

Ainda não tivemos tempo de assistir á sua representação.

Fallaremos.

— Alguns touros vão ser corridos por amadores.

Deve ser coisa para ver.

Entre os amadores, figura a redacção da *Gazeta de noticias*.

Era, portanto, de esperar touradas a dois vintens.

Enganam-se : temol-as a cincoenta mil réis.

Mas quem não dá cincoenta mil réis para ver o Chaves a farpear ?

ELOY, O HERÓE.

CHRONICA

Armenio Euripedes está doente. — Henrique de Mesquita. — Pendrucalhos. — O *Globo*. — Trindade luminosa. — Bocayuva, Rebouças e Pinheiro Guimarães. — Maciel Monteiro. — Sergio de Castro. — Tres tiros e tres apertos de mão. — Classicismo de Armenio Euripedes. — Rua de S. José, n. 58. — Agua de Lourdes. — Milagre. — Picanço e as gazetas. — Vem cá, Picanço; vem cá, Picanço...

Armenio Euripides está doente.

E' o motivo pelo qual não tem podido dar *chronica*, em que pese ao protesto que a estas horas balbuciam os assignantes da *Revista do Rio de Janeiro*.

Venho substituil-o hoje, ainda que mal, no honroso encargo que lhe foi confiado, pedindo aos leitores paciencia e generosidade.

*
* *

O distinctissimo *maestro* brasileiro, Henrique de Mesquita foi agraciado pelo governo portuguez com o habito de Christo.

O auctor do *Vagabundo* e de tantas outras partituras imaginosas e originalissimas, não recebeu jamais do governo de seu paiz uma recompensa qualquer aos bons serviços que tem prestado á arte musical.

Portugal adiantou-se-nos.

E' que as bellas artes, como o theatro, são, para os nossos governos, *coisas de luxo*... Que o diga o sr. Visconde do Rio Branco.

As condecorações em nossa terra não bastam para ornar os gordurentos peitos de táverneiros dinheirosos ou de doutores que sabem distinguir-se menos pelo elevado do talento que pelo mesquinho do character.

Salvo honrosissimas excepções.

O artista que tem vivido a illustrar a terra em que nasceu; a modestia sem calculo; a consciencia sem mácula, não mereceu ainda do ministerio do imperio um pendrucalho que, com ser pendrucalho, é sempre uma distincção, si vem com a expontaneidade da justiça.

A Henrique de Mesquita um apertado abraço da *Revista do Rio de Janeiro*.

*
* *

Fazem parte da redacção do *Globo* o sr. general Pinheiro Guimarães e dr. André Rebouças.

Registro com prazer esta noticia, e congratulo-me com a sociedade fluminense pelo já sensível melhoramento que ao primeiro organ da sua imprensa diaria levaram os dois incansaveis lidadores.

E' de esperar que o *Globo* prospere e cresça no conceito deste publico que, seja dicto, pouco se dá de esforços nobremente homericos que por ahi se fazem para servil-o.

Protegido por essa luminosa trindade: Bocayuva, Rebouças e Pinheiro Guimarães, o *Globo* poderá rivalisar com alguns periodicos da imprensa culta.

*
* *

O *Jornal do Recife* deparou-nos um soneto inedito de Maciel Monteiro.

O chronista dá-se pressa em archivar-o nestas columnas, prestando assim um bello serviço aos leitores da *Revista* :

SONETO

Amar, amar um anjo de candura,
de toda a creação a obra prima,
render-lhe culto que está ácima
do culto que a Deus rende a creatura ;
dar-lhe quanto ha no peito de ternura,
e a paixão ennobrece e legitima,
d'alma, que no céu se exalta e se sublima,
o perfume votar-lhe em ara pura ;
desejos mil queimar em casta chamma,
e a c'roa do martyrio, em premio tardo,
na frente receber que ella orna, enrama ;
eis a religião do pio Bardo,
eis como, minha Lilia, ella arde, ella ama,
eis como, minha Lilia, eu amo, eu ardo.

*
* *

A eleição da provincia do Paraná tem dado agua pela barba na camara dos deputados.

O Sr. Sergio de Castro pronunciou um notavel discurso.

O chronista leu-o, e disse :

« Ora aqui está um homem preciso ao paiz ! »

O orador tem a franqueza rude das consciencias salvas.

E' o que nos vem, é do que precisamos.

*
* *

Os tres tiros de rowolver com que Joaquim Pereira Necho matou Francisco Alves Vianna, a bordo da barca portugueza *Maria Claudina*, merecem tres apertos de mão.

E' provavel que Joaquim Pereira Necho fosse condemnado á pena de morte pelo nosso tribunal do Jury, si o houvesse de julgar.

Seria coherente...

*
* *

Armenio Euripedes, que, como já devem ter notado os leitores, é muito atirado aos classicos, escreveu, apezar de doente, e me remetteu as seguintes linhas que abaixo insiro com satisfação :

« E' raro o dia em que os nossos jornalistas, não empregam *ter logar*, em vez de *effectuar* ou *effeiturar*, *realisar*, *ocorrer*, *succeder*, *acontecer*, *celebrar*, etc.

Mofamos de similhante linguagem.

Ter logar, do francez *avoir lieu*, é gallicismo intoleravel.

Ter logar significa em portuguez *ter espaço*, *cabimento*, *opportu-
nidade*, *vir a proposito*.

— Não *tem logar* o que requer — é o mesmo que — não tem *ca-
bimento*, *oportunidade*, etc. —

Exemplos:

« O marquez fallou a el-rei logo que teve logar (ocasião) » *Vieira.*

« Agora não tem logar referirmos o que no segundo tomo apenas acenamos. » *J. Cardoso.*

« Teve logar o remoque do pregador, embora em tal solemni-
dade. » *D. F. Manoel.*

E porque, sendo ricos, vamos buscar á pauperrima lingua franceza phrases e locuções que nada tem de vigorosas?

Avaresa de gastar o que possuimos ou ignorancia?

Opino pela ignorancia. »

*
* *

Visitei o outro dia o estabelecimento em que se merca a agua de Lourdes, á rua de S. José n.º 58, placa.

Julguei encontrar alli alguma coisa cuja descripção interessase aos leitores; enganei-me.

Grutas, relicarios, latinhas com incenso, garrafas de agua, etc., tudo o mais como aqui pelo mundo profano,

Compreei uma garrafa da sobredicta agua e um livrinho que tracta dos milagres da senhora de Lourdes, tradusido pelo Sr conselheiro Autran.

Andou-me a coisa por mil e duzentos, justamente o preço de um *gafanhoto* garantido.

A garrafa está em nosso escriptorio.

Appliquei a agua de de Lourdes a um callo de sangue, mas não tive o gostinho de ficar bom.

No emtanto dizem que, ha dias, em Mathias Barbosa, estando um sujeito perdido em um caminho e sentindo sede ardente, lembrou-se de que trazia uma garrafita da agua de Lourdes.

Pois, senhores, foi bebel-a, e passar-lhe a sede.

Milagre!

*
* *

Os versos do Picanço que a *Gazeta de noticias* pública, são transcriptos pela *Gazeta Mercantil* do Rio Grande do Sul.

Picanço, ao que parece, celebrou contracto com as *gazetas*...

No emtanto, faça-se justiça á do Rio Grande: aquella versalhada em versos brancos, com pretensões a alexandrinos, em que se diz que as montanhas são symbolos de granito não mereceram transcriptos.

Vem cá, Picanço; vem provar da agua de Lourdes, a ver si endireitas.

X. Y. Z.

POESIAS

Tumulo

(A VICENTE BARREIROS)

Sa chair rose est un marbre et son corps une tombe.
(A. HOUSSAYE)

Eu só vi uma vez esse anjo bom
dos peccados sinistros, irritantes ;
e, ao cahir-lhe do labio um brando som,
senti na alma o ciume dos amantes.

Era a *flôr* da *Familia Benoiton*
no capricho das vestes scintillantes,
rodeada da *elite* do bom tom,
fascinada da luz dos seus brilhantes.

No mais era o phantastico, o divino,
que nas télas estheticas de Urbino
olvidara o pincel da inspiração.

Mas, ó Deus ! os brilhantes dessa Imperia
brilhavam como lampada funerea
sobre o tumulo vivo da paixão !

S. Paulo, 1877

A. FONTOURA XAVIER

 Soneto ?

Uma recente e triste e pallida viuva
todas as noites vae sosinha ao cemiterio ;
nem enxaqueca ou lama ou temporal ou chuva
impede o seu passeio... O sentimento é serio !

Mas como póde haver, meu Deus ! tal sentimento,
si um pifio chichisbeu, digamos — um finorio
alguns dias depois de dado o passamento
foi rei morto ao rei posto, e note — sem casorio ?...

No entanto, eil-a : lá vae... Nas altas cazuarinas
embebem-se da lua as chispas argentinas...
Envolve o rosto á viuva espesso e negro veu.

Sigamol-a... E' possivel?! O mundo está perdido !
Suppuz que viesse orar por alma do marido,
mas vem dar entrevista ao pifio chichisbeu.

ARTHUR AZEVEDO

1875

EXPEDIENTE

Recebemos exemplares das publicações:

DEVANEIOS, por Affonso Celso Junior. — Lemos com satisfação este volume de versos, que é a um tempo grata esperança para a litteratura nacional e testemunho bastante do talento de seu joven auctor.

Bem que sectario de uma eschola que se não compadece com as tendencias geraes do seculo, não deixa, comtudo, o sr. A. Celso Junior de revelar certa originalidade nas suas composições, o que deve de ser tomado em alguma conta.

A metrificação é, em geral, acurada. Ha paginas de merito taes, por especialisar, como *Scena da Roça*, *A moça que não ria*, *Rosa e Suzanna*.

PERIODICOS E DIARIOS — *Reforma*, *Revista Illustrada*, *Correio de Cantagallo*, *Rezendense*, *Itatiaya*, *Monitor Campista*, *Monitor do Norte*, *Diario de Campinas*, *Diario de Noticias*, *Publicador Maranhense*, *Diario de Pernambuco*, *Jornal para todos*, *Jornal do Recife*, *Provincia*, *Diario de S. Paulo*, *Monitor de Taubaté*, *Monitor do Norte*, *Jornal do Commercio (Pelotas e Alegrete)*, *Liberal do Pará*, *Th. Ottoni*, *Echo bananalense*, *Sentinella*, *Echo do Sul*, *Echo da fronteira*, *Revista Gabrielense e Mercantil*.

Agradecemos.

MATEMATICA

LXIV

Theoria dos centros de gravidade

Depois de haver considerado os differentes modos principaes pelos quaes se chega as leis exactas do equilibrio abstracto para um systema qualquer de forças, suppondo os corpos neste estado inteiramente passivo que, apezar de hypothetico, reconhecemos ser de todo indispensavel para o estabelecimento dos principios fundamentaes da Mecanica racional, vejamos como poderam os geometras ter em linha de conta as propriedades geraes, naturaes aos corpos reaes, e as quaes cumpre forçosamente attender em toda applicação effectiva da Mecanica abstracta.

A unica que até o presente se sabe tomar em consideração de um modo verdadeiramente completo, é a gravidade terrestre.

Vejamos como se pôde introduzil-a effectivamente nas equações staticas.

Este importante exame constitue, sem duvida, na ordem strictamente logica de nossos estudos philosophicos, uma viciosa antecipação sobre a Physica propriamente dicta, onde se deve estudar especialmente a sciencia da gravidade.

Mas a theoria dos centros de gravidade, a qual se reduz inteiramente este estudo statico da gravidade terrestre, desempenha um papel muito amplo e muito importante em todas as partes da Mecanica racional para que possamos dispensar-nos de indical-a aqui, ao exemplo de todos os geometras, embora não seja isto strictamente regular.

Em summa, observaremos a este respeito que evitar-se-ia quasi inteiramente tudo o que ha verdadeiramente de irracional nesta disposição scientifica, sem privar-nos todavia das vantagens capitaes que apresenta a resolução prévia de uma tal questão, si contrahissemos o habito de classificar a theoria dos centros de gravidade entre as investigações de pura Geometria.

Para ter em linha de conta a gravidade terrestre, nas questões staticas, basta representar-se cada corpo homogeneo como um systema de forças parallelas e eguaes, applicadas em todas as moleculas do corpo, e cuja resultante, uma vez determinada, introduzir-se-á desde então sem dificuldade alguma entre as forças exteriores primitivas.

Na realidade este parallelismo e esta egualdade das gravidades moleculares são approximações, pois que, de facto, todas estas forças concorreriam para os centros da Terra, si este planeta fôra rigorosamente espherico, e a sua intensidade absoluta, independentemente das desigualdades que são devidas a força centrifuga produzida pelo movimento de rotação terrestre, varia na razão inversa dos quadrados das distancias das moleculas correspondentes ao centro do nosso globo.

Mas, quando não se tracta sinão das massas terrestres a nossa disposição, as quaes são ordinariamente destinadas estas applicações da Statica, as dimensões nunca são de tal grandeza que exijam se tome em consideração a falta de parallelismo e de egualdade entre as gravidades das diversas moleculas de cada massa.

Suppõem-se pois então, todas estas forças rigorosamente parallelas e eguaes, o que simplifica extraordinariamente a questão de sua composição.

Com effeito, a sua resultante é, desde este momento, igual a sua somma e actua segundo uma recta parallela a sua direcção commum; de sorte que a sua intensidade e direcção ficam logo conhecidas.

Toda a dificuldade reduz-se portanto a achar o seu ponto de applicação, isto é, o que se chama o *centro de gravidade* do corpo.

Pelas propriedades geraes do ponto de applicação da resultante n'um systema qualquer de forças parallelas, a distancia deste ponto a um plano qualquer é igual á somma dos momentos de todas as forças do systema em relação a este mesmo plano, dividida pela somma destas mesmas forças.

Applicando esta formula ao centro de gravidade, e attendendo a simplificação que produz então a egualdade de todas as forças propostas, acha-se que a distancia do centro de gravidade a um plano qualquer é igual a somma das distancias de todos os pontos do corpo considerado, dividida pelo numero destes pontos, isto é, que esta distancia é o que se chama propriamente a média arithmetica entre as distancias de todos os pontos propostos.

Esta consideração fundamental reduz evidentemente a noção de centro de gravidade a ser puramente geometrica, pois que procurando-o como o *centro das medias distancias*, segundo a denominação muito racional dos antigos geometras, a questão não conserva mais vestigio algum da sua origem mecanica, e consiste apenas neste problema de Geometria geral:

Sendo dado um systema qualquer de pontos, dispostos entre si de um modo determinado, achar um ponto, cuja distancia a um plano qualquer seja média entre as distancias de todos os pontos dados a este mesmo plano.

Haveria vantagens importantes em conceber assim a noção geral do centro de gravidade, fazendo abstracção completa de toda consideração de gravidade, pois que esta idéa simples e puramente geometrica é precisamente a que se deve formar na maior parte das theorias principaes da Mecanica racional, sobretudo quando se encaram as grandes propriedades dynamicas dos centros das distancias médias, em que a idéa heterogenea e superabundante da gravidade introduz ordinariamente uma complicação e uma obscuridade viciosa.

Este modo de conceber a questão conduz naturalmente, é verdade, a excluil-a da Mecanica para fazel-a entrar na Geometria.

E si não fizemos esta transposição, foi para ños affastarmos o menos possivel dos habitos universalmente recebidos, embora estejamos muito convencidos de que uma tal disposição seja a unica verdadeiramente racional.

De qualquer modo que seja, o que desta discussão de ordem importa essencialmente, é não nos illudirmos sobre a verdadeira natureza da questão, em qualquer epocha, e sob qualquer denominação pela qual seja tractada.

A simples definição geometrica do centro de gravidade daria immediatamente o meio de determiná-lo, si o systema de pontos que se considera fôsse composto de um numero finito de pontos isolados; porque dahi resultariam então directamente formulas mais simples, e que não teriam de modo algum necessidade de serem transformadas para exprimir as coordenadas do ponto procurado, relativamente a tres eixos rectangulares fixados arbitrariamente.

Mas estas formulas fundamentaes não podem mais ser empregadas sem transformação, desde que se tracta de um systema composto de uma infinidade de pontos formando um verdadeiro corpo continuo, que é o caso ordinario. Porque o numerador e o denominador de cada formula tornando-se desde então simultaneamente infinitos, estas formulas não fornecem mais nenhuma significação distincta, e só poderiam ser applicadas depois de convenientemente transformadas.

E' nesta transformação geral que consiste, sob o ponto de vista analytico, toda a dificuldade fundamental da questão do centro de gravidade, encarada sob o ponto de vista mais extenso.

Ora, é claro que o calculo integral dá immediatamente os meios de superal-a, por quanto estas duas sommas infinitas, que constituem os dous termos de cada formula, são por si mesmas verdadeiras integraes,

das quaes, a que exprime o denominador commum das tres formulas se refere aos elementos geometricos infinitamente pequenos da massa considerada, e a que representa o numerador proprio a cada formula se refere aos productos destes elementos por suas coordenadas correspondentes.

Dahi se segue, para considerarmos apenas o caso mais geral, que decompondo o corpo sómente em elementos infinitamente pequenos nos dous sentidos por duas séries de planos infinitamente proximos, parallelus ao plano dos xz , outros ao plano dos yz , achar-se-ão logo as formulas fundamentaes que fazem conhecer as tres coordenadas do centro de gravidade do volume de um corpo homogeneo, de forma qualquer, limitado por uma superficie cuja equação em x , y e z , suppõe-se dada.

Obter-se-ão do mesmo modo formulas para o centro de gravidade da superficie deste corpo.

A determinação dos centros de gravidade ficará pois reduzida, em cada caso particular, a investigações puramente analyticas, de todo analogas ás que exigem as quadraturas e cubaturas.

Sómente, estas integrações sendo em geral mais complicadas, o estado de extrema imperfeição em que se acha até o presente o Calculo integral permittirá muito mais raramente ainda chegar á uma solução definitiva.

Mas estas formulas geraes não deixam de ter, por si mesmas, uma importancia capital, para introduzir a consideração do centro de gravidade nas theorias geraes da Mecanica analytica, como havemos de reconhecer.

Cumpra aliás considerar, quanto á questão mesma, que estas formulas soffrem immensas simplificações, quando se suppõe que a superficie que termina o corpo proposto é uma superficie de revolução, o que felizmente tem logar na maior parte das applicações verdadeiramente importantes.

Tal é, pois, o modo de ter em linha de conta a gravidade terrestre nas applicações da Statica abstracta.

Quanto á gravitação universal, póde-se dizer que até aqui ella não tem sido tomada em consideração, de um modo verdadeiramente completo, sinão relativamente aos corpos esphericos.

Não é que, quando se suppõe conhecida a lei de gravitação, e sobretudo concebendo-a inversamente proporcional ao quadrado da distancia, como na verdadeira gravitação universal, não se possa facilmente construir, por meio de integraes convenientes, formulas que exprimam a attracção de um corpo de figura e constituição quaesquer sobre um ponto dado, e mesmo sobre um outro corpo.

Mas estas expressões symbolicas geraes ficaram até aqui o mais das vezes inapplicaveis, pela impossibilidade de effectuar as integrações que ellas indicam, mesmo quando se suppõe, para simplificar a questão, que cada corpo é homogeneo.

Foi apenas por uma approximação muito imperfeita que se pôde chegar á determinação definitiva no caso muito simples da attracção de dous ellipsoides, e as approximações não poderam ser levadas ao grau de

precisão conveniente, sinão suppondo estes ellipsoides mui pouco differentes da esphera, o que tem logar felizmente para todos os nossos planetas.

Cumpre aliás considerar que, na realidade, estas formulas suppõem o conhecimento prévio da lei da densidade no interior de cada corpo proposto, o que até aqui ignoramos completamente.

No estado presente desta importante e difficil theoria, póde-se dizer que as theorias primitivas de Newton sobre a attracção dos corpos esphericos constitue effectivamente ainda a parte mais util desta ordem de noções.

Estas propriedades tão notaveis, e que Newton tão simplesmente estabeleceu, consistem em que: 1. a attracção de uma esphera cujas moleculas attrahem todas na razão inversa do quadrado da distancia, é a mesma, sobre um ponto exterior qualquer, que se toda a massa desta esphera estivesse condensada no respectivo centro; 2. quando um ponto está collocado no interior de uma esphera cujas moleculas actuam sobre elle segundo esta mesma lei, elle não soffre absolutamente attracção alguma da parte de toda a porção do globo que se acha a maior distancia que elle do centro, pelo menos, suppondo, si o globo não é homogeneo, que cada uma destas camadas esphericas concentricas apresenta em todos estes pontos a mesma densidade.

A gravidade é a unica força natural que sabemos ter em linha de conta na Statica racional: ainda assim vê-se quanto este estudo está pouco adiantado em relação á gravitação universal.

Quanto ás circumstancias exteriores geraes, de que deve-se igualmente fazer primeiro abstracção completa para estabelecer as leis racionaes da Mecanica, como o attricto, a resistencia dos meios, póde-se dizer que não conhecemos ainda o modo de introduzil-as nas relações fundamentaes dadas pela Mecanica analytica, pois, o que a este respeito se obteve até o presente, basea-se em hypotheses muito precarias, e mesmo evidentemente inexactas, que não podem ser consideradas na maior parte dos casos, sinão como proprias para fornecer puros exercicios de calculo.

(Continúa.)

ENTRE MOÇAS

CONTO

(Continuação)

II

Infelizmente para Sophia, seu pae nada entendia das coisas do coração. Realmente, vêr o sr. José Tavares em sua loja a medir fazendas e vender miudezas, era vêr um rei nos dominios de sua nação; mas, fóra dalli, não passava elle de um verdadeiro typo de vendedor de chitas e alpacas.

Era homem bem intencionado, isso era ; tinha vislumbres de extrema bondade e dedicação extrema. Assim, por exemplo, os annos que já haviam apagado o epitaphio da lapide onde jazia sua esposa, jamais conseguiram riscar-lhe o nome querido da lembrança : respeitava aquellas cinzas e em certo dia sobre ellas ia derramar um rio de lagrymas.

Demais, sendo homem birrento, pouco expansivo, e aferrado ao dinheiro muito mais do que deveria ser, possuia Sophia sortido guarda-roupa, uns aposentos de rainha e recebia bastantes provas de amor paterno. Em poucas palavras quer isto dizer que só a duas pessoas amou immensamente o sr. José Tavares: sua mulher, que já não existia, e sua filha, que era a unica capaz de, pelo carinho, abrir uma excepção no seu modo de viver. O negociante, porém, amava a seu modo ; e, além disso, uma cousa havia para elle maior que este affecto puro e vinha a ser a conta exaggerada em que tinha a posição que lograra alcançar no commercio. Esta paixão louca fôra; por ventura, a causa de todas as desgraçadas eventualidades da vida do bom homem.

Ora, dadas estas informações, convem dizer que andava a moça pelos quinze annos quando, para um quarto cujas janellas defrontavam com as de sua sala de costura, viera morar um rapaz que tinha tanto de modesto, quanto de sympathico e de agradável presença. Estes attractivos junctos não passaram despercebidos á moça, posto lhe operassem uma revolução no intimo. Porque Sophia muitas vezes corou encontrando fixados em si os olhos do rapaz ? porque depois começou a saudal-o todas as manhans e tardes ? porque o moço e a moça julgaram-se talhados um para a outra ? porque, finalmente, veio em certo dia de quinta-feira... ?

Era pela manhan. Sophia já estava perto do tear a bordar e... a olhar de vez em quando e de soslaio para a tal janella, que tantas vezes lhe apparecera em sonhos. Dahi a pouco começou a bregeirinha a acariciar seu *corrupião*, que das costas da cadeira passara-lhe para os hombros justamente — ó *corrupião* magano ! — na occasião em que o vulto do rapaz, o vulto *delle*, ressumbrou entre as cortinas de defronte. Encontraram-se os olhos dos dous, ambos coraram, e o moço saudou-a ; depois...

— A sinhasinha, disse o rapaz, está muito atarefada hoje...

Sophia, para quem estas palavras cresceram nos ouvidos, ficou de tal modo enleuada, e fez não sei o que ao *corrupião*, que elle encrespou-se todo e abriu as azinhas namorando-a, quando de novo ella o depunha nas costas da cadeira.

— Porque costura tanto ? (Novo ataque do rapaz) Isso faz mal!

Finalmente a moça teve voz e, cheia de meiguice, disse tambem:

— E o sr. porque escreveu tanto ?

— Ah, eu...

— Escreveu hontem até tão tarde !

— E' preciso adiantar o *balanço*.

O primeiro tiroteio tendo sido assegurado pela victoria, o segundo succedeu-o logo. O rapaz foi ainda quem rompeu o silencio :

— Mostre-me de lá seu bordado.

— E' uma almofada para uma noiva.

— Oh ! é linda !

— O sr. conhece a noiva ?

— Não ; fallo da almofada.

Neste ponto do dialogo fez-se ouvir um rumor na sala parede meia da de costura, e a mocinha meio confusa e atrapalhada disse depressa :

— E' meu pae que acorda . . .

Isto pôz o animo do rapaz em debandada : disfarçou e retirou-se depois. Sophia pregou os olhos no tear.

Desde que Carlotinha, sua companheira de collegio, della se separara para ir habitar com os paes o interior da provincia, fôra aquella a primeira vez em que a moça sentira desejos de dansar, fallar muito e cantar. Seu entusiasmo moderou-se, porém, e toda a alegria que lhe pejava o coração converteu-se em abraços e beijos ao sr. José Tavares, que lhe apparecera na occasião. O bom homem não estranhou aquellas expansões de carinhos ; sómente, ao descer a escada, foi dizendo com os seus botões :

— Já sei, já sei ; a sabidona quer mais uma tetéa . . .

Aquelle dia de quinta-feira foi um dia cheio para Sophia !

Dahi em diante, ao passo que a presença continua e a amizade que unia o coração dos dous tornavam maior a confiança de parte a parte, os dialogos entre um e outra foram sendo mais intimos e francos.

Qualquer um póde avaliar as scenas que se seguiram ; são cousas communs ; o nosso coração as sente ; todos nós por ellas passamos. Assim, para que alcancemos brevemente a parte interessante do conto, só copiarei de mais aqui o ultimo dialogo de janella para janella.

Sophia, apenas o guarda-livros apparecera, recebera-o risonha.

— Quer saber, Sophia ? Sonhei com você esta noute.

— Pois só agora ?

— Tinhamo-nos casado . . .

— Ah ! . . .

— Olhe, creio que foi isto por dizerem-me hontem os patrões que de agora em diante eu seria interessado na casa.

— E como estavas tão calladinho, Luiz ? ! . . .

— Disseram-me isto hontem á tardinha.

— Deves estar muito contente !

— E tu não estás ?

— Eu ? . . .

— Quero ter uma *conversa* em particular com o sr. José Tavares . . .

O que achas ?

— Com meu pae ?

— Queres ?

— Eu sei lá !

— Mas porque de certo tempo para cá anda teu pae tão carrancudo commigo ?

— Luiz, verificar-se-á o sonho ?

Mas, ó desastroso acontecimento! a conversa foi interrompida por um grito, um berro, um urro, um não sei o que, que pôz os dous a tremer:

— Pelintra!

O sr. José Tavares, fulo de raiva, acabava de atravessar os umbraes da porta abrutadamente como um tyranno de comedia. Luiz fugiu da janella, vencido pelo olhar endemoniado do negociante; Sophia ficou livida. Depois de curto momento em que cada um parecia uma estatua, o sr. Tavares disse por fim:

— E' assim, senhóra, que procede a filha de um negociante em grosso? Toda a visinhança, toda a praça, todo o mundo, tentação!—sabe deste escandaloso namoro.

E, assim fallando, agarrara com tamanha força os punhos de Sophia, que a fizera ajoelhar. A infeliz rapariga podera apenas entreabrir os labios, soltando estas duas palavras magicas:

— Meu pae!

— Ah, choras agora! Choras? filha desnaturada. São as lagrymas tuas armas, heim?... Pois chora para ahi, chora, chora...

O que faria depois o sr. Tavares? As janellas da sala de costura foram pregadas, e dentro em poucos dias Luiz Carlos fôra despedido da casa dos patrões, e desaparecera completamente, só deixando a Sophia a *sempre-viva* que Carlotinha, cinco annos depois, descobrira na gaveta do toucador.

Depois que tudo entrou nos verdadeiros eixos em casa do negociante, a moça muitas vezes, como dissera á amiga, tivera desejos de escrever-lhe a historia de sua desventura; mas, muitas vezes tambem, repellira, sem saber porque, tal idéa.

Agora, que Carlotinha já ouviu a narração de todos estes acontecimentos da bocca de Sophia, e tu da minha, leitor generoso, continue-mos nosso conto.

(Continúa)

ROSA BRANCA

XVI

Com effeito, uma revolta consideravel acabava de rebentar entre aquelles povos selvagens. Tinham chamado o pretendente em seu socorro contra Henrique VII. A duqueza conhecia tanto a habilidade de Ricardo, que bem sabia que elle não perderia esta occasião sem equal de principiar a guerra em Inglaterra. Além disso, ella tinha tudo preparado com os seus agentes de Irlanda e de Escossia para que assim acontecesse.

Uma vez fóra da costa de França, mandou lançar no porão o pescador e substituiu-lhe um piloto. Este recebeu ordem de correr a costa ingleza com prudencia, tentando espiar qualquer vella que viesse de Inglaterra. Era o meio de ter noticias e tomar uma direcção segura. A du-

queza esperava deste modo descobrir o retiro de Ricardo e surprehendel-o com sua presença e suas invectivas. Não lhe aconteceu, porém, com esse plano como com os outros.

Havia vinte e quatro horas que bordejava pela costa de Inglaterra esperando ocasião favorável, quando pareceu descobrir um desacostumado movimento em terra; a sua atenção ficou absorvida para aquelle lado. Entretanto ella propria era observada por duas barcas de guerra que, vindo de repente do mar largo, lhe cortaram a retirada e depois de um interrogatorio, conduziram-na para a bahia de Moüns.

A duqueza disfarçada á pressa com a touca e o manto de uma pescadora, escondia-se o mais que podia atraz da sua gente, que tremia com a idéa de ter cahido nas mãos de algum guarda-costa de Henrique VII. Porém qual não foi a sua surpresa quando á vista do porto, as barcas, até então mysteriosas, içaram o pavilhão de York, que da praia saudaram mil aclamações!

E' que os dois navios iam de Irlanda, carregados de munições e viveres para o exercito de Cornuailles; os revoltosos tinham já recebido entre elles Ricardo de York; e a duqueza, ao principio assustada, passou logo a uma excessiva alegria ao saber que a sua fortuna, acabava de a conduzir justamente ao ponto aonde nunca esperára aportar tão prosperamente.

Occultou a sua commoção, mandou ao piloto que pedisse, logo que tocasse em terra, uma audiência ao duque de York para communicações de alta importancia, e não foi sem impaciencia que se deixou conduzir como prisioneira, com toda sua comitiva, á residencia que o principe occupava.

Ricardo principiava a saborear os fructos da realza. Em toda a parte da sua passagem, a embriaguez dos favores populares.

Ardente em ferir os primeiros golpes, meditava um ataque contra a cidade de Exeter. O seu exercito arrastava-o para hi; os seus conselheiros declaravam o triumpho certo. Ricardo saía do conselho de guerra onde acabava de ser resolvida a expedição, quando lhe annunciaram que uma barca franceza tinha sido capturada juncto á costa e que o cabo da tripulação dizia ter revelações que fazer-lhe.

Ricardo fixou a audiencia para o outro dia; porém mal havia saído o seu capitão de armas para levar a resposta aos pescadores tornou a entrar e entregou ao duque um anel. Apenas Ricardo lhe poisou os olhos, soltou uma exclamação de surpresa e despediu o seu sequito, ordenando que o portador do anel fosse introduzido logo.

Uma mulher, embrulhada n'um manto de lan, entrou com passo tranquillo, descobriu a fronte quando chegou ao pé de Ricardo e olhou fria como uma estatua na sua rigida immobilidade.

— Vós!...—exclamou Ricardo,—vós, minha tia! Que prazer!...
E ia a correr para ella, com os olhos brilhantes, os braços abertos.

(Continúa)

THEATROS

O sr. Eduardo Garrido. — *A Pera de Satanaz*. — O sr. Valle. — O sr. Martinho. — A sra. Apollonia. — O sr. dr. Cardoso de Menezes. — Nova parodia á *Fille de Mme. Angot*. — *Os sete Infantes de Lara*. — *Os milagres de S. Benedicto*.

E' bem conhecido o talento do sr. Eduardo Garrido para arranjar uma magica. Tira um quadro d'aqui, outro d'acolá, e combina-os tão bem, que parece original o seu trabalho.

Foi o que fez com a *Pera de Satanaz*, recheiada, além disso, de bons dictos e finos *calembourgs*, que são um nunca acabar.

A empresa do S. Luiz montou com luxo esta magica e pena é que o desempenho não corresponda ao *mise-en-scene*.

O sr. Valle é o unico que se esmera na execução de seu papel. Sabe provocar a gargalhada expontanea e estridula, sem fazer arremedilhos de *clonw*, nem despreoccupar-se um momento das prescripções da boa arte.

As scenas de medo no *atelier* do pintor e na hospedaria são executadas com admiravel talento. A apresentação ao rei Caramba, no primeiro quadro, é soberba.

Depois do sr. Valle merece menção o sr. Martinho que, com ser o segundo no desempenho da peça, pouco fez.

Parece-nos cansado esse auctor de tão boa tradição. Trabalha com um certo azedume de que se não sabe ou não quer eximir. Vae para o theatro como o caixeiro para a casa do patrão: cumprir um dever e nada mais. Não se caracteriza, de modo que o rei Caramba, o rei das campainhas, é o mesmo actor Martinho, que todos os dias encontramos á porta dos cafés, fungando uma pitada do meio grosso.

A sra. Apollonia atravessa toda a scena a rir, a rir, a rir. Basta que riam os espectadores, minha senhora.

Não sei o que me parece aquillo! Não abuse tanto da faculdade do riso.

Já o não digo pela arte, não o digo pela natureza: mas si a sra. mostrar tão a miudo seus bellos dentes, elles deixarão de ser uma novidade elegante para o espectador, quando o seu papel exigir realmente que ria.

Os mais... adeus, minhas encommendas. Aquelle pintor, aquelle Satanaz, aquella princeza Magalona, aquella sra. Aurora de Freitas, aquelles srs. N. N., estão abaixo da critica.

A musica, é desprazer reconhecer, é justiça confessar, não está na altura do formoso talento do sr. Cardoso de Menezes.

De quem escreveu o córo das Incompatibilidades, do *Joven Telemaco* e a partitura feliz da *Moura encantada*, devia esperar-se coisa melhor. Ha falta de variedade; e, o que mais é, de originalidade.

Mas, ainda assim, salvar-se-ia o *spartito*, si a instrumentação fosse outra.

Mas a instrumentação não é outra...

Si o sr. Valle annunciasse a musica do sr. Cardoso de Menezes como

musica do futuro, eschola de Wagner, muita gente engoliria a pilula. Não ha phrase que se comprehenda, não ha trecho que se assobie ao sahir do theatro, como deve succeder com a musica de uma magica, apezar da extensão e das repetições monotonas dos córos.

E' de esperar que, na primeira oportunidade, o sr. Cardoso de Menezes desfaça, com melhor producção, o máu effeito produzido pela *Pera de Satanaz*.

Ninguem, mais do que nós, aprecia o seu talento.

Demais a mais, com o insupportavel calor que tem feito, póde lá haver inspiração!

Pelos outros theatros nada de novo.

Na Phenix appareceu uma das noites passadas a *Maria Angú*.

Já é!

E a fallar em *Maria Angú*:

Consta-nos que o Cassino vae ensaiar uma parodia á *Fille de Madame Angot*...

Já é!

« Até quando, ó Madame Angot, abusarás de nossa paciencia? »

Dizem-nos tambem que a nova parodia é escripta por um medico?

A musica saltitante e universal de Carlos Lecocq terá, por ventura, algumas condições hygienicas?

O certo é que este anno de Angús e Angots, em bôa hora o digo, não tivemos febre amarella, em que pese á juncta de hygiene e ás diversas commissões nomeadas afim de conhecer dos motivos, etc., etc., etc...

O S. Pedro ensaia...

O que? perguntará o leitor avido de uma novidade qualquer; o que?...

Mas o chronista, tomando philosophicamente uma pitada do meio grosso, como o actor Martinho, e fechando um olho com malicia, responde *naivement*:

Os sete infantes de Lara.

Não tarda por ahi o Manoel Mendes Enxundia ou os autos do reinado de D. Manoel.

Já é!

O Gymnasio dá-nos hoje, em primeira representação, *O frade negro*, que são os mesmos *Milagres de S. Benedicto*, já annunciados.

A emenda será do Conservatorio?

Não duvido.

Ao Gymnasio desejamos todas as venturas e prosperidades que lhe ha de levar provavelmente tão milagroso sanctinho.

ELOY, o heróe.

POESIAS

Adeus

(AOS MEUS AMIGOS DO RIO)

Adeus ! adeus ! Já tomba o sol nos mares,
lucido beijo ás vagas imprimindo,
e a merencoria tarde vae nos ares
as purpurinas tranças desparzindo ;
cahe socegada a noite, a onda é calma,
não ruge crespá aos lategos do vento,
e o meu navio placido se embala
no liquido elemento.

E amanha, quando a luz da nova aurora
tingir de fogo a implacidez das aguas,
emquanto a brisa rapida e sonora
me fôr bebendo as suspirosas maguas,
— fugindo a flor do mar, verei de longe
tremem no arco azul dos horizontes,
como extensa cadeia de esmeraldas,
de Guanabara os montes.

Do soberbo gigante de granito
ir-se-ão sumindo as graciosas curvas
como pontos no seio do infinito,
— enquanto eu fôr cortando as ondas turvas ;
e como sobe a sombra ao vir da noite,
cahindo o sol do mar na immensidade,
— longe tudo o que amei,—brotar-me-á n'alma
a sombra da saudade.

Aqui em sonhos os mais bellos
da minha juventude se passaram ;
que importa que os rompessem desenganos,
si uma hora fui feliz, quando brilharam ?
Aqui—gloria, ambição, ventura, amores
rebentaram-me a rir no seio ardente,
como nos climas tropicaes as rosas
de chão humido e quente.

Foram-se os dias dessas quadras bellas !
Do passado, do tempo ao frio açoite,
qual turbilhão phantastico de estrellas,
cahiram na soidão de horrenda noite !
Si inda resta em meu peito uma lembrança
da inutilmente gasta mocidade,
só a memoria afaga-me o perfume
das flores da amizade.

Da amizade tão só; que me illudiram
as outras afeições; dentro em minha alma
as crenças nos amores desfloriram
bem como as plantas do verão na calma;
só da amizade, que surgiu risonha
do seio morto na exaurida leiva,
depois que amor mentido lhe bebera
calor e vida e seiva.

E pois sómente a vós que me adoçastes
meus dias de infortunio e de amargura,
e as sendas do futuro me apontastes
quando só me abatia a desventura;
a vós que confundistes vossos sonhos
e visões de esperança aos sonhos meus,
só a vós no saudoso apartamento
o meu sentido adens.

Cattete, 4 de novembro de 1876.

THEOPHILO DIAS

Não é mais sonho

(A MEU AMIGO ANTONIO PEREIRA SIMÕES)

Não é mais sonho, não, vi-a de novo,
ouvi-lhe a voz suave, o passo leve;
e sob a timidez de corça esquiva,
senti-lhe a chamma ardente dos olhares!
Vans illusões, que me embalastes, ide!
miragens zombadoras, tornei vól-a!

Sim, ella estava lá por entre os risos
e os encantos do lar, em que primeiro
a f'licidade me arrastou amiga,
e o vulto seu me deparou formoso.
Era a mesma visão de minhas noites,
mesma a fragrancia que sorvi nas flores!

Eu a vi outra vez! e a primavera
logo em minh'alma entrou com seu semblante:
no venenoso amargo deste mundo
pareceu-me provar um mel celeste,
pintar-se-me o arco-iris da bonança
nos oscillantes nimbos do futuro,
a limpidez serena de sua vida
na téla nua de meus tristes dias.

Coração, eu te escuto, emfim te sinto !
 A brisa fria que a roçar-me a fronte
 ha longos annos te definha inerte,
 ao fogo de seus olhos se tempéra...
 Ah ! que a frágua do amor em ti se abraza
 e nella ao menos morrerás amando.

Dos ramos de minh'alma, que se inflora,
 novos rebentos, borbulhando, assomam
 de verdes trepadeiras que se estendem
 pelo doirado caule da esperança.
 Eu ainda a verei... um dia apenas...
 embora uma só vez... um só instante !...
 Sua belleza ante meus olhos passa,
 sol bemfasejo de minh'alma em flores !

1877

J. E. TEIXEIRA DE SOUZA

Soneto

Você deixou que perfida navalha
 invadissem-lhe a barba que fulgia,
 como ao primeiro resplendor do dia
 fulge a planta gentil, que a noite orvalha.

Que barbeiro sem alma passaria
 em volta ao seu pescoço uma toalha,
 para cortar-lhe (O' barbaro ! ó canalha !)
 a cabelleira farta e luzidia ? !

E anda d'oculos azues ! Por tenebroso
 safado casacão que o emmagrece,
 por que deixou você seu *frak* airoso ?...

Você não é mais você... Porque ? Confesse...
 Ah ! já sei a razão (Oh ! que engenhoso !):
 Si o encontra um credor, não n'ó conhece.

Rio 1876.

ARTHUR AZEVEDO

A minha nuvem

Quanto eu amo a minha nuvem
delicada e purpurina,
que do céu azul se inclina,
a ninguém jamais direi ;
com que ardor a estremeço
é o meu segredo d'alma,
minha gloria e minha palma,
que do mundo occultarei !

Como a perola escondida
nos abysmos do oceano,
no meu peito em fundo arcano
dorme aváro o meu amor ;
e nem mesmo a minha nuvem
saberá do meu segredo,
pois receio... tenho medo
não me entenda o seu valor.
Amo-a sim, e muito e tanto

que estremeço de ciumes,
si das rosas os perfumes
vão-lhe o seio embalsamar ;
nem a quero á esmeraldina
face equorea retratada,
porque póde a côr amada
desbotar na côr do mar.

E' que eu amo com verdade
de minha alma na pureza,
do delirio na grandeza
o meu sonho, anjo ou visão...
Ninguém venha perturbar-me
no sagrado do meu culto,
quero sim viver occulto
neste orar do coração !

Quero em meio do deserto,
de joelhos, fronte nua,
ao clarão frouxo da lua,
ou á luz do ardente sol,
adorar a minha nuvem,
vê-la airosa pelo espaço
das estrellas no regaço
ser no ceu o meu pharol !

Mas si tu, nuvem querida,
não compr'hendes o meu canto,
hymno simples de amor sancto,
nada importa uma illusão !...

Morto o vate, não lhe negues
 uma lagryma sentida
 sobre a pobre campa erguida
 lá nos ermos da soidão !

Recife, 1866

C. ASSIS.

Fiat lux

Sua Magestade a rainha matou um
 coelho !

(*Telegramma da Europa*)

Assombro ! O mundo velho, o putrido devasso,
 no extremo agonisar se vio de espaço a espaço,
 curvado para o chão, batido pela dôr,
 mandar ao mundo novo um grito de terror !
 A musculosa mão da velha Tyrannia
 afiava contra a Servia a garra da Turquia.
 A França enfileirava os grandes esquadrões
 para bater em tempo enormes legiões
 postadas, ferro em guarda, ás portas da Allemanha.
 O braço de um bandido erguia-se na Hespanha.
 De Roma imprecações partiam para os ceus.
 Cheirava a sepultura o successor de Deus.
 Da tyrannia atroz daquella Russia hodierna,
 dos antros infernaes, os filhos da caserna
 queriam desprender da bocca do canhão,
 em nome do progresso, a voz da Redempção.
 O baixo poviléu, ao som das martelladas,
 erguia contra os reis immensas barricadas.
 A lei era a Phriné, coberta de europeis,
 mercadejando o corpo a troco de uns mil réis.
 A honra e a consciencia, á moda dos banqueiros,
 não eram mais do que isto :—uns falsos moedeiros.
 O juro, as inscripções, a praça, os capitaes
 dormiam como os reis ao som das bacchanaes.
 A imprensa e a lavoura, as artes e a sciencia
 marchavam logo atraz da honra e da consciencia.
 Vinha tragar o mundo esta panthera—o Mal.
 A ordem tinha herdado um catre no hospital.
 E o mundo velho, assim em convulsões enormes,
 mandava ao mundo novo uns gritos desconformes !

Mas quem diria ?!.. Assombro ! um coelho, um « aqui jaz »
 lhe foi restituir a sua antiga paz !

Abençoado seja aquelle sancto dia !

Sua Magestade, emfim, fez bem a pontaria.

S. Paulo, 1877

FONTOURA XAVIER.

EXPEDIENTE

PERIODICOS E DIARIOS. — Agradecemos aos illustrados collegas da : *Reforma, Protesto, Revista Illustrada, Diario de Noticias, Correio de Cantagallo, Monitor Campista, Diario de Pernambuco, Jornal do Recife, Provincia, Alabama, Diabrete, Jornal do Commercio, Gazeta Commercial, Mercantil, Itatiaya, Rezendense, Theophilo Oltoni, Monitor de Taubaté, Paulista, Diario de Campinas, Monitor do Norte, Diario de S. Paulo, Despertador, Conservador, O Telegrapho, Jornal para todos, Publicador Maranhense, Echo de España e Echo de la Niñez.*

SR. F. L.—O seu artigo conta muitos destemperos, apezar de só ter trinta linhas por juncto.

1.º, *não chora por não chores* ;

2.º, *elogiou-lhe por elogiou-o* ;

3.º, *vistes por viste.*

Aprenda, e volte.

MATHEMATICA

LXV

Considerações geraes sobre a Hydrostatica.

Para terminar o exame philosophico do conjuncto da Statica, falta-nos considerar o modo geral de estabelecer a theoria do equilibrio, quando o corpo a que estão applicadas as forças, se acha no estado fluido, quer liquido, quer gazoso.

Dous são os methodos geraes, inteiramente distinctos entre si, pelos quaes póde ser tractada a Hydrostatica ; n'um, procuram-se directamente as leis do equilibrio dos fluidos por considerações staticas inherentes á esta classe de corpos, n'outro, são estas leis deduzidas dos principios fundamentaes que forneceram as equações staticas dos corpos solidos, attendendo, como convém, ás novas condições características que resultam dos fluidos.

O primeiro methodo foi a principio o unico empregado, como sendo primitivamente o mais facil, sinão o mais racional.

Foi este, com effeito, o caracter dos trabalhos dos geometras dos seculos XVII e XVIII sobre a importante secção da Mecanica racional de que ora nos occupamos.

Diversos principios staticos peculiares aos fluidos, e mais ou menos satisfactorios, foram successivamente propostos, maxime quando se aventou a celebre questão em que os geometras procuravam determinar *á priori* a verdadeira figura da Terra, supposta originariamente em estado de fluidez, questão capital, que, encarada em seu todo, prende-se, na realidade, directa ou indirectamente, a todas as theorias successivas da Hydrostatica.

E' sabido que Huyghens tentára resolvel-a, tomando por principio de equilibrio o perpendicularismo necessario da gravidade na superficie livre do fluido.

Newton, por sua vez, escolhera, na mesma epocha, para consideração fundamental a necessidade da egualdade do pezo entre as duas columnas fluidas que vão do centro, uma para o pólo, outra para um ponto qualquer do Equador.

Bouguer, discutindo mais tarde esta importante questão, mostrou que estes dous modos de proceder eram igualmente viciosos, visto como os principios de Huyghens e de Newton, apezar de incontesteveis, não estavam de accordo, n'um grande numero de casos, em attribuir a mesma fórma á massa fluida em equilibrio, o que cabalmente evidenciava a sua mutua insufficiencia.

Mas Bouguer, por sua vez, gravemente se enganou, suppondo que a reunião desses dous principios, quando concordavam em indicar uma mesma figura, era mais que bastante para o equilibrio.

Clairant, no seu immortal *Tractado da figura da Terra*, foi quem descobriu as verdadeiras leis geraes do equilibrio de uma massa fluida, fallando da consideração evidente do equilibrio isolado de um canal qualquer infinitamente pequeno; e, por este *criterium* infallivel, mostrou que podia existir uma infinidade de casos em que a combinação exigida por Bouguer seria observada, sem que todavia tivesse logar o equilibrio.

Depois que a obra de Clairant fundou em seu complexo a Hydrostatica racional, muitos geometras notaveis, continuando a adoptar o mesmo modo geral de proceder, occuparam-se em fundar a theoria mathematica do equilibrio dos fluidos sobre considerações mais naturaes e mais distinctas do que a empregada pelo seu illustre inventor.

Devem-se principalmente distinguir, a este respeito, os trabalhos de Maclaurin, e sobretudo os de Euler, que deram a esta theoria fundamental a fórma mais simples e regular que tem presentemente em todos os tractados ordinarios, fundando-a no principio de egualdade de pressão em todos os sentidos, que se póde como uma lei geral fornecida pela observação, relativamente á constituição statica dos fluidos.

Effectivamente este principio é, sem contestação, o mais conveniente a se empregar n'uma tal investigação, quando se quer tractar directamente, por alguma consideração propria aos fluidos, a theoria do seu equilibrio, cujas equações geraes elle fornece immediatamente com extrema facilidade.

Basta então, para obtel-as do modo o mais simples possível, depois de ter imaginado a massa fluida dividida em moleculas cubicas por tres series de planos infinitamente proximos, parallellos aos tres planos coordenados, exprimir que cada molecula é egualmente comprimida segundo os tres eixos perpendiculares ás suas faces, pelo complexo das forças do systema, sendo a pressão da molecula em cada sentido egual á differença das pressões exercidas sobre as duas faces oppostas correspondentes.

Acha-se assim que a lei mathematica do equilibrio de um fluido qualquer, e quaesquer que sejam as forças que o sollicitem, é expressa pelas tres equações : $\frac{dP}{dx} = p X$, $\frac{dP}{dy} = p Y$, $\frac{dP}{dz} = p Z$, onde P designa a pressão supportada pela molecula cujas coordenadas são x, y e z; p, a densidade ou peso especifico, e X, Y, Z exprimem as componentes totaes das forças de que o fluido está animado, segundo os tres eixos coordenados.

Como se póde evidentemente deduzir do complexo destas equações a formula $P = \int p [X dx + Y dy + Z dz]$, que determina a pressão em cada ponto, quando forem conhecidas as forças e a lei da densidade, é possível dar uma outra fórmula analytica á lei geral do equilibrio dos fluidos, limitando-se a dizer que a função differencial, posta sob o signal de integração, deve satisfazer ás condições conhecidas de integrabilidade relativamente ás tres variaveis independentes x, y e z, o que é precisamente a expressão simplicissima primitivamente achada por Clairant quanto á theoria mathematica da Hydrostatica.

O estudo do equilibrio dos fluidos dá logar a uma outra questão geral de muita importancia : é a que consiste em determinar, no caso de equilibrio, a figura da superficie que limita a massa fluida.

A solução abstracta desta questão está implicitamente comprehendida na precedente formula fundamental, pois basta suppôr que a pressão é nulla, ou pelo menos constante, para caracterisar os pontos da superficie, o que dá indistinctamente : $X dx + Y dy + Z dz = 0$ quanto á equação differencial geral desta superficie.

Toda a difficuldade concreta reduz-se, pois, inteiramente, em cada caso, a conhecer a lei real sobre a variação da densidade no interior da massa fluida proposta, a não ser que ella seja homogenea, determinação que offerece obstaculos completamente insuperaveis nas applicações mais importantes.

Fazendo abstracção della, a questão desde então apresenta uma investigação analytica mais ou menos complicada, que consiste na integração, o mais das vezes desconhecida ainda, da equação precedente.

Deve-se, além disto, observar que esta equação, é, por sua natureza, bastante geral para que se possa applical-a mesmo ao equilibrio de uma massa fluida animada de um movimento de rotação determinado, como o exige, sobretudo, a grande questão da figura dos planetas.

Basta então comprehender entre as forças centrifugas do systema proposto as forças centrifugas que resultam deste movimento de rotação.

Tal é o modo geral de estabelecer a theoria mathematica do equilibrio dos fluidos, fundando-a directamente em principios staticos particulares a este genero de corpos.

(*Continúa.*)

ETHEETICA

VI

(*Conclusão*)

O MOVIMENTO DEISTA.—Consagrada ao scepticismo absoluto, emanada da philosophia negativa, esta terceira phase o que fez foi prolongar mui secundariamente o espirito esthetico da phase anterior, e applicou-se ao desenvolvimento épico da existencia privada.

Este genero, o mais original da Litteratura moderna, foi muito notavel em Lesage e Fielding.

Não se estendeu ao drama onde Molière fica sem émulo.

A protecção da Arte tornou-se para os governos um dever e não mais um calculo pessoal.

A dominação espiritual do jornalismo e o desenvolvimento dos theatros coadjuvaram a Arte.

A emancipação poetica accentuou-se no parallelo entre os antigos e os modernos.

Fontenelle e Perrault collocaram-se do lado dos modernos, contra a opinião de Racine e Boileau.

Fontenelle estendeu-o felizmente ao movimento mental e fez nascer, depois de Pascal, a lei do progresso e a continuidade historica da idade-média.

A Arte acompanhou o movimento de desorganisação geral e revestiu um character cada vez mais critico que lhe valeu um certo destino social de outro modo impossivel.

Os poetas e os artistas, apenas izentos das protecções pessoases, erigiram-se expontaneamente em chefes espirituaes contra a resistencia retrograda.

Mas logo que a transição revolucionaria reclamou o ascendente do movimento de reorganisação positiva, esta classe equivoca esforçou-se em prolongar o reinado do espirito critico, unico apto para manter a sua preponderancia passageira.

A Arte gemeu ainda sob o jugo desta Musa *elevada*.

Em Philosophia, em Sciencia, em Politica, em Religião, em tudo, é a mesma divagação metaphysica degenerada em *pedantocracia*.

Cumpré entretanto exaltar o sacrificio de um poeta tragico que dirigia a emancipação espiritual a que se votou, renunciando sem ostentação a supremacia que teria obtido em segunda ordem.

Personificando expontaneamente a alliança do futuro entre o *verda-*

deiro e o *bello*, consagrou ao successo a poderosa variedade de seu talento, sem nunca hesitarem sacrificar as conveniencias estheticas aos interesses mesmo momentaneos da elaboração negativa: referimo-nos a Gæthe.

Byron e elle, sobretudo Byron, pressentiram a grandeza moral do homem franco de toda chiméra oppressiva.

Mas o movimento negativo não permittiu mais a Arte sinão a idealisação da propria *duvida*; um e outro não poderam ir ter sinão a typos insurreccionaes, conformes com o seu officio revolucionario.

Este regimen passageiro permittiu-lhes estender ao meio protestante a emancipação emanada da Philosophia e da Sciencia.

E' justo todavia reconhecer que Byron, o maior poeta do nosso seculo, pressentiu melhor a idealisação da Humanidade, assim como a verdadeira natureza mental e moral da existencia moderna; tambem foi elle o unico que tentou esta audaciosa regeneração poetica, a unica sahida da Arte.

Elle soube profundamente apanhar a apreciação esthetica do estado negativo do seu meio social, que impotentes imitadores tem pretendido reproduzir, não comprehendendo que, por sua natureza anti-poetica, esta situação transitoria não podia comportar sinão uma unica fé, e n'um tal genio, sinão uma energica idealisação.

A aristocracia britannica, que devia se honrar de ter dado origem a lord Byron, preferiu, por meio de odiosas perseguições, constatar, aos olhos da Europa, o seu espirito eminentemente retrogrado.

Tem-se desprezado muito a eschola retrograda que surgiu, no começo do nosso seculo, sob a nobre presidencia de De Maistre, dignamente completada pelas concepções estheticas de Bonald, com o auxilio poetico de Chateaubriand.

Esta eschola desacreditou o *negativismo* e fez sentir que o conjuncto do passado não poderia ser comprehendido sem um respeito immutavel.

Deve-se prender a esta impulsão, provocada pela incoherencia do esboço de Condorcet, o apparecimento da epopéa historica nas composições de Walter Scott, preparado por Chateaubriand e acabado por Manzoni.

Este genero de composição, o mais bem adaptado á civilisação moderna, donde emana espontaneamente, manifesta a sua originalidade e a sua popularidade por um memoravel aperfeiçoamento: estabeleceu uma feliz alliança historica entre a vida privada, até então abstractamente encarada, e a vida publica, que, em cada epocha social, modifica o seu caracter fundamental.

Walter Scott e Manzoni idealisaram, um, a evolução protestante, outro, a evolução catholica.

O immortal auctor de sete obras primas: *Ivanhoe*, *Waverley*, *les Puritains*, fez uma judiciosa escolha de phases sociaes bem determinadas e convenientemente affastadas; ao passo que o illustre auctor de *I promessi sposi* figurará aos olhos de uma posteridade imparcial entre os mais nobres genios estheticos dos tempos modernos.

Aqui termina esta brilhante evolução esthetica traçada com mão de mestre por Augusto Comte.

Todos os grandes typos estheticos da Humanidade são contemplados.

A Arte, diz Augusto Comte, nunca suppõe a mediocridade, pois que deve sobretudo desenvolver o sentimento da perfeição.

O verdadeiro gosto suppõe sempre um vivo desgosto.

Pela regra da esthetica positiva deve-se idealisar affastando as imperfeições, sem introduzir qualidades, para que a ordem artificial ou subjectiva torne-se uma feliz extensão da ordem natural ou objectiva.

O Positivismo, longe de abolir o artificio logico das ficções estheticas, introduz, mesmo em Biologia, organismos imaginarios, analogos á ficção do *espaço* dos geometras.

Estas ficções devem sobretudo referir-se ao ser humano, o mais modificavel, de modo que augmentem os effeitos da Arte, sem nunca violar as leis fundamentaes da realidade.

A Arte, como a Religião, a Philosophia, a Sciencia e a Industria, vê e procura por toda a parte a mão do homem.

Idealisemos a acção do homem sobre a economia da natureza, sobre os prodigios da Humanidade!

Idealisemos a hierarchia encyclopedica representada pelas tres deusas typicas: *Materia, Vida, Humanidade*.

Ali, a ordem vital constitue o élo entre a ordem cosmica e a ordem humana; objectivamente, a sua harmonia caracteriza a economia universal, e subjectivamente, corresponde á constituição cerebral.

Elevemos a epopéa e o drama á idealisação da vida privada e da vida publica, á idealisação da familia, da patria, da Humanidade.

Cantemos o novo homem em presença do novo Ser supremo, o homem positivo em presença da Humanidade.

E' neste templo sagrado onde repouzam as cinzas immortaes dos nossos paes espirituaes, é neste Pantheon que a Arte, a Sciencia e a Industria confraternizar-se-ão nos braços do Grande Ser, sob a inspiração da divisa:

Aos grandes homens a Humanidade reconhecida!

ENTRE MOÇAS

CONTO

(Continuação)

III

Carlotinha, quando se separou da amiga naquella noite, ia risonha; teria ella resolvido o *intrincado* problema a que se propuzera? O que é certo é que no dia immediato pela manhan, o moleque de D. Josephina, mãe de Carlotinha, trouxera a seguinte carta á filha do sr. José Tavares.

CARLOTINHA Á SUA AMIGA

Sophia,

« Alviçaras, alviçaras ! O commendador affiançou-me que só casaria com você, si fosse isso muito de sua vontade. Que rapaz distincto que elle é !...

« A historia de sua *sempre-viva* quasi não me deixou dormir quarta-feira. Eu vi-a constantemente chorando a queimar as folhinhas esbranquiçadas da flôr ; seu pae, carrancudo, contemplando-a ; o seu... guarda-livros em fórma de uma luzinha apagando-se aos poucos, e o commendador Torres juncto de um padre a estender-lhe a mão. O padre era o capellão do collegio !

« Ah, meu bem ! este quadro tirava-me o somno. Minha *mãe de leite* dizia-me que a pessoa que sonha e conta tudo antes do sol nascer, desfaz toda a força e encantamento do sonho ; pois bem, eu contei logo de manhansinha o meu a todos de casa ; mas quem diz que assim mesmo fiquei satisfeita ? Você nem imagina como passei o dia.

« A noite *elle* veio tomar chá comnosco ; eu tinha minha idéa e estava morrendo por lhe fallar ; afinal achei occasião. O commendador pediu-me para tocar ao piano o primeiro nocturno de Chopin (elle é muito entendido em musica). Foi um achado ! Lembrei-me logo da maneira de que se servia no collegio a Julia para fallar ao primo sem a mestra ouvir, e... mãos á obra. Eu não queria nem que mamãe, nem que Lucio ouvissem cousa alguma. Transcrevo o pedaço do dialogo que lhe diz respeito.

— « E D. Carlotinha conhece-a ?

— « Fomos companheiras de collegio.

— « São amigas... e eu que não sabia disto !

— « Perdão ! mas não é ahí que quero chegar.

— « Tem-me submisso a seus pés.

— « Que idéa faz o commendador do casamento ?

« Elle me encarou um pouco duvidoso ; eu devia talvez ter encaminhado melhor a conversação ; mas depois sempre respondeu, rindo-se :

— « O casamento, D. Carlotinha, é a consubstanciação de duas vontades ; são duas existencias constituindo uma !

— « Muito apoiado !

« Elle riu-se de novo ; depois disse-me que eu parecia um deputado da opposição, e continuou :

— « Mas explique-se ; não comprehendo a razão de sua pergunta, D. Carlotinha.

— « Bom. Diga-me uma cousa : acredita que seu casamento com Sophia não será uma mentira pregada pelo padre ?

« Não respondeu logo, como que ficou meio suspenso ; eu então— perdoa-me, queridinha ? — contei-lhe toda aquella paixãosinha pelo guarda-livros. O commendador, Sophia, é um excellente coração ; a historia da *sempre-viva* commoveu-o tanto, que elle beijou-me as mãos quasi a chorar.

— « Prometto-lhe, D. Carlotinha, que não serei eu o algoz de tão bom coração !

« E então, minha sonsinha, o que diz você a isto ?

« Só sinto não ir eu mesmo dar-lhe esta noticia. Sabbado não faltarei. Quem sabe o milagre que se operará ! O commendador é tão bom e tão bonito !

« Adeus. Beije por mim o seu canario. »

«*Carlotinha.*»

Depois de ter lido a carta, a moça respondeu assim :

SOPHIA A SUA AMIGA

Carlotinha

« Tu és uma desastrada !... mas eu te perdôo. Si tivesse-te a meu lado, comia-te de beijos. »

Tua para sempre

«*Sophia*»

P. S. « O Martiniano leva o galope do Arthur Napoleão, que me mandaste pedir. »

IV

Sophia não amava o commendador é o que já se sabe ; mas convém agora conhecer o que a obrigava a sacrificar-se daquella maneira.

Explica-se ; e mesmo já has de ter percebido que nesse negocio só andava o dedo do sr. José Tavares ; mas não antecipemos...

Um dia pela manhan uma das mucamas da moça, entrando no seu quarto, disse-lhe :

— Sinhasinha, senhor manda dizer que quer fallar agora a Vm. Elle está na sala grande.

Quando Sophia se apresentou ao pae, estava elle sentado n'uma cadeira de balanço a namorar as tabuas do tecto.

— Vem cá, filhinha, senta-te aqui junctinho de mim.

Sophia beijou-o na face, na mão, e sentou-se.

— Sim, senhora. Já estás uma moça feita !

— Ora, papae...

— E si eu te dissesse uma coisa ? Ora vê lá si adivinhas...
Queres saber ?

Sophia olhava-o desconfiada.

— Pensei em casar-te, tolinha.

— Ah !...

— Então, minha velhaqueta ?

— Casar-me, meu pae...; e para que ? Sinto-me tão satisfeita solteira como estou. O que me falta aqui ?

— Ora que menina esta ? Para que diabo creou Deus o homem e a mulher ? Para se casarem, está claro ; si não, creava tudo homem ou

tudo mulher. Tua mãe casou-se de tua idade : ahí está ! Hontem estava eu a pensar nisso, quando... Não foi hontem que completaste os vinte ?

— Pois já não se lembra que até me deu umas magnificas voltas de perolas ?

— E' isso, é isso... Ora ! como já estou com a memoria !... Pois hontem estava eu a pensar em casar-te, quando recebi um pedido de tua mão.

— Um pedido ? !...

— Sim, filhinha ; o commendador Torres escreveu-me dizendo que queria casar contigo e si eu levasse em gosto, etc, etc...

— Mas quem é esse commendador Torres, meu pae ?

— Ora... quem é o commendador Torres ? Pois tu não conheces o commendador ? E' uma joia. Que rapagão !

— Não sei quem é... E dahi ?

— Então, ainda se pergunta ? !... O commendador Torres é socio do meu correspondente em Hamburgo. Chegou aqui ha dous mezes e seu pedido veio mesmo dar no vinte. O commendador Torres é um excellente marido !

— Oh, meu pae ! pois um homem que nem nunca vi !...

— Ai, ai, ai ! já começa Vm. com tolices ! Vm. sabe o que é um marido ? Então um marido é cousa que se deixe uma menina escolher ?... Sua mãe tambem não me conhecia quando nos casamos, e julga Vm. que seu avô não acertou na escolha ?

— Mas...

— O sr. commendador Torres já recebeu teu sim. Pateta ! Então querias que eu engeitasse um genro como aquelle ?

E com quem querias casar ? O Torres é rico, é commendador, é socio de uma casa importante, tem nome limpo no commercio, é bonito... Ora quem sabe si não preferia o tal sr. Luiz !...

— Eu o amo tanto, meu pae !... A esse commendador nem siquer conheço...

— Conhecerás.

-- E Luiz ?

— Eu sei cá de Luiz ! Era um estroina... levou o diabo. Uma filha minha havia de casar-se com um peralvilho sem eira nem beira ? Era preciso, sra. Sophia, que eu não me chamasse José Tavares... E nada de replicas ; o que fiz está bem feito ! Você não sabe pensar, sra. Sophia ; você é uma cabeça de vento ! mas aqui estou eu para guial-a.

A tristeza de Sophia redobrou desde aquelle dia. Si ao menos ella podesse dizer a Luiz toda sua dôr !... Onde encontral-o ?

Como se vê, o sr. José Tavares dispuzera do coração da filha como si fôra... uma peça de fazenda !

(Continúa.)

ROSA BRANCA

(Continuação)

XVII

Desdenhosa e fria, a duqueza elevou a mão, e com ella sustou o transporte do mancebo com mais segurança do qua o teria feito com uma espada.

— Pelo que vejo não estamos sós?—disse ella com voz dura.

— Porque?—perguntou Ricardo maravilhado de tal acolhimento.

— Porque si suppozesse que ninguem nos podia ouvir, de certo se não dava ao trabalho de mentir a si mesmo.

— Não vos entendo.

— Entende-me perfeitamente. Sabe muito bem que quando estamos sós, não é minha tia, mas senhora que deve dizer... Deixemo-nos desses olhares espantados; reserve seus recursos de comedia para as occasiões em que occupa o throno na scena. Eu não vim aqui para o admirar no seu papel. Não ha duvida que o desempenha bem diante desses patetas que o seguem. Mas como eu pago ao senhor, em representar bem não faz mais que o seu dever. Esse dever observe-o sempre, senhor Warbeck, não no esqueça nunca!

— Sois realmente vós, senhora duqueza? bulbuciu elle.

— Sou realmente eu, sim, sou a duqueza,—replicou Margarida com o olhar ainda mais inflammado.—Vejo que principia a entrar em si mesmo, e que nos collocamos cada qual no seu logar. Sim, sou eu que venho dizer-lhe: « — Parece esquecer-se, meu senhor! toma-se a serio, em verdade! Insecto tirado do lôdo, arrebatase nas azas que lhe deixei crescer!... »

Ricardo principiava a tornar-se sombrio. Approximou-se da duqueza e disse-lhe:

— Lançaes-me em rosto vossos beneficios, senhora? fazeis mal; eu tencionava pagar-vos o preço que me pedissem.

— Miseravel!—exclamou a duqueza.—Tractas commigo, Deus me perdoe! como com uma tua igual! Figura-se-te acaso que para ser igual aos reis basta pretender allianças com familias delles e enviar-lhes embaixadores? Recebi os teus, Warbeck; elles informaram-me das tuas tenções a respeito de lady Catharina, dos teus insolentes intentos, e vim dizer-te: « — Não approximes a tua mão da dessa menina; não cruses teu olhar com o seu, ou, por Deus! ainda que tivesse de arruinar a minha gloria, eu, que te disfarcei em principe, faço-te enforçar envoltó nos andrajos de mendigo!— »

Ao grito de selvagem dôr que Ricardo soltára, a porta que separava o gabinete de uma camara proxima, abriu-se com estrondo, e Catharina pallida, tremula, precipitou-se entre a duqueza e o principe. O esforço exaurira-lhe as forças; encostou-se á parede, sem articular um suspiro.

— Catharina!—exclamou a duqueza atterrada.—Catharina, meu amor, aqui! Que fazes tu aqui? Sabes bem onde estás? Não podes ficar aqui!

— Não posso ficar com meu esposo? murmurou a joven mais branca que o seu collar de perolas.

— Tu !... mulher deste miseravel ! Consummar-se-ia tão horrendo crime !

— E' assim que insultaes o nome de York ! o filho de vosso irmão ! — disse Catharina, que suspendia os braços do hombro de Ricardo.

— York ? tu julgas isto da nossa raça ? Ah ! pobre donzella aviltada ! O' ! pois já não chegaria a tempo ? Mas eu te salvarei ! Não has de ficar nesta ignominia... ainda que eu me perdesse !...

— Olhae, atalhou Ricardo, não sei si isto é um sonho ; mas si é, eu o acabarei. Essa torrente de injurias afogou-me primeiro o coração ; não comprehendia, quero comprehendêr. Que fallaes ahi de York e de ignominia ? Porque lastimaes esta menina ? de que dizeis que a haveis de salvar ?

— De ti ! impostor, disse a duqueza, de ti... O' ! tu fascinaste-a, bem sei. Ella julgava-te principe ! mas paciencia ; a sua mão, que roubaste, não tardará a fugir da tua mão com horror. Oh ! suppozeste que eu não ousaria concluir a confidencia ? Esperavas que minha ambição, meu odio a Lancastre me tornariam um monstro ? Imaginaste que sacrificando-te um reino te sacrificaria esta joven ? Não ; faze-te rei ; mais tarde faremos contas ; eu saberei comprar-te a corôa, filho de judeu ! Porém não has de manchar com um sangue bastardo esta augusta familia que a Inglaterra adora de joelhos. Não, Catharina, não hade ficar juncto deste homem... Perdôa, querida filha ; daria metade de meu sangue para remir o teu infortunio ; mas eu não podia prever a audacia do demonio.

— Oh !... rugiu Ricardo, parece-me que torno a vêr todas as fogueiras do inferno que outr'ora me devoravam o cerebro.

— Sim, sim, disse a duqueza apertando as mãos de Catharina, eis a sua loucura, uma das nossas mais felizes invenções ! essa loucura que tornou plausivel o seu silencio e olvido durante tantos annos. Oh ! Perkin Warbeck é um impostor de genio ; admiral-o-hia si elle te tivesse respeitado.

— Catharina ! tu não na acreditas ! exclamou Ricardo. Mas Catharina já não no ouvia. Os olhos tornaram-se-lhe pesados, dobraram-se-lhe os joelhos sob o peso do corpo e ella cahiu desmaiada no tapete.

— Escuta, disse ella a Ricardo, posso perdoar-te ainda ; deixa em paz esta joven ; esquece, faze que ella te esqueça e eu deixar-te-ei seguir o teu caminho. Subirás aonde quizeres ; mas amanha, esta noite, Catharina voltará para o lado de el-rei Jacques e tu não farás siquer um gesto para a reter. Si me obedeceres, ajudar-te-ei como até aqui ; si recusares, acautela-te bem !

(Continúa)

THEATROS

Os Milagres de S. Benedicto. — O dr. A. de Souza Pinto. — Sonhos do chronista. Reticencias e lagrymas. — Esperanças. — Os occarinistas.

As novidades theatraes desta semana limitam-se ao *Frade negro* e aos *Sete infantes de Lara*, ou, melhormente, os *Sete elephantes de meia cara*, como dizia o outro.

O *Frade negro* é do poeta das *Idéas e sonhos*. Confrangeu-nos o coração vêr o vigoroso talento do dr. Antonio de Souza Pinto rebaixado ao nível do *calembourg* e do trocadilho burguez.

Si os bons engenhos, como o auctor dos *Milagres de S. Benedicto*, descerem todos ao taboado da magica e das trapalhices equestres, quem ha de explorar o veio uberrimo da comedia e do drama nacional? Quem ha de então carrear achegas para a edificação do theatro brasileiro?

As mediocridades, provavelmente.

Aparte esta reflexão, cumpre reconhecer que a magica *O frade negro* está perfeitamente ao sabor das nossas *platéas*. (Deixem passar sem reparo a blasphemia.) Tem demais sobre as outras composições deste genero a vantagem de ser ornada com bons versos.

A musica, composta pelo *maestro* Canepa, é digna de seu nome.

A scenographia, os quadros vivos, o vestuario, favorecem grandemente a exhibição desta peça.

O desempenho, a nosso vêr, não caminha de par com o restante. Ainda assim é regular.

Que o sr. Couto Rocha conte as noites de espectaculo por enchentes, eis o nosso voto.

A parodia dos *Sete infantes de Lara*.

O' manes de João Caetano dos Santos!.

Estas reticencias são as lagrymas do chronista.

Felizmente dentro em pouco teremos Emilia Adelaide e Furtado Coelho.

Não fallando nos occarinistas portuguezes, que, consoante os juizos mais correntes, são a oitava maravilha.

Disse, e aos costumes disse nada.

ELOY, o heróe.

FILAGRANAS

As *filagranas* vêm substituir a *chronica*.
Assim, a *chronica* substituirá as *filagranas*.
Nunca andarão junctas, *filagranas* e *chronica*.
Ou uma coisa ou outra. *Varietas delectat*.

*
* *

Espera-se do Norte uma companhia de *occarinistas*.
Com vista ao collega da *Revista dos theatros*.

*
* *

A fallar em *occarinistas* :
Anda ahi um mineiro que toca em *tigellas*.
Esse originalissimo instrumento chama-se *tigellophonia*.
Não se póde dizer que seja musica de meia *tigella*.

*
* *

Meia *tigella* é caco.
Nesse caso, o instrumento seria *cacophonia*.

*
* *

A *cacophonia* é o forte da *Illustração Popular*.

*
* *

E o folhetinista do *Conversemos*?
« *Podem as folhas seccas occultarem, etc.* » (*Gaz. de not.* de 14 do
corrente ; col. 2^a, linha 11^a.)

*
* *

Coincidencia :
No mesmo dia em que o sr. Niemeyer deixou o commando do corpo
de bombeiros, houve dois incendios.

*
* *

O *Protesto* intitula-se *jornal de tres*.

E tem razão.

A trindade compõe-se de J. de A, Senio e G. M.

*
* *

Diz o illustrado Manassés, da *Illustração Brasileira* (Este *brasileira*
tem graça), que na bibliotheca da cidade de Valença ha uma collecção
da *Revue des deux mondes*, annotada por Guizot.
Lá vae o Instituto Historico para Valença.

*
* *

Diz o *Mosquito*, em um de seus ultimos numeros, que o *Figaro* traz
artigos em opposição ao governo.

O *Figaro* oppõe-se ao governo assim como o Sr. Pientznauer oppõe-se
a uma cadeira na academia de medicina.

*
* *

— Lá vae uma eternidade de luneta e espartilho —, disse o nosso
amigo Dr. C. de A., ao ver uma senhora edosa, tafula e ainda aspirante
ao casamento.

* *
*

Margarida, o popular improvisador, Cagliostro, o celebre auctor da interminavel *Derrubada*, e outros poetas, têm glosado de todos os meios e modos possiveis o motte :

Uma flôr levando flôres.

Um amigo nosso tambem *deitou* glosa em nosso escriptorio.

Eil-a :

Toda a *flôr* de minha gente,
Ha cerca de quinze dias,
Demandava as galerias
Sobraçando alegremente
Bouquets das mais vivas côres ;
Eu, ao vel-a, de repente
Acudiu-me o motte á mente :
« Uma flôr levando flôres. »

* *
*

Um outro amigo, que estava presente, dado tambem ao commercio das musas, escreveu :

Arengava um deputado ;
A cada *flôr* de rhetorica
Estapafurdi—gongorica,
Envolto em cada *apoiado*,
Entre vivas e clamores,
Cahia um *bouquet* na sala.
Logo vinha o motte á falla :
« Uma flôr levando flôres. »

* *
*

Ainda outro (Nós temõs muitos amigos...) accrescentou :

Como o supra referido
Era a *fiôr* dos deputados,
E lhe eram atirados
Os *bouquets* que ha merecido,
Mais uma vez, meus leitores,
Não era o motte esquecido,
Pesar de tão repetido :
« Uma flôr levando flôres. »

* *
*

A nós occorre-nos tambem uma glosa, mas em prosa, como a do alferes Andrade, no *Abel, Helena*.

Tracta-se mesmo de alguem da Phefix :

« Quando a Rosa Villiot apparece em scena, tem sempre flôres.
Ora, a Rosa é uma flôr (com *calembourg*), logo é

« Uma flôr levando flôres. »

* *
*

Barros Vulcão, poeta pernambucano, improvisou esta bellissima e valente estrophe ao ver passar uma mulher bonita :

Oh ! si além do infinito, anjo querido,
eu podesse crear um paraiso,
teria a luz do sol nesses teus olhos,
e a aurora do amor no teu sorriso !

* *
*

Até !...

X. Y. Z.

POESIAS

Soli et semper !

Ruge o vasto oceano ; a multidão disforme
das sombras collossaes perpassa no horisonte,
abrangendo a amplidão, como de monte a monte,
entre o immenso escarceu e a nuvem negra, enorme.

O sol, no disco d'ouro, em tremulo cansaço,
arroja-se no seio ás aguas sussurrantes,
e o rouco abysmo hauriu, nas solidões distantes,
o ultimo raio emfim aos paramos do espaço.

Oh noite ! estende embalde as dobras do teu manto :
tenho a sêde da luz, infinda e abrazadora,
a sorrir de esperança e a estremecer de horror !

Não ! não quero morrer deste fatal quebranto !
Eu sinto na minh'alma um céu que entre-abre a aurora,
e nma gotta de sol : a mocidade e o amor !

F. QUIRINO DOS SANTOS



Embora !

Eu bem sei, oh ! bem sei ! quando na vida
já nada mais restar de quem te amou,
a não ser a lembrança entristecida
dos dias que por ti sacrificou ;
nada mais que o renome de meus erros
e a memoria dos males que provei,
inda a calumnia morderá meus restos...

Eu bem sei, oh ! bem sei.

Os feros corações que me odiaram
e entre nós longo mar poz de permeio,
no pó do que te amou, que assassinaram,
da propria campa cuspirão no seio ;
louro de gloria, si adornou-me a fronte,
coberto de improperios e baldões,
sem respeito do morto, hão de arrancal-o
os feros corações.

Hão de negar-me tudo ! Em vis torpezas
me enlodarão a palma do talento !
Hão de atirar-me que rojou baixezas
meu sempre levantado pensamento !

O bulcão da calumnia ennovellado
 contra meus restos rugirá sanhudo,
 e almas pollutas, pela inveja eivadas,
 hão de negar-me tudo!

Mas tu has de chorar, — porque meu peito
 foi por ti que luctou e succumbiu,
 e só da lucta recuou — desfeito,
 depois que fibra a fibra se partiu.
 Não, jamais poderão dentro em tua alma
 do que te amou a idéa macular:
 hão de no lodo mergulhar meu nome...
 mas tu has de chorar.

Morri por teu amor ! O odio alheio
 que me importa, si sinto docemente
 gottejar ineffavel no meu seio
 teu pranto virginal, sincero e ardente ?
 Embora o mundo esqueça-me, e desfolhe-me
 a grinalda de glorias flôr a flôr !
 Fui satisfeito no mais doce orgulho:
 morri por teu amor !

S. Paulo, 1876

THEOPHILO DIAS

Prenda de amor

Eu guardo n'um sacrario embalsamado
 pelo aroma d'essencias exquisitas,
 a trança do cabelo e as verdes fitas
 que outr'ora me offertou a minha amada.

Si ás vezes a saudade me devora
 e na mente me surge ardua lembrança,
 oscúlo com fervor a loira trança,
 esse mimo gentil que esta alma adora.

Cada fio dourado me afigura
 um laço que prendesse o nosso amor,
 em dias encantados de ventura...

E fico após extatico, enlevado,
 olhando ternamente este penhor
 que resta dos sorrisos do passado.

GASPAR DE LEMOS

EXPEDIENTE

PERIODICOS E DIARIOS.—Agradecemos a obsequiosa remessa da: *Reforma*, *Revista Illustrada*, *Imprensa Industrial*, *Tribuna Pharmaceutica*, *Diario e Gazeta de Campinas*, *Cearense*, *Theophilo Ottoni*, *Jornal do Povo*, *Jornal do Commercio*, *Monitor Campista*, *Angrense*, *Mercantil*, *Diario de Pernambuco*, *Jornal do Recife* e *Alabama*.

TRANSCRIPÇÃO.—Abrimos espaço em nossas columnas para a reprodução de uma interessante noticia geologica ácerca da gruta de Coimbra, inserta no ultimo numero da *Tribuna Pharmaceutica*, devida e á penna do sr. pharmaceutico F. M. Mello Oliveira.

MATHEMATICA

LXVI

Considerações geraes sobre a Hydrostatica

Comprehende-se que o methodo, directamente fundado em principios staticos peculiares aos fluidos, fosse a principio o unico empregado no estabelecimento da theoria mathematica do equilibrio deste genero de corpos: a razão está em que, na epocha das primeiras investigações, as differenças characteristics entre os solidos e os fluidos deviam parecer muito consideraveis para que geometra algum se propuzesse applicar á estes os principios geraes unicamente destinados áquelles, attendendo sómente, nesta deducção, a algumas novas condições especiaes.

Mas, desde que as leis fundamentaes da Hydrostatica foram obtidas, e o espirito humano, deixando de se preoccupar com a difficuldade do seu estabelecimento, pôde calcular com certeza a diversidade real que existe entre a theoria dos fluidos e a dos solidos, era impossivel que não procurasse reduzir ambas aos mesmos principios essenciaes, e não reconhecesse, em these geral, a applicação necessaria das regras fundamentaes da Statica ao equilibrio dos fluidos, desde que se tivesse em conveniente linha de conta a variabilidade de fórma que os caracteriza.

Em uma palavra, a sciencia não podia permanecer, sob este ponto de vista, no seu estado primitivo, em que se ligava uma importancia exaggerada ás condições proprias aos fluidos.

Mas, para subordinar a Hydrostatica á Statica propriamente dicta, e assim augmentar, por uma maior unidade, a perfeição racional da sciencia, era indispensavel que a theoria abstracta do equilibrio fosse previamente tractada por um principio statico bastante geral, que podesse ser directamente applicado, tanto aos fluidos como aos solidos, visto não ser possivel recorrer, para este effeito, ás equações de equilibrio propriamente dictas, na formação das quaes sempre se attendera, mais ou menos, á invariabilidade do systema.

Esta condição indispensavel foi preenchida, quando Lagrange concebeu o modo de fundar a Statica, e por conseguinte, o conjuncto da Mecanica racional, apenas no principio das velocidades virtuaes.

Este principio é, na verdade, por sua natureza, tão directamente applicavel aos fluidos como aos solidos, e é esta uma de suas mais preciosas propriedades.

Desde então a Hydrostatica não foi mais, para Lagrange, do que uma divisão secundaria da Statica.

Embora este modo de concebê-la não tenha ainda podido se tornar bastante familiar, e o methodo hydrostatico directo seja até o presente o unico usual, é para crêr que o methodo de Lagrange acabará por ser habitual e exclusivamente adoptado, como sendo o que imprime á sciencia o seu verdadeiro caracter definitivo, fazendo-a derivar immediatamente de um unico principio.

Para bem comprehender, em geral, como o principio das velocidades virtuaes póde conduzir ás equações fundamentaes do equilibrio dos fluidos, basta considerar que tudo o que semelhante applicação requer de particular consiste apenas em comprehender entre as forças do systema uma força nova: a pressão exercida sobre cada molecula, que introduzirá um termo mais na equação geral, ou, com mais exactidão, que dará logar a tres novos momentos virtuaes, distinguindo-se como convem, as variações separadamente relativas a cada um dos tres eixos coordenados.

Assim procedendo, chegar-se-á logo ás equações geraes do equilibrio dos fluidos achados pelo methodo hydrostatico propriamente dicto.

Si o fluido considerado fôr liquido, será preciso imaginar o systema sujeito á condição caracteristica de poder mudar de fórma, sem todavia variar de volume.

Esta condição de incompressibilidade introduzir-se-á tanto mais naturalmente na equação geral das velocidades virtuaes, quanto mais poder ella ser immediatamente expressa, como o fez Lagrange, por uma formula analytica analoga a dos termos desta equação, indicando que a variação de volume é nulla, o que mesmo permittiu a este geometra representar abstractamente esta incompressibilidade como effeito de uma certa força nova, cujo momento virtual basta ajunctar aos das forças do systema.

Si, pelo contrario, quizer-se estabelecer a theoria do equilibrio para os fluidos gazozos, será preciso substituir a condição de incompressibilidade pelo que sugeita o volume do fluido a variar segundo uma funcção determinada da pressão, por exemplo, na razão inversa desta pressão,

segundo a lei physica sobre a qual Mariotte fundou toda a Mecanica dos gazes.

Esta nova circumstancia dará logar a uma equação analoga a dos liquidos, ainda que mais complicada.

Sómente esta ultima secção da theoria geral do equilibrio, além das difficuldades analyticas que lhe são peculiares, resentir-se-á forçosamente, nas applicações, da incerteza em que ainda nos achamos sobre a verdadeira lei dos gazes relativamente a função da pressão que a lei de Mariotte, tão preciosa pela sua extrema simplicidade, não póde infelizmente ser encarada sinão como uma approximação, que, sufficientemente exacta para circumstancias médias, não poderia ser em rigor applicada a um caso qualquer.

Tal é o character fundamental do methodo, incontestavelmente o mais racional, que se póde empregar para formar a theoria abstracta do equilibrio dos fluidos, e que devemos considerar como constituindo, d'ora em diante, a concepção definitiva da Hydrostatica.

Esta concepção parecerá tanto mais philosophica, quanto, na Statica assim tractada, encontra-se uma série de casos de alguma sorte intermediarios entre os solidos e os fluidos, quando se consideram as questões relativas aos corpos solidos susceptiveis de mudar de fórma até um certo gráu, segundo leis determinadas, isto é, quando se entra em conta com a flexibilidade e a elasticidade, o que estabelece, sob o ponto de vista analytico, u.na filiação natural que faz passar, por uma successão de indagações quasi insensivel, systemas cuja fórma é rigorosamente invariavel, áquelles em que é, pelo contrario, eminentemente variavel.

Depois de ter visto como a Statica racional, encarada em seu conjuncto, póde afinal ser elevada a este alto gráu de perfeição especulativa no qual todas as questões que ella é susceptivel de apresentar, constantemente tractadas por um principio unico directamente estabelecido, são uniformemente reduzidas a simples problemas de Analyse mathematica, devemos emprehender o mesmo estudo para com o ultimo ramo da Mecanica geral, necessariamente mais extenso, mais complicado e por conseguinte mais difficil: o que tem por objecto a *theoria do movimento*.

(Continúa.)

Geologia

A GRUTA DE COIMBRA EM MATTO-GROSSO

A noticia que trazemos á apreciação dos nossos leitores, refere-se a um dos mais bellos e notaveis phenomenos geologicos com que a natureza dotou o nosso uberrimo paiz.

Sí não fosse a convicção que temos de, até o presente, não haver alguém se occupado siquer do modo o mais breve da gruta de Coimbra, na florescente provincia de Matto-Grosso, de certo não viriamos tractar de um objecto que exige conhecimentos especiaes.

O nosso fim não é outro sinão o de tornarmos conhecido o mais importante dos phenomenos aquaticos que existem em todo nosso paiz; e como escrevemos em um periodico scientifico, entendemos cumprir o dever de dar á nossa noticia o indispensavel fundo de sciencia, que explica essas formações.

Assim pensando, acreditamos satisfazer á justa exigencia dos nossos leitores, apresentando-lhes trabalhos na ordem de seus variados conhecimentos.

Além destas ponderações, onde o merito da noticia? Estará elle nas variedades de fórma que a natureza caprichosa sempre, sempre seductora em suas creações, apresenta em espectaculos que sorprehendem, admiram e extasiam a suprema criação? De certo que não: mais que a exposição das fórmas, torna-se necessaria a explicação da formação do phenomeno debaixo dos pontos de vista já estabelecidos pela sciencia.

E' o que procuraremos fazer com esforço, por isso que nos fallecem os conhecimentos especiaes da sciencia da terra nos seus dois grandes e dintinctos ramos—a geogenia e a—geognosia, — aos quaes pertencem a historia physica da terra e o estudo de sua descripção.

*
* *

A gruta de Coimbra é um dos mais importantes phenomenos aquaticos na ordem das concreções; a existencia dos *stalactites* e *stalacmites*, assim o attestam.

De todos os phenomenos aquaticos, as grutas calcareas são as mais communs, entretanto a de Coimbra torna-se notavel por sua extensão, profundidade e grandeza de ordem na ornamentação que apresenta.

A disposição caprichosa com que se acham collocados os stalactites e stalacmites admira sobremodo: uns apresentando a fórma de pyramides symetricamente arranjadas, constituindo altas columnatas, outras tendo a configuração de delicados modelos architectonicos, abobadas, arcadas, altares e nichos, ornados de largas cortinas recortadas em pontas franjadas, representando concepções artisticas do mais fino e apurado gosto!

O effeito produzido pela luz de uma vela mixta ateadada no seio desse palacio esplendido foi o mais admiravel, e tental-o descrever sería querer incorrer no grave erro de commetter um impossivel!

Sabe-se que essas informações são resultantes da precipitação do carbonato de cal contido nas aguas que, se infiltrando pelo sólo se justapõe, dando lugar a concreções que, quando no sentido de cima para baixo, recebem a denominação de stalactites, e no caso inverso de stalacmites.

Para que essas formações tenham logar, é preciso que o carbonato de cal, tendo acido carbonico em excesso, perca-se em sua passagem ao ar livre, deixando então precipitar o carbonato calcareo, constituindo essas concreções; dahi formam-se os stalactites, sendo os stalacmites formados pela quéda da agua ainda saturada do carbonato calcareo, que gotta a gotta se vae justapondo no sólo da gruta.

A gruta de Coimbra acha-se a quinhentos metros presumiveis do Forte de Coimbra, á margem esquerda do rio Paraguay, na longinqua provincia de Matto-Grosso.

Na distancia e direcção que deixamos referida, por entre espessa e vigorosa floresta, occulta-se uma pequena rocha, tendo n'um dos seus angulos uma fenda, cuja largura dá franca passagem a dous homens corpulentos, sendo porém mister curvar o corpo, attendendo-se á pouca altura que offerece ; sobre a rocha, na mesma direcção da fenda, existe um frondoso *ficus doliaria*, que parece indicar ao viajante roteiro seguro da gruta, perdida no labyrintho de immensa floresta.

As raizes desse *ficus* abraçam inteiramente as paredes da fenda que constitue a entrada principal da gruta, como que protegendo-a da acção dissolvente das aguas, deixando por essa fórma livre entrada para o interior da gruta de Coimbra, designada pelos naturaes da provincia por — buraco soturno.

Ao penetrar-se na gruta, sente-se um estremecimento de pavor, produzido pelo aspecto sombrio e mysterioso que essas solidões sabem imprimir aos espiritos, mesmo os mais fortes.

Uma abobada matizada em toda sua extensão e direcções por diversas especies de algas escuras (*protococcus*), grande numero de ingremes la-deiras, medonhos despenhadeiros, e o constante gottejar da abobada, é o que se observa logo á primeira vista ao penetrar-se na gruta ; além, depois de longo, fastidioso e difficil caminhar, ás vezes em posição quasi que horisontal ; outras, ageitando-se o corpo ás fórmas do caminho chega-se a abobada, que por sua disposição, representa um salão notavel pelo arranjo artistico que apresenta ; ahi, entra-se por baixa e estreita porta caprichosamente guarnecida de cortinas franjadas : de todos os salões, é o mais bello e interessante. Neste sumptuoso salão foi que o nosso illustrado amigo, Dr. João Severiano da Fonseca, fez atear uma vela mixta, cujo effeito admiravel só nos recordou o palacio encantado das fadas, nos contos infantis.

Era este o laboratorio em que com avidéz procuravamos observar praticamente as mysteriosas formações da natureza, si bem que já desvendadas pela sciencia.

Depois deste salão novos despenhadeiros ha a vencer para chegar-se a outro menos importante, porém digno de ser contemplado com reflexão.

Outras difficuldades a superar, novos precipicios a transpôr foi mister para, tomados de cansaço, chegarmos a outro salão. Neste salão, que foi o ultimo que podemos visitar, mal podiam-se distinguir os objectos por causa da claridade crepuscular que nos illuminava ; ahi o silencio da gruta interrompido pausadamente pelo cahir da agua em fórma de grossas gottas, a presença de um abysmo á nossa vista, inspirava-nos sérios receios de perigo imminente.

Esta parte da gruta tem a configuração de um losango, e tres poços pequenos occupam parte de sua área ; a agua dos poços é crystallina e frigida, e deixa ao paladar pronunciado gosto calcareo ; não obstante serviu para appacar a sêde que nos devorava.

Outras entradas para salões existem no salão dos poços, mas o incidente de havermos encontrado o esqueleto de um saurio (crocodillo) nos fez retroceder, deixando de, com prazer, proseguirmos na corajosa viagem.

Continuar a jornada, além de difficil, era arriscado ; porquanto o achado que encontramos revelou-nos a existencia de outros individuos da mesma ordem no seio da gruta.

As difficuldades que encontrámos em nossa descida na gruta, duplicaram-se na subida, visto ser para isso necessario o emprego da força, luctando com a escuridão existente na gruta quando ao cahir da tarde.

A nossa visita á gruta de Coimbra, no valle do Paraguay, foi effectuada sem o menor incidente desagradavel.

A nosso ver, e a julgar pela descripção que corre sobre a gruta de Antiporas no archipelago grego, a de Coimbra é mais notavel e importante, devendo por sua colossal grandeza e belleza de forma, ir occupar o primeiro logar na ordem dos phenomenos de seu genero.

Não achamos no interior da gruta vestigios, siquer, de vegetaes e outros productos naturaes.

No perimetro comprehendido entre o forte de Coimbra e a gruta, encontram-se, a cada passo, muitas pedras de algum valor mineralogico, taes como as *dendrites* sendo todo o terreno em que se acha assentado o forte constituido dessa especie mineralogica.

A matta que orna essa região é rica em madeiras de construcção ; vê-se a piuva (*bignonia curialis*?) ornada com suas flores côr da aurora em dia claro ; o angico (*acassia angico*), a canna fistula (*acassia braziliiana*), mais de um individuo do genero *echirospermum*, na grande familia das leguminosas a bicuiba (*myristica officinalis*) ; o pau sancto (*guaco officinalis*) ; e muitas outras que a escassez do tempo não nos permittiu verificar.

Entre as de propriedades medicinaes, encontrámos o jaborandy (*piper reticulatum*), a pitombeira (*sapindus edulis*), a figueira brava (*ficus doliaria*), o genipapo (*genipa americana*), o ugervão (*verbena jamaicensis*) ; a familia das palmeiras tambem é, neste territorio da provincia, representada por diversos individuos dos quaes notámos o tucum (*astrocaryum vulgare*) ? o carandá (*copernicea*) ? o cauassú (*attalea spetabilis*).

Aqui terminamos a descripção de nossa visita á gruta de Coimbra, na provincia de Matto-Grosso.

Aos leitores da *Tribuna Pharmaceutica*, pedimos venia pelo mal que descrevemos um objecto de tanta importancia, garantindo-lhes, porém, a verdade de tudo quanto deixamos dicto.

Sobre a provincia de Matto Grosso possuimos outros apontamentos de logares, na fronteira de oeste, os quaes, si nos fôr dada occasião, pretendemos trazer á luz da publicidade, tornando-os por essa fórma conhecidos de quem se dedica ao estudo de nossas riquezas naturaes.

F. M. MELLO OLIVEIRA

SCIENCIA POPULAR

CONSEQUENCIAS MÁS DE UM GRANDE DESCOBRIMENTO

(Parenthesis)

III

Ora quem diria que Guttemberg, aquelle João illustre, descobrindo no seculo XV a Typographia, não nos legou tão sómente um grande bem ! Quem pensaria nunca que apóz annos e annos de trabalho, empresas frustradas e muito desgosto, o sisudo allemão espichar-se-ia, concorrendo tambem para que fossem eliminadas muitas horas de bem-estar da humanidade ?

E' o caso da gente repetir que : — não ha bem sem sinão ; ou, medalha sem reverso.

Antigamente, o sr. Xisto, que era auctor, planejava e rabiscava uma obra e ia a casa do *copiador* que por bom preço tornava-a legivel, passando-a para um *pergaminho*. Este por sua vez ia ter com um artista para com elle ajustar a pelle tenuissima; e o sr. Xisto ia de novo procurar um outro sujeito, o *livreiro*, a fim de fazer a cousa passar pela ultima de mão. Não resta duvida que era isso massante. Hoje é simplissimo ; si o sr. Xisto ainda por cá estivesse e tivesse a mania de escrever, bastaria ir a uma typographia, dizer meia duzia de palavras, o dono da casa escrever meia duzia de calculos, e no fim de dous a quatro dias tinha o publico mais 2,000 exemplares de 200 paginas cada um para ler nas horas de somno.

E' verdade que esta facilidade em multiplicar grandemente em poucas horas uma composição tornou muito escriptor conhecido e produziu a grande concorrência de volumes no mercado, e esta deu em resultado a sensivel diminuição no preço. Assim, um volume limpinho e commodo, que se vende hoje por 1\$000, vendia-se no tempo do sr. Xisto por 100\$000 e até por mais.

Um livro, ou antes um pergaminho immenso que para a gente ler desenrolava de um pausinho, era objecto rarissimo ; sua posse era privilegio dos ricos e das bibliothecas muito importantes ; a sciencia e a philosophia eram monopolio das altas pessoas. E mesmo assim quem quizesse e pudesse ler deveria sujeitar-se á certas restricções, — só pôdia fazel-o encostado a um banco onde o volume estava preso por uma corrente como papagaio em gaiola !

Ninguem duvida, a typographia nivelou os conhecimentos humanos ; graças a ella o livro entra tanto no albergue do pobre como no palacio do rico.

Estas são as consequencias boas. Agora si querem ver uma cousa encaremos a Typographia pela outra face. Cá me ficou a experiencia ; nunca hei de me esquecer que em minha mocidade me aconteceu uma

vez uma do demo, só porque me deixei levar pelas primeiras apparencias, quando... Mas, nada de digressões : peguemos no fio do discurso : vejamos a Typographia por outro lado.

O sr. Gregorio era um bom rapaz ; mas metteu-se-lhe em cabeça que deveria ser litterato quando nem *ledor* elle podia ser. O sr. Gregorio tinha alguns tres vintens, sabia que era facillimo arranjar um elogio n'um *jornal* que se espalhava por todas as mãos, porque custava 40 rs. ; e que todo mundo lia, ficando quasi todos convencidos de ser verdadeira a cousa; pois innumerados eram, como hoje, os credulos, ingenuos e pancracios que o sol cobria. O sr. Gregorio, á vista da facilidade, mandou logo tirar uma grande porção de exemplares de meia resma de sandices que escreveu.

Vieram os annos : o sr. Gregorio mais feliz que muitos conseguiu, finalmente, encher gar mais um pouquinho adiante do nariz ; reflectiu então, coçou a cabeça e disse bocejando :

— Foi-se tudo quanto Martha fiou !... Oh ! futuro que sonhei !

O sr. Gregorio não tinha talento ; mas tinha senso, coitado.

Em seu desvario o sr. Gregorio vio a sociedade apparecer-lhe no fundo do quadro em figura de satyro, dizendo a apontal-o :

— Aquillo é uma besta quadrada !

O homem começou'então a arruinar-se, querendo recolher os 2000 volumes, que tão levisamente passara a todos que encontrara. Nunca mais pôde pregar olho á noite ; e morreu de apoplexia um dia em que, indo pedir a mão de uma velhusca com quem ha muito se namorava, esta se poz a rir recitando-lhe o pedaço mais bestialogico de seu livro. A velha era uma litterata assim como a George Sand ; fôra por isso que o sr. Gregorio se apaixonara.

E si não fosse a Typographia?...

Continuemos... O Dr. José Dias é uma perola ; o Dr. José Frias é uma cousa ruim. O Dr. João é conceituado e o José é seu inimigo. O que faz o José ? arranja um testa de ferro, escreve uma sucia de mentiras, um embroglio onde não faltam razões convincentes ; diz o diabo a quatro do infeliz rapaz e assigna a cousa uma porção de amigos seus. Um diario publica uma, duas, tres vezes ; todo mundo lê e a maior parte diz com os seus botões :

— Muitos que o dizem é porque é verdade.

O Dr. João Dias perde a clinica, some-se ; e a sciencia perde com elle um vigoroso talento.

E então, sr. leitor ?

Oh, encantador invento, tu és hediondo !

Sombra de Guttemberg, porque nestas occasiões não te multiplicas como os anãosinhos de Guliver e não pulas de dentro dos *caixotins*, arrancas da mão do typographo o *componidor*, e fazes do *paquet* um perfeito *pastel*, antes que façam a *paginação* de semelhantes linhas e *entre-linhas* ?

— E quando o auctor, Luiz por exemplo, escreve, o typographo compõe errado e o revisor deixa passar?... E as vezes vêm taes disparates !

Daremos um exemplo desta *Revista* mesmo :

O auctor escreveu :	pag.	lin.	O typ. compoz :
fianças.....	151	24	finanças
má.....	»	26	na
divisão.....	»	29	dinheiro
as grandes capitaes.	152	7	os grandes capitaes

Quando entreguei este artigo ao Arthur, disse-me elle :

— Vem cá, ó Luiz, pois queres obrigar-me a publicar depois *erratas* de *erratas*? Tu pareces-me um calouro nestas coisas de Typographias ! Não sabes aquella do outro...

O Arthur tem uma anedocta para cada cousa ; nisto parece-se com o velho Samuel Smiles ; elle contou-me a do cortezão que querendo elogiar a rainha escreveu um artigão. Lá dizia elle : Sua Magestade sra. D. Fulana é uma *grande rainha* ! O typographo, porque o *caixotim* estava empastelado, escreveu *grande tainha* ! E depois, ainda por causa do pastel, escreveu na errata enviada pelo coitado do auctor : onde se lê *grande tainha* lê-se *grande bainha* ! — A coisa é muito velha ; mas ri-me e gostei porque vinha muito a proposito.

Concordei com o Arthur e desisti de publicar, como queria, uma *errata*.

A vista de tudo isto poderás duvidar que tambem foi um grande mal o descobrimento da Typographia ? Ninguém duvidará ... e eu menos que ninguém.

LUIZ

ENTRE MOÇAS

(*Continuação*)

V

O dia aprazado para a apresentação do noivo chegou. Estamos no dia, ou antes, na noite de sabbado.

A sala do sr. Tavares está illuminada como si houvesse festa.

Ahi em diversos grupos permanecem o negociante e diversas pessoas, umas já nossas conhecidas, outras conhecidas só do sr. Tavares.

Assim, elle, varias pessoas de sua idade e um rapaz, unico que alli estava, conversavam perto de uma janella sobre as ultimas alternativas do commercio, a corrida que se dera nos bancos e as diversas fallencias, que paralytavam a praça.

De outro lado, em derredor do sophá, as senhoras donas de casa davam entre si opinião sobre um livro recentemente publicado, *A doceira brasileira* ; e perto do piano o grupo saltitante, de mil côres, risonho e palrador, o grupo das moças analysava, criticava, ridiculisava, elogiava os objectos que lhes vinham á memoria. Só duas dentre ellas são conhecidas e tambem só estas duas attrahiriam mais a attenção de qualquer pessoa, uma pela anciedade com que parecia esperar, a outra pela tristeza que lhe velava o semblante.

Um molecote veio produzir uma verdadeira mutação de scena, apparecendo na porta a dizer :

— O sr. commendador Torres.

Sophia estremeceu áquelle nome ! Carlotinha achegou-se insensivelmente para perto della.

Risonho destacou-se no quadro da porta o commendador.

Sophia ficára livida e pallida. Carlotinha parecia ver tão sómente o rosto do recém-chegado.

A este tempo já o sr. Tavares estava perfilado á porta, e dando o braço ao commendador apresentou-o ás visitas :

— O sr. commendador Luiz Carlos Torres.

— E' elle, Carlotinha, o guarda-livros : disse a moça quasi de si para si : eu bem o conheço !

Commoção violenta perpassára pelo espirito de Carlotinha e ella em voz que mais se assimilhava a um suspiro e a comprimir o coração, como si o quizesse esmagar, pôde apenas pronunciar o nome da amiga : — Sophia !—

(Continúa.)

CHRONICA

Os theatros. — A quaresma. — 1847 e 1877. — *Mysterio...* — *O judas.* — Episodio interessante. — Persuasão e conselho. — Bengaladas. — *Oh ! n'insultez jamais une femme qui tombe.* — Mademoiselle Suzanne Castera, mulher que tomba. — Filho de visconde. — Osorio ! — Piada á *Gazeta de Noticias.* — *Bis ! bis ! bis !*

Lei absurda, incoherente e extravagante é essa, de 1847, que prohibe os espectaculos publicos durante o espaço de tempo comprehendido entre sexta-feira de Ramos e domingo de Paschoa, inclusive.

Já tanto, e tão acertadamente, disseram o *Jornal do Commercio* e a *Gazeta de Noticias* com respeito a esse simulacro de lei, que ociosa se torna toda e qualquer observação que por ventura façamos.

A idéa que presidiu, ha trinta annos, a promulgação de similhante estafermo, que ainda vigora impavidamente e impertinentemente, não póde ser hoje acceita por quem estiver no gozo de suas faculdades intellectuaes.

Naquelle tempo era outra esta heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, cujo typo primitivo perdeu-se inteiramente com a invasão européa e provinciana.

Bom tempo !

Prohibidos os espectaculos, os christãos, que os havia naquellas eras, recolhiam aos lares e entregavam-se devotamente ao culto religioso, não só pela fé de que se não achavam desviados, como porque não tinham onde matar o tempo tedioso da quaresma, sinão nos templos.

Havia quaresma em mil oitocentos e quarenta e tantos.

Prohibidos que fossem os espectaculos, restava-lhes coisa melhor : as características procissões, com o seu cortejo obrigado de irmandades, de anjinhos enfilhados, do competente anjo cantor e da briosa e luzidia

guarda nacional ; os sete passos ; os sermões com mutações á vista ; o cartucho de amendoas, com a quadrinha do estylo, escripta entre umas florinhas pintadas com carmim e verde-pariz (Pobre cartucho de amendoas, substituido hoje pelas bugigangas do Castellões...), os confeitos, os apertões, o namoro, etc., etc., etc.

A quaresma tinha um cunho especial que se perdeu ; revestiam-a mil circumstanciasinhas que acabaram, como deve acabar, em um paiz que caminha, tudo o que é inutil, e imprimiam á cidade um aspecto religiosamente sombrio.

Quem é que se lembrava de ir ao theatro, ha trinta annos, em semana sancta ? Uns por devoção, outros por interesse, fieis e profanos deixavam os theatros, enchiam as egrejas.

A lei de 1847 nada mais fez do que roborar uma tendencia absoluta de seus contemporaneos.

Hoje a quaresma passa despercebida como o dia 7 de setembro.

Os proprios individuos do tempo, dos legitimos sermões de lagrymas obrigados ao *concertante* das carpideiras, olham actualmente para a época do bacalhau com bem carregadinha dose de malicia, e dizem, piscando os olhos : — Bem te conheço, quaresma, mas não posso jejuar...

Hoje, ao fecharem-se os theatros á concurrencia publica, não ha quem se não lembre com saudade do Valle e do Martinho na *Pera de Satanaz* ; das parodias do Heller, dos milagres de S. Benedicto, das momicas do sr. Martins e das inauditas proesas dos sete infantes do S. Pedro.

A variedade de divertimentos licitos e illicitos, que ali ha, depara aos que deram com o nariz na porta do theatro innumeradas compensações.

Não estão ali os grandes hoteis, com seus gabinetes secretos, com suas mysteriosas alcovas ?... as lautas comezainas e os vinhos saborosos para os festins de horas mortas ?... as alamedas do Jardim Botânico, sorrindo aos expulsos dos theatros, que as percorrem, acompanhados por *carissimas* companheiras (com *calembourg*) ?...

A que vem, portanto, a prohibição dos espectaculos publicos ?

Será o desejo de fazer jejuar, á viva força, esse grande numero de homens, e respectivas familias que do theatro, e só do theatro, saccam subsistencia honrada ?

Será artificio destinado a attrahir discretamente para as egrejas os hereges que lhes preferem os theatros ?

Mysterio...

*
* *

Ao passo que se prohibem as representações theatraes, correm mundo, com o consentimento, com a approvaçã, com o applauso da policia milhares de *judas*, miseraveis pasquins que se multiplicam todos os annos, affrontando o decoro publico, commentando vidas privadas, offendendo familias honestas, que alli vem, nas pasquinadas, de envolta com as ultimas prostitutas.

Que tristissima idéa fará de nós o estrangeiro, que topar com o *judas* no quadro de nossos usos e costumes !

Tinhamos outro *judas* : o boneco de palha que ao romper da alleluia

esfrangalhavam os cacetes da molecagem de pé no chão, muito nobre, muito mais digna do que a molecagem calçada.

Antes o boneco, do que esse lixo impresso ; antes o divertimento popular e inoffensivo, que deu assumpto ao nosso Penna para uma bellissima comedia de costumes, do que a especulação torpe dos pasquineiros infames.

*
* *

Um nosso amigo, cavalheiro considerado e distincto, foi victima, o anno passado, de meia duzia de desaforos, impressos n'um dos taes papeluchos.

Como é natural, deu ao desprezo o escripto e não tractou de indagar quem era o escriptor.

Não obstante, alguém lhe revelou o nome do covarde, que não ousaria atacal-o de frente.

Quem cuida o leitor que era este ?

Algun desgraçado impellido pela fome a insultar, ás occultas, quem nunca lhe fizera mal ?

Algun inimigo ruim que se fosse valer de meio tão ignominoso para vingar-se ?

Nada disso : o auctor do *Judas* de que tracto era um moço de letras, cujo nome é todos os dias repetido com um cortejo de lisonjas ; um moço que já se tem collocado com vantagem á frente de diversas publicações periodicas e assignado mais de um livro de merito, bem recebido pelo publico e pela imprensa.

*
* *

Não demos a ler aqui este episodio, sinão para persuadir ao leitor de que não é sómente o vulgacho que se occupa em redigir pasquinadas calumniosas e sem engenho, e, outro sim, aconselhal-o que, quando insultado no escuro, accenda a luz e imprima no pasquineiro boa porção de bengaladas, punindo-o ao mesmo tempo que a policia, cuja attribuição usurpa a seu bom grado.

*
* *

A fallar em bengaladas :

Aquelle bonito verso de Victor Hugo (perdoem o pleonasmo) :

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe

tornou-se, de muito, logar commun.

Tem sido citado e recitado por todo o bicho careta, inclusive o poeta Pivert, que, até esta dacta, não veio buscar a agua de Lourdes que houvesmos tão por bem offerecer-lhe, e o sr. X, incançavel defensor, nas columnas do *Jornal do Commercio*, de Mademoiselle Susanne Castera, *étoile parisienne*.

Dizem que um senhor, filho de visconde e é o que lhe vale, tendo embarcado nas suas as pernas, ou por outra, os raios da referida *étoile*, fel-a *cahir* e, vendo-a por terra, flagellou-a com uma vergasta.

Creio que referindo-se a essa *queda*, foi que o dicto defensor exclamou :

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe.

Ha cahir, e cahir.

Na accepção em que, pelo sr. X, parece ter sido tomado o verso do grande poeta, a sua traducção deve ser esta: *Oh! não insultae jamais uma mulher que TOMBA.*

*
* *

Quanto ao filho do visconde, que tão máu uso fez de sua chibata, lembramos, ou melhor, ensinamos o adagio arabe: *Não se deve bater em uma mulher nem com uma flôr.*

Mademoiselle Suzanne Castera, com ser *célébrité parisienne*, é uma mulher.

*
* *

Está na memoria e no coração de todos os brazileiros o heroico papel desempenhado pelo marquez do Herval durante a guerra do Paraguay.

Portanto, os grandes festejos que se preparam para receber o invicto soldado, cuja visita esperamos, nada mais é do que o cumprimento de um dever ao mesmo tempo que prova eloquente de grande patriotismo.

A *Revista do Rio de Janeiro* sauda o valente general.

*
* *

O povo fluminense, como todos os povos do universo, dá o beicinho pelas repetições, e por tal não merece censurado (com licença do José Leão, que embirra com este dizer).

Assim é que o sr. Felipe, da Phenix, repete sempre, aos gritos de — *Bis, bis!* os *couplets* do frade no terceiro acto do *Abel, Helena*:

Eu, antes de mais nada, participo,
Charissimos irmãos, que sou um typo, etc.

Assim é que a Camara dos srs. deputados a quem, mais do que a ninguem, corre o dever de lisongear o gosto do Zé Povinho, como appellida o sr. Bordallo Pinheiro, — mandou reimprimir o valente discurso do sr. Sergio de Castro, menos certos apartes, que eram justamente o que elle não tinha de bom.

Assim é, tambem, que a *Gazeta de Noticias*, em seus numeros de 27 e de 28 do correntê, repetiu duas *ditas*, sem que lhe houvessem pedido *bis*.

A primeira foi a noticia da prisão do feiticeiro da rua da Princeza dos Cajueiros; acha-se inserta tanto na primeira como na segunda columna da pagina segunda. Differem as redacções.

Da segunda, não: é *ipsis verbis*. E' a anecdotia de um matrimonio nos ares, que se acha impressa na setima columna da primeira pagina, e repetida na terceira da segunda.

*
* *

E, com essa *piada*, deito ponto final á chronica, tristemente convencido, — ai de mim! — de que ninguem, que a ler, pedirá *bis*.

X. Y. Z.

POESIAS

A revolução

Ao BRASIL

Ethronisou-se a treva, e cresce e augmenta
o lugubre reinado da oppressora
rainha que baniu a luz da aurora !
E a terra anceia, soffrega, sedenta !
Mas é chegada a hora ! Austera e lenta,
qual si de um deus juiz sentença fôra,
róla no enorme espaço aterradora
a grande voz solemne da **tormenta**.
Depois da insana lucta furiosa,
como esplendem os astros immortaes
de uma tranquilla noite luminosa !
Sonho-te assim, ó terra de meus paes,
livre, livre da sombra vergonhosa,
á eterna luz dos grandes ideaes !

Minas, 1876.

LUCIO DE MENDONÇA

Impossivel

Impossibilia nemo.

AX

Quem póde mandar ao vento
que acalme ou revolva o mar ?
Quem póde ver-te... um momento !...
e a liberdade guardar ?
Quem póde a todos os seres
berço e morte supprimir ?
Quem póde, — quando tu queres,
deixar de a teus pés cahir ?
Quem póde ao sol — que no espaço
gyre sem termo — empecêr ?
Ai ! quem póde, em teu regaço,
sugar um beijo... e viver ?

DR. CAETANO FILGUEIRAS

Sobre uma pagina

Poeta, hoje o cantar o collo nú da amante
não diz co'a evolução do seculo gigante !

Emquanto tu sorris d'uns olhos sensuaes,
no lobrego covil, nas furnas imperiaes,
accende a realeza a colera tigrina
e, animada, emfim, nas trevas da batina,
arroja-se de encontro á nossa irman Justiça,
tentando-a sepultar no chão da enorme liça.
E sabes—a Justiça é o sol da Nova-Idéa,
a musa varonil de homérica epopéa.

FONTOURA XAVIER

Presentimentos

Quando passares, bella pensativa,
pelas ruas sombrias do *Passeio*,
emquanto a brisa palpitante e esquiva
beber-te o aroma virginal do seio,
revendo os sitios que corri contigo
lá nessas longes terras donde vim,
lembra-te aquelle que te chora auzente,
não te esqueças de mim.

Alli deslisa um lago somnolento
onde se mira o cysne satisfeito,
e as alvas plumas arrufando ao vento
ruga aos pés de coral o espelho estreito.
Uma vez, juncto ao lago, as tuas tranças
soltaram-se revoltas e travessas...
De quem guardou a fita que as prendia,
querida, não te esqueças.

Outra vez, era á tarde, tu scísmavas
á luz de tua estrella predilecta,
e, a descuido seguindo-a, seguravas
a palpitante mão do teu poeta...
Oh! Deus! como era bella aquella perola
que dos teus olhos tremula correu,
onde o sorriso e o pranto se fundiam,
como no iris, no céu!

E eu vi que o teu olhar rompia doce
a espessura do placido arvoredado,
fitando o mar que o teu amante trouxe,
e que devia t'ou roubar tão cedo;
sentida e muda me chegaste ao seio,
e eu te cingi ao coração, — e assim
a nossa voz quebrou-se n'um soluço:
— Não te esqueças de mim.

Ah ! que não mente um coração presago !
 nós ambos presentiamos a sorte
 que hoje, longe de ti, errante e vago,
 me inflinge as ancias de um viver que é morte.
 Mas nunca maldirei—que fôra ingrato,
 meu triste fado e sina immerecida,
 e emquanto saiba que de mim te lembras
 terei amor á vida.

S. Paulo, 1876

THEOPHILO DIAS

O ébrio

Elle tinha na fronte a pallidez sympathica,
 que imprime do talento a flôr boiando a flux ;
 vivia pelas ruas cambaleando, bebado,
 mas bebado de glorias, mas bebado de luz !

Altivo e maltrapilho sorria escarnecendo
 dos preconceitos vãos, sociedade e leis ;
 mas dentro do palacio do cerebro sublime
 vestia o pensamento a purpura dos reis !

Um dia a sociedade que traja louçanmente,
 bandido que sem fé destróe, rouba, assassina,
 lançando mão da escoria nojenta dos monturos
 arremeçou-a á face homérica e divina.

Mas elle olhou impavido em face a prostituta,
 e disse o que diria o rei do pensamento :
 — Vê tu que uma distancia enorme nos separa :
 tu chamas-te ninguem, e eu chamo-me talento !

Era infeliz, luctava ; a duvida do Hamleto
 veio por fim quebrar-lhe o vasto coração !
 Sabem que fez o doudo ? Sedento do infinito,
 foi beber as estrellas dispersas n'amplidão !

Disseram que morrera o bebado sublime :
 mentira ! elle não morre ; apenas se ausentou.
 Bebeu, bebeu de mais nas lucidas espheras,
 e dos vinhos terrenos não mais se embriagou.

LINS DE ALBUQUERQUE

FIM DO PRIMEIRO VOLUME